

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, CULTURA E REGIONALIDADE

MORGANA LARISSA SÄGE

**MODELOS COGNITIVOS NA CATEGORIZAÇÃO DE VIOLÊNCIA:
estruturas e processos no discurso de sujeitos urbanos, rurais e *rurbanos***

Orientadora: Profa. Dra. Heloísa Pedroso de Moraes Feltes

Caxias do Sul (RS)
2010

MORGANA LARISSA SÄGE

**MODELOS COGNITIVOS NA CATEGORIZAÇÃO DE VIOLÊNCIA:
estruturas e processos no discurso de sujeitos urbanos, rurais e *rurbanos***

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade, com concentração em Língua, Cultura e Regionalidade, pela Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Heloísa Pedroso de Moraes Feltes

Caxias do Sul (RS)
2010

Aos meus pais, que possibilitaram que meus
sonhos nunca morressem.

AGRADECIMENTOS

Embora a categorização de conceitos abstratos, como FELICIDADE seja, em sua maioria, superordenada, complexa e *fuzzy*, posso afirmar que, com o término desta etapa de minha vida, sinto-me “concretamente” realizada.

Agradeço a Deus, por me manter sã e saudável durante esse percurso.

Agradeço à minha família, que pacientemente tem me guiado, “paitrocinado” e amado incondicionalmente.

À Prof. Dra Heloísa Pedroso de Moraes Feltes, meu “modelo positivo realizado”, que, além de exímia mestre, é hoje uma grande amiga. Seu acompanhamento e vínculo pessoal foram imprescindíveis para esta etapa. Metonimicamente, hoje sou um pouco Heloísa, na medida em que me espelho em suas melhores qualidades para me tornar uma profissional, uma mulher e um ser humano melhores. Que nossa relação seja sempre exemplo prototípico dentro da empiria da vida. Desejo que nossa amizade seja testada metodologicamente por muitos anos e que nossa perspectiva teórica da vida nunca esteja “blind to everthing else”.

À Prof. Magda Torresini, por servir de estrela-guia quando meus caminhos pareciam muito escuros.

À Prof. Marlôva Spagnol, pela leitura cuidadosa na revisão e pelo incentivo loucamente ininterrupto.

Ao Prof. José Clemente Pozenato e Profa. Cecil Jeanine Albert Zinani, por terem composto minha banca de qualificação, contribuindo para a continuação deste trabalho.

Aos informantes, pela recepção, respeito e carinho com os quais fui sempre tratada.

Às minhas amigas Ana Letícia Schneider, Juliana de Oliveira e Daliana Tonus, que sempre entenderam minha ausência, escutaram minhas aflições e concederam valorosos conselhos durante a jornada, nunca cansadas o suficiente para deixarem de me estimular.

À minha amiga e colega Natália Borges, pelo auxílio nas traduções e pelas conversas reconfortantes e criativamente inteligentes.

Ao meu amigo Gustavo Gasparin, que me suportou quando eu era insuportável.

Às bolsistas Camila Silvestrin e Priscila Nunes, cuja dedicação e compromisso foram imprescindíveis para as transcrições das entrevistas.

Ao Black Sabbath, por ter produzido o álbum “Paranoid” que tanto me embalou na fase de elaboração do projeto de qualificação.

Aos professores do mestrado, por colaborarem com meu crescimento e por me acompanharem no meu desenvolvimento intelectual

À Ariela, que representa muito mais do que uma secretária, mas uma ouvinte atenta de nossos surtos psicológicos.

RESUMO

O problema norteador desta dissertação é: *como indivíduos urbanos, rurais e rurbanos, da região de Caxias do Sul, estruturam a categoria VIOLÊNCIA, a partir de modelos cognitivos, os quais emergem do modo como esses indivíduos expressam linguisticamente suas experiências nesse domínio?* O objetivo geral é o de investigar, no âmbito da Linguística Cognitiva (LC), especificamente da Semântica Cognitiva, quais processos e estruturas estão implicados na categorização de VIOLÊNCIA, a partir da análise de trechos de entrevistas realizadas com indivíduos urbanos, rurais e *rurbanos* da região de Caxias do Sul. A amostra é constituída de 20 entrevistas, a partir das quais é gerado o *corpus* para análise. As análises fundamentam-se na Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI) e seus desdobramentos teóricos, com ênfase em modelos metafóricos e metonímicos. Esta investigação é particularmente relevante à medida que VIOLÊNCIA é um conceito abstrato complexo, cuja estruturação se encontra fortemente ligada a fatores cognitivos e socioculturais. O objetivo geral desdobra-se nos seguintes objetivos específicos: (a) identificar e analisar a estrutura da categoria VIOLÊNCIA em termos de mapeamentos metafóricos e metonímicos; e (b) discutir questões metodológicas atinentes à entrevista, avaliando sua adequação como o instrumento da pesquisa em LC. As hipóteses formuladas a partir do problema de pesquisa são: (1) modelos metafóricos, que estruturam a categoria, diferem entre sujeitos urbanos, rurais e *rurbanos*; (2) modelos metonímicos, que são culturalmente motivados, diferem entre sujeitos urbanos, rurais e *rurbanos*; (3) a entrevista individual, como inicialmente proposta, constitui-se como um ato de fala legítimo para análise em LC, à medida que um conjunto de requisitos técnico-procedimentais for atendido. A partir da análise do *corpus*, verifica-se que as hipóteses (1) e (2) não se confirmam completamente, uma vez que, apesar de se observarem, na amostra, ricos mapeamentos metafóricos e metonímicos, com maior ocorrência de modelos metonímicos, estes não diferem em função do critério de pertencimento a dada comunidade, mas sim em função da formação escolar. Entretanto, a verificação dessas hipóteses deve ainda merecer atenção em pesquisas posteriores com ampliação dessa amostra. A hipótese (3) é confirmada, à medida que os discursos gerados nesse tipo de evento de fala forneceram dados altamente relevantes para a investigação da estruturação da categoria VIOLÊNCIA, os quais podem ainda ser explorados em novas pesquisas que focalizem aspectos mais específicos de determinadas manifestações linguísticas.

Palavras-chave: Semântica Cognitiva, categoria VIOLÊNCIA, modelos metafóricos e modelos metonímicos, entrevista.

ABSTRACT

The guiding problem of this dissertation is: *how do urban, rural and rurban individuals of the region of Caxias do Sul structure the category VIOLENCE, on the basis of cognitive models, which emerge from the way these individuals express linguistically their experiences in this domain?* The general objective is to investigate, in the field of Cognitive Linguistics (CL), Cognitive Semantics more specifically, which processes and structures are implied in the categorization of VIOLENCE from the analysis of parts of interviews carried out with urban, rural and rurban individuals of the region of Caxias do Sul. The sample is constituted by 20 interviews, which generates a corpus for analysis. The analyses are founded on the Theory of Idealized Cognitive Models (ICMT) and its theoretical consequences, with emphasis on metaphorical and metonymical models. This investigation is particularly relevant since VIOLENCE is a complex abstract concept, whose structuring is strongly connected to cognitive and sociocultural factors. The general objective is opened up in the following specific objectives: (a) to identify and analyze the structure of the category VIOLENCE in terms of metaphorical and metonymical mappings; and (b) to discuss methodological issues concerning the interview, thus evaluating its adequacy as a survey instrument in CL. Hypotheses formulated on the basis of the survey problem are: (1) metaphorical models structuring the category differ in urban, rural and rurban subjects; (2) metonymical models, which are culturally motivated, differ among urban, rural and rurban subjects; (3) the individual interview, as initially proposed, constitutes a legitimate speech act for analysis in CL as long as a set of technical-procedural requirements is met. After analyzing the corpus, it has been noticed that hypotheses (1) and (2) are not confirmed completely because, although the sample presents rich metaphorical and metonymical mappings, these do not differ due to the criterion of belonging to a certain community but rather due to schooling. However, the verification of these hypotheses should deserve further attention in later surveys, and with a larger sample size. Hypothesis (3) was confirmed, once the discourses generated in this type of speech event supplied highly relevant data to investigate the structuring of the category VIOLENCE, which can be still explored in new surveys focusing on more specific aspects of certain linguistic manifestations.

Keywords: Cognitive Semantics, category VIOLENCE, metaphorical models and metonymical models, interview.

LISTA DE QUADROS E FIGURA

Quadro 1: Esquema básico da *METÁFORA SELF-SUJEITO* (FELTES, 2007, p. 270)/ 47

Quadro 2: Relação de semelhanças de família entre alguns membros da categoria *VIOLÊNCIA* (FELTES, 2007, p. 263)/ 64

Quadro 3: Locutores das entrevistas e notação específica/ 109

Quadro 4: Componentes da transcrição da conversação [adaptado] (CASTILHO, 2002, p. 45)/ 114

Figura 1: Simetria estrutural entre *VIDA* e *LIBERDADE* (FELTES, 2007, p. 255)/ 48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO/ 9

1 REFERENCIAL TEÓRICO/ 14

1.1 LINGUÍSTICA COGNITIVA E SEMÂNTICA COGNITIVA/ 16

1.1.1 O Experiencialismo Corpóreo e a Categorização/ 16

1.1.2 Conceitos Abstratos e Prototipicidade/ 26

1.2 TEORIA DOS MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS/ 33

1.2.1 Modelos Metafóricos/ 36

1.2.1.1 A Metáfora da Vida Interior/ 45

1.2.1.2 Metáfora do SISTEMA MORAL/ 49

1.2.2 Modelos Metonímicos/ 53

1.3 A CATEGORIA *VIOLÊNCIA*/ 58

1.3.1 RAIVA e MEDO: análise de conceitos abstratos/ 65

2 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA/ 71

2.1 VARIÁVEIS RURAL, URBANO E *RURBANO*: DEFINIÇÃO OPERACIONAL/ 72

2.2 LINGUÍSTICA COGNITIVA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: A QUESTÃO DOS “MÉTODOS”/ 79

2.2.1 A entrevista em Linguística Cognitiva/ 87

2.2.2 Categorização de *VIOLÊNCIA*: o uso de entrevistas/ 92

2.2.2.1 Protocolo da entrevista e pesquisa-piloto/ 94

2.2.2.1.1 Notação de identificação do entrevistado/ 109

2.2.2.1.2 A técnica da transcrição pela Análise da Conversação/ 110

2.3 DINÂMICAS DAS ENTREVISTAS: TIPOS E CARACTERIZAÇÃO/ 114

2.4 PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DO *CORPUS*/ 124

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS/ 127

3.1 ANÁLISE DOS SEGMENTOS/ 128

3.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS/ 229

CONCLUSÃO/ 237

REFERÊNCIAS/ 242

ANEXOS/ 248

ANEXO I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizado pelo Comitê de Ética/ 248

ANEXO II – Ficha de identificação e o protocolo de questões/ 25

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação é orientada pelas pesquisas desenvolvidas na área Semântica Cognitiva, em Linguística Cognitiva (LC), no amplo domínio das Ciências Cognitivas, que têm contribuído para o esclarecimento dos processos cognitivo-linguísticos da chamada mente corpórea. As investigações em Semântica Cognitiva visam ao tratamento dos processos e estruturas conceituais que dão sentido às experiências humanas, a partir do *realismo corpóreo* ou *realismo experiencialista*. Nesse campo de pesquisas, a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI), de George Lakoff e colaboradores, oferece suporte para o entendimento desses processos e estruturas conceituais. Essa teoria surge numa tendência das Ciências Cognitivas, em meados da década de 70, trazendo à discussão uma mente corpórea – diferente da mente simbólica dos funcionalistas – compreendida por meio de duas teses básicas: “(1) há uma forte dependência de conceitos sobre o corpo; e (2) a conceptualização e a razão têm como eixo processos imaginativos como metáfora, metonímia, protótipos, *frames*, espaços mentais e categorias radiais” (FELTES, 2007, p. 74).

A categoria VIOLÊNCIA, objeto de estudo desta dissertação, é investigada no âmbito desse campo científico. Trata-se de um conceito abstrato complexo cuja estruturação é influenciada por fatores ambientais, biológicos, psicológicos, desenvolvimentais, históricos e socioculturais (FELTES, 2007, p. 77). Uma análise preliminar dessa categoria é encontrada na proposta de Feltes (2007), em que o potencial epistemológico da Semântica Cognitiva é explorado para examinar fenômenos linguísticos, cognitiva e culturalmente motivados, em diversos conceitos abstratos, como FELICIDADE, VIDA, MORTE, AMOR, LIBERDADE e VIOLÊNCIA. No estudo de Feltes (2007), há um levantamento de algumas hipóteses de como se constitui prototipicamente VIOLÊNCIA através de modelos cognitivos idealizados. Essas estruturas conceituais manifestadas linguisticamente podem ou não ser diferenciadas pela perspectiva cultural que, neste trabalho, reflete-se nas culturas das comunidades urbana e rural e nos sujeitos que fazem parte delas. Por isso, é válido analisar a estrutura da categoria VIOLÊNCIA, assim como das emoções relacionadas a ela, segundo os modelos cognitivo-culturais que motivam sua organização.

Além disso, essa pesquisa está inserida no macroprojeto *Conceitos abstratos e valores culturais* (SEMACOG) da orientadora desta dissertação, o qual está vinculado, através de parte

de seus objetivos específicos, ao projeto interinstitucional *Metáfora, empatia e a constante ameaça de violência urbana no Brasil (Metaphor, empathy and the threat of urban violence in everyday lives in Brazil)*, extensão da pesquisa *Living with Uncertainty: Metaphor and the dynamics of empathy in discourse*, coordenado pela Profa. Dra. Lynne Cameron (pelo *Project on Global Uncertainties: Security for All in a Changing World Programme*, financiado pelo *ESRC/AHRC Fellowships on Ideas and Beliefs, United Kingdom Research Council*), objeto de cooperação entre Universidade de Caxias do Sul, Universidade Federal do Ceará e Open University, Milton Keynes, Reino Unido.¹

Tendo-se isso em consideração, o problema norteador desta dissertação é: *como indivíduos urbanos, rurais e rurbanos, da região de Caxias do Sul, estruturam a categoria VIOLÊNCIA, a partir de modelos cognitivos, os quais emergem do modo como esses indivíduos expressam linguisticamente suas experiências nesse domínio?* Para responder a tal problema, foram formuladas três hipóteses, quais sejam: (H1) Modelos metafóricos, que estruturam a categoria, diferem entre sujeitos urbanos, rurais e *rurbanos*. (H2) Modelos metonímicos, que são culturalmente motivados, diferem entre sujeitos urbanos, rurais e *rurbanos*. (H3) A entrevista individual, como inicialmente proposta, constitui-se como um ato de fala legítimo para análise em LC, à medida que um conjunto de requisitos técnico-procedimentais for atendido.

O objetivo geral desta dissertação, portanto, é o de investigar, na perspectiva da LC, o modo de estruturação da categoria VIOLÊNCIA, através de modelos metafóricos e metonímicos, no discurso de indivíduos urbanos, rurais e *rurbanos*, eliciados por meio de entrevistas, levantando os modelos cognitivo-culturais que organizam tal estrutura. O objetivo geral, por sua vez, desdobra-se nos seguintes objetivos específicos:

- (O1) Identificar e analisar a estrutura da categoria VIOLÊNCIA em termos de mapeamentos metafóricos e metonímicos, no discurso de indivíduos urbanos, rurais e *rurbanos*; e
- (O2) Discutir questões metodológicas atinentes à entrevista, avaliando sua adequação como o instrumento da pesquisa em LC.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa com a utilização de entrevistas. O acesso a modelos cognitivo-culturais se dá, nesta pesquisa, por meio da linguagem, pelo modo

¹ A colaboração Brasil-Reino Unido replica um estudo-modelo sobre Percepção e Comunicação do Risco de Terrorismo (*Perception and Communication of Terrorist Risk*) originalmente conduzido com vítimas diretas e indiretas do terrorismo no Reino Unido, o que permitirá comparações interculturais e interlinguísticas, além da avaliação do modelo adaptado à nossa realidade no que diz respeito à negociação de conflitos e à construção de sentimentos de empatia por vítimas diretas e indiretas de violência urbana.

como os sujeitos expressam linguisticamente suas experiências. O *corpus* é constituído a partir de uma amostra de 20 entrevistas com sujeitos da zona rural e urbana de Caxias do Sul.

A dissertação está organizada em três capítulos. O primeiro capítulo é dedicado à revisão do referencial teórico, onde são desenvolvidas explicações sobre conceitos-chave relativos à LC. Observa-se, nesse capítulo, o esclarecimento acerca de questões ligadas:

- (a) aos **conceitos abstratos**, uma vez que VIOLÊNCIA é um deles;
- (b) à defesa da LC de um novo **paradigma da razão**, por meio do redimensionamento teórico da *mente* como *corporificada*, assumindo-se o *realismo corpóreo*;
- (c) a fenômenos semântico-conceituais ligados a aspectos da memória;
- (d) à prototipicidade e à categorização;
- (e) aos modelos cognitivos, principalmente metafóricos e metonímicos.

Esse primeiro capítulo, portanto, procura esclarecer a trajetória filosófica e a perspectiva teórica dos estudos linguísticos no âmbito da LC, nos quais nomes como George Lakoff, Mark Johnson, Antonio Barcelona, Gilles Fauconnier, Lawrence Barsalou, Raymond Gibbs, Zóltan Kövecses, entre outros, apresentam propostas teóricas e metodológicas que, em sua base, se opõem à visão epistemológica da chamada primeira geração das Ciências Cognitivas. A fim de entender o significado dentro de uma perspectiva experiencialista, a LC tem na *experiência* e nos processos de categorização a chave para a compreensão dos fenômenos linguístico-cognitivos, provenientes da interação dos seres humanos com o “mundo”. A partir de uma *linguagem em uso*, a LC possibilita o estudo das estruturas conceituais, partindo da tese de que experiência corpórea e sociocultural se imbricam, explicando, assim, entre outros fenômenos, como a capacidade humana constrói mapeamentos de domínios de natureza experiencial-corpórea para domínios de natureza altamente abstrata. Esta dissertação, portanto, fundamenta-se na busca do entendimento da categorização humana na sua relação com a linguagem em uso, focalizando um domínio abstrato de conceptualização: a categoria VIOLÊNCIA.

O segundo capítulo, em linhas gerais, caracteriza e discute o método utilizado para constituição da amostra, a formação do *corpus*, as técnicas de transcrição e os procedimentos adotados na análise. Apresentação, revisão e crítica de aspectos metodológicos tornaram-se imprescindíveis a esta dissertação, uma vez que se discute, dentro dos estudos da LC, o uso de determinados métodos e instrumentos de investigação de processos e estruturas implicados na categorização. Alguns métodos e instrumentos recebem muita atenção na literatura da área ou são altamente (e por vezes, inquestionavelmente) aplicados e adotados, enquanto que a entrevista, instrumento utilizado nesta dissertação, não possui o mesmo prestígio. Embora

considerada um *evento de fala*, as críticas se devem a uma tradição de estudos em sociolinguística e etnografia que, em função de seu objeto de estudo, questiona sua aplicação para obtenção de “fala natural”. Por essa razão, esta dissertação lança como um de seus objetivos (O2), aplicar e avaliar esse instrumento em pesquisa qualitativa. Esse capítulo também avalia a legitimidade da entrevista como evento de fala, a fim de que possa prover dados relevantes para a consecução dos objetivos desta dissertação. A partir disso, estabelecem-se procedimentos técnicos para a aplicação desse instrumento, para a dinâmica de sua condução e para a transcrição das entrevistas. Portanto, o capítulo dois justifica por que determinado instrumento foi adotado; quais os objetivos de uma investigação qualitativa; como selecionar e aplicar um método e uma técnica de pesquisa; quais seus aspectos positivos e negativos; e qual a sua adequação à investigação proposta ou a outras que possam ser desenvolvidas na área. Após essa discussão, são descritas as dinâmicas das entrevistas, as técnicas de transcrição provenientes da Análise da Conversação e os procedimentos adotados para a condução da análise do *corpus*.

O terceiro capítulo apresenta as análises das entrevistas e sumariza os resultados relevantes. Este capítulo pretende dar conta do objetivo específico (O1) desta dissertação, realizando as análises com base no referencial teórico discutido no capítulo um, enfatizando mapeamentos metafóricos e metonímicos inferidos a partir dos discursos levantados pelas entrevistas. A amplitude das análises e seu aprofundamento demonstram a relevância e potencial descritivo e explanatório da perspectiva teórica adotada, verificando que VIOLÊNCIA é um conceito abstrato, cuja conceptualização é altamente situada, que se constitui como uma categoria superordenada, com características *fuzzy* e com efeitos de prototipicidade variados, confirmando as hipóteses levantadas pelos estudos preliminares de Feltes (2007).

Como conclusão, verifica-se que as hipóteses (1) e (2) não se confirmam completamente, uma vez que, apesar de se observarem, na amostra de entrevistas, ricos mapeamentos metafóricos e metonímicos, com maior ocorrência de modelos metonímicos como fonte de efeitos de prototipicidade, estes não diferem entre os sujeitos em função do critério de pertencimento a dada comunidade – como sujeitos urbanos, rurais ou rurbanos – mas sim em função da formação escolar. Ou seja, entre outros fatores, a formação escolar entre indivíduos urbanos e rurais é a que fornece mais evidências para a manifestação de e diferenciação entre modelos cognitivo-culturais. Entretanto, a verificação dessas hipóteses deve ainda merecer atenção em pesquisas posteriores com ampliação dessa amostra, empregando-se entrevistas ou outros instrumentos, conforme o compromisso da *evidência*

convergente (LAKOFF; JOHNSON, 1999). A hipótese (3) é confirmada, à medida que os discursos gerados nesse tipo de evento de fala forneceram dados altamente relevantes para a investigação da estruturação da categoria VIOLÊNCIA, os quais podem ainda ser explorados em novas pesquisas que focalizem aspectos mais específicos de determinadas manifestações linguísticas. Os dados revelam ser uma fonte de *insights* para novas hipóteses sobre a estruturação da categoria VIOLÊNCIA.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta as bases teóricas desta dissertação. O estudo de conceitos abstratos em LC representa um dos grandes desafios para os pesquisadores dessa área, já que os fenômenos semântico-conceituais manifestam-se na linguagem de forma extremamente variada. A primeira parte deste capítulo (1.1) é dedicada à elucidação dos conceitos basilares da LC, como corporeidade, modelos cognitivos e categorização, realizada a partir de um recorte traçado pelos objetivos de nossa investigação. A segunda parte (1.2) revisa a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, dando ênfase aos modelos metafóricos e metonímicos, os quais são o foco da análise do *corpus* desenvolvida no capítulo 3. A terceira parte (1.3) discute características gerais da categoria VIOLÊNCIA e apresenta alguns estudos sobre conceitos de emoção relacionados a ela.

1.1 LINGUÍSTICA COGNITIVA E SEMÂNTICA COGNITIVA

Desenvolvida a partir da década de 70, a LC tem sua estrutura ligada, obviamente, ao conceito de **cognição** que, pela Ciência Cognitiva, é considerada como o estudo do uso de qualquer operação mental e/ou estrutura que pode(m) ser estudada(s) com precisão. Sendo assim, memória, atenção, aspectos do pensamento e da linguagem (conscientes ou não) constituem a cognição. Além disso, entende-se como *cognitiva* “qualquer operação ou estrutura mental que estiver envolvida na linguagem, sentido, percepção, sistemas conceituais e razão”² (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p.12).

Nessa linha, a consciência, elemento constitutivo do corpo, é considerada como aquilo que

² **Do original:** “any mental operations and structures that are involved in language, meaning, perception, conceptual systems, and reason”² (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p.12). Na tradução do corpo do texto, mantivemos as expressões “awareness” e “consciousness” entre colchetes por serem expressões que apresentam certa dificuldade de tradução, uma vez que ambas designam “consciência” em português, mas apresentam sentidos diferentes.

[*consciousness*] vai muito além do mero estar ciente de algo, além da mera experiência de *qualia* (os sentidos qualitativos de, por exemplo, dor ou cor), além da consciência [*awareness*] de que você está consciente [*aware*], e além das múltiplas tomadas da experiência imediata, fornecidas pelos vários centros do cérebro. A consciência [*consciousness*] certamente envolve tudo o que foi citado acima, mais o quadro constitutivo imensuravelmente mais vasto fornecido pelo inconsciente [*unconscious*] cognitivo, que deve estar operando para que nós estejamos conscientes de qualquer coisa, de que modo for. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 11)³

Por isso, a ideia de “inconsciente cognitivo” (“cognitive unconscious”) é crucial em LC, uma vez que descreve as operações mentais inconscientes subjacentes aos sistemas conceituais, ao significado, às inferências e à linguagem. Dessa forma, perguntas como “É possível acessar de fato a mente das pessoas?”, “Os modelos conceituais e as estruturas de pensamento são traduzíveis?”, “Até que ponto se pode acessar o inconsciente cognitivo?”, ou ainda, “É possível acessar e inferir o que acontece no cérebro?” não são passíveis de resposta imediata. O que aqui propomos é um estudo focalizado na categoria VIOLÊNCIA, indo-se além da análise exploratória da categoria, realizada, de forma introspectiva e heurística, por Feltes⁴ (2007), empreendendo-se uma pesquisa de campo, a fim de, empiricamente, obterem-se dados para a análise de VIOLÊNCIA.

Segundo Dirven, Langacker e Taylor (apud FELTES, 2007, p. 15),

a rubrica *Linguística Cognitiva* subsume uma variedade de interesses e abordagens teóricas compatíveis que têm uma perspectiva básica comum: a de que a linguagem é uma faceta integral da cognição que **reflete a interação de fatores sociais, culturais, psicológicos, comunicacionais e funcionais** e que apenas pode ser compreendida no contexto de uma visão realista da aquisição, desenvolvimento cognitivo e processamento mental. (grifo nosso)

Na relação entre cognição, comunicação e linguagem, conforme Fauconnier (1999, p. 96):

a linguagem está a serviço de construir e comunicar significado e para o linguista e cientista cognitivo é uma **janela para dentro da mente**. Ver o pensamento através dessa janela, entretanto, não é óbvio. Traços profundos de nosso pensamento, processos cognitivos e nossa comunicação social precisam ser trazidos, correlacionados e associados com suas manifestações.⁵ (grifo nosso)

³ **Do original:** “[consciousness] goes way beyond mere awareness of something, beyond the mere experience of *qualia* (the qualitative senses of, for example, pain or color), beyond the awareness that you are aware, and beyond the multiple takes in immediate experience provided by various centers of the brain. Consciousness certainly involves all of the above plus the immeasurably vaster constitutive framework provided by the cognitive unconscious, which must be operating for us to be aware of anything at all.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 11)

⁴ Reserva-se, principalmente neste capítulo, o uso de Feltes (2007), incluindo *apud* dos autores clássicos utilizados pela autora, uma vez que esse trabalho provém de uma extensa pesquisa sobre a LC, sendo um dos poucos textos em língua portuguesa que propõe estudos referentes a essa área com a profundidade teórica aqui necessária.

⁵ **Do original:** “language is in the service of constructing and communicating meaning, and it is for the linguist and cognitive scientist a window into the mind. Seeing thought that window, however, is not obvious. Deep

Fauconnier (1994, p. XXIII) não ignora, portanto, o fato de que, acessar esse conteúdo mental por meio da linguagem, é uma tarefa difícil, uma vez que

[uma] sentença da linguagem natural é cognitivamente complexa, porque ela incorpora informação e instruções de construção em todos esses diferentes níveis⁶. Que tipo de significado será efetivamente produzido depende da configuração do espaço mental (gerado pelo discurso anterior) ao qual a sentença efetivamente se aplica.⁷

A perspectiva funcionalista adotada pela LC pressupõe a “linguagem” como

parte integrante da cognição (e não um ‘módulo’ separado), [que] se fundamenta em processos cognitivos, sócio-interacionais e culturais e deve ser estudada no seu uso e no contexto da conceptualização, da categorização, do processamento mental, da interação e da experiência individual, social e cultural (SILVA, 2004, p. 2).

Como uma das áreas desse domínio e, às vezes, com ele se confundindo, a Semântica Cognitiva, conforme Talmy (2000, p. 4), “está especificamente preocupada com a organização conceptual⁸ da linguagem”⁹, focalizando o conteúdo conceptual e sua natureza, assim como a organização linguística do pensamento.

As seções seguintes esclarecem mais detalhadamente as características dessa Semântica Cognitiva.

1.1.1 O Experiencialismo Corpóreo e a Categorização

Um dos principais objetivos da LC é entender o significado dentro de uma perspectiva experiencialista (FELTES, 2007, p. 88), em que a *experiência* compreende o “funcionamento ativo como parte do ambiente natural e social”, proveniente da relação do indivíduo com o

features of our thinking, cognitive process, and social communication need to be brought in, correlated, and associated with their manifestations” (FAUCONNIER, 1999, p. 96).

⁶ Fauconnier (1995) esclarece que uma sentença linguística apresenta muitos dispositivos gramaticais para elaborar determinada informação, tais como: informação sintática, informação lexical, pressuposições, informação pragmática e retórica, etc.

⁷ **Do original:** “[A] natural language sentence is cognitively complex, because it incorporates information and building instructions at all these different levels. What kind of meaning will actually be produced depends on the mental space configuration (generated by earlier discourse) that the sentence actually applies to.” (FAUCONNIER, 1994, p. XXIII)

⁸ Por ainda haver discussões acerca da ortografia em português do termo, em inglês, ‘conceptualization’, serão aqui adotadas diferentes escritas: ‘conceitualização’ ou ‘conceptualização’, respeitando a escolha, na tradução, dos autores consultados.

⁹ **Do original:** “[...] semantics is specifically concerned with the conceptual organization of language”. (TALMY, 2000, p. 4)

mundo: “a cognição experiencialista toma o termo ‘experiencial’ em um sentido amplo, incluindo experiências sensório-motoras, emocionais, sociais, assim como capacidades inatas que dão forma a tais experiências e as tornam possíveis” (FELTES, 2007, p. 88).

Através do experiencialismo, a perspectiva metodológica de uma investigação semântica baseada na **linguagem em uso**, como afirma Feltes (2007, p. 93), possibilita o estudo das estruturas conceituais significativas que provêm de duas fontes: “(i) da natureza estruturada da experiência corporal e social; e (ii) de nossa capacidade inata de projetar, pelos mecanismos da razão, certos domínios estruturados da experiência corporal e interativa para domínios de natureza abstrata”. A Semântica Cognitiva, portanto, funda-se no fenômeno da categorização humana. Lakoff (1987, p. 8) resume essa ideia da seguinte forma: “a categorização humana é, essencialmente, uma questão tanto de experiência quanto de imaginação – de percepção, atividade motora, e cultura, por um lado, e metáfora, metonímia e imagens mentais, por outro”¹⁰.

A **linguagem**, nesse caso, conforme afirma Gibbs (2005, p. 12),

reflete aspectos importantes da conceptualização humana e, portanto, não é independente da mente (i.e., como módulos separados). Padrões sistemáticos de estrutura e comportamento linguísticos não são arbitrários ou devidos a convenções ou generalizações puramente linguísticas, mas são motivados por padrões recorrentes da experiência corporal (i.e., esquemas de imagem), os quais são, com frequência, metaforicamente estendidos.¹¹

Os estudos de Lakoff (1987), Kövecses (1986, 2005), Lakoff e Johnson (1980, 1999), principalmente, dedicam-se a mostrar a relação entre o funcionamento da mente e as formulações linguísticas, ambos provenientes da interação do corpo com o mundo. Para Lakoff (1977, p. 237), “uma ampla variedade de fatores experimentais – **percepção, raciocínio, natureza do corpo, emoções, memória, estrutura social, desenvolvimento sensório-motor e cognitivo**, etc. – determinam, em grande escala, se não totalmente, características universais da linguagem”¹² (grifo nosso). Por isso, a relação interdependente entre o experiencialismo, a cognição e a linguagem é imprescindível às teses de Lakoff (1987), uma vez que

¹⁰ **Do original:** “human categorization is essentially a matter of both human experience and imagination – of perception, motor activity, and culture on the one hand, and metaphor, metonymy and mental imagery on the other” (LAKOFF, 1987, p. 8).

¹¹ **Do original:** “[language] reflects important aspects of human conceptualization and thus is not independent from mind (i.e., as separate module). Systematic patterns of linguistic structure and behavior are not arbitrary, or due to conventions or purely linguistic generalizations, but are motivated by recurring patterns of embodied experience (i.e., image schemas), which are often metaphorically extended.” (GIBBS, 2005, p. 12)

¹² **Do original:** “The basic claim of experiential factors – perception, reasoning, the nature of the body, the emotions, memory, social structure, sensorimotor and cognitive development, etc. – determine in large measure, in not totally, universal structural characteristics of language”. (CIENKI, 2007, p. 175)

a faculdade linguística **não** é independente de outras faculdades, [...] as estruturas e os processos da linguagem natural, de alguma maneira, dependem e seguem-se de estruturas e processos de várias capacidades humanas não-linguísticas (como percepção, memória, capacidades sensório-motoras, integração social) (FELTES, 2007, p 95).

Nessa perspectiva, os processos cognitivos transcendem o *status* tradicional de meras operações mentais descontextualizadas e situadas no cérebro, refletindo aspectos do mundo. Essas operações do cérebro são, a partir dessa teoria, consideradas como processos integrados às áreas do cérebro relacionadas aos movimentos e às ações do corpo, ou seja, às experiências¹³. Elas têm como base uma relação simbiótica entre construção de conceitos e funcionamento do corpo, gerando o que os seres vivos naturalmente elaboram: processos de categorização.

A categorização nos seres humanos, por sua vez, é objeto de estudo central da LC que, revisando a leitura filosófica, de cunho abstrato e de perspectiva simbólica e objetivista da tradição formalista da Primeira Geração da Ciência Cognitiva¹⁴, formula uma nova visão da relação corpo-mente. Conforme Feltes (2007, p. 26-27), essa geração tem sua estrutura teórica baseada na Teoria Representacional da Mente, de Jerry Fodor, que considera a mente uma estrutura simbólica, tratando a *razão* como uma entidade não-corpórea e literal e comparando a mente ao funcionalismo computacional.

A partir da Teoria dos Modelos Cognitivos, de George Lakoff, surge uma nova perspectiva de estudos ligados ao funcionamento da mente e da linguagem, vinculados à concepção do realismo experiencial, chamada de Segunda Geração da Ciência Cognitiva. A partir dessa mente corpórea, três princípios básicos, apresentados por Lakoff e Johnson (1999, p. 3), tornam-se elementos subjacentes ao processo de categorização e, conseqüentemente, servem como guia teórico para pesquisas na área, quais sejam: “A mente é inerentemente corpórea/corporificada. O pensamento é em sua maior parte inconsciente. Conceitos abstratos são amplamente metafóricos”¹⁵.

Tal reformulação acerca da razão, do corpo e das relações subjacentes a esses possibilita mudanças sobre a estrutura do pensamento. O pensamento era considerado, na

¹³ “‘Experiência’ aqui é tomada em um sentido amplo antes que em sentido estrito. Ela inclui todas as coisas que vão compor experiências reais ou potenciais ou de organismos individuais ou de comunidades de organismos – não meramente percepção, movimento motor, etc., mas *especialmente* a composição interna do organismo adquirida geneticamente e a natureza de suas interações tanto em seus ambientes físicos como sociais”. **Do original:** “‘Experience’ here is taken in a broad rather than a narrow sense. It includes everything that goes to make up actual or potential experiences of either individual organisms or communities of organisms – not merely perception, motor movement, etc., but *especially* the internal genetically acquired makeup of the organism and the nature of its interactions in both its physical and social environments.” (LAKOFF, 1987, p. xv)

¹⁴ Para aprofundamento sobre a Primeira Geração da Ciência Cognitiva, ver Feltes (2007, p. 26-73).

¹⁵ **Do original:** “The mind is inherently embodied. Thought is mostly unconscious. Abstract concepts are largely metaphorical” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 3).

visão objetivista e tradicional, como uma manipulação abstrata e mecânica dos símbolos. A Segunda Geração Cognitiva revoluciona os estudos da mente, pois suas investigações pressupõem uma visão experiencialista do pensamento, gerando um processo de categorização diferente da perspectiva filosófica tradicional (LAKOFF, 1987, p. xiv e xv).

Para o estabelecimento dessa nova perspectiva teórica, Lakoff e Johnson (1999, p. 77-78) elencam alguns princípios norteadores da nova abordagem, que são, conforme Feltes¹⁶ (2007, p. 74):

- (1) A estrutura conceptual provém de nossa experiência sensório-motora e das estruturas neurais que lhes dão origem. A noção de “estrutura” em nosso sistema conceptual é caracterizada como esquemas de imagens e esquemas motores.¹⁷
- (2) As estruturas mentais são intrinsecamente significativas em função de sua conexão com nossos corpos e nossa experiência corpórea. Elas não são caracterizadas adequadamente por símbolos sem significado.¹⁸
- (3) Há um nível básico de conceitos que originam parte de nossos esquemas motores e nossas capacidades para percepção gestáltica e formação de imagens.¹⁹
- (4) Nossos cérebros são estruturados para projetar a ativação de padrões de áreas sensório-motoras para níveis corticais mais altos. Isso constitui as chamadas *metáforas primárias*²⁰. Essas projeções nos permitem conceptualizar conceitos abstratos com base em padrões inferenciais utilizados em processos sensório-motores que estão diretamente ligados ao corpo.²¹
- (5) A estrutura dos conceitos inclui protótipos de vários tipos: casos típicos, casos ideais, estereótipos sociais, exemplares salientes, pontos de referências cognitivos, e pontos finais de escalas graduadas, casos de pesadelos, e assim por diante entre

¹⁶ Trecho traduzido por Feltes (2007, p. 74).

¹⁷ **Do original:** “Conceptual structure arises from our sensorimotor experience and the neural structures that give rise to it. The very notion of “structure” in our conceptual system is characterized by such things as image schemas and motor schemas.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 77)

¹⁸ **Do original:** “Mental structures are intrinsically meaningful by virtue of their connection to our bodies and our embodied experience. They cannot be characterized adequately by meaningless symbols.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 77)

¹⁹ **Do original:** “There is a “basic level” of concepts that arises in part from our motor schemas and our capacities for gestalt perception and image formation.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 77)

²⁰ Embora presente nos princípios norteadores da Segunda Geração Cognitiva, as metáforas primárias não serão desenvolvidas teroricamente nesta dissertação.

²¹ **Do original:** “Our brains are structured so as to project activation patterns from sensorimotor areas to higher cortical areas. These constitute what we have called *primary metaphors*. Projections of this kind allow us to conceptualize abstract concepts on the basis of inferential patterns used in sensorimotor processes that are directly tied to the body.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 77)

outros. Cada tipo de protótipo utiliza uma forma distinta de raciocínio. A maioria dos conceitos não são caracterizados por condições suficientes e necessárias.²²

- (6) A **razão é corpórea** à proporção que nossas formas fundamentais de inferência surgem a partir de formas sensório-motoras e de outras formas de inferência baseadas na experiência corpórea.²³
- (7) A **razão é imaginativa** à medida que formas de inferência são mapeadas de modos abstratos de inferência por metáfora.²⁴
- (8) Os **sistemas conceptuais são pluralísticos**, não monolíticos. Tipicamente, conceitos abstratos são definidos por múltiplas metáforas conceptuais que são, muitas vezes, inconsistentes entre si.²⁵

A Segunda Geração Cognitiva tem, portanto, sua revolução teórico-metodológica enraizada na *razão corpórea* e *imaginativa*. Tal conceito de *razão*, na LC, não é considerado como na perspectiva filosófica cartesiana tradicional, que considera mente uma instância independente do corpo, mas como um elemento constitutivo do ser humano que inclui, conforme Lakoff e Johnson (1999), “não somente nossa capacidade para inferência lógica, mas também nossa habilidade de investigar, de resolver problemas, de avaliar, de criticar, de ponderar sobre como deveríamos agir, e de alcançar um entendimento de nós mesmos, das outras pessoas e do mundo”²⁶ (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 3-4). Por meio disso, a *razão corpórea* é o ponto de partida de mudanças de paradigmas científicos e filosóficos com os quais a LC se propõe a lidar.

Em suma, Lakoff e Johnson (1999) apresentam a *razão* a partir dos seguintes preceitos: é proveniente da natureza de nossos cérebros, corpos e experiências corporais; é evolucionária, à medida que é comparada à evolução darwinista dos seres vivos; não é universal, pois não é parte da estrutura do universo, mesmo que seja compartilhada por todos os seres humanos; não é completamente consciente, mas sim, na maioria das vezes,

²² **Do original:** “The structure of concepts includes prototypes of various sorts: typical cases, ideal cases, social stereotypes, salient exemplars, cognitive reference points, end points of graded scales, nightmare cases, and so on. Each prototype uses a distinct form of reasoning. Most concepts are not characterized by necessary and sufficient conditions.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 77)

²³ **Do original:** “Reason is embodied in that our fundamental forms of inference arise from sensorimotor and other body-based forms of inference.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 77)

²⁴ **Do original:** “Reason is imaginative in that bodily inferences forms are mapped onto abstract modes of inference by metaphor.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 77)

²⁵ **Do original:** “Conceptual systems are pluralistic, not monolithic. Typically, abstract concepts are defined by multiple conceptual metaphors, which are often inconsistent with each other.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 78)

²⁶ **Do original:** “not only our capacity for logical inference, but also our ability to conduct inquiry, to solve problems, to evaluate, to criticize, to deliberate about how we should act, and to reach an understanding of ourselves, other people and the world” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 3-4).

inconsciente²⁷; não é puramente literal, mas amplamente metafórica e imaginativa; é emocionalmente engajada.

É imprescindível, também, ao novo paradigma cognitivo, uma revisão do que se entende por *corpo*, que, conforme Lakoff (1987, p. XV), apresenta os seguintes papéis dentro da teoria: “possibilitar acesso a conceitos abstratos; fornecer *wetware*, isto é, um meio biológico de mimetizar padrões da razão transcendental; pôr limitações sobre possíveis conceitos e formas da razão”²⁸.

Gibbs (2005, p. 10) oferece evidências a respeito do corpo em interação com o mundo, de como as atividades, via corporeidade, modelam a cognição humana. O desejo da maior parte dos cientistas cognitivos é descobrir quais mecanismos neurais e cognitivos presumivelmente subsumem a percepção, o pensamento, a linguagem, a emoção e a consciência. Em função disso, o autor apresenta três níveis de corporeidade: o nível neural, o nível do inconsciente cognitivo e o nível da experiência consciente fenomenológica.

(a) **Nível neural:** Esse nível da corporeidade preocupa-se com as operações conceituais e categorizadoras na perspectiva neuropsicológica. Para o autor, nossos conceitos e experiências são fundamentalmente corporificados dentro do cérebro. Contudo, o nível neural sozinho não explica “a base corpórea da linguagem e da cognição”²⁹ (GIBBS, 2005, p. 40). Os cérebros não podem simplesmente receber *input* do ambiente e prover *output* na forma de instruções para o corpo. Os conjuntos de neurônios operam, em relação ao corpo, como uma estrutura completa, tal como o fazem em situações concretas.

(b) **Nível do inconsciente cognitivo:** Esse nível, conforme Gibbs (2005, p. 40), consiste de todas as operações mentais que estruturam e possibilitam a experiência consciente, incluindo entendimento e uso da linguagem. O *nível do inconsciente cognitivo* utiliza e guia os aspectos perceptivos e motores de nossos corpos, especialmente aqueles ligados aos conceitos de nível básico e de relações espaciais. Por isso, o corpo é imprescindível a esse nível, pois todos os nossos

²⁷ É importante salientar que não se trata, nesta perspectiva, do inconsciente psicanalítico, freudiano ou lacaniano, por exemplo, mas de um inconsciente “que opera em posição inferior ao nível da cognição consciente, inacessível à consciência e operando de forma muito rápida para ser focalizada”. **Do original:** “[...] but in the sense that it operates beneath the level of cognitive awareness, inaccessible to consciousness and operating too quickly to be focused on.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 10)

²⁸ **Do original:** “to provide access to abstract concepts; to provide “wetware”, that is, a biological means of mimicking patterns of transcendental reason, and to place limitations on possible concepts and forms of reason.” (LAKOFF, 1987, p. xv)

²⁹ **Do original:** “the bodily basis of language and cognition” (GIBBS, 2005, p. 40)

mecanismos e estruturas cognitivos aparecem a partir de padrões de atividade e experiência dele.

- (c) **Nível fenomenológico:** Esse nível é consciente ou está ao alcance da consciência e, por isso, consiste em tudo de que podemos estar cientes, “especialmente nossos próprios estados mentais, nossos corpos, nosso entorno, e nossas interações físicas e sociais”³⁰ (GIBBS, 2005, p. 40). Nesse nível, nós sentimos as experiências, como as coisas aparecem para nós (*qualia*), tal como dor de dente, gosto de chocolate, o som de um violino, etc., gerando as emoções³¹. O inconsciente cognitivo, nesse nível, é trazido à consciência.

Gibbs (2005, p. 40) esclarece que esses níveis não são independentes entre si, mas sim que “[o]s detalhes do caráter do inconsciente cognitivo e da experiência consciente surgem da natureza da estrutura neural. [...] O nível neural determina significativamente, junto com experiência do mundo externo, o que os conceitos podem ser e o que a linguagem pode ser”³². Por isso, o autor defende a perspectiva de que os seres humanos não podem ser reduzidos a cérebros, circuitos neuronais, feixes de experiências qualitativas, padrões de interação corporal ou estruturas e operações do inconsciente cognitivo, mas sim, que todos esses aspectos devem ser considerados na tentativa de explicar a mente humana. Na visão de Gibbs, esses três níveis de corporeidade são constitutivos dos seres humanos que, em suas individualidades, apresentam ainda identidades e diferentes habilidades cognitivas.

Partindo-se, portanto, de que mente/razão e corpo são um só organismo, tem-se a concepção de *realismo corpóreo* (também chamado de *experientialismo* ou *realismo encarnado*). Para Lakoff e Johnson (1999, p. 18), “a categorização é consequência de como nós somos corporificados [...] e não é, em sua maior parte, produto da nossa consciência racional”³³. Os autores afirmam que, sendo o ser humano um ser neural, inevitavelmente faz a categorização das coisas, dos seres, dos fatos, das pessoas, dos sistemas, etc.: “[E] a qualquer momento, nós estamos ou produzindo ou entendendo qualquer enunciado, de extensão razoável, nós estamos empregando dezenas, senão centenas de categorias de sons de fala, de

³⁰ **Do original:** “especially our own mental states, our bodies, our environment, and our physical and social interactions”. (GIBBS, 2005, p. 40)

³¹ Não serão diferenciados nesta dissertação ‘sentimentos’ de ‘emoções’, pois tais conceitos têm se revelado nas investigações linguístico-cognitivas uma questão de abordagem multidisciplinar e complexa.

³² **Do original:** “[T]he details of the character of the cognitive unconscious and of conscious experience arise from the nature of neural structure. [...] The neural level significantly determines, together with experience of external world, what concepts can be and what language can be” (GIBBS, 2005, p. 40)

³³ **Do original:** “Categorization is [...] a consequence of how we are embodied. [...] for the most part, not a product of conscious reasoning” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 18).

palavras, de frases e orações, bem como categorias conceituais”³⁴ (LAKOFF, 1987, p. 6). Sendo assim, a categorização é um processo constitutivo da experiência do corpo em que a mente faz parte: daí a expressão *embodied mind*, traduzida como mente corporificada. Os conceitos, por sua vez, são “estruturas neurais que nos permitem caracterizar mentalmente nossas categorias e raciocinar sobre elas” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 19)³⁵.

Dessa forma, é importante salientar que a estrutura conceptual dos seres humanos origina-se basicamente da experiência corpórea, ou seja, da experiência sensório-motora e das estruturas neurais que lhes dão origem. A projeção de padrões neurais possibilita conceptualizar tanto o mundo constituído de formas e conceitos concretos quanto conceitos abstratos mais complexos, “com base em padrões inferenciais utilizados em processos sensório-motores que estão diretamente ligados ao corpo” (FELTES, 2007, p. 74), conforme explica Lakoff (1987, p. 6):

A maior parte da categorização é automática e inconsciente e, se nos tornamos conscientes dela completamente, é somente em casos problemáticos. [...] **Porém, uma grande proporção de nossas categorias não são categorias de coisas; são categorias de entidades abstratas.** Categorizamos eventos, emoções, relações espaciais e entidades abstratas de grande variedade: governos, doenças e entidades tanto em teorias científicas como populares, como elétrons e resfriados. Qualquer explicação do pensamento humano deve fornecer uma teoria acurada para *todas* as nossas categorias, tanto concretas quanto abstratas.³⁶ (grifo nosso)

Por isso, o mais importante, conforme Lakoff e Johnson (1999, p. 18), “não é apenas que nosso corpo e cérebro determinam o que categorizaremos; eles também determinam que tipos de categorias teremos e qual será sua estrutura”³⁷. Pensar sobre as propriedades do corpo humano, sobre as atividades neurais, sobre a interação com o meio, sobre a contextualização da linguagem são atributos teóricos importantes a fim de contribuir para o entendimento das peculiaridades de nosso sistema conceptual.

Nesse sentido, pode-se verificar que os conceitos não estão prontos no cérebro, mas são construções interacionais elaboradas entre corpo e meio. Edelman e Tononi (2000, p. 48) afirmam que ainda não é possível entender totalmente como a categorização é feita, mas

³⁴ **Do original:** “And any time we either produce or understand any utterance of any reasonable length, we are employing dozens if not hundreds of categories: categories of speech sounds, of words, of phrases and clauses, as well as conceptual categories” (LAKOFF, 1987, p. 6).

³⁵ **Do original:** “What we call *concepts* are neural structures that allow us to mentally characterize our categories and reason about them” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 19).

³⁶ **Do original:** “**Most categorization is automatic and unconscious**, and if we become aware of it at all, it is only in problematic cases. [...] **But a large proportion of our categories are not categories of things; they are categories of abstract entities.** We categorize events, emotions, spatial relationships, and abstract entities of an enormous range: governments, illnesses, and entities in both scientific and folk theories, like electrons and colds. Any adequate account of human thought must provide an accurate theory for *all* our categories, both concrete and abstract.” (LAKOFF, 1987, p. 6)

³⁷ **Do original:** “it is not just that our bodies and brains determine *that* we will categorize; they also determine what kinds of categories we will have and what their structure will be.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 18)

acreditam que “ela surge através da seleção de certos padrões distribuídos na atividade neural, enquanto o cérebro interage com o corpo e o ambiente”³⁸. Dessa forma, a reentrada, ou seja, a reativação de determinados mecanismos neurais, quando corpo interage, percebe e interpreta o mundo, leva o cérebro a eleger informações, conceptualizando-as de acordo com o posicionamento do indivíduo no tempo e no espaço: “reentrada é o intercâmbio recursivo contínuo de sinais paralelos entre áreas reciprocamente conectadas do cérebro e intercâmbio que continuamente coordena as atividades desses mapas de área entre si no espaço e no tempo”³⁹ (EDELMAN; TONONI, 2000, p. 48). Essas reentradas neurais têm como consequência, afirmam os autores, uma ampla generalização das atividades de diferentes grupos ativos de neurônios, distribuídos através de diversas áreas do cérebro que apresentam funções especializadas. A integração e sincronia desses grupos de neurônios, conectados por reentradas, são a base da integração entre os processos perceptivo e motor no cérebro. Sendo assim, “esta integração dá origem, em última instância, à categorização perceptual⁴⁰, a habilidade para discriminar um objeto ou evento a partir de um *background* para propósitos adaptativos.”⁴¹ (EDELMAN; TONONI, 2000, p. 49). Dessa forma, na LC, não é possível pensar que a consciência humana esteja reduzida à funcionalidade de circuitos cerebrais, mas sim, que ela emerge a partir do cérebro em interação por meio da percepção, afinal, “o que as pessoas percebem depende do que elas estão aptas a fazer e o que elas fazem, por sua vez, alterna o que elas percebem”⁴² (GIBBS, 2005, p. 17). Edelman e Tononi (2000, p. 49) afirmam que recursos do cérebro em interação com o mundo formulam conceitos:

Todas essas características especiais do cérebro – conectividade, variabilidade, plasticidade, habilidade para categorizar, dependência de valor e as dinâmicas de reentrada – operam heterogeneamente para produzir um comportamento coordenado [...] **os aspectos não lineares da interação entre o cérebro e o corpo e vários sinais paralelos a partir do ambiente devem ser considerados juntos para entendermos os processos de categorização perceptual, movimento e memória que subjazem a consciência.**⁴³ (grifo nosso)

³⁸ **Do original:** “it arises through the selection of certain distributed patterns of neural activity as the brain interacts with the body and the environment” (EDELMAN; TONONI, 2000, p. 48).

³⁹ **Do original:** “[reentry] is the ongoing, recursive interchange of parallel signals between reciprocally connected areas of the brain, and interchange that continually coordinates the activities of these areas' maps to each other in space and time” (EDELMAN; TONONI, 2000, p. 48).

⁴⁰ Observa-se que a “Categorização perceptual geralmente emerge como um resultado de uma seleção durante um verdadeiro comportamento no mundo real.” **Do original:** “Perceptual categorization usually emerges as a result of selection during a actual behavior in the real world.” (EDELMAN; TONONI, 2000, p. 88)

⁴¹ **Do original:** “this integration ultimately gives rise to perceptual categorization, the ability to discriminate an object or event from a background for adaptive purposes” (EDELMAN; TONONI, 2000, p. 49).

⁴² **Do original:** “[W]hat people perceive depends upon what they are able to do, and what they do, in time, alters what they perceive” (GIBBS, 2005, p. 17)

⁴³ **Do original:** “[A]ll these special features of the brain – connectivity, variability, plasticity, ability to categorize, dependence on value⁴³, and the dynamics of reentry – operate heterogeneously to yield coordinated behavior. [...] [T]he nonlinear aspects of interaction among the brain, the body, and various parallel signals from

Da mesma maneira, Lakoff e Johnson (1999, p. 19) esclarecem que “o importante não é apenas que temos corpos e que o pensamento é de alguma forma corporificado. O importante é que a natureza peculiar de nossos corpos dá forma às nossas muitas possibilidades para conceptualização e categorização”⁴⁴.

Além da percepção do mundo e das capacidades sensório-motoras inerentes ao ser humano, integração social e memória são elementos que também constituem o processo de categorização. A *memória*, segundo Edelman e Tononi, possui propriedades que permitem conexões entre recordações e percepções, não possuindo “limite de capacidade fixo, visto que ela de fato gera ‘informação’ por construção”⁴⁵ (2000, p. 101). Dentro de uma perspectiva neural da LC, considera-se o cérebro e as atividades neurais como meios do estudo da corporeidade, da cognição e da categorização. A crítica de alguns autores estabelece-se na medida em que essa linha experiencialista e, por isso, radical, não considera aspectos da percepção subjetiva dos indivíduos em interação com o mundo. Como psicólogo, Gibbs (2005, p. 12) defende que “as mentes humanas evoluíram com recursos neurais que são primeiramente dedicados aos processamentos perceptuais e motores e cuja atividade cognitiva consiste amplamente de interações online com o ambiente.”⁴⁶. Deve-se, portanto, considerar a contribuição tanto da perspectiva neural quanto das teorias de cunho filosófico, cujas leituras, como apresenta Gibbs (2005, p. 12), implicam investigações a partir de aspectos da memória, das imagens mentais e da resolução de problemas, que não surgem a partir de processos internos, computacionais ou não-corporificados, mas são intimamente ligados a simulações sensório-motoras.

Como aspecto relevante a ambas as linhas, a *memória*, para Edelman e Tononi (2000), é um processo robusto, dinâmico, associativo e adaptativo. Se essa visão de memória estiver correta, pode-se considerar que “em organismos superiores todo ato de percepção é, em algum grau, um ato de criação, e todo ato de memória é, portanto, criativo e não estritamente

the environment must be considered together to understand the processes of perceptual categorization, movement, and memory that underlie consciousness” (EDELMAN; TONONI, 2000, p. 49).

⁴⁴ **Do original:** “[W]hat is important is not just that we have bodies and that thought is somehow embodied. What is important is that the peculiar nature of our bodies shapes our very possibilities for conceptualization and categorization” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 19).

⁴⁵ **Do original:** “fixed capacity limit, since it actually generates “information” by construction” (EDELMAN; TONONI, 2000, p. 101).

⁴⁶ **Do original:** “[H]uman minds evolved with neural resources that are primarily devoted to perceptual and motoric processing, and whose cognitive activity consists largely of on-line interaction with the environment” (GIBBS, 2005, p. 12).

replicativo.”⁴⁷ (EDELMAN; TONONI, 2000, p. 101, grifo nosso). Nessa perspectiva, por meio de experimentos, Barsalou (1993) caracteriza diferenças entre a memória de longo-prazo e a memória temporária. Seus resultados demonstram que

peças diferentes armazenam informação muito similar para mesma categoria na memória de longo prazo, e que essa informação permanece altamente estável em indivíduos ao longo do tempo. A tremenda flexibilidade que nós temos visto em outros experimentos origina-se não de diferenças no conhecimento, mas de diferenças na *recuperação* desse conhecimento.⁴⁸ (1993, p. 34).

Dessa forma, os conceitos são construções temporárias na memória de trabalho e sua estabilidade ou instabilidade derivam, sobretudo, da acessibilidade das informações no cérebro, que variam conforme a frequência em que são ativadas, o processamento recente em que foram elaboradas e o contexto social de seu uso.

Tratando-se, por exemplo, de um conceito concreto como ‘faca’, pode-se afirmar que tal conceito é classificado, primeiramente, dentro da categoria CATELARIA. Porém, em outro contexto social, dependendo das instâncias associativas entre o conceito e o contexto de uso, ‘faca’ pode ser encaixada na categoria ARMA, quando utilizada de forma intencional para ferir um ser humano, ou ainda na categoria FERRAMENTA, se utilizada para substituir, por exemplo, uma chave de fenda. Observe-se que essa variação já ocorre com um conceito considerado “mais concreto”, porém, mesmo nesse tipo de conceito, a categorização varia conforme o contexto, ou seja, conforme a situação em que ele é aplicado. A partir disso, pode-se inferir que conceitos abstratos, que são ainda mais complexos do que os considerados “concretos”, também sofrem variação de categorização, conforme, por exemplo, o contexto social de uso.

1.1.2 Conceitos Abstratos e Prototipicidade

Tratando-se, portanto, de conceitos abstratos, é importante considerar que a categorização de VIOLÊNCIA é altamente mais complexa, já que depende de experiências diretas ou indiretas dos sujeitos, cujo sentido é influenciado por fatores históricos,

⁴⁷ **Do original:** “in higher organisms every act of perception is, to some degree, [is] an act of creation, and every act of memory is thus creative and not strictly replicative.” (EDELMAN; TONONI, 2000, p. 101).

⁴⁸ **Do original:** “different people store very similar information for the same category in long-term memory, and that this information remains highly stable within individuals over time. The tremendous flexibility that we have seen in other experiments arises not from differences in knowledge, but from differences in the *retrieval* of this knowledge” (BARSALOU, 1993, p. 34).

socioculturais, como político, religioso, midiático, financeiro, familiar, formação escolar etc., e situacionais, ou seja, por propósitos ou intenções comunicativas em diferentes tipos de interação, assim como disposições emocionais circunstanciadas.

Feltes (2007, p. 259) afirma que “a violência não é um fenômeno inerente a determinadas ações, é produto de uma determinada experiência biopsicossociocultural”. Da mesma forma, o grau em que um dado ato é violento (mais/menos violento) é influenciado por fatores históricos, socioculturais e situacionais. A gradação é um outro aspecto a ser considerado no processo de categorização. Nesse sentido, a noção de prototipicidade merece atenção.

A prototipicidade, que serve de base para formulação da TMCI, provém dos estudos experimentais de Eleanor Rosch, tomados como base por Lakoff (1987), sobre a categorização. A autora investigou, dentre muitos experimentos propostos, a conceptualização das cores da língua Dani, de Nova Guiné, que apresentava somente duas categorias (*mini*, cores escuras e frias; *mola*, cores avermelhadas e quentes). A Teoria dos Protótipos e Categorias Básicas da autora critica implicações da teoria clássica e considera, em sua reformulação teórica, a existência de propriedades, dentro das categorias, que elegeem membros os quais servem como **melhores exemplos**.

Além disso, Rosch revisa o processo de categorização tradicional, que define as categorias por meio de características inerentes aos seus membros, ou seja, “qualidades (atributos) conectam conceitos ao mundo” (MERVIS; ROSCH, 1981, p. 90)⁴⁹ e que não leva em conta as relações do corpo com o ambiente, conforme esclarece Feltes (1992, p. 55) sobre os estudos de Rosch:

as pesquisas em antropologia, psicologia e linguística, sem falar na tradição de estudos filosóficos, têm, em geral, tratado das categorias como sendo “aristotélicas” por natureza, caracterizando-as como **entidades de tipo lógico, com fronteiras claramente definidas, cujos membros seriam todos instâncias equivalentes e não diferenciadas entre si**, na medida em que cada membro definido pela posse de um conjunto mínimo de traços necessários e suficientes. (grifo nosso)

Mervis e Rosch (1981, p. 95) criticam a visão clássica da categorização, na medida em que os estudos empíricos evidenciaram que todos os membros de uma categoria não são igualmente representativos em sua categoria. Ou seja:

[n]o experimento de formação de conceito clássico, qualquer estímulo que se ajuste à definição do conceito (que possui os atributos relevantes na combinação correta) é um exemplo tão bom do conceito quanto qualquer outro. De modo mais geral, se as categorias são vistas como estabelecidas determinadamente por critérios necessários e suficientes de pertença (e se, adicionalmente, o papel da racionalidade é abstrair o que é essencial para a situação enquanto ignora o que não é essencial, então qualquer

⁴⁹ **Do original:** “qualities (attributes) connect concepts to the world” (MERVIS; ROSCH, 1981, p. 90).

membro da categoria deveria ser cognitivamente equivalente *qua* a categoria a qualquer outro membro.⁵⁰ (grifo nosso)

Opondo-se a essa visão, as pesquisas de Rosh pretenderam demonstrar, por meio de investigações empíricas, como diversos tipos de experimentos, que “os membros da categoria não seriam todos igualmente representativos dela, haveria assimetrias – ou efeitos prototípicos – entre eles, de tal modo que alguma instância seria tomada como o caso mais central, o exemplo mais representativo da categoria: o seu protótipo.” (FELTES, 1992, p. 56). Para chegar a essa conclusão, os estudos de Rosch dividiram-se em três fases, sendo que a última delas é assumida por Lakoff, na medida em que o autor sustenta que “os efeitos prototípicos teriam fontes que não poderiam ser determinadas através desses efeitos. [...] são resultados do fato de que o conhecimento está organizado em termos de modelos cognitivos idealizados de vários tipos” (FELTES, 2007, p. 107). Essa perspectiva corrobora na afirmação de que as categorias, principalmente a VIOLÊNCIA, são estruturadas em **semelhanças de família**, pois não existe, nesses casos, um núcleo semântico comum a todos os membros da categoria, mas sim, há “sobreposições parciais de propriedades entre os conceitos subordinados, fazendo com que, de algum modo, todos estivessem ligados entre si” (FELTES, 2007, p. 260). No caso da categoria VIOLÊNCIA, assim como outras que derivam de conceitos abstratos, é importante salientar que essas categorias são graduais, caracterizando-se como uma estrutura *fuzzy*, cujos limites não são nitidamente delimitados.

A partir dos resultados de seus estudos, Rosch verificou que as categorias, em geral, possuem melhores exemplos, chamados de protótipos. Conforme Lakoff, os protótipos atuam como pontos referenciais cognitivos (“cognitive reference points”) que formam as bases inferenciais de cada categoria. Por isso, para o autor, o estudo dos processos inferenciais humanos é parte do estudo da razão humana e das estruturas conceituais em que, frequentemente, os protótipos utilizados para formular inferências são parte da estrutura conceptual.⁵¹

Gibbs (2005), por sua vez, também critica o fato de a visão tradicional de categorização situar os conceitos apenas no cérebro: “a visão tradicional em psicologia e filosofia argumenta que os conceitos são representações mentais armazenadas que habilitam

⁵⁰ **Do original:** “In classical concept formation experiment, any one stimulus which fits the definition of the concept (possesses the relevant attributes in the correct combination), is as good an example of the concept as any other. More generally, if categories are seen as determinately established by necessary and sufficient criteria for membership (and if, in addition, the role of rationality is to abstract out what is essential to a situation while ignoring what is inessential, then any member of a category should be cognitively equivalent *qua* the category to any other member” (MERVIS; ROSCH, 1981, p. 95).

⁵¹ Tanto Eleanor Rosch quanto Raymond Gibbs têm formação em psicologia cognitiva e possuem pesquisas com métodos experimentais de investigação.

as pessoas a identificarem objetos e eventos no mundo real”⁵² (GIBBS, 2005, p. 80). As teorias clássicas pressupõem leis para descrever objetos dentro de uma categoria independente das situações e, por isso, conceitos e categorias são definidos a partir de relações do objeto com o mundo exterior: “As categorias são supostas para serem representadas mentalmente em termos de protótipos com o grau de pertença da categoria sendo determinado pelo grau de similaridade do protótipo”⁵³ (GIBBS, 2005, p. 81).

A visão tradicional apresenta, portanto, alguns problemas. Gibbs (2005, p. 81) afirma que, por meio de evidências, as pessoas representam certas propriedades de formas diferentes, dependendo do contexto. O autor apresenta, dentre alguns exemplos, que o conceito ‘fogo’ é uma representação abstrata, a qual surge de situações concretas, entendido a partir de contextos específicos. Tal como ‘fogo’, Gibbs exemplifica que secretárias e motoristas elegem bebidas diferentes para seus intervalos de trabalho: enquanto as secretárias elegem chá, os motoristas elegem leite. O que o autor quer explicar é que “conceitos não são reflexos diretos de coisas na natureza, contrariamente à visão tradicional. Os conceitos não preservam diretamente aspectos dos objetos externos a que eles se referem, contrariamente à suposição de que conceitos são símbolos amodais”⁵⁴ (GIBBS, 2005, p. 82).

A análise de Gibbs (2005) provém da revisão de conceitos corporificados apresentados por Lakoff e Johnson (1999) em que, nessa obra, são selecionados, para entendimento da nova concepção de categorização, conceitos relativos às cores, conceitos básicos e conceitos de relação espacial. Os conceitos das cores, por exemplo, são extremamente interacionais, ao contrário do que se pode inicialmente considerar. As cores não são conceitos prontos e objetivos no mundo, por mais universais que sejam, mas existem a partir da combinação de diferentes fatores que possibilitam a sua conceptualização, tais como: comprimentos de onda dos reflexos da luz, condições de luminosidade, estado da retina e processamento do circuito neural conectado à visão: “as cores como nós as vemos, por exemplo, o vermelho do sangue ou o azul do céu, não estão lá no sangue ou no céu. [...] elas se originam a partir das interações dos nossos corpos, do nosso cérebro, as propriedades refletidas de objetos, e

⁵² **Do original:** “[T]he traditional view in psychology and philosophy argues that concepts are stored mental representations that enable people to identify objects and events in the real world” (GIBBS, 2005, p. 80).

⁵³ **Do original:** “[C]ategories are assumed to be mentally represented in terms of prototypes, with the degree of category membership being determined by the degree of similarity to the prototype” (GIBBS, 2005, p. 81).

⁵⁴ **Do original:** “[C]oncepts are not direct reflections of things in nature, contrary to the traditional view. Concepts do not directly preserve aspects of the external objects they refer to, contrary to the assumption that concepts are amodal symbols.” (GIBBS, 2005, p. 82)

radiação eletromagnética. As cores não são objetivas [...]”⁵⁵ (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 24).

Assim como as cores, os conceitos não são estruturas significativas pré-prontas, mesmo que tenhamos a tendência de considerar que os conceitos são reflexos do mundo. Essa perspectiva é explicada por Lakoff e Johnson (1999, p. 27) que reveem as *categorias básicas*: “uma importante classe de categorias que otimamente se ajusta às nossas experiências corporais de entidades e certas diferenças extremamente importantes em um ambiente natural”⁵⁶. Dessa forma, diferenciamos facilmente vacas de cavalos, pois as categorias básicas são distintas por categorias superordenadas, a partir das seguintes condições, conforme expõe Gibbs (2005, p. 82):

- (a) *No nível mais alto em que uma única imagem mental pode representar a categoria inteira*⁵⁷: podemos facilmente imaginar uma cadeira, mas não conseguimos facilmente definir um tipo geral de móvel.
- (b) *No nível mais alto em que membros de uma categoria têm formas globais similarmente percebidas*⁵⁸: podemos definir o formato de uma cadeira, mas não de um móvel.
- (c) *No nível mais alto em que uma pessoa usa ações motoras similares para interagir com os membros da categoria*⁵⁹: possuímos um “programa” de interação com uma cadeira, mas não com móvel.
- (d) *É o nível em que a maior parte do nosso conhecimento é organizado.*⁶⁰

Além disso, os conceitos básicos são entendidos mais cedo pelas crianças, assim como apresentam léxico curto e fácil linguisticamente. Esses conceitos são prioritários e mais efetivos na comunicação, uma vez que são mais facilmente acessados do que os conceitos superordenados ou subordinados, cujas construções exigem inferências adequadas.

⁵⁵ **Do original:** “[C]olors as we see them, say, the red of blood or the blue of the sky, are not out there in blood or the sky. [...] they arise from interactions of our bodies, our brains, the reflective properties of objects, and electromagnetic radiation. Colors are not objective [...]” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 24).

⁵⁶ **Do original:** “one important class of categories that optimally fit our bodily experiences of entities and certain extremely important differences in the natural environment” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 27).

⁵⁷ **Do original:** “*In the highest level at which a single mental image can represent the entire category.*” (GIBBS, 2005, p. 82).

⁵⁸ **Do original:** “*It the highest level at which category members have similarly perceived overall shapes*” (GIBBS, 2005, p. 82).

⁵⁹ **Do original:** “*In the highest level at which a person uses similar motor actions for interacting with category members*” (GIBBS, 2005, p. 82).

⁶⁰ **Do original:** “*It is the level at which most of our knowledge is organized*” (GIBBS, 2005, p. 82).

Essas questões são relevantes com relação a conceitos abstratos, conforme afirma Gibbs (2005, p. 83), pois a teoria prototípica apresenta problemas quando pressupõe que o membro de uma categoria é determinado a partir de sua similaridade com o protótipo.

A *interação social*, por exemplo, é um elemento pontual para a categorização e a conceptualização, que variam conforme o contexto temporal, emocional, físico, social, etc. dos indivíduos, pois, segundo Gibbs (2005, p. 130) “os corpos não são objetos livre-da-cultura, porque todos os aspectos da experiência corporificada são formados por processos culturais”⁶¹. Por isso, na visão do autor, teorias que dizem respeito aos sistemas conceptuais humanos devem ser também culturais, uma vez que a cognição proveniente do encontro entre corpo e mundo é inextricavelmente baseada na cultura: “certos aspectos da percepção sensorial são emergentes e dependentes da cultura, que influencia a corporeidade de disposições através das práticas cotidianas”⁶² (GIBBS, 2005, p. 37).

A variação dos mecanismos cognitivos que produzem os conceitos, segundo Barsalou (1993), é atribuída a algumas propriedades dos mesmos, tal como a flexibilidade, estrutura e “*linguistic vagary*”⁶³. Para o autor, conceitos significam “a representação cognitiva de uma pessoa para uma categoria em uma ocasião particular independentemente de sua precisão, embora os conceitos humanos devam ser no mínimo acurados para serem tão úteis quanto eles são”⁶⁴ (1993, p. 30).

Com relação à flexibilidade dos conceitos, Barsalou (1993) explicita que diferentes características são ativadas em diferentes contextos, causando o que o autor chama de categorias *ad hoc*. Esses conceitos são construídos na medida em que as pessoas precisam alcançar algum objetivo, diferentemente dos conceitos comuns, tal como para o conceito CADEIRA, que serve como um bom exemplo para MOBÍLIA: “Os conceitos de categoria para categorias comuns são bem estabelecidos na memória, porque as associações entre um conceito e suas propriedades e entre as propriedades mesmas estão bem estabelecidas.”⁶⁵ (BARSALOU, 1983, p. 213). Para ele, as categorias são infinitas, não convencionais ou fixas,

⁶¹ **Do original:** “[B]odies are not culture-free objects, because all aspects of embodied experience are shaped by cultural processes” (GIBBS, 2005, p. 130).

⁶² **Do original:** “[C]ertain aspects of sensory perception are emergent and dependent on culture, which influences the embodiment of dispositions through everyday practice” (GIBBS, 2005, p. 37).

⁶³ “*Linguistic vagary*” é uma expressão de difícil tradução para a língua portuguesa. Neste caso, pode-se dizer que se trata de algum grau de indeterminância no nível linguístico, que promove mudanças “erráticas” de sentido.

⁶⁴ **Do original:** “a person’s cognitive representation of a category on a particular occasion, regardless of its accuracy, although human concepts must be at least somewhat accurate to be as useful as they are” (BARSALOU, 1993, p. 30).

⁶⁵ **Do original:** “[T]he category concepts for common categories are well established in memory because the associations between a concept and its properties and between the properties themselves are well established.” (BARSALOU, 1983, p. 213)

sendo elaboradas para determinado propósito, tal como reitera McCauley (1983, p. 295): “[D]iferenças nos objetivos e propósitos dos sujeitos, em suas experiências passadas, em características requeridas e no contexto, geralmente, têm efeitos significativos sobre a forma dos conceitos que empregamos em qualquer situação particular”⁶⁶. Por isso, as pessoas adaptam no discurso, ou seja, na linguagem em uso, o que é relevante para formular conceitos. A partir disso, afirma-se que **os conceitos não estão prontos no cérebro, não estão estocados na memória, mas dependem de diversos fatores para serem construídos**.

A perspectiva da estrutura prototípica por similaridade não possibilita, por exemplo, a categorização de “alimentos para se comer durante uma dieta” ou “coisas para um acampamento”, pois a base dessas categorias não são efeitos de similaridade a um determinado protótipo, mas de similaridades a um objetivo. São, portanto, categorias construídas num determinado contexto. Por isso, os protótipos podem também ser formados a partir de frequência estatística, de ideias formadas por fatores salientes, por estrutura social, por objetivos específicos num contexto, por estruturas formais da sociedade ou das experiências individuais: “Protótipos não são abstrações sumárias baseadas em poucos atributos definidos, mas são ricos, imagéticos, sensoriais, eventos mentais inteiramente corpóreos”⁶⁷ (GIBBS, 2005, p. 83).

Portanto, as categorias são parte da experiência humana, ou seja, são uma inescapável consequência de nossa condição biológica, tal como afirmam Lakoff e Johnson (1999, p. 19), são “as estruturas que diferenciam aspectos da nossa experiência em tipos discerníveis. A categorização **não é**, portanto, uma questão puramente intelectual, ocorrendo depois do fato da experiência. [...] é parte daquilo em que nossos corpos e cérebros estão constantemente engajados.” (grifo nosso)⁶⁸. Por isso, o que as pessoas aprendem a partir da sua interação com o mundo é incorporado nos seus conceitos, conseqüentemente afetados pela categorização:

estudos sobre o efeito do uso da categoria em tarefas de categorização ilustram como as ricas interações das pessoas com o mundo formam a aquisição e a representação do conhecimento. Psicólogos que conduzem esses estudos discutem as interações das pessoas com o mundo como um tipo de conhecimento de *background*. Mas alguns desses estudos podem refletir algo do entendimento corporificado das

⁶⁶ **Do original:** “[D]ifferences in subjects’ aims and purposes, in their past experiences, in demand characteristics, and in the context generally have significant effects on the shape of the concepts that we employed in any particular situation”(McCAULEY, 1987, p. 295)

⁶⁷ **Do original:** “Prototypes are not summary abstractions based on a few defining attributes, but are rich, imagistic, sensory, full-bodied mental events”⁶⁷ (GIBBS, 2005, p. 83).

⁶⁸ **Do original:** “the structures that differentiate aspects of our experience into discernible kinds. Categorization is thus not a purely intellectual matter, occurring after the fact of experience. [...] It is part of what our bodies and brains are constantly engaged in” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 19).

peças sobre objetos e eventos, e não simplesmente seus conhecimentos abstratos ou crenças.⁶⁹ (GIBBS, 2005, p. 85)

Além disso, os conceitos, principalmente os abstratos, variam conforme construções da memória temporária, e não somente a partir de construções estáveis na memória de longo-prazo, conforme afirma Gibbs (2005, p. 86): “[u]ma possibilidade é que os conceitos podem ser definidos como padrões estatísticos em sistemas sensório-motores que tomam formas diferentes em diferentes contextos”⁷⁰. Um sujeito entrevistado em determinado dia pode elencar ideias e respostas diferentes num outro momento, pois os *inputs* do meio podem causar mudanças em sua perspectiva de determinado conceito.

Gibbs (2005, p. 90) afirma que “explicar conceitos abstratos e como eles se originam na mente permanece como um dos maiores desafios para as ciências cognitivas.”⁷¹. O estudo de conceitos abstratos é, portanto, desafiador, uma vez que não apresenta estrutura estável.

Como se verá na análise que empreendemos no capítulo 3, todas as considerações feitas, nesta parte, sobre características da categorização humana, por meio de diferentes autores, aplicam-se a características da categoria VIOLÊNCIA.

1.2 TEORIA DOS MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS

A fim de constituir a análise proposta, levando-se em consideração as questões já elencadas, é necessário que se faça uma revisão da teoria que orienta esta investigação: a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI).

Essa perspectiva teórica tem como uma de suas bases a Teoria dos Espaços Mentais de Fauconnier, em que se relacionam o “papel de fatores cognitivos com princípios de organização do conhecimento e estratégias de processamento” (FELTES, 2007, p. 116). A Teoria dos Espaços Mentais preocupa-se com a formação dos construtos conceituais, ou seja,

⁶⁹ **Do original:** “studies on the effect of category use on categorization tasks illustrate how people’s rich interactions with the world shape knowledge acquisition and representation. Psychologists conducting these studies discuss people’s “interactions with the world” as a kind of “background knowledge”. But some of these studies may reflect something of people’s embodied understanding of objects and events, and not simply their abstract knowledge or beliefs.” (GIBBS, 2005, p. 85)

⁷⁰ **Do original:** “One possibility is that concepts may be defined as statistical patterns in sensory-motor systems that take different forms in different context” (GIBBS, 2005, p. 86).

⁷¹ **Do original:** “[E]xplaining abstract concepts and how they arise in the mind remains one the greatest challenges for cognitive science.” (GIBBS, 2005, p. 90)

dos domínios que constituem e organizam as informações na mente. Portanto, é a partir dessas representações mentais, cognitivamente “adquiridas”, que se caracterizam universos hipotéticos da realidade, os quais a mente cria para organizar as categorias de conhecimento e as estratégias da cognição. Para Fauconnier (1994, p. 16), espaços mentais são “[...] construtos distintos de estruturas linguísticas, mas construídos em qualquer discurso de acordo com orientações fornecidas pelas expressões linguísticas”⁷². Por isso, a Teoria dos Espaços Mentais é uma das principais fontes para a formulação da TMCI em função de, como resume Lakoff (1987, p. 281) estabelecer alguns conceitos fundamentais. Os espaços mentais:

- (a) podem conter entidades mentais⁷³;
- (b) podem ser estruturados por modelos cognitivos⁷⁴;
- (c) podem ser relacionados a outros espaços pelo que Fauconnier chama de conectores (entende-se por *conectores* as relações cognitivas que prevalecem mentalmente em determinadas situações)⁷⁵;
- (d) podem relacionar entidades em espaços diversos por conectores⁷⁶;
- (e) são expansíveis, em que entidades adicionais e MCIs podem ser adicionadas a eles no curso do processamento cognitivo⁷⁷;
- (f) MCI podem introduzir espaços⁷⁸.

McCauley (1987, p. 292) conceitua Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) da seguinte forma: “[m]odelos cognitivos idealizados são construtos mentais simplificados que organizam vários domínios da experiência humana, tanto práticos como teóricos”⁷⁹. Conforme o autor, um MCI é idealizado, pois seleciona, a partir de todos os aspectos possíveis dos estímulos, aqueles que são sistematicamente eficazes (nos domínios mais puramente teóricos), ou social e instrumentalmente significantes (em domínios práticos): “[n]ossos modelos cognitivos idealizados simplificam nosso mundo [...] Eles especificam um conjunto de pistas no ambiente que servem para definir a situação e, portanto, estabelecem expectativas tanto sobre mudanças prováveis no ambiente como respostas apropriadas a

⁷² **Do original:** “[...] constructs distinct from linguistic structures but built up in any discourse according to guidelines provided by the linguistic expressions.” (FAUCONNIER, 1994, p. 16)

⁷³ **Do original:** “Spaces may contain mental entities.” (LAKOFF, 1987, p. 281)

⁷⁴ **Do original:** “Spaces may be structured by cognitive models.” (LAKOFF, 1987, p. 281)

⁷⁵ **Do original:** “Spaces may be related to other spaces by what Fauconnier calls ‘connectors’.” (LAKOFF, 1987, p. 281)

⁷⁶ **Do original:** “Any entity in one space may be related to entities in other spaces by connectors” (LAKOFF, 1987, p. 281)

⁷⁷ **Do original:** “Spaces are extendable, in that additional entities and ICMs may be added to them in the course of cognitive processing”. (LAKOFF, 1987, p. 281)

⁷⁸ **Do original:** “ICMs may introduce spaces.” (LAKOFF, 1987, p. 281)

⁷⁹ **Do original:** “[I]deallized cognitive models are simplified mental constructs that organize various domains of human experience, both practical and theoretical” (McCAULEY, 1987, p. 292)

elas”⁸⁰ (McCAULEY, 1987, p. 293). Por isso, segundo Feltes (2007, p. 89), os modelos cognitivos

não precisam se ajustar necessária e perfeitamente ao mundo. Isso se justifica pelo fato de que, sendo resultados da interação do aparato cognitivo humano (altamente corporalizado) e a realidade – via experiência –, o que consta num modelo cognitivo é determinado por necessidades, propósitos, valores, crenças, etc.

Nesse sentido, os modelos são também cognitivos, pois o seu uso parece depender de nossas habilidades imaginativas para tomar um ponto de vista particular. Feltes (2007, p. 89) esclarece essa questão, afirmando que os modelos podem ser construídos para o entendimento de uma determinada situação, apresentando-se semelhantes ou contraditórios entre si: “os modelos, portanto, são o resultado da atividade humana, cognitivo-experencialmente determinada, são o resultado da capacidade de categorização humana” (FELTES, 2007, p. 89).

Cienki (2007, p. 176) afirma que um MCI surge através de uma semântica prototípica⁸¹, em que os MCIs são o modo com os quais os seres humanos organizam o significado (função da cognição). Por isso, os MCIs não são meros reflexos diretos dos estímulos do mundo e o *significado* não é apenas uma coisa; ele envolve o que é significativo para a mente e se modifica na medida em que nossos modelos se modificam: “[N]ada é significativo em si mesmo. A significatividade deriva da experiência de funcionar como um ser de certo tipo em um ambiente de certo tipo”⁸² (LAKOFF, 1987, p. 292).

Por isso, os modelos são também *idealizados*, pois envolvem abstrações elaboradas por meio dos processos da percepção e, posteriormente, da concepção que a mente produz na relação com o mundo físico exterior ao corpo. Os modelos, conforme expõe Feltes (2007, p. 127), são justamente as estruturas cognitivas organizadoras que podem constituir “domínios dentro dos quais os conceitos adquirem sua significação” e que, na relação entre modelos cognitivos, experiências e mundo, formam categorias, ou seja, “[A] soma desses modelos e teorias constitui a superestrutura de nosso conhecimento do mundo”⁸³ (McCAULY, 1983, p. 293).

⁸⁰ **Do original:** “[O]ur idealized models simplify our world. [...] They specify a set of cues in the environment that serve to define the situation and therefore establish expectations about both probable changes in the environment and appropriate responses to them” (McCAULEY, 1987, p. 293)

⁸¹ “As categorias humanas são conceitualizadas de diversas maneiras, em parte, através de **protótipos**. Cada protótipo seria, por sua vez, uma estrutura neural que nos permite realizar uma atividade inferencial ou imaginativa relacionada a uma categoria.” (FARIAS; MARCUSCHI, 2006, p. 120)

⁸² **Do original:** “Meaning is not a thing; it involves what is meaningful to us. Nothing is meaningful in itself. Meaningfulness derives from the experience of functioning as a being of certain sort in an environment of a certain sort.” (LAKOFF, 1987, p. 292).

⁸³ **Do original:** “[T]he sum of those models and theories constitutes the superstructure of our knowledge of the world.” (McCAULEY, 1983, p. 293).

Para se estudar os fenômenos linguísticos que traduzem experiências com o mundo através da organização cognitiva, Lakoff (1987) caracterizou cinco tipos básicos de modelos cognitivos, levando-se em conta que os modelos cognitivos são “estruturas cognitivas que constituem domínios dentro dos quais os conceitos adquirem sua significação” (FELTES, 2007, p. 127) e que contribuem diferentemente para a estruturação das experiências, “seja no plano puramente conceitual, seja no plano linguístico-conceitual” (FELTES, 2007, p. 128). Por isso, os MCIs são diferenciados em: **(1) de esquemas de imagens, (2) proposicionais, (3) metonímicos, (4) metafóricos e (5) simbólicos**. Com a reunião desses modelos, sua organização e a concretização já determinada de que os protótipos “existem”, unidos ao valor teórico dessas análises, através da constatação de algumas propriedades, pode-se considerar que um conceito é sempre derivado e indissociável da experiência humana e, por isso, possível de análise semântico-cognitiva.

1.2.1 Modelos Metafóricos

Como apresenta Feltes (2007, p. 128), os MCIs utilizam quatro tipos de princípios estruturadores, que são: (1) as estruturas de imagem-esquemática, (2) as estruturas proposicionais, (3) os mapeamentos metonímicos e (4) os mapeamentos metafóricos. A partir desses princípios, originam-se os modelos cognitivos, dos quais elegemos para análise, especificamente, os modelos metafóricos e metonímicos. É importante salientar que o conceito de metáfora adotado pela TMCI não é o mesmo dos estudos literários tradicionais ou da visão filosófica tradicional.

A teoria tradicional da metáfora, conforme Lakoff e Johnson (1999, p. 119), persistiu como base na perspectiva tradicional e literária durante 2500 anos, nutrindo crenças empiricamente falsas sobre a metáfora que se enraizaram profundamente nos modelos teóricos sendo tomadas como verdades. Os princípios da metáfora conceitual tradicional, como apresentam Lakoff e Johnson (1999, p. 119), são:

- (a) A metáfora é uma questão de palavras, não de pensamento. A metáfora ocorre quando uma palavra é aplicada não ao que normalmente designa, mas a algo mais.

- (b) A linguagem metafórica não é parte da linguagem convencional comum. Em vez disso, ela é não usual e surge tipicamente na poesia, tentativas retóricas de persuasão e descobertas científicas.
- (c) A linguagem metafórica é corrompida. Na metáfora, palavras não são usadas em seus sentidos próprios.
- (d) Expressões metafóricas convencionais na linguagem cotidiana são “metáforas mortas”, isto é, expressões que uma vez foram metafóricas, mas se tornaram cristalizadas em expressões literais.
- (e) A metáfora expressa similaridades. Isto é, há similaridades preexistentes entre o que as palavras normalmente designam e o que elas designam quando usadas metaforicamente.⁸⁴

Esta dissertação não segue tal visão tradicional da metáfora, mas sim a visão de metáfora “lakoffiana” que, conforme afirma Feltes (2007, p. 152), é uma forma de raciocinar a respeito do mundo, constantemente infiltrada no cotidiano e, em sua maioria, inconscientemente estabelecida. Além disso, é um modo com o qual Lakoff e Johnson (1999) acreditam poder criar, ou ainda, constituir social, cultural e psicologicamente a realidade para os indivíduos. Para eles, as metáforas carregam em seus elementos constitutivos o significado, o pensamento, já que são provenientes, principalmente, a partir da experiência corpórea. Lakoff e Johnson expõem que a metáfora é um recurso cognitivo que expressa linguisticamente o pensamento, presente tanto na cultura literária quanto na linguagem utilizada no dia-a-dia. Para explicar essas ideias, eles desenvolveram a Teoria da Metáfora Conceitual.

Os modelos metafóricos nessa teoria estruturam-se, basicamente, em dois sistemas (FELTES, 2007, p. 152):

- I) esquema CONTAINER⁸⁵ e ORIGEM-PERCURSO-META ou

⁸⁴ **Do original:**

- (a) “Metaphor is a matter of words, not thought. Metaphor occurs when a word is applied not to what it normally designates, but something else.
- (b) Metaphorical language is not part of ordinary conventional language. Instead, it is a novel and typically arises in poetry, rhetorical attempts at persuasion, and scientific discovery.
- (c) Metaphorical language is deviant. In metaphor, words are not used in their proper senses.
- (d) Conventional metaphorical expressions in ordinary everyday language are “dead metaphors”, that is, expressions that once were metaphorical, but have become frozen into literal expressions.
- (e) Metaphor expresses similarities. That is, there are preexisting similarities between what words normally designate and what they designate when they are used metaphorically.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 119)

⁸⁵ Na literatura sobre o tema, apresentam-se também os vocábulos ‘contêiner’ e ‘recipiente’. Manteremos o original do inglês ‘container’, como escolhido por FELTES (2007).

- II) projeção de base experiencial, a partir de um MCI (domínio-fonte) em um domínio para um outro MCI, em outro domínio (domínio-alvo), estabelecendo um mapeamento dessa relação.

O objetivo de uma análise semântica feita através da Teoria das Metáforas Conceituais é interpretar os mapeamentos (também chamados de projeções) que constituem a expressão metafórica em questão, já que são processos inconscientes, inferenciais, automáticos e originários da experiência corporal (LIMA; FELTES; MACEDO, 2008, p. 128). As metáforas conceituais apresentam acarretamentos metafóricos, relações que podem ser estabelecidas entre sentenças, segundo as quais a verdade da segunda sentença segue-se, necessariamente, da verdade da primeira.

Exemplo disso é a metáfora “*Acho que estou indo na direção certa*”, quando situada no discurso de um estudante em busca de determinado conhecimento num ambiente de ensino-aprendizagem. Nesse contexto, **COMPREENDER É CAMINHAR** e, num maior grau de abstração, pode-se delimitar a metáfora conceitual **A APRENDIZAGEM É UMA VIAGEM**. Nesse caso, a aprendizagem é um percurso/travessia/caminho em que o aprendiz deve cursar para atingir um destino.

Uma metáfora conceitual é, portanto, uma construção cognitiva, baseada nas experiências socioculturais vividas; são um modo de construção de conhecimento na forma de um mapeamento entre domínios de conhecimento, em geral orientado por relações analógicas motivadas por propósitos e interesse, por determinadas situações e suas demandas (LIMA; FELTES; MACEDO, 2008, p. 129-130).

Dessa forma, as metáforas conceituais podem ser reconhecidas através do mapeamento entre dois domínios: o domínio-alvo, de caráter mais abstrato, que busca ser entendido pelo indivíduo; e o domínio-fonte, em que as categorias ou conceitos compreendidos surgem a partir de alguma experiência mais direta, em geral, de base perceptual, a qual organiza tal domínio-fonte, conforme Lima, Feltes e Macedo (2008, p. 130). A correspondência entre tais domínios é estabelecida a fim de entender o domínio mais abstrato através de termos mais concretos.

Numa versão revisada da metáfora conceitual, como mostra Feltes (2007, p. 152), os modelos metafóricos variam de acordo com dois parâmetros:

- I. são mais ou menos convencionais à medida que são automáticos, livres de esforço e, geralmente, estabelecem modos de pensar de uma mesma comunidade;
- II. são conceitualmente indispensáveis ou básicos à medida que os dispensar do ato comunicativo pode alterar, em alguma medida, o ato de pensar.

Kövecses (2005), revisando a teoria lakoffiana, faz uma ampliação da TMC levantando questões acerca da universalidade e variabilidade de metáforas em nível transcultural e intracultural. Ele afirma, por exemplo, que a experiência corpórea pode ser seletivamente utilizada na criação de metáforas; que a experiência corpórea pode ser sobrepujada por processos culturais e cognitivos; e ainda, que as metáforas podem não ser necessariamente baseadas na experiência corpórea, pois muitas são baseadas em fatores culturais e processos cognitivos de vários tipos (KÖVECSES, 2005, p. 4). Nesse sentido, Feltes (2007, p. 90) esclarece também que os modelos cognitivos, dependendo do ponto de vista e dos contextos, podem ser considerados como **modelos culturais**, “à medida em que o sistema conceptual humano e várias categorias por eles geradas são, ao mesmo tempo, cognitivas e culturais”. Essa perspectiva possibilita afirmar que os modelos culturais não são apenas estruturas intrínsecas ao sujeito, ou seja, “internas”, mas constituem-se como “esquematisações **coletivas**, intersubjetivas, como propriedades de grupos, não de indivíduos, à medida que são conhecimentos compartilhados” (FELTES, 2007, p. 90), alternando-se a partir das situações de interação e comunicação dos indivíduos. Embora seja necessário considerar esse ambiente cultural, um determinado sujeito, inserido numa comunidade e absorvendo conhecimento cultural e linguístico da mesma, também apresenta detalhes individuais, “construídos e reconstruídos de acordo com diferentes propósitos” (FELTES, 2007, p. 90), que são resultados da sua interpretação e de seu julgamento do meio cultural em questão.

Para caracterizar como as metáforas são geradas, Kövecses estabelece onze elementos que as compõem (KÖVECSES, 2005, p.5-8):

a) Domínio-fonte

b) Domínio-alvo

As metáforas consistem nas relações entre domínios, sendo o domínio-fonte mais concreto e o domínio-alvo mais abstrato.

c) Base experiencial

A escolha de determinada fonte para um determinado alvo é motivada por bases experienciais, também chamadas de experiências corpóreas.

d) Estruturas neurais correspondentes no cérebro

As experiências corpóreas resultam em conexões neurais entre áreas do cérebro. Como exemplo, supõe-se que, quando a área do cérebro correspondente ao afeto é ativada, a área correspondente ao calor é também ativada.

e) Relações entre a fonte e o alvo

A relação entre domínio-fonte e domínio-alvo pode ser aplicada a diversos alvos, e um alvo pode conectar-se a diversas fontes.

f) Expressões linguísticas metafóricas

A ligação de domínio-fonte e domínio-alvo dá origem a expressões metafóricas, de tal modo que expressões linguísticas derivam da conexão entre dois domínios conceptuais.

g) Mapeamentos

Há correspondências conceptuais básicas e essenciais ou mapeamentos entre os domínios-alvo e domínios-fonte. Exemplo disso é a metáfora conceitual AMOR É UMA VIAGEM⁸⁶, em que é constituído o seguinte mapeamento:

Viajantes são os amantes
Veículo = relação amorosa
Destino = o propósito do relacionamento
Distância realizada = progresso alcançado no relacionamento
Obstáculos ao longo do caminho = dificuldades encontradas no relacionamento

h) Acarretamentos

Os domínios-fonte mapeiam as ideias para o domínio-alvo para além das correspondências básicas. O exemplo acima também serve para explicar os acarretamentos, conforme exemplifica Kövecses.

AMOR É UMA VIAGEM

Mapeamento *Veículo* = relação amorosa

Se o *veículo quebra*:

- (1) Tenta-se atingir o destino por outros meios;
- (2) Tenta-se consertar o veículo;
- (3) Fica-se no veículo e não se faz nada.

i) *Blends*⁸⁷

A junção de um domínio-fonte com um domínio-alvo pode resultar em mesclas (*blends*), construtos conceptuais que são novos com respeito tanto à fonte quanto ao alvo.⁸⁸

j) Realizações não-linguísticas

As metáforas conceituais podem ser frequentemente materializadas, ou são realizadas, através de formas não-linguísticas, ou seja, não apenas exclusivamente através da linguagem e pensamento, mas também através de práticas sócio-físicas.

k) Modelos culturais

⁸⁶ O mapeamento proposto para AMOR É UMA VIAGEM está presente na obra de Kövecses (2005).

⁸⁷ Nesta dissertação não utilizamos o referencial teórico da Teoria da Integração Conceptual ou Teoria de Mesclagem (*Blending Theory*).

⁸⁸ Não haverá aqui grande explanação sobre esse aspecto, pois ele pouco será utilizado na análise do *corpus* da pesquisa proposta.

Metáforas conceituais convergem com ou produzem modelos culturais que operam no pensamento. Tais estruturas são tanto culturais como cognitivas (por isso, modelo cultural ou cognitivo), sendo representações mentais específicas de aspectos do mundo.

Esses aspectos convergem para o estudo da metáfora através da Semântica Cognitiva. Para Lakoff e Johnson (1999, p. 3), como já foi afirmado, os pensamentos são amplamente inconscientes; os conceitos abstratos são amplamente metafóricos; e a mente é corpórea. Por isso, é importante salientar que, nas metáforas e metonímias, não há a nomeação direta das emoções, mas elas denotam vários aspectos dos conceitos referentes às emoções, traduzindo intensidade, causa, controle, etc. Afinal, para Kövecses, a metáfora é entendida como “um fenômeno linguístico, conceptual, sociocultural, neural e corporal” (FELTES, 2007, p. 153), pois o autor se baseia principalmente num conceito de emoção motivado pelo corpo humano, antes de ser considerado completamente abstrato ou apenas um produto sociocultural: “a metáfora é linguística, conceitual, neural, corpórea e social, simultaneamente”⁸⁹ (KÖVECSES, 2007, p. 15). Em sua perspectiva, a conceitualização é motivada tanto a partir das experiências corporais quanto das experiências produzidas por ambientes sociais e culturais⁹⁰ particulares (KÖVECSES, 2000, p. 14). Por isso, Kövecses mostra que, embora todos os seres humanos compartilhem da mesma base experiencial corpórea, essa base corpórea universal (“universal bodily basis”) que poderia ser construída “não é utilizada da mesma maneira ou na mesma extensão em diferentes línguas e variedades”⁹¹ (2007, p. 32).

Kövecses (2007) afirma que as metáforas variam entre culturas (“cross-cultural variation”) ou dentro de uma cultura (“within-culture dimension”). No caso das variações da metáfora entre culturas, o autor afirma que a metáfora consiste em um esquema genérico que é preenchido pelas culturas, recebendo em cada uma delas um conteúdo específico, por meio do processo de congruência (*congruence*), ou onde uma cultura “utiliza um conjunto de diferentes domínios-fonte para um domínio-alvo particular, ou, conversamente, quando a cultura utiliza um domínio-fonte particular para conceptualizar um conjunto de domínios-alvo diferentes.”⁹² (KÖVECSES, 2007, p. 18).

⁸⁹ **Do original:** “metaphor is linguistic, conceptual, neural, bodily, and social all at the same time” (KÖVECSES, 2007, p. 15).

⁹⁰ Por cultura, Kövecses a define como um jogo de conhecimentos compartilhados que caracterizam pequenos ou grandes grupos de pessoas, em que as pessoas se conectam e compartilham informações do mundo.

⁹¹ **Do original:** “[it] is *not* utilized in the same way or to the same extend in different languages and varieties”⁹¹ (KÖVECSES, 2007, p. 32)

⁹² **Do original:** [a culture] “uses a set of different source domains for a particular target domain, or conversely, where a culture uses a particular source domain for conceptualizing a set of different target domains”. (KÖVECSES, 2007, p. 18)

A variação dentro das culturas baseia-se no princípio de que “as línguas não são monolíticas, mas vêm em variedades, que refletem divergências na experiência humana. [...] essa variação pode ocorrer em um grande número de dimensões, incluindo a social, a étnica, a de estilo, a subcultural, a diacrônica e as dimensões individuais”⁹³ (KÖVECSES, 2007, p. 21). O autor considera que as variações metafóricas acontecem porque as experiências dos indivíduos, nos contextos social e pessoal, são diferentes, assim como suas preferências cognitivas, usadas para criação e abstração do pensamento, também divergem. Silva (2004) complementa essa ideia afirmando que

[A]s mentes individuais não são entidades autónomas, mas *corporizadas-encarnadas* e altamente interactivas com o seu meio, e é através desta interacção e acomodação mútua que a cognição e a linguagem surgem, se desenvolvem e se estruturam. Não existe, pois, propriamente linguagem humana independentemente do contexto sócio-cultural. Mas não é menos verdade que a linguagem reside primariamente nas mentes individuais, sem as quais a interacção lingüística não poderia ocorrer. (SILVA, 2004, p. 7)

Com base nisso, este trabalho propõe verificar a existência (ou não) das variações intraculturais da categoria VIOLÊNCIA, buscando qual(quais) fator(es), entre os indivíduos entrevistados, gera(m) maior variabilidade de conceptualização, em que a hipótese inicial está na diferenciação cultural entre zona urbana e rural. Verifica-se também se as metáforas são influenciadas pelo ambiente, pelo contexto social e pela situação comunicativa, conforme Kövecses (2007, p. 27).

Além disso, Kövecses (2000) está preocupado em mostrar que as linguagens das emoções podem ser definidas e criadas pelas experiências emocionais. Seus questionamentos norteiam questões de como fatores sociais e culturais influenciam e moldam (de modo universal ou particular) as experiências emocionais através da linguagem; como as emoções são organizadas conceitualmente; e como fazer uma pesquisa sobre linguagem das emoções baseada nas perspectivas da LC (KÖVECSES, 2000, p. xii).

Mais tarde, Kövecses (2007, p. 13) questiona sobre “em que medida ou de que formas o pensamento metafórico é relevante para um entendimento da cultura e da sociedade?”⁹⁴. Nesse sentido, Lynne Cameron (2007, p. 42) afirma, na mesma linha de pensamento que os demais autores já citados, que o estudo da metáfora deve ser analisado no contexto do uso, ou seja, deve levar em conta múltiplas dimensões interconectadas, tais como as dimensões lingüística, cognitiva, afetiva, física e cultural.

⁹³ **Do original:** “languages are not monolithic but come in varieties reflecting divergences in human experience. [...] This variation can occur along a number of dimensions including the social, ethnic, style, subcultural, diachronic, and individual dimensions” (KÖVECSES, 2007, p. 21)

⁹⁴ **Do original:** “To what extent and in what ways is metaphorical thought relevant to an understanding of culture and society?” (KÖVECSES, 2007, p. 13)

Nesse sentido, Gibbs (2010, no prelo) discute a questão da complexidade dinâmica da interpretação de metáforas, questionando: “[...] nós podemos mesmo realmente saber o que uma metáfora significa ou descrever acuradamente como as pessoas tipicamente interpretam a linguagem metafórica?”⁹⁵. Para esclarecer a questão, o autor propõe que tanto o significado metafórico quanto a interpretação metafórica são fundamentalmente indeterminados. Esse **princípio da indeterminância**, conforme Gibbs (2010, no prelo), existe porque a metáfora é um processo cognitivo especial “por sua força gerativa para comunicar aparentemente uma variedade sem fim de significados, sentimentos e impressões sobre o tópico”⁹⁶. O autor mostra que há um desafio contínuo subjacente às pesquisas da metáfora em prover explicações teóricas para descobrir o que as metáforas significam assim como para verificar como as pessoas alcançam as interpretações sobre a metáfora.

No processamento metafórico, é imprescindível, para o sucesso comunicativo, que os indivíduos possuam certo conhecimento sobre o domínio-fonte, assim como sobre impressões culturais e estereotípicas das ideias inferidas numa sentença metafórica. Além disso, no decorrer do discurso, numa linguagem em uso, as pessoas tendem a processar informações por meio de inferências mais relevantes, pois “prestam atenção apenas a fenômenos que lhes parecem relevantes” (SILVEIRA; FELTES, 2002, p. 37). Por meio da Teoria da Relevância, de Sperber e Wilson, Gibbs (2005, no prelo) mostra que “os falantes planejam seus enunciados para maximizar o número de efeitos cognitivos que os interlocutores inferem enquanto minimizam a quantia de esforço cognitivo para fazer isso”⁹⁷ e, dessa forma, o processamento metafórico para, quando a interpretação de um ouvinte, por exemplo, é satisfatória.

Essa relação pragmática estabelecida por Gibbs (2010, no prelo) é apresentada para mostrar que as pessoas não estabelecem, necessariamente, uma *total* compreensão do conhecimento metafórico para o sucesso da comunicação: “parece haver então uma interação dinâmica entre o sentido metafórico e implicações pragmáticas nas interpretações das pessoas da linguagem metafórica. Quanto de qualquer metáfora é entendido dependerá do que é otimamente relevante no contexto.”⁹⁸.

⁹⁵ **Do original:** “can we ever really know what a metaphor means or accurately describe how people typically interpret metaphoric language?” (GIBBS, 2010, no prelo)

⁹⁶ **Do original:** “for its generative powers to communicate seemingly endless range of meanings, feelings, and impressions about the topic” (GIBBS, 2010, no prelo).

⁹⁷ **Do original:** “speakers design their utterances to maximize the number of cognitive effects listeners infer while minimizing the amount of cognitive effort to do so” (GIBBS, 2010, no prelo).

⁹⁸ **Do original:** “[T]here appears, then, to be a dynamic interaction between metaphoric meaning and pragmatic implications in people’s interpretations of metaphoric language. How much of any metaphor is understood will depend on what is optimally relevant in context” (GIBBS, 2010, no prelo).

Dessa forma, o entendimento da metáfora, segundo o autor, não é simplesmente uma maneira de se chegar a um significado metafórico em particular, mas entender pragmaticamente as intenções utilizadas pelo falante no processo metafórico. Além disso, afirma Gibbs (2010, no prelo), os efeitos cognitivos de uma interpretação metafórica variam em diferentes leitores e ouvintes, pois eles produzem diferentes leituras em diferentes situações. Variam também os níveis de interpretação, pois tal processamento não é um ato singular ou uma atividade monolítica, mas um processo analítico que depende dos objetivos pessoais ou das tarefas pré-determinadas de um investigador. Para isso, o autor estabelece fatores que moldam a interpretação metafórica, relacionados da seguinte forma: (1) os participantes, (2) o entendimento do objetivo, (3) métodos para acessar o entendimento e (4) material linguístico.

Com relação ao quesito “participantes”, por exemplo, Gibbs (2010, no prelo) elenca diferentes critérios que podem afetar linguagem metafórica tanto no uso quanto na interpretação dela, tais como: sexo, ocupação, QI, *status* social, cultura, origem geográfica, religião, crenças políticas, etnia, personalidade, experiências do passado e do presente, diferenças biológicas (por exemplo, alterações cerebrais, doenças), etc. Para o autor, mulheres produzem mais metáforas do que homens, quando falam de seus sentimentos, assim como certas ocupações profissionais, como padres e professores, utilizam mais recursos metafóricos em seu discurso profissional.

Dentre esses fatores, Gibbs (2010, no prelo) chama atenção para a influência do QI entre os indivíduos. Por meio de um experimento, questionando os informantes sobre o que significa a expressão metafórica “Meu emprego é uma prisão”, observou-se que participantes com maior QI mostraram maior interferência e rapidez para interpretar a metáfora do que indivíduos com baixo QI. Embora participantes com baixo QI tenham habilidade para interpretar a metáfora, esses indivíduos requerem maior tempo, precisam de esforço cognitivo adicional e produzem interpretações qualitativamente mais pobres na interpretação metafórica.

Por isso, tanto na elaboração da metáfora, quanto na análise da mesma, há uma variação interpretativa que decorre, principalmente, em função do acesso à memória de longo-prazo, feita de indivíduo para indivíduo, como esclarece o autor: “a informação na memória de longo prazo varia de acordo com quais suposições estão ligadas à qual informação (e.g.,

conceitos, crenças, conhecimento do autor), e o quão prontamente acessível elas estão a qualquer momento no tempo”⁹⁹.

Em função disso, Gibbs (2010, no prelo) chama atenção para a impossibilidade empírica de se avaliar com exatidão o que as pessoas interpretam quando leem ou escutam uma metáfora, pois cada método está habilitado, de diferentes maneiras, a tocar em diferentes aspectos do processamento consciente e inconsciente que podem ocorrer quando as pessoas estão em contato com uma metáfora em um discurso contextualizado. Gibbs (2010, no prelo), no entanto, adiciona que, para se fazer uma investigação dos processos metafóricos, é necessário que os pesquisadores sejam pontuais em suas análises e cuidadosos com as generalizações de que fazem uso no processo analítico. Não há, portanto, um ponto de vista neutro na análise, uma vez que “o processo de entender uma metáfora pode nos levar a engajar-nos em variados processos sobrepostos, enquanto determinamos seus possíveis efeitos cognitivos”¹⁰⁰ (GIBBS, 2010, no prelo). Por isso, o autor afirma que a interpretação metafórica “não é uma atividade monolítica singular, mas difere dependendo dos objetivos das pessoas ou da tarefa com que ele ou ela se ocupa”¹⁰¹ (GIBBS, 2010, no prelo). A interpretação metafórica não é, portanto, um processo completamente separado, mas sobreposto em caminhos complexos, dependendo dos objetivos de comunicação que as pessoas enfrentam em face a uma linguagem metafórica, tais como: rápida compreensão na conversação ou na leitura, reconhecimento explícito de uma metáfora, interpretação reflexiva na leitura, resolução de problemas ou tomada de decisão, argumentação ou persuasão, memória, apreciação ou explicitação de julgamentos estéticos.

1.2.1.1 A Metáfora da Vida Interior

Além das características dos modelos metafóricos já apresentados, uma das metáforas importantes para entender a categorização de VIOLÊNCIA é a METÁFORA DA VIDA INTERIOR. Essa metáfora é imprescindível neste trabalho uma vez que VIOLÊNCIA, em

⁹⁹ **Do original:** “information in long-term memory varies with regard to what assumptions are attached to what information (e.g., concepts, beliefs, knowledge of the author), and how readily accessible they are at any moment in time” (GIBBS, 2010, no prelo).

¹⁰⁰ **Do original:** “the very process of understanding a metaphor may lead us to engage in several overlapping processes as we determine its possible cognitive effects” (GIBBS, 2010, no prelo).

¹⁰¹ **Do original:** “[metaphorical interpretation] is not a singular, monolithic activity but differs depending on a person’s goals or the task he or she has undertaken” (GIBBS, 2010, no prelo).

suas diversas formas (tais como tipos de violência, atos de violência, tipo de vítima, tipo de agente, tipo de dano, etc), afeta muitas das inferências analíticas (presentes no capítulo 3) a partir dos envolvidos, ou seja, dos sujeitos presentes em determinados atos de violência. Os elementos envolvidos nos atos de violência, em sua maioria, são pessoas, cujos planos (FÍSICO, MENTAL e ESPIRITUAL) tornam-se relevantes à análise, conforme esclarece Feltes (2007), no esquema básico da metáfora (ver p. 47). Por isso, há a necessidade de se estabelecer o que Feltes (2007, p. 268) chama de MODELO PSÍQUICO, ou seja, um PLANO MENTAL para constituir o conceito PESSOA, a que Lakoff e Johnson (1999) chamam de VIDA INTERIOR. Como explica Kövecses (2005, p. 54), ao examinar o discurso sobre como os falantes de língua inglesa se manifestavam sobre *self*¹⁰², Lakoff e Johnson chegaram à conclusão de que há um sistema de conceitualização que forma a base dessa expressão. É no Sujeito, afirma Kövecses (2005, p. 54), que residem a razão, o desejo e o julgamento da pessoa. Por outro lado, no *self* encontram-se aspectos da pessoa que correspondem ao corpo, às emoções, às ações, etc. O *self*, ou *selves*, é/são entendido(s) como uma outra pessoa, um objeto ou um lugar.

Lakoff e Johnson (1999, p. 267) sustentam que não há “qualquer forma única, monolítica e consistente de conceptualizar nossa vida interior”¹⁰³ que cubra os cinco tipos de experiências a ela relacionados, ou seja, os principais cinco sentidos humanos. Os autores entendem-nas como consequências de se viver num mundo social com o aparato cerebral e corporal de que dispomos.

Essas experiências, conforme Lakoff e Johnson (1999, p. 267), seriam: (1) aquelas em que tentamos controlar nossos corpos quando eles “saem do controle”¹⁰⁴; (2) aquelas em que nossos valores conscientes entram em conflito com valores implícitos em nosso comportamento¹⁰⁵; aquelas em que há diferenças entre o que sabemos ou acreditamos sobre

¹⁰² Feltes (2007, p. 269) esclarece que Lakoff e Johnson “distinguem várias formas de conceptualizar *Subject* (aqui, Sujeito) e *Self* (aqui mantemos Self). Todas essas distinções são metafóricas e, entre elas, não há consistência. Entretanto, eles defendem que essas distinções não são arbitrárias e parecem expressar experiências universais de uma ‘vida interior’. As metáforas conceptualizam o Sujeito em termos de ‘pessoa’, com uma existência independente do *self*; este, por sua vez, pode, metaforicamente, ser uma pessoa, um objeto ou lugar. O sujeito tem sido entendido, inconscientemente, em termos de senso comum, como o locus da razão com existência independente do corpo.”

¹⁰³ **Do original:** “any single, monolithic, consistent way of conceptualizing our inner life” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 267).

¹⁰⁴ **Do original:** “there are the ways in which we try to control our bodies and in which they “get out of control” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 267).

¹⁰⁵ **Do original:** “there are cases in which our conscious values conflict with the values implicit in our behavior” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 267).

nós mesmos e o que as outras pessoas sabem ou acreditam sobre nós¹⁰⁶; aquelas em que tomamos um ponto de vista externo como ao imitar outros ou tentar ver o mundo da mesma forma que eles¹⁰⁷; e aquelas em que nos engajamos em formas de diálogo e monitoramento interior¹⁰⁸.

Conforme apresenta Kövecses (2005, p. 54), Lakoff e Johnson identificaram cinco diferentes relações entre Sujeito e *self* e, conseqüentemente, cinco metáforas distintas: (1) a metáfora do *self* como objeto físico; (2) a metáfora do *self* como lugar; (3) a metáfora do *self* como ser social; (4) a metáfora dos múltiplos *selves* e (5) a metáfora do *self* essencial.

Expõe-se abaixo, a metáfora geral do Sujeito-*self*, conforme Lakoff e Johnson (1999, p 267-289)¹⁰⁹:

METÁFORA GERAL DO SUJEITO-SELF: A pessoa está dividida em um Sujeito e um ou mais de um *Self*.

Metaforicamente **Sujeito** (domínio-alvo) é sempre conceptualizado como **Pessoa** (domínio-fonte) em que o **Sujeito** representa a consciência que tem as experiências, o *locus* da razão, vontade e julgamento; e o **Sujeito'**, que é o *locus* da Essência da pessoa, em que Essência está pelas coisas duradouras que nos fazem ser o que somos. Além disso, caracteriza-se o *Self* como parte da pessoa que não é escolhida pelo Sujeito, ou seja, o corpo, os papéis sociais, estados passados e ações no mundo.

O esquema básico da METÁFORA *SELF*-SUJEITO, apresenta-se na tabela abaixo:

<i>Pessoas e Entidades</i>		<i>A Pessoa como um Todo</i>
A Pessoa	–	O Sujeito
A Pessoa ou Coisa	–	Um <i>Self</i>
A Relação	–	A Relação Sujeito- <i>Self</i>

Quadro1: Esquema básico da metáfora *SELF*-SUJEITO
Fonte: Feltes (2007, p. 270)

Feltes (2007), ao propor análises dedutivas de caráter ensaístico sobre conceitos abstratos, como FELICIDADE, VIDA e MORTE, AMOR, LIBERDADE e VIOLÊNCIA, observou que há uma teoria popular sobre a PESSOA, que a divide em três níveis: FÍSICO, MENTAL e ESPIRITUAL. Embora esses níveis não sejam explicitamente apresentados pela filosofia ou considerados, teoricamente, pelas ciências cognitivas, essa perspectiva subjaz o

¹⁰⁶ **Do original:** “there are disparities between what we know or believe about ourselves and what other people know or believe about us” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 267).

¹⁰⁷ **Do original:** “there are experiences of taking an external viewpoint, as when we imitate others or try to see the world as they do” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 267).

¹⁰⁸ **Do original:** “there are the forms of inner dialog and inner monitoring we engage in” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 267).

¹⁰⁹ Utilizamos a síntese (traduzida) proposta por Feltes (2007, p. 270-271).

conceito de PESSOA dos entrevistados e, por isso, deve ser levada em conta, pois há popularmente “uma base cultural, através de modelos que denominamos FISIOLÓGICO, MENTAL e ESPIRITUAL.” (FELTES, 2007, p. 246).

Ao revisar o conceito LIBERDADE, por exemplo, Feltes (2007) observou que as teorias populares situam a liberdade em três níveis, conforme a figura abaixo:

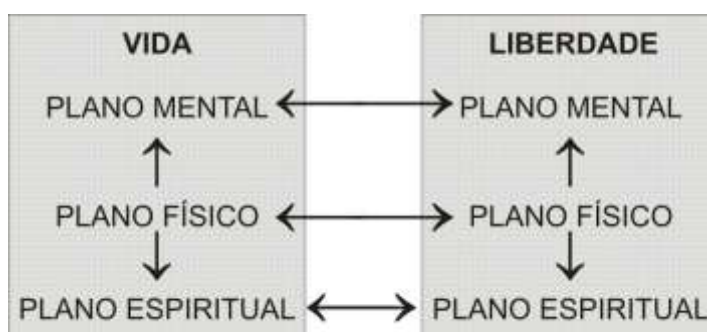


Figura 1: Simetria estrutural entre VIDA e LIBERDADE
Fonte: Feltes (2007, p. 255)

Os níveis MENTAL, FÍSICO e ESPIRITUAL, portanto, influenciam diretamente os modelos cognitivos idealizados, pois os limites de conceptualização podem diferenciar-se de indivíduo para indivíduo, na medida em que cada sujeito experiencia o mundo e interioriza modelos culturais de maneiras diferentes. Por isso, conforme Feltes (2007, p. 246), os estudos empíricos para análise de conceitos prototípicos deveriam considerar que os conceitos variam tal como varia a influência de fatores ligados à natureza sociocultural de determinada amostra:

[O]corre que cada indivíduo, grupo, comunidade ou cultura obedece a “princípios” de funcionamento. Como espécie, nosso organismo encontra-se limitado por uma série de fatores de ordem biológico-genética; como seres que vivem em sociedade, estamos, necessariamente, restringidos por um conjunto de convenções e normas, formais ou tácitas, que estabelecem modos de comportamento e de expressão individual; como seres que desenvolvem uma cultura, somos guiados por nossas crenças. Valores e conhecimentos impõem uma ordem de atuação sobre o mundo. Nossas experiências psíquicas encontram-se profundamente ligadas a hábitos que advêm desse contexto geral, biológico, social e cultural. (FELTES, 2007, p. 256)

Com relação à categoria VIOLÊNCIA, essa visão também motiva mudanças de caráter estrutural da análise, pois os atos de violência envolvem, geralmente, o exercício de força direcionado contra o corpo (nível FÍSICO), “*Ele feriu a menina.*”; contra um aspecto cultural e emocional (nível MENTAL), “*Os políticos ferem meus direitos.*”; ou contra aspectos de viés religioso (nível ESPIRITUAL), “*Essa teoria feriu minhas crenças.*”, conforme esclarece Feltes (2007, p. 261):

[I]sso ocorre porque, neste estudo, o conceito PESSOA é estruturado por um esquema de imagens do tipo TODO-PARTE, ou seja, uma pessoa define-se por uma

dimensão física (corporal-orgânica), uma dimensão psíquica (valores éticos, crenças, personalidade, temperamento, etc.) e, segundo alguns princípios religiosos, uma dimensão espiritual (uma alma imortal). Ocorre que, por um mapeamento metonímico, PESSOA é tomado apenas em sua dimensão FÍSICA, como CORPO FÍSICO.

1.2.1.2 *Metáfora do SISTEMA MORAL*

Assim como a METÁFORA DA VIDA INTERIOR é necessária para a análise de categorização de VIOLÊNCIA, outro modelo metafórico facilita a análise aqui porposta: a metáfora do SISTEMA MORAL. Essa metáfora permite que se possa compreender de forma mais eficaz que elementos estão subjacentes a situações ligadas à violência, como imputação de culpa, desejo de justiça, imputação de penalidades, empatia, etc., intimamente ligados ao sistema moral-cultural em que os indivíduos estão inseridos. Essas questões são tratadas por esse modelo metafórico em Lakoff e Johnson (1999). Os autores afirmam que um dos maiores achados da Semântica Cognitiva é o de que nosso inconsciente cognitivo é repleto de mapeamentos metafóricos para conceptualizar, raciocinar e comunicar ideias morais:

virtualmente todos nossos conceitos morais abstratos – justiça, direitos, empatia, proteção, força, retidão e assim por diante – são definidos por metáforas. Isso é porque não há qualquer sistema ético que não seja metafórico. Entendemos nossa experiência através dessas metáforas conceptuais, raciocinamos de acordo com sua lógica metafórica e fazemos julgamentos baseados nessas metáforas. Isso é que queremos dizer quando dizemos que a moralidade é metafórica. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 325)¹¹⁰

Nessa abordagem, os domínios-fonte das metáforas para moralidade têm origem no entendimento das pessoas, de acordo com a história e através das culturas, sobre o que contribui para seu “**bem-estar**”. Assim sendo, há uma ampla variedade de moralidades, que estabelece a forma geral e a substância da moralidade humana. O uso de uma ou outra metáfora depende da estrutura “imposta pelos sistemas morais baseados na família, assim como nossos propósitos, interesses e contexto particular em que nos encontramos”. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 330). O cuidado ou a proteção é uma condição necessária para o desenvolvimento humano, gerando uma ética da empatia e do cuidado. Nesse sentido, a FORÇA nos faz alcançar objetivos e vencer obstáculos. Em especial, a FORÇA MORAL ou a força de vontade fornecem condições para confrontar e combater o mal, ou seja, dão força

¹¹⁰ **Do original:** “virtually all of our abstract moral concepts – justice, rights, empathy, nurturance, strength, uprightness, and so forth – are defined by metaphors. That is why there is no ethical system that is not metaphorical. We understand our experience via these conceptual metaphors, we reason according to their metaphorical logic, and we make judgments on the basis of the metaphors. This is what we mean when we say that morality is metaphoric” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 325).

para manter uma postura moral equilibrada, com o acarretamento metafórico: SER BOM É ESTAR EQUILIBRADO. Além disso, propiciam poder para superar as forças do mal, que podem fazer a pessoa cair ou perder o controle. A metáfora da FORÇA MORAL estrutura-se da seguinte forma:¹¹¹

SER MORAL É TER RETIDÃO

SER IMORAL É SER INFERIOR

O MAL É UMA FORÇA (INTERNA ou EXTERNA)

MORALIDADE É FORÇA

Nesse sentido, a pessoa moralmente fraca realiza atos imorais, cedendo ao mal ou às forças do mal. Havendo força moral, a **coragem** é a força que supera o medo; e a **força de vontade** é aquela que resiste, por exemplo, às tentações do desejo, luxúria, orgulho, raiva, aos vícios, etc. Os componentes da METÁFORA DA FORÇA MORAL são:

SER RETO	→	SER BOM
SER BAIXO	→	SER MAU
FALHAR	→	FAZER O MAL
UMA FORÇA DESESTABILIZADORA	→	MAL (INTERNO OU EXTERNO)
FORÇA PARA RESISTIR	→	VIRTUDE MORAL

Como acarretamentos, seguem-se: (a) para permanecer bom em face do mal deve-se ser moralmente forte; (b) a pessoa torna-se moralmente forte através da autodisciplina e autonegação; (c) alguém que é moralmente fraco não enfrenta o mal e pode cometer maldades; (d) a fraqueza moral é uma forma de imoralidade; e (e) a falta de autocontrole e de autoindulgência são formas de imoralidade.

Ligada à FORÇA MORAL está a ESSÊNCIA MORAL. Nessa metáfora, as pessoas nascem com virtudes, entendidas como propriedades morais, ou vícios, concebidos como propriedades imorais. Pela ESSÊNCIA MORAL, pelas ações de uma pessoa, ter-se-ia conhecimento de seu caráter; pelo conhecimento do caráter da pessoa, pode-se saber como essa pessoa agirá; e, ainda, o caráter básico da pessoa é formado ao longo do seu processo de desenvolvimento.

Os autores apresentam o SISTEMA DA METÁFORA MORAL, constituído da METÁFORA DA CONTABILIDADE MORAL. Esta tem como domínio-fonte TRANSAÇÃO FINANCEIRA: é moral pagar as dívidas; é imoral não as pagar. Aqui se citam alguns dos esquemas morais básicos da CONTABILIDADE MORAL, tais como:

¹¹¹ Segue-se a tradução de Feltes (2007, p. 336).

- (1) **Reciprocidade:** Ação moral é dar algo de valor positivo, e ação imoral é dar algo de valor negativo. Ao mesmo tempo há um imperativo moral em pagar débitos morais, e não fazê-lo é imoral.
- (2) **Retribuição e vingança:** Funda-se na metáfora da ARITMÉTICA MORAL: **X** ao causar algum dano a **Y**, coloca, **Y**, potencialmente, em um dilema. Por um lado, se **Y** realiza algo igualmente danoso a **X**, então **Y** age imoralmente por causar um dano; ou **Y** age moralmente por pagar seu débito moral. Por outro lado, se **Y** não faz nada para punir **X**, então: (a) **Y** age moralmente por evitar um dano; ou **Y** age imoralmente porque não deixou **X** pagar pelo dano que causou. Observa-se que diferentes culturas podem ter diferentes princípios para o dilema.

A diferença entre retribuição e vingança é, metaforicamente, a seguinte: na **retribuição**, a contabilidade é realizada por uma autoridade legitimada (Exemplo: O juiz condena o assassino de seu amigo à morte); na **revanche**, a contabilidade é feita sem autoridade legitimada (Exemplo: Você mata o assassino de seu irmão).¹¹²

Nesse esquema moral básico, HONRA é uma forma de capital social adquirido ao se pagar os débitos morais num sistema de retribuição. Em algumas sociedades, a moralidade da honra baseia-se num código em que a pessoa injuriada tem o dever de se defender, o dever de causar dano equivalente à pessoa que a injuriou.

- (3) **Restituição:** Neste caso, **X**, ao causar algum dano a **Y**, dá-lhe algo de valor negativo e toma-lhe algo de positivo; **X** deve pagar **Y** com algo de equivalente valor positivo. A restituição pode ser total ou parcial.
- (4) **Altruísmo:** No esquema do altruísmo, diferentemente da situação em que, pela ARITMÉTICA MORAL, **X** faria algo de bom para **Y**, ficando **Y** com um débito com relação a **X**, o que ocorre é o cancelamento do débito, não havendo pagamento, ao mesmo tempo em que **X** eleva seu crédito moral.
- (5) **Dar a outra face:** Dar a outra face envolve a rejeição de retribuição e vingança. Se **Y** causa um dano a **X**, e **X** “dá a outra face”, **X** faz com que **Y** sinta-se ainda mais culpado e endividado com relação a ele/ela.
- (6) **Equidade:** Pela metáfora da CONTABILIDADE MORAL, a justiça é acerto de contas, resultando num equilíbrio nos livros (contábeis morais).

No SISTEMA DA METÁFORA MORAL também se encontra a metáfora da **ORDEM MORAL**, baseada na TEORIA POPULAR DA ORDEM NATURAL. Assim, A

¹¹² Utilizamos aqui os exemplos como traduzidos por Feltes (2007).

ORDEM MORAL É UMA ORDEM NATURAL, em que o mais forte e melhor dotado tende a dominar o fraco. Nessa hierarquia moral:

DEUS TEM AUTORIDADE MORAL SOBRE AS PESSOAS

PESSOAS TÊM AUTORIDADE MORAL SOBRE A NATUREZA

ADULTOS TÊM AUTORIDADE MORAL SOBRE AS CRIANÇAS

HOMENS TÊM AUTORIDADE MORAL SOBRE AS MULHERES

Outra metáfora presente é a da PUREZA MORAL. Da relação entre “puro” e “limpo”, mapeia-se a metáfora PUREZA É LIMPEZA e desta surge a metáfora derivada MORALIDADE É LIMPEZA. De modo inverso, IMPUREZA É IMORALIDADE. Assim como certas substâncias podem purgar impurezas, pessoas e sociedades podem purgar imoralidades pela “reabilitação” moral. Porém, essa concepção está atrelada a certos preceitos, tais como, conforme Lakoff e Johnson (1999), aqueles afetos à doutrina do pecado original, pela qual a essência moral humana é inerentemente corrompida e impura: as pessoas agirão imoralmente quando deixadas à sua própria vontade.

Além disso, a imoralidade é entendida como uma doença que infecta pessoas e sociedades: IMORALIDADE É DOENÇA. Inversamente, tem-se a metáfora MORALIDADE É SAÚDE, por meio da qual se fala em medidas de HIGIENE MORAL, ou seja, pessoas imorais devem ser isoladas para não influenciarem outras pessoas.

Outra metáfora associada é a da EMPATIA MORAL, pela qual fazemos dos valores de outras pessoas nossos próprios valores. A essa metáfora liga-se a do CUIDADO MORAL. Os autores citam o exemplo das crianças, que têm o direito à proteção e cuidados, enquanto os pais têm o dever de prover essa proteção e esses cuidados. Nessa metáfora, a moralidade baseada na família é projetada para a sociedade pelo seguinte mapeamento:

CUIDADO DA FAMÍLIA		CUIDADO MORAL
FAMÍLIA	→	COMUNIDADE
PAIS PROTETORES	→	AGENTES MORAIS
CRIANÇAS	→	PESSOAS PRECISAM DE AJUDA
ATOS PROTETORES	→	AÇÕES MORAIS

Para os autores, os “modelos de família ordenam nossas metáforas para moralidade em perspectivas éticas relativamente coerentes, pelas quais vivemos nossas vidas”. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 313).¹¹³ Eles oferecem dois modelos idealizados de família, com diferentes orientações morais: A MORALIDADE DA FAMÍLIA DO PAI SEVERO e A

¹¹³ **Do original:** “[...] it is models of the family that order our metaphors for morality into relatively coherent ethical perspectives by which we live our lives.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 313)

MORALIDADE DOS PAIS PROTETORES. O primeiro modelo é o de família nuclear tradicional: o pai é o provedor e o protetor da família; tem autoridade moral para estabelecer as regras morais que governam a família, as quais devem ser obedecidas. Essas regras morais são, em geral, impingidas através de **punições** e **gratificações**. A mãe assume o papel de cuidar dos filhos e da casa, aceitando naturalmente a autoridade do esposo. O segundo modelo baseia-se no apoio e na proteção, sendo a obediência e o respeito aprendidos através do amor e não através do medo e da punição. A moralidade humana, segundo os autores, estaria baseada em um desses modelos, o que requer outra metáfora: a da FAMÍLIA DO HOMEM, estruturada da seguinte forma:

FAMÍLIA	→	HUMANIDADE
CADA CRIANÇA	→	CADA SER HUMANO
OUTRAS CRIANÇAS	→	TODOS OS OUTROS SERES HUMANOS
RELAÇÕES MORAIS DA FAMÍLIA	→	RELAÇÕES MORAIS UNIVERSAIS
AUTORIDADE MORAL DA FAMÍLIA	→	AUTORIDADE MORAL UNIVERSAL
MORALIDADE DA FAMÍLIA	→	MORALIDADE UNIVERSAL
PROTEÇÃO DA FAMÍLIA	→	PROTEÇÃO MORAL UNIVERSAL

1.2.2 Modelos Metonímicos

Dentro da TMCI, além da metáfora, também são abordados nesta dissertação os modelos metonímicos presentes na categoria VIOLÊNCIA.

Lakoff (1987, p. 77) define a metonímia como um meio extremamente comum para as pessoas comunicarem o aspecto de algo, de modo bem entendido (“well-understood”) para um nível fácil de perceber (“easy-to-perceive”). A metonímia é utilizada para expressar as coisas como um todo, assim como para destacar algum outro aspecto como parte do mesmo. Por exemplo, nas frases *A Casa Branca não está dizendo nada* ou *A Rocinha está em pânico* o lugar *está pela* instituição/a comunidade.

Lakoff e Johnson (1980) veem a metonímia como um referencial predominante dentro de um domínio cognitivo e, por isso, muito consoante com a ideia tradicional de metonímia, pois nós utilizamos frequentemente no discurso uma entidade para referimos a outras que são relacionadas entre si: “A metonímia [...] tem primariamente uma função referencial, isto é, ela

nos permite usar uma entidade que *está* por uma outra”¹¹⁴ (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 36).

Os processos metonímicos são considerados, de modo geral, como uma continuidade entre o significado linguístico e a comunicação, além de ser “uma das mais ricas fontes de efeitos prototípicos” (FELTES, 2007, p. 146).

Feltes (2007, p. 164) revisa essa questão afirmando, conforme Lakoff (1980) e Barcelona (2003), que, para distinção entre metáforas e metonímias, é necessário entender quais são as **formas da metonímia**¹¹⁵. Lakoff (1980) apresenta as seguintes formas metonímicas:

A PARTE PELO TODO: *Troquei meu **1.0** por um **1.8**.*

PRODUTOR PELO PRODUTO: *Você já leu **Kant**?*

OBJETO USADO PELO USUÁRIO: *A **guitarra** fez falta no show.*

CONTROLADOR PELO CONTROLADO: ***Napoleão** perdeu Waterloo.*

INSTITUIÇÃO PELAS PESSOAS RESPONSÁVEIS: *A **universidade** não tolera esse comportamento.*

O LUGAR PELA INSTITUIÇÃO: ***Piratini** é motivo de escândalo.*

O LUGAR PELO EVENTO: ***Brasília** está em recesso.*

Barcelona (2003) expande as formas metonímicas, em que algumas são:

FACE PELA PESSOA: *Ela é apenas um **rosto** bonito.*

PARTE DO CORPO PELA PESSOA: *Essa empresa tem bons **braços**.*

EFEITO PELA CAUSA: *Você está a **passos lentos** hoje.*

As metonímias funcionam ativamente em nossa cultura, conforme mostram Lakoff e Johnson (1980, p. 37), pois são ocorrências contextualizadas no discurso cotidiano. Por isso, os modelos metonímicos são sistemáticos e não arbitrários, o que deve ser levado em conta para quaisquer análises linguístico-cognitivas.

Além disso, há duas propriedades, revisadas em Feltes (2007, p. 146), que definem os modelos cognitivos metonímicos na perspectiva atual da TMCI:

- (a) são representados estruturalmente pelo esquema CONTAINER, e o mapeamento é representado pelo esquema ORIGEM-PERCURSO-META;

¹¹⁴ **Do original:** “Metonymy [...] has primarily a referential function, that is, it allows us to use one entity to stand for another” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 36).

¹¹⁵ Os exemplos apresentados em itálico ao lado de cada forma de metonímia foram adaptados pela autora desta dissertação.

(b) consistem em tomar um aspecto bem-entendido ou fácil de perceber de alguma coisa e usá-lo para estar pela coisa como um todo, por algum outro aspecto ou parte dela, o que, processualmente, significa que:

- há um conceito **A** a ser compreendido para algum propósito, em algum contexto;
- há uma estrutura conceitual contendo tanto **A** como um outro conceito **B**;
- **B** ou é parte de **A** ou está intimamente associado a ele nessa estrutura conceitual, e a escolha de **B** tipicamente determinará **A** nessa estrutura conceitual;
- comparado com **A**, **B** é ou mais fácil de compreender ou mais fácil de lembrar ou mais fácil de reconhecer ou mais imediatamente utilizável para a situação;
- e, sendo assim, um modelo metonímico é um modelo de como **A** e **B** estão relacionados na estrutura conceitual, sendo a relação especificada por uma função de **A** para **B**.

Panther e Thornburg (2007) fazem uma ampla retomada do fenômeno da metonímia como um fenômeno cognitivo. Assim como a metáfora, a metonímia não é apenas uma figura de linguagem, mas um modelo cognitivo que organiza o modo como fazemos sentido da experiência, tendo, assim, um papel na organização de sentido, produção e interpretação de significado (relação pragmática), e até mesmo estruturação gramatical: “a metonímia é um meio pelo qual conceitos com relativamente pouco conteúdo podem ser conceitualmente elaborados e enriquecidos”¹¹⁶ (PANTHER; THORNBURG, 2007, p. 243).

Radden e Kövecses (apud PANTHER; THORNBURG, 2007, p. 239) apresentam a metonímia como “processos cognitivos nos quais uma entidade conceitual, o veículo, fornece acesso mental a outra entidade conceptual, o alvo, dentro do mesmo modelo cognitivo”¹¹⁷. Desse modo, são definidas basicamente três relações metonímicas baseadas em “terrenos” ontológicos (PANTHER; THORNBURG, 2007, p. 239):

- (a) a relação sgnica entre forma e conceito: *a relação entre a palavra “casa” e o conceito CASA* ;
- (b) três relações referenciais: forma-coisa/evento; conceito-coisa/evento; conceito/forma e coisa/evento: *a relação entre a palavra “casa” ou o conceito CASA e a referência atual, a casa concreta/estrutura física e a casa como um lar;*

¹¹⁶ **Do original:** “metonymy is a means by which concepts with relatively little content may be conceptually elaborated and enriched” (PANTHER; THORNBURG, 2007, p. 243).

¹¹⁷ **Do original:** “Cognitive process in which one conceptual entity, the vehicle, provides mental access to another conceptual entity, the target, within the same cognitive model”. (RADDEN; KÖVECSES apud PANTHER; THORNBURG, 2007, p. 239).

- (c) a relação entre um signo (conceito-forma) e outro signo (conceito-forma), que Radden e Kövecses chamam de conceito metonímico (“concept metonymy”): *ÔNIBUS-“ônibus” no lugar de MOTORISTA-“motorista”*.

Para Panther e Thornburg (2007, p. 242), um conceito de metonímia ideal deve abarcar os seguintes componentes:

- (a) Metonímia conceitual é um processo cognitivo no qual um conteúdo-fonte fornece acesso a um conteúdo-alvo dentro de um domínio cognitivo;
- (b) A relação entre conteúdo-fonte e conteúdo-alvo é contingente;
- (c) O conteúdo-alvo é colocado em primeiro plano, e o conteúdo-fonte é colocado em segundo plano.
- (d) A força da ligação metonímica entre conteúdo-fonte e conteúdo-alvo pode variar dependendo, entre outras coisas, da distância conceptual entre fonte e alvo e a saliência da fonte metonímica¹¹⁸.

Feltes (2007, p. 146) mostra que a metonímia é uma grande **fonte de efeitos prototípicos**, pois

está estruturada a partir do princípio de que um membro de uma categoria, subcategoria ou um submodelo é tomado como representativo da categoria ou do modelo como um todo para uma ampla variedade de propósitos: raciocínio em geral, dedutivo ou indutivo; reconhecimento de objetos; para fazer inferências, julgamentos, planos, etc.

Surgem, a partir dessa ideia, algumas fontes metonímicas (modelos metonímicos) de efeitos prototípicos para as categorias, apesar de muitos modelos metonímicos serem, na verdade, modelos de indivíduos, e não modelos de categorias (LAKOFF, 1987, p. 85). Dos modelos cognitivos relacionados às categorias metonímicas, apresentam-se alguns deles:

- a) Estereótipos Sociais

Lakoff (1987, p. 85) mostra que os estereótipos sociais são elaborados de forma consciente e são, frequentemente, objeto de discussão pública, pois definem expectativas culturais. Além disso, eles são normalmente reconhecidos por não serem exatos e o seu uso pode ser posto em prova.

¹¹⁸ **Do original:** “[...] an adequate definition of conceptual metonymy should contain at least the following components:

- a. Conceptual metonymy is a cognitive process where a source content provides access to a target content within one cognitive domain.
- b. The relation between source content and target content is contingent (conceptually nonnecessary), i.e., in principle defensible.
- c. The target content is foregrounded, and the source content is backgrounded.
- d. The strength of the metonymic link between source and target content may vary depending, among other things, on the conceptual distance between source and target and the salience of the metonymic source.”

Exemplo: *O homem solteiro é macho, encontra-se com diferentes mulheres, é um conquistador sexual, frequenta bares sozinho, etc.*

b) Exemplos Típicos

Utilizados com frequência como base de raciocínio em inferências, os *exemplos típicos* não são objetos de discussão pública (contrariamente aos *estereótipos sociais*), pois são utilizados de forma automática e inconsciente, mostrando um pensamento típico e comum, por isso, caracterizam-se como estáveis. “No processo de raciocínio, ao serem tomados pela categoria como um todo, visando à rapidez de processamento, de reconhecimento e de cálculos, revelam o caráter metonímico da operação” (FELTES, 2007, p. 150).

Exemplo: *Serras e martelos são ferramentas típicas.*

c) Ideais

Não sendo necessariamente nem típicas nem estereotípicas, muitas categorias que transcrevem o conhecimento cultural das pessoas se encaixam como o modelo metonímico dos ideais. São categorias que expressam julgamentos de qualidade e planos para o futuro.

Exemplo: *MARIDO IDEAL: é um bom provedor, fiel, forte, respeitado, atraente.*

d) Padrões

As categorias também podem ser constituídas a partir de indivíduos que representam um ideal ou o oposto disso. “Os padrões são utilizados, segundo Lakoff, como modelos de conduta, desempenho, a partir dos quais dirigimos nossas ações” (FELTES, 2007, p. 151). Expressões como “os dez melhores” ou “os dez piores” são exemplos de padronizações. A sociedade está continuamente interessada na história de vida das pessoas e tomam suas ações como ações-base.

Exemplo: *Ela é a nova Gisele Bündchen das passarelas.*

e) Geradores

Lakoff afirma que existem alguns casos em que os membros de uma categoria são definidos, ou melhor, são gerados por membros centrais mais algumas regras gerais. Os outros membros de tal categoria são gerados a partir desses membros centrais, esses caracterizam, portanto, uma subcategoria. O melhor exemplo desse modelo metonímico são os números naturais. “Nesse caso, os números de um dígito, de 0 a 9, constituem os membros centrais da categoria NÚMEROS NATURAIS”, esclarece FELTES (2007, p. 151).

f) Submodelos

Nesse tipo de modelo metonímico, um submodelo é tomado como um ponto de referência cognitivo. São utilizados, sobretudo, para fazer aproximações e estimativas de

tamanho. Alguns submodelos como a organização decimal, as cores primárias, as emoções básicas são exemplos desse modelo.

g) Exemplos Salientes

É comum para as pessoas utilizarem exemplos da família, da memória individual ou que têm destaque social para compreender uma categoria. Por exemplo, se seu melhor amigo é vegetariano e você não conhece quaisquer outros, você tenderá a generalizar a classe de vegetarianos a partir de seu amigo (LAKOFF, 2007, 89).

É através, portanto, de atividades, acontecimentos, atitudes, desempenho, utilizados para compreender uma categoria, em que um exemplo significa metonimicamente toda uma categoria, que se formam os *exemplos salientes*.

1.3 A CATEGORIA VIOLÊNCIA

Na perspectiva da Semântica Cognitiva, explorando uma pesquisa empírica com análise introspectiva e qualitativa dos modelos cognitivos de discursos provenientes de linguagem em uso, potencialmente se pode ter a categoria VIOLÊNCIA como um objeto de estudo¹¹⁹. É importante salientar, como afirma FELTES (2007, p. 227) com relação aos conceitos, que não se trata aqui de saber o que é ou o que significa VIOLÊNCIA, mas sim estruturar uma análise semântico-cognitiva dessa categoria.

O estudo da categoria VIOLÊNCIA, assim como de outros conceitos abstratos, normalmente é mais complexa que o estudo de conceitos concretos, uma vez que variáveis como sexo, idade, cultura, etc., influenciam diretamente a conceptualização e a organização mental de determinados conhecimentos: “Muitos conceitos abstratos são parcialmente corporificados, porque eles se originam da experiência corporificada e continuam a permanecer enraizados em padrões sistemáticos da ação corpórea.”¹²⁰ (GIBBS, 2005, p. 12)

VIOLÊNCIA é usualmente conceituada metafórica e metonimicamente, de maneira geral, tendo como aspecto fundamental o exercício da força de A sobre B (com base teórica

¹¹⁹ Esta seção tem sua origem no estudo ensaístico proposto por Feltes (2007), no capítulo III da obra, que expõe análises de conceitos abstratos por meio da TMCI. Nesta parte da obra, a autora propõe análises de sentenças e fragmentos de discurso, utilizando enunciados do dia-a-dia, visando demonstrar o modo do funcionamento da TMCI por meio de explorações analíticas a partir de intuições plausíveis do analista.

¹²⁰ **Do original:** “Many abstract concepts are partly embodied, because they arise from embodied experience and continue to remain rooted in systematic patterns of bodily action.” (GIBBS, 2005, p. 12)

no esquema de imagem, em que FORÇA¹²¹ é pré-conceitual, através das imagens cinestésicas geradas). Dessa maneira, quando uma ação sobre um objeto acarreta danos materiais; quando uma ação sobre um indivíduo acarreta dano físico; ou quando há uma coação de algum indivíduo sobre outro; tais situações constituem-se como atos violentos. Feltes (2007, p. 259) apresenta hipóteses de estudo da categoria VIOLÊNCIA, que dizem respeito aos critérios que a definem, ou seja, há, possivelmente, uma análise modelística da categoria:

[...] se diferentes critérios concorrem para a definição dos conceitos que podem vir a constituir a categoria VIOLÊNCIA, sua estrutura em termos de modelos cognitivos é, no mínimo, adequada, já que suas propriedades como categoria têm um caráter contextual: dizer o que constitui um ato violento depende do que uma determinada cultura, subcultura, grupo social ou mesmo um único indivíduo entendem como tal. (FELTES, 2007, p. 259)

Dessa forma, a violência está sempre conectada às experiências corporais que o indivíduo tem em relação ao mundo e, por isso, provém dos sistemas morais e culturais que determinam essas experiências, assim como a formação de sentimentos de insegurança, como o medo, a angústia, a ansiedade ou até mesmo o estresse. A categoria VIOLÊNCIA, não obedecendo aos padrões clássicos da categorização aristotélica¹²² (em que são possíveis generalizações com relação à categorização estruturadas a partir da ideia de que membros de uma categoria compartilham critérios mínimos em comum), estrutura-se por **semelhanças de família**, em que os conceitos ligam-se uns aos outros por atributos comuns, mas não há um conjunto mínimo, necessário e suficiente de atributos, comum a todos os membros de uma categoria. Isso se deve, principalmente, pela influência de conceitos como JUSTIÇA e DIREITOS que, conforme o contexto biopsicossociocultural em que o indivíduo está inserido, promovem alteração em seus juízos de valor em função, principalmente, de seus papéis semânticos.

Em Feltes (2010, no prelo), a abordagem dos MCIs é incrementada com recursos de análise da Semântica de *Frame*, utilizando **descritores** do tipo **papéis semânticos**. A autora segue a proposta de Fillmore (1968), o qual “define *frames* como esquemas estruturados para a modelagem conceptual do mundo, que representavam situações, eventos e ações complexas, de modo que os papéis semânticos (temáticos) descreveriam, de uma forma genérica, os componentes conceptuais numa situação, independentemente de sua realização gramatical.” (apud

¹²¹ Observa-se: “FORÇA seria um esquema cinestésico de base corporal, mais especificamente compreendido como FORÇA FÍSICA. De fato, quando se fala, cotidianamente, de VIOLÊNCIA, um dos aspectos mais salientes da categoria é o emprego da força física, aquela que envolve o uso da energia mecânica dos músculos, tendões e articulações.” (FELTES, 2007, p. 260)

¹²² Para aprofundamento da questão da categorização clássica aristotélica, ver FELTES (2007, p. 106-116).

FELTES, 2010, no prelo).¹²³ A autora concorda com Allwood (1998), para quem há operações e relações epistêmicas que são apoiadas por mecanismos linguísticos, à medida que:

a linguagem fornece um conjunto de ferramentas e mecanismos para estruturar informação que é maximamente útil na ação e interação humanas. Uma das formas em que isso é alcançado parece ser por prover apoio linguístico regular para um número de operações conceituais (semântico-epistêmicas). Estas permitem à informação ser flexivelmente estruturada de uma forma regular e predizível, provavelmente em harmonia com certas predisposições inatas, atender às exigências do contexto tal como aquelas dadas pelas atividades e propósitos linguísticos e extralinguísticos frequentemente relevantes, o ambiente perceptual e a informação de *background* estocada do discurso. (1998, p. 16)¹²⁴

Feltes (2010, no prelo), em consonância com Fillmore (1968) e Allwood (1998), defende a utilização de categorias/relações semânticas(-epistêmicas) para apoiar análises conceituais. Para a autora:

Em termos de metalinguagem, o emprego dos termos “papéis temáticos”, “papéis semânticos” ou “relações temáticas” implica (i) justificar o modelo teórico em que passam a ser empregados; (ii) justificar o valor descritivo-explanatório que têm no modelo; e (iii) explicitar o modelo de “gramática” com que se opera. Essa questão é fundamental, pois o uso intercambiável desses termos pode ser altamente conflituoso em termos epistemológicos, ontológicos e mais estritamente teóricos. (FELTES, 2010, no prelo, s/p)

A proposta de Feltes (2010, no prelo) elucida parte das questões referidas na citação anterior e parte de quinze categorias/relações semânticas comumente utilizadas como **descritores**:

AGENTE: O agente realiza a ação deliberadamente.

EXPERIENCIADOR: É a entidade que recebe *input* sensorial ou emocional.

TEMA: É a entidade que sofre a ação, mas não muda seu estado.

PACIENTE: É a entidade que sofre a ação e que muda seu estado.

INSTRUMENTO: É o que se usa para realizar uma ação.

FORÇA OU CAUSA NATURAL: Um evento natural tem uma ação não intencional.

LOCALIZAÇÃO: É onde a ação ocorre.

DIREÇÃO OU OBJETIVO/ALVO: Diz respeito “para onde a ação é direcionada”.

¹²³ Conforme Feltes (2010, no prelo), Lakoff, a partir da obra *Women, Fire and Dangerous Things* (1987), os *frames* são incorporados à TMCi como modelos do tipo proposicional que compõem em outros tipos de modelos, tais como metafóricos, metonímicos e simbólicos.

¹²⁴ **Do original:** “that language provides a set of tools and mechanisms for structuring information which is maximally useful in human action and interaction. One of the ways in which this is achieved seems to be by providing regular linguistic support for a number of conceptual (semantic epistemic) operations. These allow information to be flexibly structured in a regular and predictable way, probably in harmony with certain innate predispositions, to meet requirements of context such as those given by the currently relevant linguistic and extra-linguistic activity and purpose, the perceptual environment and the stored background information of the discourse.” (ALLWOOD, 1998, p. 16)

RECIPIENTE: Envolve um tipo de alvo associado a verbos que expressam mudança de propriedade ou posse.

FONTE OU ORIGEM: É de onde a ação se originou.

TEMPO: Tempo em que a ação ocorre.

BENEFICIÁRIO: É a entidade para cujo benefício a ação ocorre.

MANEIRA: É o modo como a ação ocorre.

PROPÓSITO: A razão pela qual uma ação é realizada.

CAUSA: O que causou a ocorrência da ação em primeiro lugar.

De acordo com a autora,

cada um desses papéis ou dessas relações, portanto, pode receber uma caracterização mais detalhada, ancorada nos contextos discursivos, favorecendo uma análise linguística/semântica mais acurada. De qualquer modo, sua função é a indexação semântica (descritores) dos elementos linguísticos em relação a operações cognitivas.

Ela enfatiza, ainda, que: “[t]eoricamente, não há uma lista definitiva ou exaustiva de possíveis papéis semânticos” (FELTES, 2010, s/p). Como exemplo de refinamento no uso de descritores semânticos, a autora apresenta o seguinte:

(a) ENTIDADE → EXPERIENCIADOR → PESSOA → VÍTIMA

(b) PESSOA → PLANO FÍSICO ou PLANO MENTAL ou PLANO ESPIRITUAL ou, ainda, *SELF* conforme a METÁFORA DA VIDA INTERIOR (LAKOFF; JOHNSON 1999; FELTES, 2007)

(c) AÇÃO → RESULTADO → DANO

(d) DANO → ou MATERIAL ou FÍSICO ou MENTAL ou MORAL (com ou sem sobreposições).

Um exemplo do potencial descritivo explanatório da proposta de Feltes (2010, no prelo) é relativa à questão da gradação da categoria VIOLÊNCIA, como se verá nas análises do cap. 3. A questão da gradação – de MENOS VIOLENTO para MAIS VIOLENTO – é verificada numa das questões do protocolo de entrevista, quando se indaga sobre a gravidade de um ato violento. Esta pode ser verificada com o uso de papéis semânticos, situados num determinado contexto cultural, auxiliando na compreensão da estrutura da categoria VIOLÊNCIA.

Em Feltes (2007, p. 259), por exemplo, encontra-se uma breve discussão sobre a relação semântica PACIENTE/VÍTIMA dentro de um contexto sociocultural:

[...] em algumas culturas, por exemplo, matar intencionalmente um filho é considerado um ato violento, constituindo, de acordo com as normas vigentes da

justiça, uma instância genuína de ASSASSINATO. Todavia, na cultura muçulmana, ou em algumas de suas subculturas, é considerado um direito do pai ou dos irmãos matar a filha ou irmã que desonra a família. Assim sendo, **há restrições cognitivo-culturais sobre o conceito VÍTIMA (DE VIOLÊNCIA)**. Do mesmo modo, numa cultura em que a mulher adúltera é apedrejada até a morte, os indivíduos pertencentes a essa cultura não a entendem como VÍTIMA, mas como alguém que viola uma regra, uma norma ou princípio e, por essa razão, é punido ou punida. E muitas indagações surgiriam a partir daí: uma punição injusta seria, então, um ato de violência, enquanto a punição justa não o seria? (FELTES, 2007, p. 259, grifo nosso).

Portanto, uma possível análise da categoria VIOLÊNCIA deve levar em conta os **papéis semânticos** relevantes em cada modelo cognitivo, pois a variação dos mesmos possibilita, nesse caso, uma gradação da categoria: ora a gravidade de um ato de violência depende do DANO (físico, emocional, material, etc.), do AGENTE (pessoa, instituição, governo, grupo, etc.), do INSTRUMENTO (uso de arma de fogo ou não, faca, impostos, palavras, etc.), do PACIENTE (criança, mulher, grupo, idoso, etc.). A gradação desses papéis semânticos está intimamente ligada ao sistema sociocultural do indivíduo “já que suas propriedades como categoria têm um caráter contextual: dizer o que constitui um ato violento depende do que uma determinada cultura, subcultura, grupo social ou mesmo um único indivíduo entendem como tal.” (FELTES, 2007, 259).

Gera-se, a partir disso, uma estrutura radial de grande extensão, resultando a categoria VIOLÊNCIA numa estrutura graduada, ou seja, como afirma Feltes (2007, p. 259), existem inúmeros tipos de atos de violência, que, em função de aspectos culturais, temporais e individuais, isto é, sua experiência biopsicossocial, são interpretados e julgados de forma diferente pelos indivíduos: “[D]evido a essa relatividade, VIOLÊNCIA parece comportar-se como uma categoria superordenada de caráter *fuzzy*, isto é, com contornos esfumados” (FELTES, 2007, p. 259).

A rede de acarretamentos metonímicos e/ou metafóricos, em função dessa diversidade, torna-se potencialmente ampla e analisável a partir, por exemplo, da TMCI. As metáforas conceituais consistem em fenômenos constantemente infiltrados nos processos cognitivos, responsáveis pela geração de diversos tipos de conceitos.

Tendo como base o esquema de metáfora cinestésica de FORÇA, podem ser elaborados os modelos cognitivos proposicionais em que o modelo ORIGEM-PERCURSO-META pode ser possível como princípio da categoria. Dessa forma, num ato violento, ter-se-ia: AGENTE (ORIGEM), AÇÃO (PERCURSO), PACIENTE/VÍTIMA/OBJETO (META). A partir disso, um submodelo central poderia ser definido, através das variabilidades que se apresentam, como mostra FELTES (2007, p. 261):

- a) dos esquemas de imagens FORÇA, ORIGEM-PERCURSO-META e CONTATO;
- b) pela suposição de um AGENTE (SINGULAR ou COLETIVO) perceptível ou não;
- c) pela suposição de uma AÇÃO (DIRETA, GRADUAL ou NÃO-GRADUAL) perceptível ou não (com ou sem INSTRUMENTO);
- d) pela suposição de um PACIENTE (ANIMADO ou INANIMADO, SINGULAR ou COLETIVO) perceptível ou não;
- e) pela suposição de um DANO (FÍSICO-CORPORAL ou MATERIAL) perceptível ou não.

Os demais submodelos poderiam ser analisados através de metáforas ontológicas e acarretamentos metonímicos ou polissêmicos; criando hipóteses de que, provavelmente, eles terão correlações estruturadas através das propriedades em comum que os tipos de atos de violência podem gerar, tendo como critérios o modo como são feitos, quem os faz e a quem atingem. Com a diversidade de conceitos a serem elaborados, “se fossem representadas graficamente as áreas de interseção dos conceitos, surgiria uma configuração em cachos, típica das relações conceituais por semelhanças de família [...]” (FELTES, 2007, p. 164).

Conforme os levantamentos dos tipos de ação e as sobreposições prototípicas que são geradas, o grau de prototipicidade se altera, “devido à relatividade semântica da categoria com relação a esses modelos cognitivos que podem ter tanto motivação sociocultural como individual.” (FELTES, 2007, p. 260). Por estar, portanto, intimamente ligada a conceitos culturalmente motivados, a categoria VIOLÊNCIA não é definida por aspectos opostos ou radicais, mas é modulada gradualmente, seguindo uma estrutura proposicional radical, em que as extensões são formadas a partir de propriedades importantes, ou seja, feixes de traços em comum de um modelo, conforme quadro a seguir (FELTES, 2007, p. 263):

CONCEITOS EM RELAÇÃO DE INTERSEÇÃO (n)	'PROPRIEDADES COMUNS
DEPREDAÇÃO ∩ LINCHAMENTO	AGENTE COLETIVO PERCEPTÍVEL AÇÃO DIRETA EMPREGO DA FORÇA FÍSICA DANO OBSERVÁVEL
DEPREDAÇÃO ∩ ASSALTO	AGENTE PERCEPTÍVEL AÇÃO DIRETA EMPREGO DA FORÇA FÍSICA DANO MATERIAL
DEVASTAÇÃO AMBIENTAL ∩ DESNUTRIÇÃO	AGENTE IDENTIFICÁVEL OU NÃO-IDENTIFICÁVEL PERCEPTIVELMENTE AÇÃO DIRETA OU INDIRETA DANO [ÀS CONDIÇÕES DE VIDA] FÍSICO
DESNUTRIÇÃO ∩ DISCRIMINAÇÃO RACIAL	AGENTE INDENTIFICÁVEL OU NÃO PERCEPTIVELMENTE DANO GRADUAL AÇÃO DIRETA OU INDIRETA PACIENTE HUMANO
DESNUTRIÇÃO ∩ ESTUPRO	DANO FÍSICO
DISCRIMINAÇÃO RACIAL ∩ ESTUPRO	DANO PSÍQUICO MORAL PACIENTE HUMANO
ESTUPRO ∩ TORTURA FÍSICA	AGENTE PERCEPTÍVEL EMPREGO DA FORÇA FÍSICA AÇÃO DIRETA DANO FÍSICO DANO PSÍQUICO-MORAL PACIENTE HUMANO
ESTUPRO ∩ ESPANCAMENTO	AGENTE PERCEPTÍVEL AÇÃO DIRETA EMPREGO DA FORÇA FÍSICA DANO FÍSICO DANO PSÍQUICO PACIENTE HUMANO
ESPANCAMENTO ∩ LINCHAMENTO	AGENTE PERCEPTÍVEL EMPREGO DA FORÇA FÍSICA AÇÃO DIRETA PACIENTE HUMANO DANO FÍSICO
LINCHAMENTO ∩ ASSASSINATO	AGENTE PERCEPTÍVEL AÇÃO DIRETA PACIENTE HUMANO DANO FÍSICO IRREVERSÍVEL
ASSASSINATO ∩ ESTUPRO	AGENTE PERCEPTÍVEL AÇÃO DIRETA PACIENTE HUMANO DANO FÍSICO
ASSASSINATO ∩ ESPANCAMENTO	AGENTE PERCEPTÍVEL AÇÃO DIRETA PACIENTE HUMANO DANO FÍSICO

Quadro 2: Relação de semelhanças de família entre alguns membros da categoria VIOLÊNCIA.
Fonte: Feltes (2007, p. 263)

Através de uma concepção experimentalista, proveniente das perspectivas de estudo de Lakoff e Johnson, definem-se os conceitos semanticamente em “termos de propriedades interacionais baseadas na percepção humana” (FELTES, 2007, p. 157). Portanto, o ser humano constrói também, em sua comunidade, um sistema conceitual que se forma e se

constitui da experiência das pessoas com o mundo e as diferentes leituras linguísticas que vão sendo elaboradas em razão disso.

Essas são as metáforas conceituais que, ao serem geradas pelas “experiências corpóreas em relação ao ambiente físico e cultural” (LIMA, 2003, p. 157), ou seja, pelas “nossas experiências corpóreas de dimensões distintas, recorrentes e coocorrentes” (LIMA, 2003, p. 157) constituem um recurso da linguagem para expressar experiências que se estruturam ora em termos de CONTAINER (*Ele está explodindo de raiva*) e ORIGEM-PERCURSO-META (*Não consigo acompanhar seu raciocínio*) que, possivelmente, servirão de base para a análise da categoria VIOLÊNCIA.

1.3.1 RAIVA e MEDO: análise de conceitos abstratos

Nessa perspectiva, pode-se propor também a análise de outros conceitos abstratos. Alguns dos mais estudados pelos linguistas são os que incluem RAIVA, MEDO, FELICIDADE, TRISTEZA, AMOR, CONFIANÇA, ORGULHO, VERGONHA e SURPRESA, como apresenta Kövecses (2000, p. 20). Duas emoções que permeiam a categoria VIOLÊNCIA são aqui analisadas: MEDO e RAIVA.

Seguindo o modelo de estudo de caso do conceito abstrato RAIVA, elaborado por Lakoff (1987) e Kövecses (1986), resenhado por Feltes (2007) no capítulo II de sua obra, pode-se elaborar um cenário prototípico deste conceito em que o CORPO é um CONTAINER PARA AS EMOÇÕES, conforme afirma Lakoff, de onde são geradas outras metáforas como *Ele está esquentando, por isso não o provoque* ou *Ele ficou vermelho de raiva*.

Para isso, a análise se baseia, sobretudo, nos efeitos fisiológicos que tal sentimento provoca que são relacionados ao “aumento de calor do corpo, aumento da pressão interna (sanguínea, muscular), agitação e interferência na percepção” (LAKOFF, 1987, p. 318). Conforme o estudo de caso de Lakoff, “tomando por base a teoria popular sobre a RAIVA, há um limite para além do qual os efeitos fisiológicos da raiva passam a prejudicar o ORGANISMO” (FELTES, 2007, p. 158). A partir disso, o corpo perde o controle, o que gera perigo. Seguem alguns exemplos dessa relação da emoção com os aspectos fisiológicos,

relacionados principalmente a partir da ideia RAIVA É CALOR¹²⁵, em que a metáfora geral norteadora é O CORPO É UM CONTAINER PARA AS EMOÇÕES. Tal metáfora aparece em diversas línguas (KÖVECSES, 2005, p. 39) e o container se encontra normalmente pressurizado, com ou sem calor. O mapeamento de CONTAINER PRESSURIZADO para a metáfora da raiva inclui os seguintes acarretamentos:

- a) O CONTAINER COM ALGUMA SUBSTÂNCIA OU OBJETO = pessoa com raiva;
- b) A SUBSTÂNCIA OU OBJETO NO CONTAINER = a raiva;
- c) A PRESSÃO DA SUBSTÂNCIA OU OBJETO NO CONTAINER = a força da raiva na pessoa com raiva;
- d) A CAUSA DA PRESSÃO = a origem da força da raiva;
- e) MANTER A SUBSTÂNCIA OU O OBJETO DENTRO DO CONTAINER = controle da raiva;
- f) A SUBSTÂNCIA OU OBJETO SAIR DO CONTAINER = a expressão da raiva.

Kövecses (2000, p. 21) apresenta as estruturas domínio-fonte e domínio-alvo em algumas metáforas conceituais, tais como:

- a) RAIVA É UM FLUIDO QUENTE NUM CONTAINER: *Você fez meu sangue ferver ontem.*
- b) RAIVA É FOGO: *Ela ardia em raiva.*
- c) RAIVA É INSANIDADE: *Ele está insano de raiva.*
- d) RAIVA É UM Oponente NUMA LUTA: *Eu estava lutando com a minha raiva.*
- e) RAIVA É UM Fardo: *Ele carrega sua raiva por onde vai.*
- f) RAIVA É UMA FORÇA NATURAL: *Foi um encontro tempestuoso.*
- g) RAIVA É UM SER SOCIAL SUPERIOR: *Seus atos foram completamente governados pela sua raiva.*

Tomando como exemplo o domínio-fonte como um CALOR DE UM FLUIDO NUM CONTAINER¹²⁶, e a RAIVA como domínio-alvo, Lakoff (apud FELTES, 2007, p. 157) analisa os acarretamentos metafóricos do domínio-alvo (A), a partir do detalhamento do domínio-fonte (F), com base nas correlações estruturais entre os domínios:

¹²⁵ Kövecses (2007) afirma que há um submapeamento em que RAIVA É CALOR é uma metáfora para INTENSIDADE DA EMOÇÃO É UM GRAU DE CALOR.

¹²⁶ Para Kövecses (2000, p. 22), essa metáfora conceitual (RAIVA É UM FLUIDO EM UM CONTAINER) é a central com relação à RAIVA, pois aborda diferentes aspectos desse conceito, além de ser amplamente elaborado e convencionalizado em seu vocabulário.

(F) Quando o líquido começa a ferver, ele se dirige para cima. (*Subiu o calorão de raiva!*)

(A) Quando a intensidade da raiva aumenta; o fluido sobe. (*A raiva borbulhava em suas feições.*)

(F) O calor intenso produz vapor e produz pressão no container.

(A) A raiva intensa produz vapor. (*Ele estava fumegando de raiva.*)

(A') A raiva intensa produz pressão no container. (*Ela estava estourando de raiva.*)

(F) Quando a pressão aumenta no container, o container explode. (*A multidão eclodiu de raiva.*)

(A) A raiva causa explosões.

Para explicar tais construções teóricas, Lakoff montou também um cenário prototípico para a RAIVA que tem, para ele, “uma dimensão corporal” (apud FELTES, 2007, p. 159). Esse cenário é dividido em cinco estágios e está descrito em Feltes (2007, p. 159):

ESTÁGIO I – EVENTO OFENSIVO: Há um evento ofensivo que desagrade uma pessoa X. Y, intencional e injustamente, fez algo diretamente para X. Y está enganado, e X é inocente. A injustiça produz raiva em X. A escala de justiça só pode ser equilibrada por um ato de retribuição rigorosamente igual, em intensidade, ao ato ofensivo.

ESTÁGIO II – RAIVA: Ao se tornar muito intensa, a raiva exerce uma força sobre X, que experiencia efeitos fisiológicos, tais como aumento da temperatura corporal, pressão interna e agitação física, além de interferência na percepção e vermelhidão da face. Ao se tornar muito intensa, a raiva exerce força sobre X, para que se realize a retribuição a Y. Por serem danosos e/ou socialmente inaceitáveis, X tenta controlar sua raiva,

ESTÁGIO III – TENTATIVA DE CONTROLE: X tenta controlar sua raiva.

ESTÁGIO IV – PERDA DE CONTROLE: As pessoas têm limites de tolerância no controle de raiva. Se X ultrapassa seu limite, passa a exibir comportamento raivoso. Fora de controle, X não é responsável por suas ações.

ESTÁGIO V – ATO DE RETRIBUIÇÃO: X realiza o ato de retribuição sobre Y, em igual intensidade à ofensa, equilibrando a escala de justiça. A intensidade da raiva cai a zero.

Lakoff fundamentou o modelo de radialidade (FELTES, 2007, p. 160) e chegou à conclusão de que não existe um núcleo apenas de raiva, mas tipos de raiva que formam semelhanças de família. Seguem abaixo os nove casos não-prototípicos de RAIVA explicados por Lakoff:

a) **RAIVA INSATISFEITA:** No estágio 5, a intensidade da raiva continua alta.

- b) RAIVA FRUSTRADA: Não sendo possível uma retribuição para o ato ofensivo de Y, X direciona sua raiva contra si mesmo.
- c) RAIVA REDIRECIONADA: Em vez de direcionar a raiva para Y, X direciona-a para uma outra pessoa ou coisa.
- d) RESPOSTA EXAGERADA: A reação de X é, em intensidade, exagerada com relação ao ato ofensivo.
- e) RESPOSTA CONTROLADA: X mantém-se sob controle e não chega ao ato de retribuição.
- f) INTERRUPÇÃO ESPONTÂNEA: Antes de perder o controle, a raiva simplesmente desaparece.
- g) EXPLOSÃO IMEDIATA: X sente a raiva e, de uma vez, perde o controle.
- h) RAIVA RESFRIADA: Não há efeitos fisiológicos, e X permanece controlado.

Com isso, pode-se notar que a TMCI, apesar de não contemplar alguns aspectos do sentimento estudado, tal como os psicológicos, explicita na prática uma teoria prototípica que confirma uma categoria mental de uma sensação a que todo e qualquer ser humano está pré-disposto a sentir: a RAIVA. A proposta de Kövecses, por exemplo, é que as características conceptuais psicológicas provêm as motivações cognitivas para as pessoas conceituarem a raiva como um CONTAINER PRESSURIZADO.

Com relação ao MEDO, pode-se também elaborar um cenário prototípico que inclui as seguintes estruturas de domínio-fonte e domínio-alvo em algumas metáforas conceituais, como mostra Kövecses (2000, p. 23):

- a) MEDO É UM FLUIDO QUENTE NUM CONTAINER: *Ele ficou gelado de medo.*
- b) MEDO É UM INIMIGO ESCONDIDO: *O medo lentamente tomou conta dela.*
- c) MEDO É UM TORMENTO: *Minha mãe foi atormentada pelo medo.*
- d) MEDO É UM SER SOBRENATURAL: *Ele foi caçado pelo medo. Ele ficou possuído de medo.*
- e) MEDO É UMA DOENÇA: *Ele ficou doente de medo.*
- f) MEDO É UM SELF DIVIDIDO: *Ele ficou morto de medo.*
- g) MEDO É UM FARDOS: *O medo pesou sobre eles.*
- h) MEDO É UMA FORÇA NATURAL: *Ela foi engolida pelo pânico.*
- i) MEDO É UMA ENTIDADE SOCIAL SUPERIOR: *Suas ações foram controladas pelo medo.*

Diferente da RAIVA, a metáfora do FLUIDO EM UM CONTAINER não é a metáfora central do MEDO. Como afirma Kövecses (2000, p. 23), uma interessante característica desse conceito é que ele é constituído por um amplo número de metonímias, como QUEDA DE TEMPERATURA, AGITAÇÃO FÍSICA, AUMENTO DOS BATIMENTOS CARDÍACOS e tantas outras. Para Kövecses, as metonímias apenas não são suficientes para constituir suficientemente uma rica estrutura conceitual para o conceito.

Dentre as perspectivas teóricas levantadas neste capítulo, nesta investigação leva-se em conta a linguagem em uso como um meio pelo acessamos o inconsciente cognitivo, comprometendo-se com o Realismo Corpóreo. A partir das teorias e metodologias propostas pela LC, é possível pesquisar o modo de pensar dos seres humanos. O experiencialismo corpóreo, que serve de base para a TMCI, assim como o desenvolvimento da teoria prototípica e da radialidade, constitui-se de perspectivas científicas que subjazem as pesquisas sobre cognição, pensamento e linguagem. A congruência desses pressupostos, levando-se em conta modelos cognitivos e variações sócio-linguístico-culturais, possibilita o estudo de conceitos complexos e abstratos como VIOLÊNCIA.

Por meio do estudo dos processos de categorização, é necessário, porém, que nos mantenhamos metodologicamente atentos a técnicas, instrumentos e análise de *corpus*, a fim de que não haja manipulação de dados e intencionalidade tendenciosa na aplicação da teoria:

Para a ciência cognitiva ser apropriadamente autocrítica, ela deve repetidamente criticar sua própria concepção de ciência cognitiva, de testagem empírica e de explanação científica. Não há saída desse problema, **mas isso não significa que toda teoria, método ou conceito seja igualmente bom, ou que é tudo meramente uma “questão de interpretação”**. As ciências cognitivas devem confiar em *evidência convergente* estável, a partir de um número de ciências, métodos e pontos de vista diferentes. Apenas dessa forma uma abordagem empírica minimize o problema, como bem documentado por Thomas Kuhn, de uma teoria científica definir o que conta como evidência de tal modo a garantir a verdade da teoria com antecedência¹²⁷ (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 342)

O próximo capítulo procura ampliar questões relativas ao método, à metodologia, à instrumentalização de pesquisa, às técnicas aplicadas, etc., pois se julga fundamental, na perspectiva adotada, uma autocrítica quanto à condução de uma pesquisa em ciência e linguística cognitiva. No andamento deste trabalho, tornou-se importante esclarecer as questões metodológicas, uma vez que estamos comprometidos em obter resultados

¹²⁷ **Do original:** “[F]or cognitive science to be appropriately self-critical, it must repeatedly critique its own conception of cognitive science, of empirical testing, and of scientific explanation. There is no way out of this problem, but **this does not mean that every theory, method, or concept is equally good or that it is all merely a “matter of interpretation”**. The cognitive sciences must rely on stable *converging* evidence from a number of different sciences, methods, and viewpoints. Only in this way can an empirical approach minimize the problem, so well documented by Thomas Kuhn, of a scientific theory defining what counts as evidence in such a way as to guarantee the truth of the theory in advance.”¹²⁷ (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 342)

empiricamente adequados, a partir das perspectivas filosóficas e teóricas apresentadas pela segunda geração da Ciência Cognitiva: “já que não há esquemas conceituais, teorias ou métodos que sejam filosoficamente neutros para nenhuma disciplina empírica, a segunda geração da ciência cognitiva fez suposições mínimas que não predeterminam resultado da investigação”¹²⁸ (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 341).

É preciso, portanto, atenção especial para a metodologia de pesquisa adotada nesse processo, pois, conforme apresentam Lakoff e Johnson (1999, p. 79-80), alguns compromissos são requisitados e necessários para uma pesquisa empírica responsável, dentro da LC, tais como:

- (1) *O Compromisso da Realidade Cognitiva*: Uma teoria de conceitos e da razão adequada deve considerar a mente como cognitiva e neuralmente realista.
- (2) *O Compromisso da Evidência Convergente*: Uma teoria de conceitos e razão adequada deve estar comprometida com a busca por evidências convergentes de tantas fontes quantas forem possíveis.
- (3) *O Compromisso da Generalização e da Abrangência*. Uma teoria adequada deve prover, tão amplamente quanto for possível, generalizações empíricas sobre uma gama de fenômenos.¹²⁹

Esses compromissos metodológicos, afirmam os autores, são necessários para reduzir a possibilidade de predeterminar resultados da pesquisa, na qual o pesquisador deve considerar que, aquilo que

precisa ser evitado na ciência são pressupostos/suposições que predeterminem os resultados da investigação antes que os dados sejam observados. Nós também precisamos evitar todos os pressupostos/suposições que circunscrevem o que deve ser considerado um dado, de forma que predetermine o resultado. [...] ao aplicar um método, nós precisamos estar tão certos quanto possível de que o método em si nem determina o resultado de antes da investigação empírica, nem artificialmente o distorce.¹³⁰ (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 79)

¹²⁸ **Do original:** “[S]ince there are no philosophically neutral conceptual schemes, theories, or methods for any empirical discipline, second-generation cognitive science has made minimal methodological assumptions that do not predetermine the outcome of the investigation” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 341).

¹²⁹ **Do original:**

- (1) *The Cognitive Reality Commitment*: An adequate theory of concepts and reason must provide an account of mind that is cognitively and neurally realistic.
- (2) *The Convergent Evidence Commitment*: An adequate theory of concepts and reason must be committed to the search for converging evidence from as many sources as possible.
- (3) *The Generalization and Comprehensiveness Commitment*: An adequate theory must provide empirical generalizations over the widest possible range of phenomena.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 79-80)

¹³⁰ **Do original:** “needs to be avoid in science are assumptions that predetermine the results of the inquiry before any data is looked at. We also need to avoid all the assumptions that circumscribe what is to count as data in such a way as to predetermine the outcome. [...] In applying a method, we need to be as sure as we can that the method itself does not either determine the outcome in advance of the empirical inquiry or artificially skew it.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 79)

2 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

A partir da revisão teórica feita no capítulo anterior, este capítulo propõe-se a apresentar os aspectos metodológicos relevantes a um estudo sobre processos e estruturas implicados na categorização de um dado domínio da experiência – VIOLÊNCIA – à medida que se assumem os compromissos teórico-metodológicos da Linguística Cognitiva (LC).

O problema norteador desta dissertação é: *como indivíduos urbanos, rurais e rurbanos, da região de Caxias do Sul, estruturam a categoria VIOLÊNCIA, a partir de modelos cognitivos, os quais emergem do modo como esses indivíduos expressam linguisticamente suas experiências nesse domínio?*

Para responder a tal problema, foram formuladas três hipóteses, quais sejam:

(H1) Modelos metafóricos, que estruturam a categoria, diferem entre sujeitos urbanos, rurais e *rurbanos*.

(H2) Modelos metonímicos, que são culturalmente motivados, diferem entre sujeitos urbanos, rurais e *rurbanos*.

(H3) A entrevista, como inicialmente proposta, constitui-se como um ato de fala legítimo para análise em LC, à medida que um conjunto de requisitos técnico-procedimentais for atendido.

O objetivo geral desta dissertação, portanto, é o de investigar, na perspectiva da LC, o modo de estruturação da categoria VIOLÊNCIA, através de modelos metafóricos e metonímicos, no discurso de indivíduos urbanos, rurais e *rurbanos*, eliciados por meio de entrevistas, levantando os modelos cognitivo-culturais que organizam tal estrutura. O objetivo geral desdobra-se nos seguintes objetivos específicos:

(O1) Identificar e analisar a estrutura da categoria VIOLÊNCIA em termos de mapeamentos metafóricos e metonímicos, no discurso de indivíduos urbanos, rurais e *rurbanos*; e

(O2) Discutir questões metodológicas atinentes à entrevista, avaliando sua adequação como o instrumento da pesquisa em LC.

A primeira parte (2.1), tendo em vista (O1), caracteriza aspectos da definição operacional de comunidade urbana e rural e, conseqüentemente, dos sujeitos da amostra que a compõem – urbanos, rurais e *rurbanos* – a fim de verificar se o critério de pertencimento a uma comunidade é ou não relevante no processo de categorização de VIOLÊNCIA, ou se outros fatores exercem maior influência.

A segunda parte (2.2), conforme (O2), desenvolve questões metodológicas referentes ao instrumento *entrevista*, no âmbito da pesquisa qualitativa, a fim de avaliar sua legitimidade como evento de fala, que possa prover dados relevantes para a consecução dos objetivos desta dissertação. A partir disso, estabelecem-se procedimentos técnicos para a aplicação desse instrumento, para a dinâmica de sua condução e para a transcrição das entrevistas. Ou seja, nesta dissertação não nos limitamos meramente a selecionar e aplicar um método e uma técnica de pesquisa, mas discuti-la em sua própria adequação ao quadro da investigação proposta. Tendo-se essas questões esclarecidas, a parte (2.3) descreve as dinâmicas das entrevistas como resultado de sua aplicação. Finalmente, na parte (2.4), trata-se do procedimento adotado na análise dos dados com base no aporte teórico que orienta esta investigação.

2.1 VARIÁVEIS RURAL, URBANO E *RURBANO*: DEFINIÇÃO OPERACIONAL

Com relação à escolha dos informantes que constituem a amostra, o critério que fundamentou a seleção dos entrevistados foi o seu grau de pertencimento a uma região. Quando se deseja estruturar limites, fronteiras, identidades, regiões, etc., uma das problemáticas discutidas diz respeito à conceitualização das zonas urbana e rural apresentadas como critério de definição do objeto de pesquisa. Essa discussão é objeto de estudo em diversas áreas ligadas às Ciências Sociais, como apresenta o geógrafo Douglas Reis:

São inúmeras as dificuldades conceituais e metodológicas impostas, há tempos, aos formuladores de políticas de planejamento público, aos demógrafos e aos pesquisadores de diversas áreas do conhecimento que, obrigatoriamente, se deparam com as inadequações existentes na definição do que seja rural e urbano no Brasil. (REIS, 2006, p. 2)

A definição de urbano e rural no Brasil de hoje – diferentemente do passado¹³¹, em que os espaços se dividiam visual e nitidamente através dos tipos de habitação, da fonte de renda, das vestimentas, do comportamento e até da linguagem dos habitantes – apresenta-se como “um espaço rural multifuncional com a introdução de uma maior diversificação

¹³¹ Observe-se que: “A utilização que os autores clássicos (como por exemplo, Marx e Weber) davam ao corte urbano/rural relacionava-se ao conflito entre duas realidades sociais diferentes (uma em declínio, outra em ascensão) em função do progresso das forças capitalistas que minavam a velha ordem feudal.” (SILVA, 2009, p. 2)

econômica, em meio a novas formas de produção e subsistência” (REIS, 2006, p. 2), em função das necessidades e da expansão demográfica e física do meio urbano.

Não se pode mais, atualmente, identificar tais zonas através de critérios estabelecidos por meio somente das atividades econômicas já que “as cidades não podem mais ser identificadas apenas com a atividade industrial, nem os campos com a agricultura e a pecuária” (SILVA, 2009, p. 1). Além disso, há uma intensa relação entre essas zonas, tanto no fornecimento de alimentos quanto na provisão de “bens e serviços, entre os quais vale a pena destacar a oferta e o cuidado de recursos naturais, os espaços para o descanso, e as contribuições à manutenção e desenvolvimento da cultura”, como afirma Rocha (2009, s/p).

A preocupação dos estudiosos da área, como esclarecem Brito, Freitas e Soares (2004, p. 1), “não é meramente [a de] encontrar um limite demográfico, mas de elaborar critérios que tornem mais fidedignas as definições operacionais de urbano e de rural”. Nos últimos anos, a queda do valor do setor agrícola tradicional (com uso da mão-de-obra, sem auxílio de componentes químicos e biológicos no trabalho com a terra), em face da intensa urbanização e expansão tecnológica, é uma das causas de se constituir um meio rural caracterizado como uma continuidade do meio urbano, devido ao transbordamento dos limites da cidade. Tal visão pode ser ratificada principalmente pelo ponto de vista espacial, já que as fronteiras físicas, em muitos lugares, não existem mais.

Outra contribuição para a dificuldade de se conceitualizar essa dicotomia urbano/rural provém de discussões das próprias Ciências Sociais que procuram encontrar teoricamente, nessa esfera, tipos ideais dessas áreas, o que, com processos como a globalização, não é mais possível. Girardi (2008, s/p) destaca duas correntes que abordam as definições urbano e rural: uma dicotômica, em que o campo se opõe à cidade; e outra de *continuum*, em que a industrialização é o elemento que aproxima o meio rural do urbano.

Dentre as diferentes perspectivas expostas por Girardi (2008, s/p), autores da abordagem dicotômica, como Sorokin, Zimmermann e Galpin (apud, GIRARDI, 2008, s/p), classificam as zonas através dos seguintes critérios:

- (i) diferenças ocupacionais ou principais atividades em que se concentra a população economicamente ativa;
- (ii) diferenças ambientais, estando a área rural mais dependente da natureza;
- (iii) diferenças no tamanho das populações;
- (iv) diferenças na densidade populacional;
- (v) diferenças na homogeneidade e na heterogeneidade das populações;
- (vi) diferenças na diferenciação, estratificação e complexidade social;

- (vii) diferenças na mobilidade social e
- (viii) diferenças na direção da migração.

A abordagem do *continuum* também vê campo e cidade como áreas diferentes, porém numa relação gradativamente intensificada. Conforme Girardi (2008, s/p), nessa perspectiva, aparecem duas vertentes: uma que se focaliza no urbano se transbordando e, por isso, considerando o meio rural como algo em decadência¹³², determinando seu fim; e por outro lado, uma vertente que procura conjugar os dois meios, estabelecendo não o que muitos autores consideram como um “rural urbanizado”, mas um meio rural transformado também pela ação do tempo no aprimoramento de técnicas (sejam elas agrícolas, pecuárias, etc.) e da evolução das tecnologias, dos sistemas financeiros, dos meios de comunicação, etc.

Numa perspectiva mais dicotômica, o IBGE aponta “oito classes de localização da área de domicílio nos censos para contabilizar a população rural e urbana”, como apresenta Girardi (2008, s/p). A **população urbana**, conforme os critérios do IBGE, é aquela que ocupa:

- (a) **Áreas urbanizadas de cidades ou vilas:** são aquelas legalmente definidas como urbanas, caracterizadas por construções, arruamentos e intensa ocupação humana; as áreas afetadas por transformações decorrentes do desenvolvimento urbano, e aquelas reservadas à expansão urbana.
- (b) **Áreas não-urbanizadas de cidades ou vilas:** são aquelas legalmente definidas como urbanas, caracterizadas por ocupação predominantemente de caráter rural.
- (c) **Áreas urbanas isoladas:** “áreas definidas por lei municipal, e separadas da sede municipal ou distrital por área rural ou por um outro limite legal.”

A **população rural**, por sua vez, é classificada através de outros cinco tipos de localizações da área:

- (a) **Aglomerado de extensão urbana:** são os assentamentos situados em áreas fora do perímetro urbano legal, mas desenvolvidos a partir da expansão de uma cidade ou vila, ou por elas englobados em sua expansão. Por constituírem uma simples extensão da área efetivamente urbanizada, atribui-se, por definição, caráter urbano aos aglomerados rurais deste tipo. Tais assentamentos podem ser constituídos por loteamentos já habitados, conjuntos

¹³² Mesmo que não seja generalizável, “o meio rural brasileiro já não pode mais ser analisado apenas como o conjunto das atividades agropecuárias e agroindustriais, pois ganhou novas funções. O aparecimento (e a expansão) dessas “novas” atividades rurais – agrícolas e não agrícolas, altamente intensivas e de pequena escala – tem propiciado outras oportunidades para muitos produtores que não podem mais serem chamados de agricultores ou pecuaristas e que, muitas vezes, não são nem mesmo produtores familiares, uma vez que a maioria dos membros da família está ocupada em outras atividades não-agrícolas e/ou urbanas.” (SILVA apud GIRARDI, 2008, s/p.)

habitacionais, aglomerados de moradias ditas subnormais ou núcleos desenvolvidos em torno de estabelecimentos industriais, comerciais ou de serviços.

(b) **Povoado:** é o aglomerado rural isolado que corresponde a aglomerados sem caráter privado ou empresarial, ou seja, não vinculados a um único proprietário do solo (empresa agrícola, indústrias, usinas, etc.), cujos moradores exercem atividades econômicas, quer primárias (extrativismo vegetal, animal e mineral; e atividades agropecuárias), terciárias (equipamentos e serviços) ou, mesmo, secundárias (industriais em geral), no próprio aglomerado ou fora dele. O aglomerado rural isolado do tipo povoado é caracterizado pela existência de serviços para atender aos moradores do próprio aglomerado ou de áreas rurais próximas. É, assim, considerada como critério definidor deste tipo de aglomerado, a existência de um número mínimo de serviços ou equipamentos.

(c) **Núcleo:** é o aglomerado rural isolado vinculado a um único proprietário do solo (empresa agrícola, indústria, usina, etc.) dispondo ou não dos serviços ou equipamentos definidores dos povoados. É considerado, pois, como característica definidora deste tipo de aglomerado rural isolado, seu caráter privado ou empresarial.

(d) **Outros aglomerados:** são os aglomerados que não dispõem, no todo ou em parte, dos serviços ou equipamentos definidores dos povoados e que não estão vinculados a um único proprietário (empresa agrícola, indústria, usina, etc.).

(e) **Área rural exceto aglomerado:** são as áreas não classificadas como urbanas ou aglomerados rurais.

Não muito distante do teor dessas classificações, a Prefeitura de Caxias do Sul em seu Plano Diretor, pela lei complementar nº 290, artigos 7º a 10º, de 24 de setembro de 2007, classifica área rural e urbana¹³³.

¹³³ Art. 7º A zona urbana do Município é composta pela área urbana que integra o Primeiro Distrito bem como pela área urbana dos demais distritos destinada a abrigar, prioritariamente, atividades urbanas afetas ao desenvolvimento da cidade.

Art. 8º A zona urbana do Primeiro Distrito apresenta três escalas:

I - regiões administrativas: divisão da área urbana em unidades que permitam a sua melhor estruturação no atendimento das diretrizes de escalonamento;

II - bairros: unidades que agrupam um ou mais parcelamentos para a qualificação na implantação das políticas do escalonamento urbano; e

III - loteamentos: divisão de gleba em lotes destinados a edificação, com abertura de novas vias públicas ou logradouros públicos, ou com prolongamento, modificação ou ampliação das vias públicas ou logradouros públicos existentes.

§ 1º As regiões administrativas são divididas em bairros.

§ 2º O centro de região administrativa tem a finalidade de incentivar o desenvolvimento da densificação populacional e de atividades de comércio e prestação de serviços.

Art. 9º A zona rural é composta pela área rural do Primeiro Distrito e pela área rural dos demais distritos, compreendendo a porção do Município destinada a abrigar as atividades produtivas primárias, agroindustriais, residenciais e de serviços relacionados à área da saúde, terapêuticos e geriátricos, admitindo atividades urbanas para atendimento das comunidades rurais e aquelas voltadas ao lazer e ao turismo.

As tentativas de definição de rural/urbano existem desde o período pós-industrial, quando, em função de suas práticas econômicas e culturais, se gerou um *status quo* urbano em transição. A zona rural atualmente não precisa necessariamente estar apenas ligada às atividades agropecuárias, afinal “o desenvolvimento torna as famílias rurais cada vez mais pluriativas e multifuncionais, sem que sejam rompidos muitos de seus laços com sítios e fazendas” (VEIGA, 2002, p.88).

Além disso, há uma constante adaptação da nova zona rural, baseada no que Pozenato (1990, p. 98) chama de “mecanismo de filtragem”, onde elementos da cultura “nova” (a urbana em relação à tradicional rural) são percebidos e inseridos ou não pela sociedade pré-existente (no caso, a rural), coordenados racionalmente tanto por critérios como apego e fidelidade às tradições, como os sentimentos envolvidos na produção e propriedade da terra; tal como as lentas adaptações à economia agressiva imposta pela cidade. Assim, Pozenato (1990) trata dos níveis de adaptação urbana a que um sujeito rural está exposto e muitas vezes é pressionado a se tornar: “o camponês rejeita determinada coisa, não porque objetivamente ela o prejudica, mas porque dentro da ordem de representações dele, ela não se encaixa, não tem espaço, não faz sentido” (p. 99).

Pozenato (1990, p. 95) alerta também para as transformações do mundo rural. Este está se tornando um ambiente nostálgico, origem de elucidações bucólicas na literatura e de idealizações teóricas nos estudos antropológicos, pois “quando se observa o mundo rural, não com a perspectiva de recuperar um paraíso perdido ou em vias de perdição, mas com a perspectiva de tentar compreender, analisar o processo”, há uma catalisação de sentimentos de pena. Esse sentimento, conforme o autor, tem surgido nos teóricos da área nos últimos 30 anos, ao verificarem que “as coisas (estão) se modificando, se transformando, desaparecendo” (POZENATO, 1990, p. 95). Isso reflete, sobretudo, uma constante desfragmentação de um sistema de valores e costumes que se estruturava ideologicamente em determinadas comunidades, resultado de construções culturais estabelecidas através do tempo em grupos que consentiam suas racionalidades na sociedade, dentro do que o autor sugere como “princípio da intersubjetividade” (p. 52).

Noutra perspectiva, a antropóloga Carneiro (1998) estudou as organizações sociais dos jovens nos campos e nas cidades, comparando uma cidade do Rio Grande do Sul e outra do Rio de Janeiro, no início da década de 90. A autora constatou, para aqueles que optam ou são forçados a sair do meio rural para estudar ou trabalhar nas “cidades”, que não há um

desligamento absoluto da região de origem, mas uma constante readaptação de valores assim como busca pela conciliação entre diferentes culturas:

A migração, temporária ou definitiva, para a cidade expõe os jovens ao contato com um sistema variado de valores que são absorvidos, ou rejeitados, atuando tanto no sentido de reforçar os laços identitários com a cultura original quanto no sentido de negá-los. Essa mobilidade simbólica, que permite sentir-se pertencente a uma e a outra cultura, supõe uma margem de negociação entre níveis distintos da realidade, como por exemplo entre os valores da chamada "cultura italiana", ou simplesmente "a nossa cultura", associados às relações afetivas com a família; e um projeto individualizado que pressupõe uma autonomia face às redes familiares e uma relação impessoal com o mercado de trabalho e outros setores da sociedade. (CARNEIRO, 1998, 21-22)

Reitera-se, a partir disso, uma possibilidade de integração entre as duas realidades quando o

conflito entre os interesses familiares e os projetos individuais resulta em negociações que têm como referência um sistema de valores que combina o universo simbólico "tradicional" - mantido e atualizado pela família - e os da "modernidade", adquiridos na sociabilidade da cidade. (CARNEIRO, 1998, p. 26)

As trocas simbólicas entre as zonas urbana e rural se constituem na aceitação e valorização da sociedade pré-existente (nos casos estudados, a zona rural), onde os indivíduos consideram ou não aspectos econômicos e, inevitavelmente, culturais da zona vizinha, baseados na simples dicotomia entre aceitação e rejeição. Nesse caso, acontece o processo de "rurbanização", discutido inicialmente por Gilberto Freyre (1956) em estudo que expunha sua preocupação com relação à educação "desnivelada" entre região urbana e rural em Pernambuco. O autor idealiza a educação como meio de unificação entre sujeitos urbanos e rurais, mesclando, de maneira aparentemente forçada, as duas culturas:

É nesse esforço (sic) de transferência de valores urbanos, ou de sua transregionalização - vá o neologismo - para espaços rurais, que devemos nos empenhar com o nosso melhor ânimo, num Estado, como o de Pernambuco, que vem há anos sofrendo do que já se denominou de inchação recifense. Inchação recifense acompanhada de depauperação do interior rural. [...] A rurbanização do ensino - dos seus temas, dos seus métodos, das suas práticas - não para opor-se a extrema idealização da vida rural à glorificação da urbana, mas para procurar-se dar ao ensino nacional, regional ou estadual, o seu verdadeiro sentido de ensino íntegro e harmônio, que se empenhe tanto na valorização dos homens e das coisas rurais quanto na valorização dos homens e das coisas urbanas, considerando-as complementares. (s/p)

Numa perspectiva social com preocupações de ordem ecológica, Freyre estabelece teoricamente uma mediação entre os conceitos-polos, no caso rural e urbano, possibilitando a hibridização dessas duas zonas, como destaca Froehlich (2000):

O processo de 'rurbanização' pregado por Freyre viria para possibilitar uma real integração dos espaços nacionais, diminuindo desigualdades e ampliando as

possibilidades de contatos culturais, recreativos, econômicos e sociais, caracterizando-se por uma política sistemática de integração (s/p).

Portanto, observou-se que os elementos culturais de uma determinada região, expressos através do tipo de trabalho, de influências midiáticas e de aspectos ligados aos costumes e valores, como elementos do “princípio da intersubjetividade”, conforme Pozenato (1990), são o meio com o qual podem ser definidas essas zonas, construindo um conjunto de sinais que compõem um significado (POZENATO, 1990, p. 19). Essas manifestações culturais fornecem aos pesquisadores elementos das experiências estéticas, possivelmente oriundas de outras experiências corporais, tais como sensoriais e perceptivas, que traduzem a legitimação de determinados signos. Cada indivíduo manifestará, por sua vez, aspectos, histórias, influências que a comunidade com que ele teve mais contato proporcionou.

A revisão teórica dos tipos de comunidade aqui levantada não visa apenas à classificação das zonas, mas primordialmente à classificação dos sujeitos que as compõem. É por meio da análise dos fatores subjacentes a cada indivíduo, que a categoria se torna válida para a pesquisa. Para isso, seguimos como critérios de seleção dos sujeitos-informantes das entrevistas, os seguintes elementos:

- (i) o tipo de atividade econômica em que o indivíduo se envolve;
- (ii) que elementos culturais são mais pertinentes na formação sociocultural do sujeito e
- (iii) como o sujeito se autodenomina, ou seja, se incorpora o estereótipo do colono, se vive o multipluralismo do urbano ou se situa entre os dois ambientes (em que o próprio indivíduo dizia: “eu sou da zona rural”, “eu sou colono”, “eu sou urbano”, “sempre vivi na cidade”, etc.).

Os limites de zona urbana e rural delimitados de forma geográfica, política ou jurídica não forneceram, portanto, elementos classificatórios suficientes na busca e na seleção de sujeitos. Com relação à seleção dos sujeitos, a maior dificuldade de classificação encontra-se com relação aos sujeitos denominados *rurbanos*. Três sujeitos da amostra, categorizados inicialmente como indivíduos da zona urbana, viveram sua infância e adolescência na zona rural, ou seja, tiveram sua formação cultural no campo/na colônia e, depois da maioridade, cursaram Ensino Médio e/ou Superior na zona urbana, passando a residir e trabalhar nela, assim como os exemplos apresentados por Carneiro (1998). Esses indivíduos não perderam contato com o meio rural, fazendo desse espaço a principal fonte de seu lazer e local onde, semanalmente, visitam seus familiares, participam de atividades da comunidade, organizam eventos nas paróquias, etc. Esse contato sazonal, promovido pela constante troca de zonas, mostrou que os aspectos culturais do rural juntamente com a perspectiva urbana de condução

das atividades profissionais estão mescladas, principalmente, nesses indivíduos que, por isso, foram classificados como *rurbanos*.

Considera-se, portanto, que os processos culturais, conforme Barrios (1986, p. 14), são uma das ações que promovem a geração de “representações, valores, modelos, interesses, aspirações, crenças e mitos interdependentes, os quais incidem sobre a prática do cotidiano e obrigam a decidir entre duas opções: manter e reproduzir a ordem existente ou transformá-la em novas maneiras de fazer e pensar”. É numa relação dialética com o espaço que o homem estabelece sua consciência do mesmo, ou seja, conforme Moraes (1986, p.45), o homem estabelece uma “apropriação intelectual do espaço [que] deverá ser posta como momento necessário da ‘construção’ do espaço material, num processo dinâmico e contínuo da relação sociedade/espaço”. Nessa construção *do* espaço *com* o espaço, há aqueles indivíduos que transitam entre os dois, recolhendo deles as construções culturais e ideológicas que o constituem identitariamente indivíduos rurais, urbanos e *rurbanos*.

2.2 LINGUÍSTICA COGNITIVA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA: A QUESTÃO DOS “MÉTODOS”

Nesta seção retoma-se a discussão iniciada em Säge, Feltes e Silvestrin (2010, no prelo), sobre a adequação metodológica de entrevistas como instrumento para gerar dados cientificamente válidos, em pesquisa qualitativa, para os objetivos dos estudos em LC, através de sua aplicação exploratória sobre processos de categorização de VIOLÊNCIA.

A utilização das entrevistas, nesta dissertação, não é meramente um instrumento “aplicado”, mas também avaliado em sua adequação aos princípios que regem a pesquisa em LC. Ao investigar-se a categoria VIOLÊNCIA, complexa, superordenada e motivada por crenças, valores e experiências prévias diretas ou indiretas carregadas de conteúdo emocional, torna-se imperativo reexaminar o potencial e as limitações desse instrumento, as técnicas envolvidas e, mais criticamente, a competência do entrevistador para conduzir esse evento de fala.

Nas Ciências Sociais Aplicadas, entrevistas são utilizadas, associadas a outras fontes de dados por triangulação. A obra de Goode e Hatt ([1952], 1977) foi, por pelo menos três

décadas, um guia para a aplicação desse instrumento. Nela já eram discutidas questões relativas ao papel do entrevistador, à condução do processo de entrevista e a vários fatores problemáticos a serem administrados. Para os autores, a entrevista “consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de um certo ato social comum à conversação” (p. 237). Apesar dessa definição, Goode e Hatt advertem que:

Nem fidedignidade, nem profundidade podem ser alcançadas, porém, se não se tiver em mente, com clareza, que a entrevista é fundamentalmente um processo de interação social. Sua finalidade primordial pode ser a pesquisa, mas esta é finalidade *para o investigador*. Para o entrevistador, sua base e significado podem ser diferentes. Mesmo se ambos têm interesse na pesquisa, o processo de obter informação é tão estruturado pelo ser caráter de interação social, que muita atenção é necessária para este aspecto. ([1952], 1977, p. 240)

Questões como precisão, fidedignidade e validade têm caráter metodológico e antecedem qualquer discussão que se venha a desenvolver sobre instrumentos ou técnicas. Por essa razão, recuperamos tópicos em filosofia da ciência balizadores no contexto das investigações em LC.

Säge, Feltes e Silvestrin (2010, no prelo) mostram que o interesse da LC por dados provenientes de interações em cenários sociais e culturais naturais é destacado em Waugh et al. (2006), refletindo um ponto de vista defendido por outros estudiosos da LC. Segundo as autoras, que visam abordar “complexa análise do discurso”¹³⁴, há a necessidade de lançar-se mão de múltiplas abordagens empíricas nesse tipo de investigação. Como seu foco está em “uso autêntico da linguagem” (p. 121)¹³⁵, baseada na definição de Goffman de que “linguagem é sociocultural e cognitivamente definida como uma forma de falar [...] isso é típico da comunidade de discurso/comunidade de prática (produzido espontaneamente e não com base em situações artificiais)” (p. 121)¹³⁶, as autoras acreditam que essa é a única maneira de verificar-se “**como a linguagem realmente é**” (p. 121, grifo nosso)¹³⁷.

Nessa mesma corrente de pensamento, Geeraerts (2006, p. 29), discutindo traços relevantes sobre a LC como uma **linguística baseada no uso**, afirma:

¹³⁴ **Do original:** “complex analysis of discourse” (WAUGH et al., 2006)

¹³⁵ **Do original:** “authentic use of language” (WAUGH et al., 2006, p. 121)

¹³⁶ **Do original:** “language is socio-culturally and cognitively defined as a form of talk [...] that is typical of the given speech community/community of practice (spontaneously produced and not based on artificial situations)” (WAUGH ET AL., 2006, p. 121)

¹³⁷ **Do original:** “**what language is really like**” (WAUGH et al., 2006, p. 121, grifo nosso)

A ligação entre a autoconsciência da LC como uma forma de investigação linguística baseada no uso e o desenvolvimento de métodos empíricos é direta: você não pode ter uma linguística baseada no uso, a menos que você estude o uso real – como ele aparece no *corpora*, sob a forma espontânea, dados de linguagem não eliciados, ou como eles aparecem na forma online e eliciados, em situações experimentais.¹³⁸

Geeraerts reafirma que tipos de “metodologias empíricas” (p. 31) devem ser discutidos,

por meio da postura teórica da LC: [em que] sua natureza cognitiva, sua perspectiva baseada no uso e sua abordagem contextualizada podem conduzir diversas maneiras para o uso de dados experimentais, material do *corpus*, técnicas de pesquisa e análise quantitativa avançada (2006, p. 31).¹³⁹

Não basta destacar o interesse da LC por dados oriundos de interação situados socioculturalmente e, a partir desse ponto, discutir os meios pelos quais eles podem ser obtidos de forma cientificamente válida; é preciso, como afirmam Säge, Feltes e Silvestrin (2010, no prelo), que se destaque o modo como, em LC, tem-se tratado de questões metodológicas. Observa-se o uso de termos como “métodos”, “metodologias”, “técnicas” em propostas sobre a condução de pesquisas em LC, ao longo de toda a obra organizada por Gonzalez-Marquez et al. (2006) em que não se faz distinção entre esses termos. Geeraerts (2006) adota, por sua vez, “methodology” e “methodologies”, “method” e “methods” intercambiavelmente – por exemplo, “empirical methods” (p. 31) e “empirical methodology” (p. 31). Não se deve ignorar que, em filosofia da ciência e epistemologia, esses termos possuem definições que restringem seu emprego. Vários textos propõem, na verdade, “técnicas” e “procedimentos”, não propriamente “método(s)”; outros deveriam referir-se a “método(s)” e não a “metodologia(s)” e, nesse âmbito, discutirem “técnicas” e “procedimentos” que lhe são constitutivos. Se a LC busca aprimorar seus “métodos” de investigação, então, trata-se de discutir “metodologia” – o estudo dos métodos, sua lógica de condução, seus procedimentos, suas técnicas e instrumentos. A partir daí, toda proposta que sugira o uso de tal e tal técnica submete-se a um método a ser explicitado. Portanto, grande parte dos textos em Gonzalez-Marquez et al. (2006), por exemplo, são relativos a técnicas e não a métodos em sentido estrito.

¹³⁸ **Do original:** “The link between the self-awareness of Cognitive Linguistics as a usage-based form of linguistic investigation and the deployment of empirical methods is straightforward: you cannot have a usage-based linguistic unless you study actual usage – as it appears in corpora in the form spontaneous, **non elicited language data**, or as it appears in an online and elicited form in experimental settings” (GEERAERTS, 2006, p. 29, grifo nosso).

¹³⁹ **Do original:** “by the theoretical stance of Cognitive Linguistics: its very *cognitive* nature, its *usage-based* perspective, and its *contextualizing approach* may lead in various ways to the use of experimental data, corpus material, survey techniques, and advanced quantitative analysis.” (GEERAERTS, 2006, p. 31)

Portanto, Säge, Feltes e Silvestrin (2010, no prelo) comprometem-se com debates situados em filosofia da ciência, que não podem ser ignorados por qualquer pesquisador quando na defesa ou refutação de métodos, técnicas ou instrumentos. Esse compromisso leva as autoras a articular as posições de Kaplan ([1964] 1975), Fodor (1984) e Giere (2006).

De Kaplan, adotam a definição de **metodologia**, como o “estudo – descrição, explicação e justificação – dos métodos e não os próprios métodos” (p. 21). Consequentemente, “‘estudos metodológicos’ correspondem, em geral, a investigações acerca das potencialidades e limitações de uma ou outra técnica, ou a exploração de algumas de suas variantes” (p. 21). Em suma, a metodologia descreve e analisa métodos, discute suas limitações, realça sua utilidade, esclarece em que se baseiam e “as consequências que acarretam, indicando suas potencialidades nas nebulosas áreas das fronteiras do conhecimento” (p. 25-26). Entende-se, por essa definição, que esta dissertação examina questões de natureza metodológica.

Dele também Säge, Feltes e Silvestrin (2010, no prelo) adotam as definições para métodos e técnicas. **Métodos** são:

técnicas suficientemente gerais para se tornarem comuns a todas as ciências ou a uma significativa parte delas. Alternativamente, **são princípios filosóficos ou lógicos suficientemente específicos a ponto de poderem estar particularmente relacionados com a ciência**, distinguida de outros afazeres humanos. Assim, os **métodos incluem procedimentos** como os da formação de conceitos e hipóteses, o da observação e da medida, da realização de experimentos, construção de modelos e de teorias, da elaboração de explicações e da predição. (p. 25, grifo nosso).

O autor entende por técnicas “os procedimentos específicos utilizados por uma dada ciência ou utilizados em contextos particulares das pesquisas próprias desta ciência” (p. 21). Em outras palavras: “são os meios de executar operações de interesse de tal ciência, olhados por motivos de maior ou menor premência, como aceitáveis” (p. 21).

Kaplan ([1964], 1975) esclarece que as técnicas diferem na amplitude de sua aplicação, de modo que algumas são mais apropriadas a contextos estreitamente definidos, enquanto outras são aplicáveis a uma ampla variedade de investigações. O autor alerta para o perigo de que um conjunto de técnicas seja identificado com o método científico, em função de pressões sociais de dada comunidade científica. Quando isso ocorre, diz que impera a “lei do instrumento”, formulada a partir de uma metáfora: “dê um martelo a um menino e ele descobrirá que tudo aquilo quanto encontra deve ser martelado” (p. 31). Entretanto, **o problema não é que se estenda ao máximo o potencial de uma técnica, mas que a outras técnicas seja negado o nome de ciência**. Tratando dessa questão no âmbito das ciências do comportamento, o autor adverte: “Computadores eletrônicos, modelos de teorias dos jogos e

fórmulas estatísticas não passam, afinal de contas, de instrumentos: não são *eles* que produzem resultados científicos, porém o investigador que os emprega cientificamente” (p. 31).

As autoras afirmam que o uso de entrevistas em LC envolve questões relativas ao “valor” empírico, à fidedignidade, à repetibilidade dos dados obtidos por meio desse instrumento. Na verdade, tais questões são problemáticas em qualquer pesquisa de natureza qualitativa. Por isso, na literatura encontra-se a recomendação de que se utilizem diferentes instrumentos e que se triangulem dados. Nesse contexto, o método experimental emerge como uma alternativa provendo um cenário controlado que permite a comparação, a quantificação e a repetição de dados. Entretanto, raramente se discutem questões epistemo-metodológicas mais radicais a respeito das operações de construção de procedimentos experimentais. Fodor (1994), por exemplo, influenciado por Pierre Duhem¹⁴⁰, defende que o processo de elaboração de um experimento é um exercício em psicologia cognitiva aplicado a “si mesmo”, ao experimentador, ou seja:

Quando você administra um experimento, você usa o que você sabe sobre o que faria você acreditar naquela P para garantir que você venha a crer que P somente-no-caso-de-P. Previsões experimentais são geradas a partir da teoria que está sendo testada, em conjunto com a teoria do ambiente experimental (cf. Duhem), juntamente com uma teoria (mais ou menos explícita) da psicologia cognitiva do experimentador. Do mesmo modo, a forma tradicional de uma previsão experimental é sempre “tal e tal e tal e tal ... e isso me fará acreditar que P.” ‘Conhece-te a ti mesmo’, Sócrates disse; ‘ou não há ciência’, ele poderia ter acrescentado.¹⁴¹ (p. 95)

Dessa forma, Säge, Feltes e Silvestrin (2010, no prelo) verificam que o autor vai mais longe quando acrescenta que o design de um experimento é um exercício de psicologia *social* cognitiva aplicada, porque é construído tendo-se uma determinada audiência em mente. Com ironia, complementa: “e eu suponho que quase nunca a audiência que o experimentador tem em mente é ele mesmo” (p. 99)¹⁴². Um experimento, nesse sentido, busca convencer essa audiência a utilizá-lo ou demovê-la da ideia de não utilizá-lo. Em outras palavras: “você não apenas tem que saber qual resultado faria *você* acreditar em P, mas também qual resultado

¹⁴⁰ Ver Duhem (1906).

¹⁴¹ **Do original:** “When you run an experiment, you use what you know about what would make you believe that P to insure that you do come to believe that P just-in-case-P. Experimental predictions are generated from the theory that’s being tested, *together with* the theory of the experimental environment (cf. Duhem), *together with* a (more or less explicit) theory of the cognitive psychology of the experimenter. Correspondingly, the canonical form of an experimental prediction is always “such and such, and such and such... and that will make me believe that P.” ‘Know thyself’ Socrates said; ‘or no science’ he might have added.” (FODOR, 1994, p. 95)

¹⁴² **Do original:** “and I suppose it almost never happens that the only audience the experimenter has in mind is himself” (FODOR, 1994, p. 99).

persuadiria seus pares” (p. 99)¹⁴³. Trata-se, em última instância, de estabelecer uma rota causal que vai do resultado experimental à fixação de crenças sobre as hipóteses experimentais, que são teoricamente mediadas, já que são propostas: “somente pessoas que acreditam na teoria sobre a qual o design do experimento está predicado, são suscetíveis a serem afetadas pelo resultado de acreditar que P, *mesmo se o resultado realmente significa que P*” (p. 99)¹⁴⁴. Disso não se segue que a ciência seja meramente um construto social, em algum sentido ontologicamente indesejável. É central nessa posição de Fodor que:

Quando se está numa audiência para um experimento, você tem que acreditar no que o experimentador acredita sobre o que o resultado significaria. Mas isso não exige que você acredite no que o experimentador acredita sobre qual será o resultado. A maneira como as coisas ocorrem em experimentos está subordinada ao mundo. Esta é a razão pela qual a maneira como as coisas ocorrem no experimento seleciona teorias. (p. 98-99)¹⁴⁵

É constitutiva dessa discussão a defesa de alguma versão de realismo para o empreendimento científico, o que, por conseguinte, leva a aceitação de alguma versão de verificacionismo ou, de forma mais abrangente, de uma epistemologia naturalizada. Tanto o relativismo como o construcionismo social são, para muitos filósofos, indesejáveis. Em LC, a forma de não deslizar para alguma versão de relativismo ou construcionismo social está na defesa do realismo corpóreo ou experiencial-corpóreo. Por essa razão, Lakoff e Johnson (1999) enfatizam a necessidade de assumirmos pelo menos três compromissos numa investigação empiricamente responsável: (i) com a realidade cognitiva, adotando-se uma abordagem que seja cognitiva e neuralmente realista (p. 79); (ii) com a evidência convergente, pela busca de evidências por meio de tantas fontes quanto possível; e (iii) com a generalização e a abrangência, provendo-se generalizações empíricas sobre uma variedade o mais ampla possível de fenômenos. Os autores enfatizam que

Na aplicação de um método, nós precisamos ter tanta certeza quanto podemos de que o próprio método também não determina o resultado, antes da pesquisa empírica, ou produza artificialmente resultados distorcidos. [...] Idealmente, os efeitos de distorção de qualquer método serão cancelados por outros métodos. Quanto mais fontes de evidência tivermos, mais prováveis elas serão. (p. 79)¹⁴⁶

¹⁴³ **Do original:** “you have to know not just what outcome would make *you* believe that P, but also what outcome would move your peers” (FODOR, 1994, p. 99)

¹⁴⁴ **Do original:** “only people who believe the theory on which the experimental design is predicated are likely to be caused by the outcome to believe that P *even if the outcome does mean that P*.” (FODOR, 1994, p. 99)

¹⁴⁵ **Do original:** “To be in the audience for an experiment, you have to believe what the experimenter believes about what the outcome would *mean*. But that doesn’t require that you believe what the experimenter believes about what the outcome will *be*. How things turn out in experiments is up to the world. That’s why how things turn out in experiments can choose among theories.” (FODOR, 1994, p. 98-99)

¹⁴⁶ **Do original:** “In applying a method, we need to be as sure as we can that the method itself does not either determine the outcome in advance of the empirical inquiry or artificially skew it. [...] Ideally, the skewing

A afirmação de Lakoff e Johnson (1999) de que, em ciência, se devem evitar tanto suposições que pré-determinem os resultados da investigação antes de observarem-se os dados, assim como suposições que circunscrevam o **que deve contar como dados** de tal forma a pré-determinar os resultados, é, na verdade, uma afirmação de caráter metodológico assumida nesta dissertação, quando se investe no exame do potencial e limitações de entrevistas como fonte válida de dados para LC.

Säge, Feltes e Silvestrin (2010, no prelo) assumem a tese do perspectivismo científico, proposta por Giere (2006), aplicando-a às questões metodológicas, especificamente, à discussão sobre a observação e ao uso de instrumentos no processo de investigação. O perspectivismo é uma forma de realismo – realismo perspectivista – que, assim como o realismo corpóreo, pretende ser uma alternativa para o realismo objetivista e para o relativismo. Giere, partindo do fato de que “[A] maior parte dos dados observados nas ciências é agora produzida por instrumentos, às vezes, muito complexos instrumentos” (p. 14)¹⁴⁷, defende que “o *output* do instrumento é perspectivista” (p. 14)¹⁴⁸. O autor distingue duas dimensões da natureza perspectivista dos resultados de instrumentos: (1) os instrumentos são sensíveis a apenas um tipo particular de *input*, sendo “**cego para qualquer outra coisa**” (p. 14)¹⁴⁹; e (2) nenhum instrumento é perfeitamente transparente. Ou seja: “o *output* está em função tanto do *input* quanto da constituição interna do instrumento. Uma calibração cuidadosa pode reduzir mas nunca eliminar a contribuição do instrumento.” (p. 14)¹⁵⁰.

Estendendo-se essa abordagem para a teorização científica, o autor defende que os princípios gerais de uma teoria não fazem, por si mesmos, qualquer afirmação sobre o mundo, mas, antes, sobre modelos mais específicos construídos de acordo com princípios a serem testados a partir de diferentes **perspectivas instrumentais**. Giere ressalta que:

Entretanto, todas as afirmações teóricas permanecem perspectivistas quando se aplicam somente a aspectos do mundo, e ainda em parte *porque* elas se aplicam somente a alguns aspectos do mundo, nunca com precisão irrestrita. O resultado será uma explicação da ciência que traz observações e teoria, percepção e concepção,

effects of any one method will be cancelled out by the other methods. The more sources of evidence of we have, the more likely thus is to happen.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 79)

¹⁴⁷ **Do original:** “Most observational data in the sciences is now produced by instrumentation, sometimes very complex instrumentation” (GIERE, 2006, p. 14)

¹⁴⁸ **Do original:** “the output of instruments is perspectival” (GIERE, 2006, p. 14)

¹⁴⁹ **Do original:** “blind to everything else” (GIERE, 2006, p. 14)

¹⁵⁰ **Do original:** “the output is a function of both the input and the internal constitution of the instrument. Careful calibration can reduce but never eliminate the contribution of the instrument.” (GIERE, 2006, p. 14)

mais aproximadas do que elas teriam sido numa perspectiva objetivista. (2006, p. 15)¹⁵¹

Consequentemente, o realismo objetivista “absoluto” fica fora de alcance, mesmo como um ideal científico:

O inescapável, e até banal, fato é que os instrumentos científicos e as teorias são criações humanas. Nós simplesmente não podemos transcender nossa perspectiva humana, embora, de alguma maneira, aspiramos à visão divina do universo. É claro, ninguém nega que fazer ciência é uma atividade humana. O que precisa ser mostrado em detalhe é como a efetiva prática da ciência limita as afirmações que os cientistas podem legitimamente fazer sobre o universo. [...] O consenso entre cientistas em uma perspectiva científica particular surge de ambas interações sociais entre os membros da comunidade científica e suas interações com o mundo, tipicamente mediadas por uma instrumentação complexa. Mas assim como os cientistas obtêm sucesso criando perspectivas mais detalhadas ou mais generalizadas, ou ainda mais desejadas sobre o mundo, então nós que estudamos ciência, como uma atividade humana, podemos fazer o mesmo. Isso é o melhor que podemos fazer. (p. 15, grifo nosso)¹⁵²

Em suma, defende-se aqui que qualquer instrumento é aplicado em vista de objetivos específicos, fazendo a mediação entre esses objetivos e o que se deseja observar no “mundo”. Os “dados sobre o mundo”, ou como Waugh et al. (2006) almejam em LC, conforme mencionado no início desta seção, na verificação de “o que a linguagem realmente é” (p. 121)¹⁵³, permanecem, nos termos de Giere, “fora de alcance”, como de resto qualquer aspecto da “realidade”. A questão é, seguindo o autor, fazer o melhor que podemos ao utilizarmos esses mediadores, que são os instrumentos e as técnicas de pesquisa. Além disso, como Fodor (1994), aceitamos que instrumentos são teoricamente construídos e avaliados na perspectiva da própria teoria. Como se verá a seguir, ao retomarmos as críticas de sociolinguistas e etnógrafos ao uso de entrevistas como instrumento de pesquisa, é na perspectiva desses modelos teóricos, de seus objetos de investigação e do tipo de dados que lhes interessam observar, que as críticas devem ser situadas.

¹⁵¹ **Do original:** “Nevertheless, all theoretical claims remain perspectival in that they apply only to aspects of the world and then, in part *because* they apply only to some aspects of the world, never with complete precision. The result will be an account of science that brings observation and theory, perception and conception, closer together than they have seemed in objectivist accounts” (GIERE, 2006, p. 15).

¹⁵² **Do original:** “The inescapable, even if banal, fact is that scientific instruments and theories are human creations. We simply cannot transcend our human perspective, however much some way aspire to a God’s-eye view of the universe. Of course, no one denies that doing science is a human activity. What needs to be shown in detail is *how* the actual practice of science limits the claims scientists can legitimately make about the universe. [...] **Consensus among scientists on a particular scientific perspective arises out of both social interactions among members of a scientific community and interactions with the world, typically mediated by complex instrumentation.** But just as scientists do in this way succeed in creating more detailed or more general, or otherwise more desirables, perspectives on the world, so those of us who study science as a human activity can do the same. It is the best any of us can do.” (GIERE, 2006, p. 15, grifo nosso.)

¹⁵³ **Do original:** “what language is really like” (WAUGH et al., 2006, p. 121)

2.2.1 A entrevista em Linguística Cognitiva (LC)

A partir desse cenário metodológico, Säge, Feltes e Silvestrin (2010, no prelo) problematizam o caráter da interação social constituída a partir de entrevistas como instrumento de pesquisa em LC. Segundo as autoras, as críticas a esse instrumento iniciam na década de 60, no contexto das discussões promovidas por etnógrafos e sociolinguistas sobre o caráter das entrevistas como “eventos de fala”, e sobre a distinção entre “eventos de fala” e de “fala naturais”. A utilização de entrevistas é objeto de severo questionamento, em função dos objetivos das investigações nesses domínios, assim como nos da antropologia linguística. Portanto, as autoras afirmam que é necessário que se revise a discussão desse instrumento como constitutivo dos métodos de investigação no âmbito específico da LC.

A entrevista enquadra-se como evento de fala, tal como formulado por Hymes (1974). Em sua definição: “O termo evento de fala será restrito a atividades, ou aspectos das atividades, que estão diretamente governadas por regras ou normas para o uso da fala. Um evento pode consistir de um único ato de fala, mas frequentemente englobará muitos deles.” (p. 52)¹⁵⁴. Porém, autores como Wolfson (1976) discutem suas características e a ela oferecem severas restrições em função de seu objeto de estudo, distinguindo “evento de fala” de “fala natural”. Registre-se que Wolfson tinha como objetivo investigar o tempo presente histórico em narrativas conversacionais: “como o uso dessa forma em narrativas foi afetado por normas de interação em diferentes situações de fala” (p. 204)¹⁵⁵. Nesse caso, portanto, entrevistas formais e “espontâneas”, assim como sessões de grupo foram consideradas, após rica argumentação e exemplos, como contendo “um certo comportamento” (p. 261)¹⁵⁶, e, por isso, não fornecendo o tipo de dados de que necessitava: os sociolinguistas esforçavam-se para eliciar narrativas como amostras de fala natural, porém, “as narrativas contadas por entrevistas não são fazem parte, de certa forma, do padrão pergunta/resposta” (1976, p. 190)¹⁵⁷. Em função disso, sua opção metodológica foi por dados que

¹⁵⁴ **Do original:** “The term speech event will be restricted to activities, or aspects of activities, that are directly governed by rules or norms for the use of speech. An event may consist of a single speech act, but will often comprise several.” (HYMES, 1974, p. 52)

¹⁵⁵ **Do original:** “how the use of this form in narratives was affected by the norms of interaction of different speech situations” (WOLFSON, 1976, p. 204)

¹⁵⁶ **Do original:** “a certain bias” (WOLFSON, 1976, p. 261)

¹⁵⁷ **Do original:** “[...] narratives told in interwies are somehow not part of the question/answer pattern”. (WOLFSON, 1976, p. 190)

incluem conversas entre amigos, pessoas conversando em encontros públicos, tanto do palco quanto da plateia, situações de trabalho em que os participantes são colegas e naquelas em que envolvem relações assimétricas, conversações entre crianças e entre pais e crianças, narrativas gravadas a partir de *talk shows* televisivos e jornais, conversas durante encontros de serviço de atendimento, entre vizinhos bem como entre membros de uma família. (p. 204)¹⁵⁸.

Assim, Wolfson (1976) critica a entrevista com relação à falta de espontaneidade, afirmando que “a noção de fala natural é tomada propriamente em equivalência à fala apropriada; como não equivalente à fala não-autoconsciente; e como facilmente observável e frequentemente melhor, por técnicas simples de participação” (p. 189)¹⁵⁹.

Antes dela, Labov (1972), examinando questões metodológicas relacionadas à pesquisa em comunidades de fala empreendida pelos estudantes de sociolinguística, discute os primeiros passos para o estudo da língua em seus contextos sociais. Labov esclarece:

Os elementos básicos para localizar e fazer contato com informantes e fazê-los falar livremente numa entrevista gravada são grandes problemas para os estudantes. É um erro para qualquer um ignorar essas questões, porque nas práticas e técnicas que vêm sendo desenvolvidas estão incorporados princípios importantes de linguística e comportamento social. Um exame cuidadoso desses pressupostos metodológicos e descobertas nos mostrará bastante sobre a natureza do discurso e a função da linguagem/língua. (p. 180)¹⁶⁰

Mais tarde, Labov (1981) elenca procedimentos para minimizar os “efeitos” do entrevistador sobre os dados obtidos. Embora as advertências e recomendações discutidas por esses autores mereçam atenção, deve-se ter em conta o que, em sociolinguística, se pretende investigar por meio de uma entrevista. Nesse domínio, o interesse recai sobre variáveis sociolinguísticas (do nível fonológico à estruturação e dinâmica discursiva).

Portanto, para os fins da LC, a entrevista deve ser reavaliada quanto a seu potencial metodológico, em função dos fenômenos sob investigação, como processos de categorização, para o que poderia ser uma fonte válida para a formação de *corpus*.

No caso de conceitos abstratos como o de VIOLÊNCIA, pela natureza das experiências emocionais potencialmente implicadas – a entrevista estabelece tópicos com

¹⁵⁸ **Do original:** “include conversations between friends, people speaking in public meetings, both from the stage and from audience, work situations where the participants are colleagues and those in which there are asymmetrical relationships involved, conversations between children and between parents and children, narratives recorded from television talk shows and newspapers, from conversation during service encounters, and from those among neighbors as well among family members.” (WOLFSON, 1976, p. 204)

¹⁵⁹ **Do original:** “the notion of natural speech is taken properly equivalent to that of appropriate speech; as not equivalent to unselfconscious speech; and as observable easily, and often best, by simple techniques of participation.” (WOLFSON, 1976, p. 189)

¹⁶⁰ **Do original:** “The elementary steps of locating and contacting informants, and getting them to talk freely in a recorded interview, are formidable problems for students. It is an error for anyone to pass over these questions, for in the practices and techniques that have been worked out are embodied many important principles of linguistics and social behavior. Close examination of these methodological assumptions and findings will tell us a great deal about the nature of discourse and the function of language.” (LABOV, 1972, p. 180)

objetivos bem delimitados e regula a conversação, evitando digressões de caráter privado nas respostas. Observe-se que há questões legais e éticas que poderiam exigir a mediação de profissionais especializados e a permissão formal do entrevistado para o uso desses dados em textos de divulgação científica. Isso se aplica a entrevistas gravadas em áudio e, mais criticamente, a entrevistas gravadas em vídeo.

De qualquer modo, a questão da obtenção de discursos de “fala natural” ou de “discursos em cenários socioculturais naturais” é controversa, conforme apresentam Säge, Feltes e Silvestrin (2010, no prelo). Como formar tal tipo de *corpus*? A coleta de discursos dessa natureza é altamente problemática, pois os “dados” devem ser contextualizados, atentando para a natureza da interação e outras variáveis que perfilam locutores e interlocutores, enquadres que motivam os tópicos da conversação, os papéis na interação, etc., os quais, entre outros fenômenos, caracterizam o cenário do evento de fala ou comunicação. Waugh et al. (2006) têm clareza sobre essas questões ao afirmarem que:

Um evento de fala é uma instância específica de uso da linguagem (incluindo uma mensagem linguística, um enunciado, um segmento de discurso), que tem lugar entre pessoas particulares (falante=destinatário, interlocutores) num tempo e lugar específicos, em um contexto social e cultural particular, usando (uma) língua(s) particular(es), com um meio de comunicação específico (e.g, fala cotidiana, telefone, TV, som amplificado, etc.). (p. 121)¹⁶¹

As autoras optam por dados oriundos de eventos de fala como, por exemplo, diálogos face a face com dois ou mais participantes, engajados em conversações cotidianas entre membros da família e amigos, discussões entre estudantes em um projeto conjunto. Esses cenários são considerados mais “naturais” e “espontâneos”. Porém, conversações cotidianas, sobretudo entre indivíduos que se conhecem e possuem uma história de vida socioculturalmente compartilhada, situam-se num *continuum* que o instrumento “recorta”. Informações de *background* entre os indivíduos, os quais regulam a conversação, não são, via de regra, explicitados. A conversação envolve processos inferenciais que tornam acessíveis apenas seus *outputs*, permanecendo ocultas todas as operações e suposições subjacentes. Estas não são acessíveis ao pesquisador, que não pode intervir na conversação para resgatar conteúdo implícito. Os dados, dessa forma, resultam em construções sujeitas à interpretação do pesquisador. Goode e Hatt ([1952], 1977) trazem o seguinte exemplo, aplicado a uma situação de entrevista:

¹⁶¹ **Do original:** “A speech event [...] is a specific instance of language use (including a linguistic message, an utterance, a piece of discourse), which takes place between particular people (speaker and addressee=interlocutors) at a specific time and place, in a particular social and cultural context, using (a) particular language(s), with a specific means of communication (e.g., ordinary speech, telephone, TV, amplified sound, etc.).” (WAUGH et al., 2006, p. 121)

ENTREVISTADOR: - Sr. Jones, suponha que o seu filho decida tornar-se advogado. Aprovaria esta decisão?

ENTREVISTADO: - É engraçado que me faça esta pergunta. Acabo de chegar do escritório do meu advogado; acho que são todos os piores trapaceiros que se podem encontrar. São piores do que os que trapaceiam com cartas! (p. 259)

Nessa situação, os autores observam que, como o entrevistado não oferece uma resposta direta à questão, seria necessária uma **pergunta de verificação**¹⁶² – para “verificar mais profundamente” o significado da resposta. Ao afirmar que “todos são trapaceiros”, ele estaria desaprovando a decisão de o filho tornar-se advogado? Não, necessariamente. O entrevistador poderia inferir que seja uma resposta relativa à desaprovação. Entretanto, poderia ser o caso de, por exemplo, ele aprovar “desde que ele se mantivesse honesto”.

Nas entrevistas realizadas para esta dissertação, a pergunta de verificação apareceu sobretudo quando a entrevistadora não entendia ou não tinha certeza de que havia interpretado corretamente a resposta do sujeito, tal como no exemplo¹⁶³ a seguir:

L1 aham... e o senhor já cometeu um ato de violência?

L24 é eu...eu...na verdade eu briguei né...a violência pra se defende né... por causa que::

L1 defende o quê? Seu patrimônio?

L24 non

L1 honra?

L24 sua própria qualidade física né...minha qualidade física né

L1 uhum

L23 lutei por escola ã:: com ã::

L24 [disputando mulher bonita

L1 a:: disputando mulher bonita...isso é bom sabê...isso é uma coisa que eu não sabia por exemplo...que se pegavam por causa de mulher bonita...pronto.

Quando a entrevistadora (L1) questiona “defende o quê?”, ela procura ratificar sua interpretação, já que a conversa, na sequenciação do discurso, elucidava questões de patrimônio, bens, posse, etc.

Em outros casos, para manter o fluxo da conversa, a entrevistadora evitou interromper a fala do entrevistado, deixando de constatar se a sua interpretação sobre o que estava sendo discutido era coerente com o discurso que estava sendo proposto.

Se tomarmos a pergunta de verificação como algo comum a outros eventos de fala “mais naturais”, em que inferências são tipicamente derivadas no curso da interação, a “naturalidade” do evento, apesar de desejável, pode ser um fator complicador quando interessa acessar estruturas e processos cognitivos que motivam o modo de expressão dos

¹⁶² “Pergunta de verificação” é um termo utilizado por Goode e Hatt ([1952], 1977) e, portanto, adotado nesta dissertação.

¹⁶³ Os exemplos que ilustram a metodologia foram retirados do *corpus* desta dissertação, transcritos pela técnica da Análise da Conversação (ver 2.3.2.1.2 *A técnica da transcrição pela Análise da Conversação*) em que L1 é sempre o entrevistador e LX são os entrevistados.

indivíduos. **A entrevista permite que se “adentre” nos discursos.** A questão da naturalidade e espontaneidade fica, portanto, submetida à competência do entrevistador em explorar as técnicas disponíveis para a aplicação do instrumento, assim como a dinâmica mais produtiva para obtenção dos dados.

Ao mesmo tempo em que a escolha pela aplicação da pergunta de verificação, por exemplo, deve ser bem fundamentada para que não impere, conforme Kaplan ([1964], 1975), a “lei do instrumento”, já que nem sempre se revelará como a melhor fonte de dados, ela não deve ser descartada em função de pressupostos céticos. O autor esclarece:

Em toda investigação, pressupomos não apenas um conjunto de dados, mas também um conjunto de generalizações, ambos relativos a nossos materiais e aos instrumentos com que transformá-los no conhecimento buscado. Estabelecemos nossos pressupostos com base em investigações anteriores levadas a cabo em outras ciências, na sabedoria popular, nas experiências de conflito e frustração que motivaram nosso empreendimento, no hábito, na tradição e sabe-se lá em mais o que (sic). A metodologia não nos priva de nossos pés; prescreve, antes que os tenhamos em consideração. (p. 91-92)

Ou seja, o fato de entrevistas não servirem aos propósitos de uma tradição de estudos (como na sociolinguística, etnografia e antropologia linguística) não significa que deva ser descartada sem uma avaliação rigorosa, por outras áreas de investigação, cujos objetos são diversos.

Além disso, gravar em áudio ou vídeo essas conversações “espontâneas” pode resultar em um material de baixa qualidade, principalmente no caso de conversações, em que é necessário distinguir alternância de vozes e de papéis na interação. No âmbito das questões éticas, como realizar a coleta de tais discursos e deles fazer uso para análise e posterior divulgação, sem a autorização dos locutores e interlocutores? Nas entrevistas, o uso das tecnologias de captura de fala e imagens pode ser melhor manejado e exigências ético-legais antecipadamente atendidas. Para que esta dissertação pudesse ter uma amostra, obteve-se a aprovação, pelo Comitê de Ética da Fundação Universidade de Caxias do Sul, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)¹⁶⁴, assinado pelos sujeitos.

¹⁶⁴ No Anexo I, encontra-se o documento de aprovação do TCLE, emitido pelo Comitê de Ética da Fundação Universidade de Caxias do Sul.

2.2.2 Categorização de VIOLÊNCIA: o uso de entrevistas

Para fins de estudos metodológicos, esta seção da dissertação analisa a dinâmica da interação promovida pela entrevista, avalia sua aplicação e oferece um conjunto de fatores que foram ou que poderiam ser observados na sua condução. Para constituição da amostra, foram feitas dezenove entrevistas.

Conforme Mittelberg et al. (2006), ao tratar da relação entre linguagem, cognição e interação social, há uma multiplicidade de tipos de dados que podem servir aos propósitos de uma investigação. Para os autores: “[A] língua aparece em todas as formas e tamanhos, sendo assim, os métodos empregados pelo cientista devem ser capazes de acomodar essa variabilidade” (p. 19)¹⁶⁵. E afirmam ainda: “[A] perspectiva teórica e o tipo de dados com os quais se decide trabalhar, inevitavelmente determinarão a escolha da metodologia.” (p. 22)¹⁶⁶. Ou seja, a entrevista constitui “linguagem em uso”, como um evento de fala, que, embora se distancie dos padrões da conversação cotidiana, elicia, em sua dinâmica, estruturas discursivas que servem a determinados propósitos de investigação, cujo enfoque seja linguístico, cognitivo, social e cultural. Nesta investigação, não se visa à análise estrita de estruturas e formas de interação (princípios de organização do discurso em si ou estratégias discursivas) linguísticas socioculturalmente motivadas, à verificação de recorrência de padrões gramaticais e sua frequência estatística, em contextos específicos de uso. Esta visa, prioritariamente, à captura de indícios de processos e estruturas de categorização, por meio da expressão verbal, e aos dados fornecidos pela fala dos sujeitos são empiricamente suficientes para a análise pretendida.

Quanto à condução do processo, as entrevistas da zona urbana, zona de proveniência da entrevistadora, foram realizadas com sujeitos de seu círculo social, em locais como a casa ou o ambiente de trabalho do informante. As entrevistas na zona rural foram feitas com a mediação de pessoas que conheciam esses sujeitos, auxiliando tanto no agendamento como acompanhando a entrevistadora. Essa é uma forma conhecida de “entrar numa comunidade”, minimizando a resistência com relação à presença de um *outsider*, conforme observam Goode e Hatt ([1952], 1977):

¹⁶⁵ **Do original:** “Language comes in all shapes and sizes, and as such, the methods employed by the language scientist must be able to accommodate this variability”. (MITTELBERG et al., 2006, p. 19)

¹⁶⁶ **Do original:** “The theoretical angle and the type of data one decides to work with will inevitably determine the choice of methodologies” (MITTELBERG et al., 2006, p. 22)

Geralmente, quando o entrevistador tem uma relação específica de informantes, que deve entrevistar pessoalmente, seu primeiro contato não é com o entrevistado, mas com um membro da família ou um amigo. Nesses casos é preciso recordar que essas pessoas também devem ser compreendidas, se se quer persuadir o informante a dar a entrevista. (p. 244)

Salienta-se que a zona rural de Caxias do Sul não se encontra em isolamento geográfico ou cultural. A entrevistadora, assim como grande parte dos sujeitos da comunidade urbana, está constantemente em contato com a zona rural, conhecendo, portanto, a linguagem e os costumes desses indivíduos. Labov (1981), sobre as primeiras aproximações com a comunidade a ser estudada, diz que: “[U]ma primeira aproximação a uma comunidade próxima, subcultura, ou área geográfica, inevitavelmente coloca o entrevistador na posição de *outsider*. A posição de um *outsider* reforça o apelo inicial por ajuda, e a maioria das pessoas responde favoravelmente a esse apelo” (p. 42)¹⁶⁷.

No caso desta pesquisa, entretanto, a resposta favorável dos sujeitos deve-se, adicionalmente, a essa fraca fronteira entre o rural e o urbano na região de Caxias do Sul. Os sujeitos que responderam às entrevistas da categoria “rurbana” também foram selecionados a partir do círculo social da entrevistadora.

O que se buscou, por meio desse cuidado na constituição das amostras, foi atenuar o que Labov (1984) aponta como o **paradoxo do observador**: “o objetivo de uma pesquisa lingüística, na comunidade, deve ser o de descobrir como as pessoas falam quando elas não estão sendo sistematicamente observadas, ainda que esses dados possam ser obtidos somente por meio de observação sistemática” (p. 182)¹⁶⁸. Procurar, portanto, os entrevistados num banco de dados ou fazer entrevistas randômicas na rua, gravadas sem autorização ou conhecimento dos participantes, seria uma postura inadequada para uma pesquisa qualitativa. O roteiro em LC propõe muitas vezes perguntas que suscitam a exposição de memórias, ideias e perspectivas subjetivas ao sujeito-entrevistado. Sem o processo de aproximação, inserção na comunidade, conquista da confiança do sujeito, monitoramento das atitudes dos envolvidos, efetuação de técnicas de *ice-breaking*, etc., a entrevista perde suas características como evento de fala e prejudica o tipo de levantamento de dados proposto. Selecionando-se o grupo de entrevistados dessa forma, buscou-se, por um lado, a espontaneidade do evento de fala e, por

¹⁶⁷ **Do original:** “A first approach to a new neighborhood, sub-culture, or geographic area inevitably involves the interviewer in the position of the outsider. The position as an outsider reinforces the initial appeal for help, and most people respond favorably to that appeal” (LABOV, 1981, p. 42).

¹⁶⁸ **Do original:** “the aim of linguistic research in the community must be to find how people talk when they are not being systematically observed; yet we can only obtain this data by systematic observation.” (LABOV, 1984, p. 182)

outro, a confiança do entrevistado, quando por ele se chegava através de alguém de seu círculo de amizades ou familiar.

Após o processo de seleção, com o início das entrevistas, procurou-se, na medida do possível, estabelecer um ambiente propício para a entrevista, evitando-se interferências, como ruídos de máquinas e equipamentos, chamadas telefônicas, etc. Contudo, esse cenário ideal, em certos momentos, não se manteve, pois os sujeitos não podiam esquivar-se completamente de sua rotina ou de outras demandas do ambiente. As possíveis alterações no fluxo da entrevista e seu remanejamento são discutidos adiante.

Nessas entrevistas, exploraram-se diferentes dinâmicas sensíveis aos contextos de interação emergentes. Em todos os casos, houve a fase preliminar de inserção nas comunidades e, antes da interação, o uso de técnicas de *ice-breaking*, sem gravação. Nessa fase, o sujeito faz perguntas ao entrevistador e conduz, inicialmente, a conversa, procurando esclarecer-se do que trata a pesquisa, como deve se comportar, ao que deve responder, etc. É nesse momento que o entrevistado demonstra sua disponibilidade e grau de colaboração para participar da interação, o que Goode e Hatt ([1952], 1977, p. 245) chamam de “rapport”, ou seja, o momento em que o informante aceita responder à entrevista e procura auxiliar o entrevistador a obter a informação necessária. Constitui-se num momento de consentimentos e de entendimentos sobre esse evento de fala, principalmente para avaliação do entrevistado.

Após criar-se um ambiente propício para a entrevista, iniciou-se a gravação em áudio, seguindo o protocolo da entrevista, que é um conjunto de questões que deve orientar a interação, em função dos tópicos de interesse para a investigação. Não se trata de um roteiro rígido, como se verá a seguir.

2.2.2.1 Protocolo da entrevista e pesquisa-piloto

O protocolo da entrevista visa capturar o processo de categorização de VIOLÊNCIA. A fim de testarmos as perguntas elaboradas, foram feitas três entrevistas-piloto. A primeira, feita em gravação por fita magnética, é a de um indivíduo urbano, do sexo feminino, 20 anos, com ensino superior incompleto, sendo uma das bolsistas do grupo de pesquisa referente ao projeto “Conceitos abstratos e valores culturais”, e que, portanto, já tinha contato com o assunto proposto. A segunda entrevista foi feita em gravação digital em formato mp3, com

um indivíduo urbano, sexo masculino, 52 anos e que nunca havia sido submetido a uma entrevista sobre o assunto. A terceira entrevista foi também em gravação mp3 com um indivíduo urbano, sexo feminino, 44 anos. Pela relevância das duas últimas entrevistas, elas foram incluídas no *corpus* e transcritas para análise. Quanto ao tempo de cada entrevista, a primeira entrevista-piloto teve duração de 15 min, a segunda durou 45 min e a terceira, 25 min. Comparando as três entrevistas-piloto, a duração média das entrevistas é de 20 a 30 minutos.

A partir dessas entrevistas-piloto, pode-se afirmar que houve resultados satisfatórios quanto às propostas do protocolo de perguntas elaborado. Além disso, por ser uma pesquisa de cunho qualitativo, com um *corpus* reduzido, mas adequado aos limites de uma dissertação de mestrado, consideram-se todas as respostas dos entrevistados.

Apresenta-se, em anexo (ANEXO 2), um exemplo de ficha de identificação e o protocolo de questões que serviu de guia para a entrevistadora. O tipo de entrevista proposto, como se discutiu anteriormente, possibilitou a fluidez das perguntas, fazendo com que a entrevistadora tivesse liberdade de incluir, excluir ou modificar as perguntas, conforme o andamento de cada entrevista. As questões foram elaboradas com vista a caracterizar, categorizar, metaforizar e expandir conceitualmente os conceitos ligados à categoria VIOLÊNCIA, caracterizando o que Labov (1984, p. 33), mesmo que na perspectiva sociolinguística, chama de *conversational module* (módulo conversacional) que “é um grupo de questões focadas num tópico particular”¹⁶⁹. Para isso, algumas das questões foram formuladas com base em um outro projeto (*Project on Global Uncertainties: Security for All in a Changing World Programme, sponsored by the ESRC/AHRC Fellowships on Ideas and Beliefs*, dirigido pela Dra. Lynne Cameron) que também se encaminha nos estudos da TMCI, mas enfocando a categoria TERRORISMO, principalmente em espaço europeu.

Em cada questão do protocolo, apresentadas a seguir, o ponto temático encontra-se entre colchetes:

(1) *Quando você pensa em “violência”, o que vem a sua mente em primeiro lugar?*

[Indivíduo/efeito de prototipicidade];

(2) *Violência é como um(a)...?*

[Modelos metafóricos/metonímicos: estratégia X is LIKE y]; (3) *Se você tivesse que comparar violência com outra coisa/ideia/conceito, com o que você compararia?*

[Modelos metafóricos/metonímicos/influências culturais];

¹⁶⁹ **Do original:** “is a group of questions focusing on a particular topic” (LABOV, 1984, p. 33).

(4) *Na sua comunidade, quais os tipos de violência mais comuns?*

[Modelos metonímicos/experiência na comunidade];

(5) *Em uma escala de mais violento e menos violento, cite um exemplo de cada um.*

[Modelos culturais subjacentes/efeitos de gradação da categoria];

(6) *Qual o tipo de violência mais grave que poderia ser cometido contra você ou sua família?*

[Modelos culturais subjacentes/experiência individual];

(7) *Você, ou alguém próximo a você, já foi vítima de algum tipo de violência? Qual? Como ocorreu?*

[Modos de expressão/experiência individual];

(8) *Que sensações você sentiu (ou sentiria, caso a pessoa nunca tenha sofrido um ato de violência) ao ser vítima de um ato violento?*

[Emoções associadas];

(9) *Se tivéssemos a seguinte situação: um ato de violência foi cometido contra alguém que você ama muito. Que emoções/sentimentos aparecem em sua mente com relação àquele que violentou alguém que você ama?*

[Emoções/empatia];

(10) *O que você considera ser um ato de violência?*

[Indivíduo/conceitualização/condução indireta de processo reflexivo];

(11) *O que para você caracteriza um ato de violência?*

[Indivíduo/conceitualização: abertura para prototipicidade];

(12) *Atos de violência podem ser perdoados? Quais?*

[Modos de expressão/experiência individual/modelos culturais/empatia];

(13) *Para você, o que leva uma pessoa ou grupo a cometer atos de violência? (= causa?)*

[Indivíduo/experiência transindividual/motivação];

(14) *Para aquele que sofre um ato de violência, quais são os efeitos sobre ele/ela?*

[Violência física, mental, moral, etc., danos];

(15) *Você acha que governo/sociedade tem agido de modo a conter a violência? Por quê?*

[Relação sociedade/responsabilidade transindividual];

(16) *O que poderia ser feito para diminuir a violência em sua comunidade?*

[Relação sociedade/responsabilidade transindividual];

(17) *Como atos de violência podem ser punidos?*

[Relação sociedade/responsabilidade transindividual];

(18) *De quem é a responsabilidade sobre a segurança do cidadão?*

[Relação sociedade/responsabilidade transindividual];

(19) *Como você vê o tratamento da violência pela mídia (rádio, televisão, jornal, revista, etc.)?*

[Comparação entre conceptualização individual e transindividual via canais de mídia, sociedade/imagens da violência];

(20) *Você já cometeu um ato de violência? Qual? Por quê?*

[Experiência individual/modelos culturais/emparelhamento com conceptualização anterior];

(21) *Você seria capaz de cometer um ato de violência? Em que circunstâncias? Por quais motivos?*

[Experiência individual/modelos culturais/emparelhamento com respostas anteriores];

(22) *Com as suas palavras, de modo simples, defina violência.*

[Indivíduo/efeito de síntese sobre conceptualização].

As entrevistas, com média de duração de 30 minutos, não contemplam todas as questões do protocolo, caso o sujeito, em outra questão, já tenha fornecido a informação-tópico em outras respostas. Esse fato ocorreu em algumas entrevistas, tal como com relação à pergunta (7) “Você, ou alguém próximo a você, já foi vítima de algum tipo de violência? Qual? Como ocorreu?”. Nesse caso, muitos entrevistados elucidaram questões profundamente pessoais, mostrando sua experiência de forma aparentemente sincera ao entrevistador (L1) e expondo, dessa forma, suas emoções e considerações sobre o fato ocorrido. No caso de L9, por exemplo, o desenvolvimento de sua resposta à questão (7) provocou uma mudança no andamento do protocolo das questões, pois tornou relevante ao entrevistador propor a pergunta (9): “Se tivéssemos a seguinte situação: um ato de violência foi cometido contra alguém que você ama muito. Que emoções/sentimentos aparecem em sua mente com relação àquele que violentou alguém que você ama?”. Fazer essa pergunta novamente, possivelmente tornaria o discurso redundante.

Essas questões também são reformuladas e sofrem variações em sua forma de expressão, com *shifts* de registro, uso de sinônimos ou segmentos explicativos, paráfrases, mantendo-se uma conduta de acomodação da linguagem e esforços de convergência, tanto quanto possível. O exemplo a seguir, esclarece o esforço da entrevistadora em obter uma resposta sobre a pergunta “O que é um ato de violência?”. A incompreensão da pergunta, por parte do entrevistado, não aparece, inicialmente na fala, mas na linguagem corporal do sujeito que enrugava a testa, levanta a sobrancelha, eleva os ombros, coça a cabeça, etc., percebida facilmente por um entrevistador treinado. Esses sinais físicos, percebidos a partir de um olhar atento do entrevistador, permitem o acesso mais claro ao discurso do sujeito. Além disso, um silêncio muito prolongado ou uma resposta incompatível com a questão proposta, também são

índices de incompreensão pertinentes para manter fluxo de ideias coerentes ao turno de fala. Perguntas do protocolo da entrevista obtêm sucesso, quanto à resposta, apenas quando o sujeito responde parcial ou totalmente à pergunta proposta.

Nesse sentido, o exemplo a seguir apresenta quatro maneiras diferentes (sublinhadas) que o entrevistador (L1) encontrou para reformular a pergunta e obter uma resposta minimamente satisfatória, uma vez que as perguntas não pretendiam medir o grau de conhecimento do indivíduo (L2) sobre violência, mas entender como ele estrutura linguisticamente sua opinião sobre o assunto.

L1 Como é que tu caracteriza assim C. um ato de violência...pra mim assim tu diria...se tu tivesse que explicá pra alguém que não sabe o que significa ato de violência...como é que tu explicaria assim

L2 Como é que eu explicaria:::...

L1 [é como é que tu caracterizaria por exemplo...tu diria pra alguém tu explicaria...que nem a gente fala na aula...como é que tu explicaria pra alguém

L2 Bom...ato de violência::

L1 [Ou violência...ato de violência acho que é um pouco mais fácil né da gente organiza o pensamento...

L2 Sim... ai, eu nem tenho explicação eu acho... é bem difícil né...

L1 [Não mas tenta...é que assim...se teu filho chegasse pra ti e pedisse...mãe o que que é um ato de violência...como é que tu explicaria pra ele

L2 Eu acho que assim é:: até já começando a falta com respeito com colega até...com uma professora...com mais velho...acho que isso já começa gera um ato de...violência ainda mais hoje em dia que a gente vê...tipo assim eu to apavorada agora que eu voltei...assim faz 28 anos que eu não estudava eu to apavorada com a falta de educação das pessoa até na sala de aula...sabe eu fico bem lá na frente mas eu to apavorada porque assim eles não respeitam né...uma coisa que eu pelo menos fui ensinada que tu tinha que respeita teu professor padre os mais velho né...era...agora não se respeita mais ninguém né.

Na primeira formulação da pergunta, a entrevistadora utilizou sinônimos para a expressão ‘caracterizar’, presente no protocolo de questões. Em seu lugar, usou verbos como ‘explicar’, ‘dizer’ e ‘significar’, pois percebeu, por meio da linguagem corporal da entrevistada (que não aparece na transcrição proposta pela Análise da Conversação¹⁷⁰), que a pergunta não foi entendida. Em sua fala, percebe-se grande hesitação na formulação da resposta, observada também por meio do alongamento demorado da vogal final e tom questionador na estrutura “*Como é que eu explicaria:::...*”. A incompreensão da pergunta é confirmada quando a entrevistada declara “*Sim... ai, eu nem tenho explicação eu acho... é bem difícil né...*”, em que, por meio da interjeição “ai” e da expressão “bem difícil”, exemplificam-se as dificuldades de entendimento. A entrevistadora, por sua vez, demonstra empenho em refazer a pergunta. Em sua reformulação, nota-se uma mudança na sequência discursiva perceptível pela presença de verbos conjugados no pretérito imperfeito do subjuntivo (“chegasse”, “tivesse”, “pedisse”) acompanhados de verbos conjugados no futuro do pretérito

¹⁷⁰ Ver aspectos da Análise da Conversação, seção “2.2.2.1.1 Notação de identificação do entrevistado” desta dissertação.

do indicativo (“explicaria”, “caracterizaria”), propondo uma nova configuração da pergunta por meio de um discurso mais hipotético, criado a partir de uma situação fictícia: “*Não, mas tenta...é que assim... se teu filho chegasse pra ti e pedisse... mãe o que que é um ato de violência...como é que tu explicaria pra ele*”.

Outros entrevistados, que possibilitaram uma interação mais natural, sentiam-se à vontade para perguntar ao entrevistador o que, parcial ou totalmente, não era entendido, como no caso seguinte:

L1 Uhum... se você tivesse que compara, violência com outra coisa, com outra ideia, com outro conceito, com que você compararia?

L2 Compará violência com outro conceito? Não entendo...

L1 Não entende? Se tivesse que usA, outra palavra, uma outra ideia, né... com relação à violência, eu preciso fazer violÊncia... alguma coisa, mostrA a violência com alguma coisa, um objeto até ou alguma outra ideia, ã:: pra esclarece o conceito. Tu saberia como fazê isso?

L2 Eu acho, acho que:: é da do do mesmo raciocínio que eu iniciei, por exemplo... a agressão, o quebrar, quebrar algo,né o:: estilhaçar, bater, estourar, ã:: chutar, ã:: manter os punhos em riste, é:: indicador em riste...

L1 [uhum...

L2 É:: transformar a aparência, né:: em ríspida...

L1 [uhum... [uhum...

L2 É:: arrancar cabelo, puxar a orelha...

L1 [São formas...

L2 É rasgA a roupa...

L1 [São formas de violência

L2 É:: Acredito que essas seriam uma das manifestações né...

Falhas no processo comunicativo, seja na compreensão da pergunta, por parte do entrevistado, ou da resposta, por parte do entrevistador, sugerem a criação de paráfrases, a reelaboração das questões, a utilização de perguntas de verificação, a criação de situações fictícias a fim de, prioritariamente, favorecer a fluidez da fala do sujeito.

Com a abertura a diferentes dinâmicas, obtiveram-se, pelas características dos sujeitos, algumas entrevistas que: (a) mantiveram os turnos de fala sob a regência do entrevistador, que regulou a condução da entrevista apenas com intervenções que forneciam esclarecimentos sobre as perguntas ou que solicitavam a expansão das respostas; (b) alternaram turnos de fala com *shifts* de papéis na interlocução, envolvendo outros participantes, como familiares presentes.

Na situação (a), obtiveram-se entrevistas com diferentes características, considerados fatores como: breves intervenções externas, pois se verificou que a privacidade entre entrevistador-entrevistado não pode ser totalmente controlada; espontaneidade do entrevistado, em geral motivada por características pessoais ou por não estar habituado com esse tipo de evento de fala; grau de escolaridade do entrevistado, que suscitou recorrentes reformulações das perguntas, nem sempre resultando em respostas produtivas. Na situação

(b), alguns dos fatores levantados na situação (a) também exerceram influência, mas verificou-se que a possibilidade de interagir com outros indivíduos da mesma comunidade, em geral da própria família, gerou mais espontaneidade e uma entrevista mais fluente mais próxima da chamada “fala natural”, amenizando o papel de “autoridade” do entrevistador. Os *shifts* que alternavam os papéis dos participantes permitiram a expressão mais autêntica desses indivíduos sobre a questão em pauta, e dela derivando outros tópicos relacionados. Nessas entrevistas com mais de um indivíduo envolvidos na entrevista, ora os sujeitos completavam informações uns dos outros; ora discutiam questões quando discordavam em determinado assunto, assumindo, nesses casos e de forma momentânea, o turno de fala. O exemplo a seguir envolve quatro interlocutores que se complementam no discurso:

L1 então se a gente pudesse:: compará a violência né...se tivesse uma uma ideia uma figura uma imagem assim que pudesse mostra pra uma criança ou pra alguém que não sabe o que é violência...sei lá violência é como isso aqui...vocês teriam alguma ideia pra:: pra explicá violência é como? e fazê uma comparação?...uma imagem alguma coisa assim
L26 mas olha...como como
L25 como assim
L1 pois é porque às vezes a gente tem que explicá né pra uma pessoa por exemplo como é que seria a violência
L25 [sim...como é que seria
L27 demonstrá onde que é o mal e o bem...eu acho né
L1 [ó:: por exemplo o mal e o bem
L27 é:: é porque tu vai...tu non pode ensina pruma criança por exemplo aquele desenho animado lá...é só violência né?
L1 [uhum [sim
L27 Enton tenho que dize que aquilo lá é feio...que aquilo lá () ela tem que assisti uma coisa mais animada
L1 [uhum
L26 um desenho mais...que non seja tão violento
L1 [uhum
L26 e mostra que aquilo lá tá errado
L1 [que não é legal...uhum
L25 e depois cumpri a ordem do pai e da mãe
L1 [uhum
L25 a gurizada segura em casa até... uma certa...uma certa idade() agora ali de 7, 8 a 10 ano pegam a rua e vão embora e nem sabe onde é que eles vão...

No próximo exemplo, os sujeitos entrevistados, que são marido e mulher, discordam quanto ao tema pena de morte, mostrando que os indivíduos, embora estejam respondendo à mesma entrevista, apresentam informações divergentes e se sentem à vontade para discordar sobre o mesmo assunto:

L1 Aproveitá que vocês tão falando di disso né...de polícia e tal...vocês acham que:: o governo a sociedade a polícia as instituições...ela Agem de forma a conte a violência? Elas conseguem ã:: tirá um pouco de violência
L21 [combate?
L1 É...isso
L21 Não... a violência combate né só que não conseguem combatê tudo né
L22 [mas não muito... eu acho que eles deveriam ser mais firme mais rigoroso
L21 É
L1 Uhum... mais firmes mais rigorosos em que sentido? Que que tu...tu acha que eles tinham que ser mais agressivos por exemplo?
L22 Não... agressivo não mas eles deviam mais prende, dá mais
L21 [não...conforme
L22 Não prende e solta né
L1 Aham
L21 Conforme os crimes
L22 [tem que se mai::s
L21 [V. ... conforme os crimes... devia te pena de morte
L1 Ah... o senhor é a favor da pena de morte?
L21 Não...conforme o crime né
L1 Claro claro
L21 Às vezes, tu apronta uma vez, apronta duas, apronta três... né
L1 Uhum é reincidente
L21 É chega um ponto né que esse bandido devia de né...tem u::m país que é assim né
L1 Uhum
L21 É pena de morte né.

Mesmo que o fenômeno da violência seja parte da experiência direta ou indireta dos sujeitos, a entrevista exige que estes pensem e expressem verbalmente o que lhes é solicitado. Nesse sentido, a elaboração das respostas é um tipo de processamento que se dá em tempo real. Pausas, hesitações, reformulações, etc., registradas nas transcrições, revelam que esses sujeitos, mesmo hipoteticamente, tendo para si certa compreensão do que entendem por VIOLÊNCIA, têm na experiência do evento de fala-entrevista uma rara oportunidade de refletir, organizar suas estruturas conceituais e, então, expressá-las verbalmente.

Além disso, meios não verbais, utilizados pelos sujeitos, mereceriam registro por gravação em vídeo, já que estes indiciam aspectos relevantes desse processamento em tempo real, como a atitude (positiva/negativa) do informante com relação à interação. Gestualidade, expressões faciais, posição do corpo, contato visual, como já foram elucidados, têm muito a acrescentar ao que é expresso verbalmente. Neste último caso, tratar-se-ia de abarcar multimodalidade do discurso, atentando para sua sincronicidade, explorando-se o caráter corpóreo de nossas formas de expressão, nem todas passíveis de manifestação por meio de categorias linguístico-conceituais. A entrevistadora registrou alguns desses recursos que, pela sua assistemática e não sincronicidade com a fala, não constituem objeto de análise.

Entretanto, pesquisas com captura de vídeo demandam que o TCLE inclua autorização para uso da imagem do entrevistado, em caso da publicação dos resultados da pesquisa, e, no

plano das técnicas, recursos tecnológicos que possibilitem sua descrição sincronizada com a faixa de áudio.

Durante o processo de pesquisa e, após, com a formação do *corpus*, Säge, Feltes e Silvestrin (2010, no prelo) avaliaram o potencial e as limitações desse instrumento em prover dados para examinar a relação entre categorias, lexicais, gramaticais e conceituais, assim como pistas para inferir a emergência de modelos cognitivo-culturais com potencial de revelar processos e estruturas relevantes dessa categoria complexa. Como resultado, levantou-se um conjunto de fatores que intervêm na aplicação desse instrumento. Os mais relevantes são:

- (1) Ambiente minimamente adequado para a realização da entrevista:** Fatores como ambiente ruidoso, presença de fontes de distração, inevitavelmente, interferiram na entrevista, dispersando, em alguns momentos, a atenção do entrevistado. Porém, na maior parte das entrevistas, notou-se que essas interferências não inviabilizaram a interação, pois sua dinâmica foi retomada com perguntas-*link*, propostas pela entrevistadora, do tipo “sobre o que estávamos falando, mesmo?”, que, ao mesmo tempo, permitiam uma avaliação do grau de atenção do sujeito. No exemplo abaixo, houve uma interrupção da entrevista em função de uma pessoa que entrou na sala. A conversa foi reiterada por uma “pergunta-*link*” indireta feita pela entrevistadora, da seguinte forma:

L1 A gente tava então falando...

L4 Dos presídio né

L1 Isso...porque a gente tava conversando sobre a punição

L4

[Sim

L1 E aí tu disse que essas prisões tinham que ser diferentes...porque eles tinham que plantá e colhê

- (2) Disposição e envolvimento do entrevistado:** Fatores como estado de humor, constrangimento, grau de comunicabilidade, confiança, capacidade reflexiva e analítica, disposição física, ausência ou presença de estresse, estados emocionais diversos ou acontecimentos recentes da vida dos indivíduos podem mudar a atitude do entrevistado momentânea ou permanentemente e afetar a dinâmica da interação. Em função disso, ele se sente ou não à vontade durante tal percurso, demonstrando ou não interesse em desenvolver suas respostas, dispondo-se ou não a questionar o entrevistador quando não entende uma pergunta, ou, até, negando-se a respondê-la. O entrevistador deve se manter, sobretudo, fidedigno à perspectiva de sua pesquisa, monitorando o andamento do discurso, ao mesmo tempo em que não restringe as

respostas do entrevistado. Goode e Hatt ([1952], 1977) apresentam alguns casos da relação entrevistador-entrevistado:

Um entrevistador pode não penetrar na máscara da recusa que um informante potencial lhe oferece. Outro receberá uma recepção cordial. Um entrevistador receberá de outro informante respostas clichê, de teor moderado e estrutura lógica. Outro pode achar que o mesmo informante é bem violento nas suas respostas e sua emoção não tem nenhuma lógica. (p. 238)

Como recurso para lidar com situações como essas, a entrevistadora adaptou seu discurso e utilizou estratégias de descontração, dependendo da necessidade de promover maior desenvoltura e cooperação por parte do sujeito – conforme (5) a seguir. Por exemplo, se o indivíduo propunha respostas curtas e demasiadamente truncadas, algumas perguntas eram repetidas por processos parafrásticos, ou eram incluídas outras questões não previstas no protocolo. O exemplo abaixo mostra a dificuldade da entrevistada para explicar seu julgamento a respeito da influência da mídia. A entrevistadora esforça-se em fazer perguntas diferentes para que a informante exponha sua opinião:

L1 (...) Como é que tu acha que é o tratamento da violência assim da mídia, do meio da mídia, como é que a mídia trata, o que que a mídia pra ti faz?
L7 Eu acho que são os piores
L1 Por que? tu acha que são exagerados?
L7 Eu acho
L1 Sensacionalista?
L7 É:: eles escondi muita coisa né
L1 Ah, eles escondem?
L7 Escondi né, eles não são como nós eles escondi muito que a gente não sabe e fica sabendo né
L1 Sim, depois...
L7 O que dá na televisão né... o Ronaldinho
L1 Pode dizer o exemplo do Ronaldinho, o que que tu acha?
L7 Nossa, terrível olha o jeito, que tá dando né
L1 Que que tá acontecendo, que eu não sei?
L7 Aquele que tá... o carioca
L1 O que que ele fez, eu não sei
L7 [...]
L1 É que tu mora perto né, de uma fonte
L7 [...] e é só gente da alta
L1 Então deve se tráfico de pó
L7 Não, pior... são grandí, tem coisa grandí...

(3)Engajamento do entrevistador na interação: Conforme o exposto em (1), há fatores ambientais que interferem, em diferentes graus, na condução da entrevista. Conforme (2), há fatores ligados ao entrevistado que devem ser manejados. Há ainda, fatores relacionados ao entrevistador que são ainda mais cruciais. Em todas as entrevistas, verificou-se que o entrevistador estava engajado na interação, sobretudo porque conseguia resgatar o assunto – conforme (1) – que foi interrompido utilizando-se,

então, o que se passou a denominar “pergunta-*link*” ou, no caso de respostas não pontuais por parte do entrevistado, utilizando perguntas de verificação. Apesar disso, o fator “humano” não é possível de ser anulado. O entrevistador necessita controlar muitas variáveis no curso da interação e, mesmo com excelente treinamento, o entrevistador é falível. Goode e Hatt ([1952], 1977, p. 241) afirmam que o pesquisador que se envolve em aspectos sociais deve ter em mente o desenvolvimento da percepção de indícios subliminares que o entrevistado propicia assim como interpretar esses indícios de forma consciente, além de verificar se tais informações estão corretas, ou seja, coerentes com o discurso do entrevistado. A etapa de transcrição é, nesse sentido, também um momento de avaliação do processo de entrevista. Nessa etapa, em geral, verifica-se que, em certos momentos, não foram adequadamente utilizadas, por exemplo, perguntas de verificação, de modo que as respostas não seguiam o tópico central da questão formulada. Aqui cabem duas observações. A primeira refere-se à dispersão da atenção, por parte do entrevistador, no controle de vários fatores potenciais de interferência, que o fazem incorrer em falhas em um ou outro aspecto da interação. A segunda refere-se à eleição em falhar em um ou outro aspecto. Por exemplo: uma pergunta de verificação pode levar o entrevistado a uma situação de constrangimento do tipo em que se sinta ter “sido incompetente” em sua colaboração, apesar de seu investimento numa resposta que, para ele, “fazia sentido”. Em situações como essas, o entrevistador poderá optar por “sacrificar” uma questão específica em favor da motivação do entrevistado em continuar colaborando na interação.

(4) Sensibilidade do entrevistador ao impacto dos tópicos das questões do protocolo:

A atitude do entrevistador diante do entrevistado deve ser o mais neutra possível, pois demonstrações de aprovação ou reprovação diante de uma resposta ou, ainda, interferências de cunho pessoal podem influenciar o sujeito-informante. Além disso, é necessária habilidade para lidar adequadamente com situações emocionais delicadas, em função de o tópico de algumas perguntas, de cunho mais privado. Cabe ao entrevistador manter-se atento ao curso do evento de fala, em especial a indícios de atitude positiva ou negativa dos sujeitos ou comportamentos de desconforto ou constrangimento relativos a questões que avancem em domínios de experiências mais pessoais.

(5) Adequação da linguagem por parte do entrevistador: As formas de expressão dos entrevistados são indicadores para *shifts* de registro e reformulação de questões, ensejando mudanças na forma de tratamento de diferentes perfis de sujeitos. Dentre as variáveis destacadas na pesquisa – idade, sexo, formação escolar, região de influência e crenças religiosas – aquelas que mais pesaram nos reenquadramentos do comportamento do entrevistador foram a variação de idade e a formação escolar. Com relação à idade, houve necessidade de o entrevistador adaptar-se sensivelmente à natureza da variável, principalmente com indivíduos idosos que, muitas vezes, não entendiam a questão proposta. Além disso, muitos deles consideravam-se “incompetentes” para responder a algumas questões, como apresenta a situação abaixo:

L1 Bom, dona T., essa é minha última pergunta, eu lhe agradeço muito, a senhora foi genial... em algumas respostas maravilhosas

L18 Não não, eu não sei falar nada

L1 Não, tá ótimo, sua opinião é sincera (...)

Nesses casos, o entrevistador precisou ter a habilidade de mostrar que quaisquer opiniões e ideias seriam importantes e válidas para a pesquisa. Como enfatiza Labov (1981, p. 40), é necessário que o pesquisador monitore constantemente seu comportamento, procurando eliminar qualquer sinal de autoridade (seja acadêmica, etária, social, etc.). O autor adverte para a suposta posição hierárquica superior do pesquisador, aconselhando o entrevistador a “diminuir” seus *status* de poder na entrevista:

Qualquer identificação do entrevistador com a figura de professor enfatizaria o fato de que ele é quem informa, nunca recebe a informação. A contra estratégia básica para o entrevistador sociolinguista é enfatizar sua posição como aprendiz, numa posição de menor autoridade do que a pessoa com a qual ele está conversando. (1981, p. 40)¹⁷¹

Essa perspectiva também foi adotada com sujeitos que apresentaram dificuldades em desenvolver seu discurso, como alguns entrevistados de baixa escolaridade, por exemplo. Estes ofereciam respostas que não condiziam com a questão formulada ou requisitavam que a entrevistadora refizesse a pergunta de outra maneira, pois não a entendiam de imediato. Nesses casos, foi reelaborada a pergunta (tal como é previsto nos procedimentos deste tipo de entrevista), a fim de que o

¹⁷¹**Do original:** “Any identification of the interviewer as a teacher would stress the fact that he is a person that information flows from, not to. The basic counter-strategy for the sociolinguistic interview is to emphasize the position of the interviewer as a learner, in a position of lower authority than the person he is talking to.” (LABOV, 1981, p. 40)

processo comunicativo fluísse. No caso de indivíduos com formação superior completa ou incompleta, a entrevista desenvolveu-se com maior naturalidade. Com relação a esse fator, Labov (1972) assinala que “há falantes em toda a comunidade que são mais conscientes do que outros do padrão do prestígio de fala, e cujos comportamentos são mais influenciados por padrões exteriores de excelência” (p. 187)¹⁷².

(6) Atenção às “regras da casa”: Além dos cuidados com linguagem e atitude de autoridade, a entrevistadora atentou para seu visual, vestindo-se de forma casual e discreta, pois, conforme ressaltam Goode e Hatt ([1952], 1977), “o informante é o importante” (p. 242). Por essa razão, os autores recomendam que:

[O] entrevistador deve [...] estar alerta para o que está trazendo à situação de entrevista: sua aparência, sua face e gestos com as mãos, sua entonação, seus medos e ansiedades, sua estupidez e seus talentos. [...] As características externas de seu papel funcional incluem itens como gramática adequada, prontidão, confiança, seriedade, e vestuário, cuja finalidade não é nem atrair o sexo oposto e nem causar piedade. (p. 241-242).

A entrevistadora, portanto, regulou também seu comportamento social, respeitando “as regras da casa” (quando a entrevista era praticada nos lares, pedia-se licença para entrar na casa, esperava-se um convite para sentar-se, etc.), estabelecendo contato visual de forma natural, o que já se iniciava nas práticas de *ice-breaking*, evitando o olhar perscrutador do observador-analista.

(7) Habilidade do entrevistador em manejar o protocolo da entrevista: É necessária habilidade daquele que faz as perguntas, uma vez que precisa estar atento ao diálogo estabelecido, conectando respostas do sujeito entrevistado a outras perguntas – sejam as do protocolo, sejam outras fora do *script* –, evitando divagações longas e desnecessárias do entrevistado, assim como mantendo a discussão na temática proposta, ou seja, atentando para questões relevantes ou interrompendo, apenas quando oportuno. Se o indivíduo, em determinada questão, desenvolvia seu discurso de modo a cobrir o que seria objeto de pergunta prevista, mas ainda não proposta, essa pergunta era eliminada. É necessária, conforme (5), habilidade para adequar a formulação das questões à realidade do entrevistado: o entrevistador deve estar atento às respostas dos indivíduos, pois, em alguns casos, não há entendimento (pleno ou parcial) das questões propostas ou há fuga de tópico, fazendo com que o ato

¹⁷² **Do original:** “there are speakers in every community who are more aware than others of prestige standard of speech, and whose behavior is more influenced by exterior standards of excellence” (LABOV, 1972, p. 187).

comunicativo não seja bem-sucedido. Observe-se, entretanto, que interceptar a fala do sujeito, em situações de digressão ou má compreensão da questão, deve ser uma decisão a ser tomada com cautela, para evitar que se acentue a autoridade do entrevistador, aumentando negativamente o grau de assimetria do evento de fala.

(7.1) Controle sobre interferências de indução: Em alguns casos, a entrevistadora inevitavelmente interferiu no discurso do sujeito. Isso aconteceu quando o informante não desenvolvia suas respostas ou respondia inadequadamente as questões. São os casos apresentados a seguir:

*L1 Se a senhora pudesse...ãh..dizer assim vioLência é como...se pudesse comparÁ a violência...violência é como...poderia tê...tem uma uma ideia pra...pensá a violência é como um...sei lá **um monstro...uma ideia que a senhora tenha a respeito disso**
L14 é...é mais do que **um monstro...uma violência...violenta mesmo***

Ou ainda:

*L4 Que nem eu tenho um vizinho meu aqui né...ele saiu da cadeia acho que faz uns 5 anos...e:: (19.c) ele é bem violento...ele deixo da esposa a esposa foi embora e tem 6 filho...e as criança moram aí né e ele é bem violento assim com as mulher... ele é meio traficante mas tipo assim... pra nós ele não faz mal
L1 [uhum
L4 ele na dele né...só que assim as vezes a gente...meio que fica né
L1 [com receio
L4 **com receio né...** porque tem bastante aqui no bairro fátima... tem bastante pontos de droga essas coisa...e eles se matam entre si mesmo né
L1 e tu fica sabendo dessas histórias...por causa dos vizinhos do jornal
L4 é:: sim...jornal né*

(7.2) Controle sobre interferências de complementação: Em outros casos, o informante alongava demasiadamente seu silêncio ou demonstrava não lembrar de uma expressão para explicar suas ideias. Assim entrevistadora ou o informante complementava o turno de fala um do outro, a fim de completar o discurso processado, tal como:

*L2 É o que a gente vê no dia a dia, é:: bom, se formos olhar a violência de... na comunidade ã:: acho que são atos de... roubos, é:: as pessoas é:: também que () têm acredito são propensas a:: não ter um lugar de igualdade na sociedade é:: tentando::de alguma forma, se manifestA, eu acredito que o roubo,o roubo.. assassinatos é:: os:: **como é que é::**
L1 [assaltos relâmpagos?
L2 ã:: que tá acontecendo muito... as pessoas RAPtam as outras é:: e:: e levam pra um lugar definido e e depois exigem
L1 [Uhum... [sequestro relâmpago
L2 É sequestro relâmpago é.. me esqueci o termo...*

(8) **Conhecimento prévio do entrevistado sobre o assunto:** Os indivíduos entrevistados foram informados previamente sobre o tema abordado na entrevista, quando a mesma foi agendada. Distinguem-se, aqui, dois tipos de sujeitos: aqueles que já sofreram,

direta ou indiretamente, um ato de violência e, por isso, já desenvolveram julgamentos sobre o assunto; e aqueles que trabalham com pessoas que praticam ou sofrem atos de violência, como psicólogos, agentes sociais, policiais, etc., cujas perspectivas relativas à violência variaram conforme sua experiência profissional.

A entrevista como instrumento empírico para obtenção de dados é, como se procurou esclarecer, objeto de controvérsias. A utilização desse instrumento é extremamente laboriosa, pois exige disponibilidade de tempo para sua aplicação. Além disso, conforme mostram Säge, Feltes e Silvestrin (2010, no prelo), as transcrições, para entrevistas de 30 minutos, demandam uma média de 3 horas para um sujeito altamente treinado na técnica, podendo chegar a 5 horas, em casos como os de dinâmicas com mais participantes. O aprimoramento da técnica, como o uso de gravações em vídeo, torna o processo ainda mais complexo, pois, além das questões éticas (uso de imagens no TCLE), demanda a formação de uma equipe técnica devidamente treinada. Além disso, a gravação em vídeo tem o potencial de aumentar o constrangimento do entrevistado, sobretudo quando, além do entrevistador, está presente quem maneja os equipamentos. Nem sempre uma câmera é suficiente para capturarem-se as imagens: câmeras posicionadas para os interlocutores e para o cenário da interação seriam mais apropriadas.

Em geral, afirmam Säge, Feltes e Silvestrin (2010, no prelo), são entendidos como tipicamente empíricos os estudos que envolvem observação sistemática e experimentos controlados em que não haja “influência do observador”, os quais forneceriam evidências com maior grau de fidedignidade e rigor. Todavia, basta que se revise a literatura em filosofia da ciência, como se propôs na seção 2.2, para que se entenda que quaisquer instrumentos são construídos de forma a, desde o princípio, estarem sobredeterminados pelas teorias e pelas hipóteses a serem verificadas. Os instrumentos de mediação, portanto, já carregam o ponto de vista do observador. Desse modo, descartar a entrevista como um tipo de estudo empírico, principalmente quando inserida numa pesquisa qualitativa, exige mais argumentos do que os oferecidos até o momento pela literatura mais “empiricista”.

2.2.2.1.1 Notação de identificação do entrevistado

Para identificação sistemática de cada sujeito entrevistado, presente na transcrição das entrevistas, são utilizados, respectivamente, os seguintes critérios para notação:

- 2 Inicial do primeiro nome como, por exemplo, Camila = C;
- 3 Identificação da zona de pertencimento sociocultural, sendo: urbano (U), rural (R) e *rurbano* (RU);
- 4 Idade em números;
- 5 Sexo, sendo feminino (F) e masculino (M);
- 6 Grau de escolaridade, sendo: Ensino Fundamental Incompleto (FI); Ensino Fundamental Completo (FC); Ensino Médio Incompleto (MI); Ensino Médio Completo (MC); Ensino Superior Incompleto (SI); Ensino Superior Completo (SC).

Um sujeito entrevistado, do sexo feminino, com o primeiro nome “Camila”, considerado como rural, com 30 anos de idade e tendo o Ensino Médio Completo, corresponderia à seguinte notação: **[C,R,30,F,MC]**. Com a transcrição completa, os segmentos linguísticos são organizados de acordo com a numeração exposta na tabela abaixo, conforme a notação dos indivíduos. Na transcrição das entrevistas, os entrevistados e entrevistador são sempre identificados pela letra L (locutor), mas cada um receberá um número, identificando-o, conforme expõe o quadro abaixo:

L1 Entrevistadora			
L2	M,U,52,M,SI	L14	D,R,75,F,FI
		L15	J,R,42,F,MC
		L2	M,U,52,M,SI
L3	J,RU,50,F,SC	L16	O,R,73,M,FI
		L2	M,U,52,M,SI
L4	C,U,44,F,FI	L17	R,RU,46, M,FI
L5	C,U,42,M,MC	L18	T,R,69,F,FC
L6	L,U,54,F,MC	L19	G,R,65,M, FI
L7	I,U,48,F,FC	L20	O,R,74,M,FI
L8	J,U,20,F,SC		
L9	M,U,53,M,SC	L21	J,R,52,M,FI
L10	S,U,34,M,SI	L22	V,R,43,F,FI
L11	L,U,46,M,SI	L23	O,R,48,M,SI
L12	A,U,63,F,SC	L24	I,61,M,FC
L13	J,U,49,M,SC	L25	H,R,74,M,FI
		L26	A,R,75,F,FI
		L27	T,R,46,F,FI
		L3	J,RU,50,F,SC
		L28	C,RU,45,F,SC

Quadro 3: Locutores das entrevistas e notação específica.

2.2.2.1.2 A técnica da transcrição pela Análise da Conversação

A transcrição das entrevistas nesta dissertação aplica a técnica empregada pela Análise da Conversação (*Conversation Analysis*).¹⁷³ Essa técnica de transcrição foi aqui adotada, pois as notações para registro da fala permitem ao pesquisador capturar os **aspectos relevantes** do modo de expressão dos informantes.¹⁷⁴

O objetivo da transcrição, na perspectiva da LC é possibilitar a análise do *corpus* para que se acesse a categorização/conceitualização de VIOLÊNCIA, por meio de aspectos semânticos, ou seja, como as pessoas desenvolvem seus pensamentos, ideias, conceitos por meio da linguagem. A técnica de transcrição, assim, propicia dados adequados à análise, pois:

[O] uso de dados gravados serve como um controle sobre as limitações e falibilidade da intuição e das lembranças; ele expõe o observador a uma ampla série de materiais e circunstâncias interacionais e também fornece alguma garantia de que as conclusões analíticas não surgirão como artefatos de idiosincrasia intuitiva, atenção ou lembranças seletivas ou design experimental. A disponibilidade de uma gravação em fita permite o exame repetido e detalhado de eventos particulares na interação e, conseqüentemente, abarca extensamente o alcance e a precisão das observações que podem ser feitas. O uso de tais materiais tem a vantagem adicional de fornecer aos ouvintes e, em uma extensão menor, leitores dos relatórios de pesquisa com acesso direto aos dados sobre os quais as afirmações analíticas são feitas, portanto torná-las disponíveis ao escrutínio público é um meio que ajuda a minimizar a influência da preconceção individual. (ATKINSON; HERITAGE, 1984, p. 4)¹⁷⁵

¹⁷³ Nesta dissertação limitamo-nos a aplicar a técnica de transcrição da fala proposta pela Análise da Conversação. Não se faz, portanto, “análise conversacional”, adotando-se o modelo como um todo. O objeto de estudo da LC diferencia-se daquele da Análise da Conversação (AC), uma vez que esta tem o objetivo de entender como uma conversação se desenvolve, seus aspectos de interação, etc. A AC, conforme Levinson (1983, p. 286), está centralmente preocupada em proporcionar uma descrição de como a organização coerente e sequencial do discurso é produzida e entendida. Have (1986, s/p) afirma que a AC é “uma tradição de pesquisa derivada da etnometodologia, tem algumas características metodológicas únicas. Ela estuda a organização social da ‘conversação’, ou ‘conversa-em-interação’, por uma detalhada inspeção de gravações e transcrições feitas dessas gravações”¹⁷³. O objetivo central de uma pesquisa analítica da conversação, segundo Atkinson e Heritage (1984, p.1), é descrever as competências e os procedimentos que os indivíduos fazem uso para se compreenderem, em uma interação inteligível e socialmente organizada é produzida. Porém, um dos problemas metodológicos apresentados pela aplicação da AC, diz respeito à busca pelo senso comum, próprio dos estudos etnometodológicos. Assim, Have (1986, s/p) discute a questão da invisibilidade do senso comum, em que a etnometodologia se baseia: “sem o uso de senso comum, seu objeto de estudo estaria simplesmente indisponível, porque é constituída pela aplicação de métodos do senso comum”¹⁷³. Nessa questão, a LC diferencia-se da AC, uma vez que, principalmente nesta dissertação, defende-se o uso de entrevistas, gravadas em áudio, conduzidas por um entrevistador que dispõe um protocolo de perguntas em que o informante está consciente da utilização de seu discurso para fins de pesquisa acadêmica, propondo-se a participar voluntariamente desse tipo de interação.

¹⁷⁴ Não há, portanto, transcrição com o uso do alfabeto fonético, já que o objetivo não é analisar, por exemplo, questões de variação sociolinguística nesse nível de manifestação do sistema da língua. Também não se registra (em segundos) os tempos de pausa.

¹⁷⁵ **Do original:** “(T)he use of recorded data serves as a control on the limitations and fallibilities of intuition and recollection; it exposes the observer to a wide range of interactional materials and circumstances and also provides some guarantee that analytic conclusions will not arise as artifacts of intuitive idiosyncrasy, selective attention or recollection or experimental design. The availability of a taped record enables repeated and detailed examination of particular events in interaction and hence greatly enhances the range and precision of the observations that can be made. The use of such materials has the additional advantage of providing hearers and,

Dessa forma, ao fazer transcrições, o entrevistador-pesquisador atenta para detalhes da interação que um ouvinte comum não perceberia, e seus resultados, para os fins desta pesquisa, podem levar a estudos comparativos dentro de *corpora* mais amplo. Por meio da técnica de transcrição da AC, marcaram-se as unidades de entonação, as pausas, os elementos paralinguísticos, as passagens não inteligíveis e, no todo, seguiu-se a notação para sobreposição de fala em pares adjacentes, assaltos de turnos, etc. Todavia, não foi marcado o tempo de pausa (em segundos) ou de sequências de hesitações (em segundos), o que pode ser feito em outra fase, caso seja de interesse investigar esse fator específico. Durante esse processo, o pesquisador escuta, transcreve e relê o discurso, possibilitando que as marcações de turnos de fala sejam por ele interpretadas, de acordo com a sua visão sobre a entrevista, e, a partir disso, aproximadamente marcadas. Há um conjunto de decisões implícitas ao processamento de perguntas-respostas que, nessa perspectiva, facilitam a análise. A atividade de transcrição, portanto, é um empreendimento árduo que toma tempo e exige extrema atenção.

Nesta pesquisa, foram adotados os seguintes conceitos relevantes para a transcrição, conforme Levinson (1983):

- a) Turno Conversacional (*Turn-taking*): é a unidade de interação em que um participante A, fala e termina sua fala; outro participante B começa a falar, desenvolve suas ideias e para, etc.; em que é obtido um segmento significativo de informações. Conforme Levinson (1983, p. 297), “essas unidades são, neste modelo, determinadas por vários traços da estrutura lingüística de superfície: elas são unidades sintáticas (sentenças, orações, frases nominais e assim por diante) identificadas como unidades-turnos em parte pela prosódia e, especialmente, recursos entonacionais”¹⁷⁶. A definição de turno de fala varia, portanto, a partir do surgimento de tópicos novos, o que Levinson chama de “*transition relevance place*” (TRP), motivados na interação e governados pelas regras de conversação estabelecidas pelos participantes. Silêncios significativos, lacunas de fala, entonação da voz, manutenção ou desvio do olhar e uso de expressões como, “Acho que é isso.” ou “Eu penso assim, né.” são elementos reguladores da

to a lesser extent, readers of research reports with direct access to the data about which analytic claims are being made, thereby making them available for public scrutiny in a way that further minimizes the influence of individual preconception”. (ATKINSON; HERITAGE, 1984, p. 4)

¹⁷⁶ **Do original:** “These units are, in this model, determined by various features of linguistic surface structure: they are syntactic units (sentences, clauses, noun phrases, and so on) identified as turns-units in part by prosodic, and especially intonational, means” (LEVINSON, 1983, p. 297).

mudança de turno que, interpretados pelos participantes no ato conversacional, caracterizam uma passagem de turno consentida, conforme Levinson (1983):

Uma importante consequência desse sistema é que ele fornece, independentemente do conteúdo ou considerações de polidez, uma motivação intrínseca para os participantes tanto ouvirem quanto processarem o que é dito – à medida que as regras de transição requerem localização prévia do falante seguinte que deveria ocorrer, e a projeção de TRPs a serem apresentadas.¹⁷⁷ (p. 300)

Por isso, itens pré-lexicais, também chamados de sinais de acompanhamento do diálogo (CASTILHO, 2002, p. 36), tais como as expressões “*uhum*” ou “*hã*”, não foram considerados, necessariamente, como interrupções ou fatores catalisadores de mudança do turno de fala, mas se tornam falas colaborativas, em que, geralmente o entrevistador, se mostra atento à fala do informante.

Outra mudança de turno possível é o chamado “assalto de turno”, em que um interlocutor “invade” o turno do outro numa complementação ou discordância de ideias ou ainda no aproveitamento de uma pausa ou hesitação.

- b) Sobreposição (*Overlap*): Também chamada de “superposição de vozes” (CASTILHO, 2002, p. 37), a sobreposição é uma construção conversacional em que dois participantes falam ao mesmo tempo ou um invade o turno de fala de outro. Nas entrevistas caracterizadas como individuais, em que havia apenas um informante respondendo às questões, as sobreposições foram controladas, principalmente pela entrevistadora, que monitorava seu discurso a fim de não prejudicar o andamento da fala dos entrevistados. Esse “controle”, porém, obviamente não é possível quando as entrevistas abordaram mais de um informante ou quando tiveram participações isoladas, como já discutido. A organização conversacional, como aponta Levinson (1983, p. 319) é orientada pelos participantes, em vez de ser um artefato para a análise. O autor discute o possível direcionamento de respostas, como por exemplo por parte do pesquisador que pode induzir no entrevistado um discurso específico. Portanto, na elaboração desses processos indutivos, na correção deles, na autenticação da fala do outro ou ainda na sinalização do término do turno, os locutores cometem sobreposições no ato de fala, conforme mostra Levinson (1983, p.193) “[m]as há

¹⁷⁷ **Do original:** “An important consequence of the system is that it provides, independently of content or politeness considerations, an intrinsic motivation for participants to both listen and process what is said – for the transition rules require prior location of next speaker selection should it occur, and the projection of upcoming TRPs.” (LEVINSON, 1983, p. 300)

sobreposições permitidas (e, portanto, sua localização e natureza previstas) por regras, e sobreposições que transgridem as regras (*interrupções*)”¹⁷⁸.

- c) Pares Adjacentes (*Adjacency pairs*): Unidades fundamentais da conversação, os pares adjacentes constituem-se superficialmente de dois turnos de fala que, na entrevista, correspondem à estrutura pergunta-resposta. Levinson (1983) mostra que há uma profunda relação entre o sistema de turno conversacional e os pares adjacentes, referente às técnicas de seleção do próximo falante, admitindo a dificuldade de especificar esse conceito. A regra dos pares adjacentes é: “tendo produzido uma primeira parte de algum par, o falante em curso deveria parar de falar, e o falante seguinte deve produzir naquele ponto uma segunda parte do mesmo par”¹⁷⁹ (LEVINSON, 1983, p. 304). O critério mais importante para caracterizar os pares adjacentes, segundo o autor, diz respeito à condição de relevância em que

Dada uma primeira parte de um par, uma segunda parte é imediatamente relevante e esperada. [...] O que a noção de relevância condicional torna claro é o que agrupa as partes de pares adjacentes não é uma regra de formação do tipo que especificaria que uma pergunta deveria receber uma resposta se ela resulta de um discurso bem formado, mas o estabelecimento de expectativas específicas que têm de ser atendidas.¹⁸⁰ (LEVINSON, 1983, p. 306)

O autor enfatiza, nesse caso, os fenômenos da preferência, quando os atos de fala correspondem culturalmente aos estímulos produzidos entre os interlocutores; e da “despreferência”, “quando esse estímulo corresponde-se com um ato evasivo, negativo, inesperado e, por isso mesmo (sic) estruturalmente marcado” (CASTILHO, 2002, p. 45).

Com base nisso, os sinais de notação das transcrições relevantes neste trabalho são apresentados no quadro abaixo¹⁸¹, acompanhados de exemplos do *corpus*:

¹⁷⁸ **Do original:** “But there are overlaps allowed (and thus their location and nature predicted) by rules, and overlaps that contravene the rules (*interruptions*)” (LEVINSON, 1983, p. 319).

¹⁷⁹ **Do original:** “Having produced a first part of some pair, current speaker must stop speaking, and next speaker must produce at that point a second part to the same pair” (LEVINSON, 1983, p. 304).

¹⁸⁰ **Do original:** “[G]iven a first part of a pair, a second part is immediately relevant and expectable. [...] What the notion of conditional relevance makes clear is that what binds the parts of adjacency pairs together is not a formation rule of the sort that would specify that a question must receive an answer if it is to count as a well-formed discourse, but the setting up of specific expectations which have to be attended to.” (LEVINSON, 1983, p. 306)

¹⁸¹ Os exemplos presentes no quadro foram adaptados a partir do *corpus* desta dissertação.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLOS
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	<i>também que () têm acredito são propensas</i>
Hipótese do que se ouviu	<i>(hipótese)</i> O parênteses é, nesse caso, completado com o que possivelmente foi ouvido.	<i>bá, eu já socorri uma pessoa, uma guria estuprada, não aqui lá em (Joence) e eu sei que é horrível não é uma coisa assim...</i>
Alongamento de vogal ou consoante	:: Dois-pontos duplos	<i>Agressão, ã:: Agressão, uso truculento de força... ã:: atitudes impensadas, reação, ã:: acho que é, queria lembrar de mais algum adjetivo mas...</i>
Interrogação	?	<i>Pra você, violência é como um?</i>
Qualquer pausa	...	<i>eu acho que seria uma transgressão à minha... ao meu convívio...</i>
Comentários descritivos	((<i>minúsculas</i>))	<i>graças à Deus, eu nunca até hoje ((bate duas vezes com a mão em punho na mesa)) nunca fui assalTado né...</i>
Superposição, simultaneidade de vozes	<i>[ligando linhas</i>	<i>Acho que... eu, eu ficaria muito impotente. Totalmente impotente, porque você não tá preparado pra enfrentá uma situação dessas... [Uhum...</i>

Quadro 4: Componentes da Transcrição da Conversação
Fonte: Castilho (2002, p. 45) [adaptado]

2.3 DINÂMICAS DAS ENTREVISTAS: TIPOS E CARACTERIZAÇÃO

Foram exploradas as seguintes dinâmicas, conforme o tipo de interação estabelecida regulada por quantidade de indivíduos envolvidos, zona de pertencimento sociocultural e sexo de cada um deles:

Entrevista individual: Todas as entrevistas da zona urbana se constituíram de apenas um indivíduo. Dessas, seis foram respondidas por sujeitos do sexo masculino e

quatro, por sujeitos do sexo feminino. Algumas delas apresentaram pequenas interrupções externas à entrevista, como uma chamada telefônica, interferindo brevemente no ambiente conversacional e elucidando a ausência de controle absoluto da privacidade da entrevista. Nenhuma dessas interrupções prejudicou o andamento. Em uma delas, porém, há comentários de um terceiro sujeito, que se encontrava próximo ao local da entrevista, acompanhando-a, que teceu alguns comentários complementares, mas não suficientemente contínuos para se constituir como um sujeito ou participante da entrevista. A entrevistadora, nesses casos, manteve-se como o condutor das perguntas, ou seja, foi regente do ato comunicativo, tendo como guia o protocolo de questões. Na zona rural, três entrevistas apresentaram somente um indivíduo como interlocutor principal, embora tenham seguido o padrão cultural próprio da dinâmica da zona rural¹⁸², que motivava a participação de mais de um sujeito por entrevista. Essas duas entrevistas também apresentaram pequenas intervenções de sujeitos que as acompanharam, mas que não estavam envolvidos no processo e, assim, não foram considerados.

Entrevistas com três participantes: Na zona rural, três entrevistas configuraram-se com entrevistador e dois entrevistados principais. Nessas entrevistas, compostas por duas duplas de homens e um casal, a dinâmica discursiva estabelecida variou entre os sujeitos. Em alguns casos, houve complementação das respostas e, em outros, houve discordância parcial ou total de ideias. Com isso, observou-se, por exemplo, que entre os homens havia uma alternância de turnos de fala muito moderada, em que os sujeitos obedeciam ao turno de fala do outro e raramente invadiam o turno de fala, respeitando os respectivos discursos. O comportamento do casal, porém, apresentou muitos *shifts* de papéis na interlocução, apresentando interrupções contínuas do turno de fala um do outro, além de discordâncias de opinião claramente estabelecidas para determinadas perguntas.

¹⁸² Todas as entrevistas da zona rural foram efetuadas nas casas dos sujeitos. Na maioria dessas residências, observou-se um padrão de comportamento com relação à entrevistadora, tratada como um visitante. Em primeiro lugar, todos os indivíduos presentes na casa saudavam a entrevistadora, recepcionando-a. Após isso, ela era convidada a se sentar (normalmente na mesa central da cozinha, móvel extremamente importante e típico das famílias de descendência italiana presentes na região de Caxias do Sul, ou em bancos externos à casa). Dessa forma, os indivíduos mantinham-se em volta da entrevistadora e do informante principal, que havia sido contactado anteriormente e aceitado responder à pesquisa. A fim de não causar constrangimentos e estabelecer um envolvimento efetivo na comunidade rural, a entrevistadora não solicitou que os outros indivíduos se ausentassem ou se silenciassem durante a entrevista.

Entrevistas com mais de três participantes: De todo o *corpus*, apenas uma entrevista, da zona rural, caracterizou-se com a participação da entrevistadora e mais três entrevistados, sendo dois principais e um participante eventual. Outros familiares participaram brevemente dessa entrevista que tinha como protagonistas o pai e a mãe da família. A entrevistadora, nesse caso, conduziu a entrevista que se transformou numa espécie de discussão, uma vez que o evento de fala, embora guiado por um locutor com questões previamente elaboradas, transformou-se num estilo de evento de fala mais livre. Essa reorganização de papéis permitiu que houvesse ainda mais espontaneidade dos participantes, principalmente, na condução e reestabelecimento de tópicos, motivando uma fluidez de discurso bem próxima, portanto, da chamada “fala natural”. Dessa forma, os turnos de fala foram constituídos de muitos *shifts* em que entrevistados principais e outros dois participantes puderam interagir sobre o tópico lançado ou mudá-lo, seguindo a conversação.

Apresentam-se, a seguir, descrições e apontamentos relevantes acerca de cada entrevista, atentando, principalmente, para os fatores intervenientes, o ambiente, o comportamento do entrevistador, as estratégias usadas, etc.

ENTREVISTA 1 ([M,U,52,M,SI]): Esta entrevista foi feita com um familiar da entrevistadora, servindo, inicialmente, como piloto que, posteriormente, pela relevância de suas respostas, foi incorporada ao *corpus*. Em ambiente favorável (escritório da casa do entrevistado, no bairro Universitário de Caxias do Sul), totalmente isento de interferências externas (foi realizada num domingo à noite), essa entrevista constitui-se como uma das mais longas, mostrando como o entrevistado sentia-se à vontade com o evento de fala proposto. Nesse caso, em função da relação paterna entre entrevistado e entrevistadora, o sujeito mostrou-se preocupado em apresentar suas considerações de forma ampla. No desenvolvimento de sua fala, porém, algumas de suas opiniões divergem entre si e são percebidas ora pela entrevistadora ora pelo próprio entrevistado. A partir disso, a correção e/ou o questionamento de algumas respostas explicitaram a liberdade discursiva entre os participantes. Outro fator relevante são os papéis sociais assumidos por esse entrevistado que, como pai e cidadão, refletiu opiniões geradas a partir de preocupações cotidianas.

ENTREVISTA 2 ([J,RU,50,F,SC]): Efetuada em ambiente isolado, com uma colega de trabalho da entrevistadora, esta entrevista não apresentou interferências. Com respostas bem

elaboradas e atenção absoluta da entrevistada às perguntas, esse evento de fala apresentou um discurso preocupado, sobretudo, com a educação dos jovens e a prevenção da violência. A pesquisadora observou que, nessa entrevista, a formação acadêmica da entrevistada (Curso Superior em Filosofia), sua condição profissional (secretária de duas escolas de Ensino Fundamental e Médio em Caxias do Sul) e sua participação efetiva como organizadora de eventos culturais da comunidade rural de sua proveniência (como a Festa do Vinho Novo) influenciaram de forma pertinente seu discurso. Seu contínuo vínculo com a zona rural, origem da sua família, e local onde morou em sua infância e adolescência, unido a sua atividade profissional na comunidade urbana caracterizaram a entrevistada como um sujeito *rurbano*.

ENTREVISTA 3 ([C,U,44,F,FI]): Primeira efetuada num ambiente estranho à entrevistadora, esta entrevista foi acompanhada por uma bolsista do grupo SEMACOG. Entrevistadora e bolsista foram até a casa dos entrevistados, onde foram recebidas por eles. A primeira entrevistada recebeu as visitantes, situando-as na cozinha, onde foram apresentadas ao marido, que, posteriormente, também respondeu à pesquisa, e ao filho do casal. Após serem convidadas a se sentar à mesa, a entrevistada solicitou ao filho e a seu marido que se ausentassem da cozinha, para que ela pudesse responder de forma mais atenta à entrevista. A entrevista foi interrompida ora pelo filho, ora por um outro menino, amigo do filho, que entraram no recinto espontaneamente, interferindo sutilmente na entrevista, mas não prejudicando seu andamento. Sendo a entrevistada aluna de Ensino Fundamental de EJA da entrevistadora (no período da entrevista), a espontaneidade das respostas compôs o processo em questão. Como aluna, mãe e cidadã, a entrevistada expôs conceitos de violência bastante flutuantes, já que a entrevistada não manteve a sua opinião durante a entrevista, tangenciando seu discurso nos diferentes papéis sociais que assumia. É relevante o histórico de violência familiar que a entrevistada sofreu, compartilhado por ela em certos momentos, quando se utiliza de exemplos do seu passado para justificar suas respostas.

ENTREVISTA 4 ([C,U,42,M,MC]): Esta entrevista sucedeu-se também com naturalidade, pois foi efetuada após a entrevista 3. Nessa entrevista, estavam sentados à mesa da cozinha, a esposa (entrevista 3), o entrevistado, a entrevistadora e a bolsista-observadora. A conversa, porém, manteve-se estritamente entre entrevistadora e entrevistado. Esse entrevistado mostrou-se bastante consciente a respeito da violência, pois trabalhou como policial para a Brigada Militar de Caxias do Sul e de Porto Alegre, durante muitos anos de sua vida. Seu

discurso é, portanto, modalizado pela perspectiva e postura profissionais pertinentes à sua vida.

ENTREVISTA 5 ([L,U,54,F,MC]): Esta entrevista foi realizada na casa da entrevistada, numa segunda-feira à noite, estando a entrevistadora acompanhada por sua mãe, pois esta viabilizou este contato. Recepcionadas por toda a família, entrevistadora e sua mãe sentaram-se na sala da casa, conversando trivialidades por alguns minutos. A entrevistadora, após alguns minutos, solicitou à entrevistada que elas fossem conduzidas a um espaço menos ruidoso, pois, com tantas interferências ao mesmo tempo (muitas pessoas falando, crianças brincando, televisão ligada, etc.), a sala não seria um lugar propício para fazer as perguntas e até captar os dados, em áudio, com qualidade. A entrevista ocorreu na mesa da cozinha, sem interrupções pertinentes, onde foi possível construir uma conversa fluida entre as interlocutoras. Nesse caso, a informante mostrou-se muito solícita em responder às questões e apresentou um discurso bastante religioso e socialmente preocupado, pois expôs casos de violência que havia sofrido ou presenciado ou criou narrativamente outros para fundamentar suas ideias.

ENTREVISTA 6 ([I,U,48,F,FC]): Também acompanhada pela mãe, a entrevistadora realizou esta entrevista no local de trabalho da informante (uma loja familiar de compressores de ar, onde ainda estavam presentes uma outra secretária, sobrinha da entrevistada, e o dono da loja, esposo da entrevistada). A grande dificuldade dessa entrevista residiu na postura resistente e subestimada da entrevistada. Desde o início, ela aceitou responder à entrevista, em que, ainda no início, foi-lhe explicada a importância de suas opiniões. A entrevistadora mostrou à interlocutora a proposta da pesquisa, as hipóteses levantadas, como algumas outras entrevistas que foram feitas, o TCLE, etc., procurando diminuir distância sociocultural estabelecido pela informante. Contudo, a entrevistada, nitidamente, não se sentia à vontade quando a sua fala era o centro da atenção da conversa. Durante seus turnos de fala, a entrevistada buscava apoio visual, por meio de olhares ora para a sobrinha ora para a mãe da entrevistada, buscando a “resposta certa”. A entrevistadora, percebendo essas sutilezas da linguagem corpórea, explicou à informante, durante a entrevista, que quaisquer opiniões e ideias expostas pela entrevistada seriam de grande valia para a constituição do *corpus* desta dissertação. Além da timidez e da subestimação de sua fala, a entrevistada, em algumas perguntas, apresentou incompreensão do que era questionado. Por isso, muitas vezes, a sobrinha expôs suas opiniões, inserindo-se na entrevista. As dificuldades em acessar o

discurso da informante apresentadas não prejudicaram totalmente a entrevista, mas serviram para reflexões metodológicas, uma vez que o instrumento, embora tenha sido adequado e acessível até então, não estava suficientemente claro para atingir todos os tipos de pessoas. O protocolo de entrevistas não foi alterado, uma vez que não houve pleno sucesso em apenas uma das entrevistas feitas até aquele momento, mas tais dificuldades serviram como um alerta, principalmente no aspecto que condiz à reformulação de perguntas, pois o mais importante desse tipo de investigação é o informante.

ENTREVISTA 7 ([M,U,53,M,SC]): Efetuada no trabalho da entrevistadora, conforme sugestão do sujeito, esta entrevista foi realizada numa sala isolada e sem interrupções relevantes. Com formação superior em teologia e com atividade profissional ligada ao jornalismo, esse indivíduo desenvolveu, com facilidade, as perguntas propostas. Habitado a esse evento de fala, suas respostas contemplaram coerentemente as questões requisitadas e elucidaram uma preocupação, essencialmente social, da origem, prevenção e punição da violência. Nota-se, em seu discurso, que esse tema já havia sido refletido e discutido pelo entrevistado, uma vez que ele foi palestrante de assuntos ligados à assistência social tanto para pessoas carentes quanto para religiosos de congregações de que já fez parte.

ENTREVISTA 8 ([S,U,34,M,SI]): Respondida por um colega de trabalho da entrevistadora, em local e horário de trabalho, esta entrevista ocorreu com muitas interferências, sendo interrompida diversas vezes em função de telefonemas direcionados ao entrevistado. Nesta entrevista, o recurso da “pergunta-*link*”, descrito acima, foi bastante utilizado, verificando continuamente se o entrevistado estava prestando atenção, deixando coerente seu discurso e mantendo o andamento das perguntas, o que foi confirmado em cada retorno do entrevistado. Apesar disso, o entrevistado contribuiu significativamente, pontuando questões sociais, educacionais e familiares, pois se tornou pai há pouco tempo. Sua preocupação com a segurança de sua família e do futuro de seu filho transpareceu em muitas respostas.

ENTREVISTA 9 ([L,U,46,M,SI]): Esta entrevista foi efetuada com a presença da esposa do entrevistado, que já havia também respondido à entrevista, em outro momento. Nota-se que, por esse sujeito trabalhar diretamente com indivíduos propensos a atos violentos (dependentes químicos), sua visão está vinculada à maneira com que enquadra a violência. Esse sujeito também sofreu um ato violento traumático, que influenciou seu estado psicológico por alguns meses, mantendo-o internado numa clínica psiquiátrica, já que apresentava um quadro de

bipolaridade, mesmo antes do trauma. Seu discurso é, porém, bastante consciente, pois sua função profissional acarreta reflexões diárias sobre o assunto.

ENTREVISTA 10 ([A,U,63,F,SC]): Respondida na casa da entrevistada, cuja filha é amiga da entrevistadora, esta entrevista sucedeu-se sem qualquer interrupção, mas foi conduzida com cuidado, uma vez que a entrevistada elaborava um discurso com bastantes divagações. Sua formação acadêmica em Psicologia e sua profissão (psicóloga e assistente social) mostraram influências nas respostas, constatando claramente a influência da formação acadêmica em suas respostas. Como seu trabalho envolve o tratamento psicológico infantil e palestras de prevenção contra o fumo e o álcool, suas respostas tinham fundamento tanto em sua experiência de vida quanto em suas práticas profissionais.

ENTREVISTA 11 ([J,U,49,M,SC]): Ex-colega de disciplinas do curso de Letras da UCS da entrevistadora, o indivíduo entrevistado é um dos líderes da Brigada Militar em Caxias do Sul. A entrevista foi efetuada no local de trabalho do entrevistado, sem maiores interrupções. Sua postura como policial, filósofo (formação acadêmica principal) e bacharel em Letras elucidou informações pertinentes na entrevista, pois revelou tanto dados sobre a violência em Caxias do Sul, como uma reflexão crítica sobre o assunto.

ENTREVISTA 12 ([D,R,75,F,FI]): Primeira da zona rural, mediada pelo pai da entrevistadora, esta entrevista foi feita na casa dos sujeitos entrevistados, acompanhada pelo pai da entrevistadora e por uma das filhas da entrevistada. A entrevista decorreu com naturalidade até ser interrompida pela chegada do esposo da entrevistada. Com a saída dele e do pai da entrevistadora do ambiente, o processo teve continuidade. Essa entrevista apresentou as dificuldades de adaptar o protocolo das questões, para um indivíduo de Ensino Fundamental incompleto, pois a informante não desenvolvia com profundidade as respostas, não respondia adequadamente às questões e, às vezes, confundia o que era questionado, respondendo com divagações. Além disso, observa-se um maior esforço da entrevistadora ao formular e reformular perguntas, provocando eventualmente indução de respostas. Essa medida é tomada pela entrevistadora à medida que a entrevista tem sua continuidade e não oferece colaboração do sujeito, pois a entrevistada, nessa situação, demonstrava, principalmente por meio de expressões faciais, sua incompreensão sobre o assunto. Mesmo com processo de paráfrases e reelaboração das frases, houve dificuldade em obter respostas coerentes nessa entrevista.

ENTREVISTA 13 ([O,R,73,M,FI]): Efetuada na casa do entrevistado, acompanhada pela esposa e filha do entrevistado, assim como pelo pai da entrevistadora, esta entrevista sofreu algumas interferências, feitas sobretudo pelo pai da entrevistadora, que serviu como mediador da mesma. Esse informante nasceu e viveu durante toda sua vida numa comunidade rural e, como líder político dessa região, expôs, de forma clara e coerente, sua preocupação com a segurança tanto de sua família quanto de seu grupo social. Nota-se, em seu discurso, que os problemas da violência provêm, sobretudo, da zona urbana. A “cidade” é, para ele, catalisadora do progresso, assim como, fonte das mazelas sociais.

ENTREVISTA 14 ([R,RU,46, M,FI]): Respondida no ambiente de trabalho do entrevistado, a principal preocupação da entrevistadora, nesse caso, foi manter a atenção do entrevistado que era requisitado constantemente em função de sua rotina profissional com telefonemas, pessoas batendo à porta, conversas paralelas, etc. Mesmo não se conseguindo estabelecer um ambiente ideal para a entrevista, inicialmente, o entrevistado contribuiu de forma coerente com o trabalho e, solícito com a entrevistadora, pede desculpas durante a entrevista por sua inevitável distração. Mesmo assim, a entrevista possibilitou o acesso ao discurso de um informante que possui grande influência da zona urbana, já que trabalha no centro da cidade, mas que se caracteriza como um indivíduo rural, por ter vivido e ainda viver na comunidade rural, desenvolvendo pequenas atividades agrícolas ao mesmo tempo em que trabalha no Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas, em Caxias do Sul. Essa conjuntura caracteriza o sujeito como *rurbano*, que se demonstrou preocupado, sobretudo com a violência e a insegurança gerada na população tanto da zona urbana quanto da rural.

ENTREVISTA 15 ([T,R,69,F,FC]): Recebida na casa da informante, a entrevistadora sentiu-se muito à vontade ao chegar ao local. Esta entrevista tem como ponto mais importante o comportamento da entrevistada que, sendo bastante falante, disposta e desinibida, possibilitou uma entrevista relativamente curta, mas muito pontual e consciente no que diz respeito ao protocolo das questões. A influência da imigração italiana é bastante explícita em sua variação lingüística, quando faz uso de palavras do dialeto da região, e sua história de vida ligada apenas à zona rural fazem com que ela seja considerada nesta dissertação, um sujeito rural. Contudo, o seu conhecimento sobre violência urbana, proveniente das fontes midiáticas com que tem contato, como televisão, rádio e jornal, é fundamental para se exemplificar a questão do transbordamento do urbano para o rural, como discutido anteriormente.

ENTREVISTA 16 ([G,R,65,M, FI] e [O,R,74,M,FI]): De todas as entrevistas, esta é uma das que merecem destaque, principalmente pelo ambiente em que se sucedeu. Mediada por uma amiga, que acompanhou em todo o processo, a entrevistadora foi conduzida a se sentar numa cadeira à frente da casa dos entrevistados, que também se sentaram. A postura dos entrevistados foi de completa atenção às perguntas, interrompidas, porém, pelos cachorros da dupla, quando avistavam alguém estranho na pacata estrada de chão. Em função dos cachorros, gatos e mosquitos que rondavam o grupo, essa entrevista tornou-se um processo mais difícil para a entrevistadora manter a atenção do que para os entrevistados. Essa foi a primeira entrevista que apresentou mais de um participante, em que a entrevistadora dirige-se ora para um entrevistado, ora para outro, fazendo as mesmas perguntas. Houve poucos *shifts* entre os entrevistados, que respeitavam o turno de fala um do outro.

ENTREVISTA 17 ([J,R,52,M,FI] e [V,R,43,F,FI]): Esta entrevista confirmou o comportamento tradicional esperado das famílias da comunidade rural. A entrevistada foi recebida na casa do casal, numa segunda-feira à noite, e convidada a sentar-se à mesa. A entrevista havia sido mediada por uma amiga da entrevistadora, que tinha entrado em contato apenas com o pai da família. No momento da entrevista, a esposa sentou-se também à mesa e a filha do casal passou pelo grupo, sentando-se na sala para assistir ao noticiário. Dessa forma, essa entrevista também se caracterizou com mais de um sujeito, possibilitando uma fluidez ainda maior do discurso, assim como naturalidade da fala. A presença da esposa que, por vezes, conduziu o andamento das respostas, estabeleceu *shifts* na entrevista, motivando um discurso extremamente natural, pois era estabelecido, sobretudo, com o esposo. Os posicionamentos compatíveis e divergentes do casal, conforme a pergunta, mostram que a autonomia discursiva, embora a entrevista envolva mais de um informante, não é prejudicada.

ENTREVISTA 18 ([O,R,48,M,SI] e [E,M,61,M,FC]): Esta entrevista também foi feita com dois sujeitos masculinos, mediada por uma amiga da entrevistadora, que tem vínculo familiar com os informantes. Nesse caso, a entrevistadora também não foi convidada a entrar na casa, sendo conduzida a se sentar num banco de pedras no jardim. Por meio disso, notou-se um possível comportamento da cultura da zona rural em que, na ausência de mulheres, os homens não convidam outras para entrar nas suas casas, provavelmente obedecendo a um código de conduta e respeito intrínseco à sua criação. A entrevista foi um pouco prejudicada pelos carros e caminhões que passavam na estrada próxima, pois a casa fica à beira de uma via

pavimentada. Ambos entrevistados se mostraram muito solícitos a responderem à pesquisa, invadindo o turno de fala um do outro constantemente, provavelmente por serem irmãos. Por isso, evitando uma possível confusão dos turnos de fala, resguardando a qualidade da gravação em áudio e evitando divagações desnecessárias, a entrevistadora, muitas vezes, precisou controlar a entrevista de forma mais rígida, indicando o término da fala ou evitando uma excessiva sobreposição de turnos. Notou-se, nesse caso, que a linguagem dos entrevistados apresentou diversas hipercorreções, expondo a necessidade subjetiva dos sujeitos de adaptarem seu discurso à presença da entrevistadora. O *ice breaking* e o *rappport* nessa entrevista, não foram feitos pela entrevistadora, mas pela amiga que possibilitou o encontro. Por isso, há um interferência explícita de uma posição de superioridade acadêmica pressuposta pelos sujeitos à figura da entrevistadora. Ao final da entrevista, sem os gravadores ligados, os entrevistados afirmaram já ter recebido jornalistas e historiadores em sua casa. Esse histórico, possivelmente, também tenha influenciado a condução da fala dos entrevistados em seus discursos, conduzindo-os a uma fala extrema e erroneamente rebuscada, assim como divagadora.

ENTREVISTA 19 ([H,R,74,M,FI]; [A,R,75,F,FI] e [T,R,46,F,FI]): Esta entrevista marcou o fim da pesquisa de campo e foi marcada por peculiaridades. Recebida na casa da família, a entrevistadora foi mais uma vez conduzida à mesa da cozinha, onde se sentaram a figura paterna, materna e uma irmã do pai da família, assim como uma das filhas do casal. A entrevista foi respondida pelos pais e enfocada, em sua maior parte, para eles. Contudo, a filha do casal, assim como a “tia”, auxiliaram no andamento da entrevista ora fornecendo respostas complementares ao que o casal discutia, ora fazendo sugestões de outras informações, ora parafraseando a pergunta da entrevistadora a fim de que o casal fosse esclarecido quanto à pergunta proposta. Os integrantes desenvolveram uma dinâmica única, na maioria das vezes, respeitando o turno de fala um do outro, mesmo que divergissem em algumas respostas. O conceito de violência dessa família foi intimamente influenciado por um ato de violência ocorrido no local da entrevista, quando assaltantes invadiram a casa e subjugaram a todos. Entretanto, a entrevista se sucedeu de forma extremamente natural, permeada sobretudo por risadas e comentários humorísticos de todos os participantes.

ENTREVISTA 20 ([C,RU,45,F,SC]): Também efetuada em ambiente isolado, com uma colega de trabalho da entrevistadora, esta entrevista não apresentou interferências. A formação em direito da entrevistada propiciou um discurso bastante coerente com a

perspectiva acadêmica de sua formação. Contudo, há também um discurso sobre o rural em função da informante se considerar *rurbana*.

2.4 PROCEDIMENTO PARA ANÁLISE DO *CORPUS*

A questão da introspecção, nas pesquisas em LC, é discutida por Gibbs (2006, p. 3). O autor afirma que “as intuições treinadas de linguistas cognitivos têm fornecido *insights* detalhados para as interações da possível linguagem-na-mente que servem como uma fonte de hipóteses experimentais sobre as operações do inconsciente cognitivo”¹⁸³. Contudo, o autor questiona ceticamente as conclusões de análises linguístico-cognitivas, afirmando que esse tipo de perspectiva analítica deve ser vista com cuidado, pois, embora os processos introspectivos gerem hipóteses válidas para estudos linguísticos, os “linguistas assumem que as intuições de cada estudioso deveriam ser representativas de todos os falantes da língua, porque cada pessoa, dentro de uma comunidade linguística, presumivelmente compartilha a mesma competência linguística subjacente” (2006, p. 3).¹⁸⁴ Gibbs tem razão em questionar a formulação de generalizações a partir de dados provenientes apenas da introspecção do pesquisador-analista, porém eliminar os processos introspectivos, conforme já se mencionou a partir de Fauconnier (1994), não é possível.

Nesse sentido, Talmy (2003, p. 4) esclarece que a introspecção envolve elementos psicológicos, tais como afeição e percepção, e prescinde deles, incluindo “a análise da memória semântica, a associatividade de conceitos, a estrutura de categorias, a geração de inferências e o conhecimento contextual” (p. 4). Esses elementos são imprescindíveis aos que atentam para a estrutura do pensamento, pois, para o autor:¹⁸⁵

[A] pesquisa sobre semântica cognitiva é pesquisa sobre conteúdo conceptual e sua organização na linguagem e, conseqüentemente, sobre a natureza do conteúdo e organização conceptual em geral. [...] **O problema da metodologia é aumentada devido ao fato de que a semântica cognitiva centra sua pesquisa na organização conceptual, conseqüentemente, no conteúdo experienciado na consciência. Isto é, para a semântica cognitiva o objeto principal de estudo em si são os**

¹⁸³ **Do original:** “the trained intuitions of cognitive linguists have provided detailed insights into possible language-in-mind interactions that serve as the source of experimental hypotheses on the workings of cognitive unconscious”. (GIBBS, 2006, p. 3).

¹⁸⁴ **Do original:** “linguists assume that each scholar’s intuitions should be representative of all speakers of a language, because each person within a linguistic community presumably shares the same underlying linguistic competence” (GIBBS, 2006, p. 3).

¹⁸⁵ Adotou-se a tradução de Feltes (2007, p. 76).

fenômenos mentais qualitativos como eles existem na consciência [...] [A] única instrumentação que pode acessar o conteúdo fenomenológico e estrutura da consciência é aquela da introspecção. (TALMY, 2000, p. 4, grifo nosso).¹⁸⁶

Lakoff e Johnson (1999, p. 12), por sua vez, advertem que, nenhum método pode adequadamente acessar o “inconsciente cognitivo” – questão discutida no capítulo 1, parte 1.1, pois o domínio do pensamento é completa e irrevogavelmente inacessível pela introspecção consciente direta.

Portanto, na LC a linguagem, metaforizada como uma “janela para a mente” é um meio privilegiado de acesso indireto às estruturas e aos processos cognitivos, cabendo à introspecção interpretativa do analista um papel mediador, levantando hipóteses e inferências, para entender *o que* e *como* constitui-se o nível do inconsciente cognitivo. Por isso, ao se interpretarem os discursos dos sujeitos da pesquisa, em busca do que pode estar subjacente a essas manifestações verbais, especialmente aos modos de expressão metafóricos e metonímicos, a introspecção do analista sempre operará em algum nível.

Além disso, seguindo as considerações feitas por Lima e Feltes (2011, no prelo), as análises aqui propostas, na tentativa de reconstruir estruturas e processos cognitivos – gerados no nível do inconsciente cognitivo – implicados em qualquer processo interpretativo, deve ser entendida como um modelo hipotético que têm o papel de *simular* tal processo. De acordo com as autoras, a aparente linearidade e sequencialidade de uma análise, como se simulasse um processo passo a passo, em nosso caso não exaustivo, é apenas resultado da própria tentativa de descrição. Lembramos que, conforme discussões apresentadas no capítulo 2, cada análise, apesar de partir de um *corpus* empiricamente construído, não pode prescindir completamente da introspecção do analista. Não se pode garantir que a análise das expressões linguísticas seja uma simulação do que ocorre em sua “mente-cérebro” no momento em que se manifestam discursivamente. Portanto, na mesma linha das advertências de Lima e Feltes (2011, no prelo), tais simulações devem ser entendidas como apenas plausíveis, segundo um modelo teórico, e, assim, tomadas como hipóteses de trabalho para manter em curso a investigação empírica.

Feitas essas considerações de caráter metodológico, para a análise do *corpus* segue-se o procedimento abaixo descrito:

¹⁸⁶ **Do original:** “Research on cognitive semantics is research on conceptual content and its organization and its organization in language and, hence, on the nature of conceptual content and organization in general. [...] The issue of methodology is raised by the fact that cognitive semantics centers its research on conceptual organization, hence, on content experienced in consciousness. That is, cognitive semantics, the main object of study itself is qualitative mental phenomena as they exist in awareness. [...] the only instrumentality that can access the phenomenological content and structure of consciousness is that of introspection.” (TALMY, 2000, p. 4)

- (1º) Todas as entrevistas são separadas conforme o critério **urbano, rurbano e rural**.
- (2º) As entrevistas são agrupadas para análise conforme o critério anterior e a ordem cronológica que foram efetuadas pela entrevistadora.
- (3º) Em cada entrevista, são selecionados os **turnos de fala** relevantes do discurso, respeitando os **pares adjacentes**, que compõem cada núcleo de análise.
- (4º) (a) Quando os turnos de fala são curtos, os turnos correspondem aos **trechos** analisáveis.
(b) Com turnos de fala mais longos, tendo em vista a praticidade e organização das análises, os pares adjacentes não foram estritamente respeitados, pois alguns turnos apresentam grande quantidade de fragmentos analisáveis assim como temáticas diferentes. Nesses casos, os turnos foram fragmentados em mais de um trecho, geralmente obedecendo ao critério de temática do discurso. Salienta-se que, quando isso ocorre, são retomadas, na análise, as perguntas que geram esses trechos a fim de que o contexto não seja negligenciado.
- (5º) São selecionados os **fragmentos** (também chamados de **segmentos**) analisáveis.
- (6º) São destacados os fragmentos, sublinhando e negritando-os.
- (7º) Os fragmentos são numerados, no início de cada segmento, entre parênteses, negritados, obedecendo à seguinte notação: número do trecho analisado, seguido de letra correspondente ao fragmento analisado (conforme ordem alfabética).

No próximo capítulo, apresentam-se as análises e os resultados desta investigação, por meio de trechos transcritos do *corpus* e analisados à luz da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados e seus desdobramentos teóricos, priorizando-se os modelos metonímicos e metafóricos.

3 ANÁLISE

Neste capítulo, são feitas as análises dos trechos selecionados a partir das vinte entrevistas que compõem a amostra desta dissertação, conforme os procedimentos apresentados no capítulo anterior. Os fragmentos são iniciados pela letra “L”, seguida de um número, conforme notação do quadro abaixo (também presente no capítulo 2 desta dissertação).

L1 Entrevistadora			
L2	M,U,52,M,SI	L14	D,R,75,F,FI
		L15	J,R,42,F,MC
		L2	M,U,52,M,SI
L3	J,RU,50,F,SC	L16	O,R,73,M,FI
		L2	M,U,52,M,SI
L4	C,U,44,F,FI	L17	R,RU,46, M,FI
L5	C,U,42,M,MC	L18	T,R,69,F,FC
L6	L,U,54,F,MC	L19	G,R,65,M, FI
L7	I,U,48,F,FC	L20	O,R,74,M,FI
L8	J,U,20,F,SC		
L9	M,U,53,M,SC	L21	J,R,52,M,FI
L10	S,U,34,M,SI	L22	V,R,43,F,FI
L11	L,U,46,M,SI	L23	O,R,48,M,SI
L12	A,U,63,F,SC	L24	I,61,M,FC
L13	J,U,49,M,SC	L25	H,R,74,M,FI
		L26	A,R,75,F,FI
		L27	T,R,46,F,FI
		L3	J,RU,50,F,SC
		L28	C,RU,45,F,SC

Quadro 1: Locutores das entrevistas e notação específica.

Cada fragmento inicia-se por meio de uma numeração entre parênteses, negritados, obedecendo à seguinte notação: número do trecho analisado, seguido de letra correspondente ao fragmento analisado (conforme ordem alfabética).

Como explicado no capítulo anterior, seguem-se inicialmente as análises de trechos das entrevistas de sujeitos urbanos, seguidas das análises das entrevistas dos sujeitos *rurbanos* e rurais, respectivamente.

3. 1 ANÁLISE DOS SEGMENTOS

ENTREVISTA 1 ([M,U,52,M,SI])

ANÁLISE 1

L1 () Bom, a primeira pergunta que a gente gostaria de fazer é:: (1.a) pro senhor, é... quando você pensa em violência, o que vem à sua cabeça em primeiro lugar...

L2 (1.b) Agressão, ã:: Agressão, uso truculento de força... ã:: atitudes impensadas, reação, ã:: acho que é, queria lembrar de mais algum adjetivo mas...

A partir do segmento acima, nota-se a presença do modelo metonímico de **exemplos típicos**, fornecendo uma indicação, mas não uma garantia, de prototipicidade, considerando que é o que o sujeito imediatamente (não há pausa significativa no segmento) apresenta como resposta à pergunta “quando você pensa em violência, o que vem à sua cabeça em primeiro lugar?”. A VIOLÊNCIA, nesse caso, é conceituada metonimicamente:

VIOLÊNCIA É AGRESSÃO.

VIOLÊNCIA É USO TRUCULENTO DE FORÇA.

VIOLÊNCIA É ATITUDES IMPENSADAS.

VIOLÊNCIA É REAÇÃO.

De certa forma, o sujeito expõe, nesta resposta, passos de um ato de violência que, quando reorganizado, pode estabelecer o seguinte roteiro:

- (1) há uma REAÇÃO de **B** em resposta a **A**;
- (2) a REAÇÃO de **B** gera ATITUDES IMPENSADAS;
- (3) as ATITUDES IMPENSADAS de **B** provocam o USO TRUCULENTO DE FORÇA contra **A**;
- (4) o USO TRUCULENTO DA FORÇA resulta em AGRESSÃO.

Essa perspectiva se repete na questão posterior, em que o sujeito também apresenta modelo metonímico para responder a uma pergunta que requisitava comparação conceitual de VIOLÊNCIA com outro conceito: “[VIOLÊNCIA] é como (2.b) *uma forma impensada de agir, usando a força*”.

ANÁLISE 2

L1 (2.a) Pra você, violência é como um?

L2 (2.b) *Uma forma impensada de agir, usando a força.* (2.c) Quando não existe uma outra saída, uma outra saída com diálogo, com conversa com... ou QUANdo a situação ela é... (2.d) ou quando a situação ela é muito difícil de absorver... uma transgressã::o, uma transgressão de uma pessoa que transgrediu.

No segmento (2.c), exposto acima, pode-se notar um possível modelo metafórico em que DIÁLOGO É CAMINHO. Nesse caso, VIOLÊNCIA é gerada quando não se encontram mais SAÍDAS, ou seja, soluções para os problemas. O esquema ORIGEM-PERCURSO-META corrobora o seguinte mapeamento:

CAMINHO = soluções para os problemas.

Se há saídas ou ramificações no caminho, mantém-se a paz.

Se não há mais saídas ou ramificações no caminho, faz-se violência.

No segmento (2.d) observa-se um modelo metafórico referente à aceitação ou não de situações da realidade. O sujeito afirma que há violência quando determinada situação é difícil de absorver, ou seja, tal como uma esponja, aquilo que é absorvido significa paz, e o que não é absorvido gera violência. Nesse caso, temos os seguintes acarretamentos:

- COMPREENDER É ABSORVER
- ABSORVER É COLOCAR PARA DENTRO
- A MENTE É UM RECIPIENTE
- COMPREENDER É COLOCAR ALGO NA MENTE
- O DIÁLOGO É UM CAMINHO PARA A COMPREENSÃO
- O DIÁLOGO É UM CAMINHO PARA COLOCAR PARA DENTRO DA MENTE ALGO

ANÁLISE 3

L1 Uhum... (3.a) se você tivesse que compará, violência com outra coisa, com outra ideia, com outro conceito, com que você compararia?

[...]

L2 Eu acho, acho que:: é da do do mesmo raciocínio que eu iniciei, por exemplo... (3.b) a agressão, o quebrar, quebrar algo, né o:: estilhaçar, bater, estourar, ã:: chutar, ã:: manter os punhos em riste, é:: indicador em riste...

L1

[uhum...]

L2 (3.c) É:: transformar a aparência, né:: em ríspida...

L1

[uhum...]

[uhum...]

L2 (3.d) É:: arrancar cabelo, puxar a orelha...

L1

[São formas...]

L2 (3.e) É rasgA a roupa...

L1

[São formas de violência]

L2 É:: Acredito que essas seriam uma das manifestações né...

L1 Uhum... mas a::

L2

[Mas existem outras formas]

L1

[aham...]

L2 Eu acho que a gente vê:: (3.f) algumas a:: alguns outros formatos de violência:: nas RUAs... ã:: por exemplo, pichações com... de alguma forma é:: mostrando ã:: o quanto essa pessoa tá sentindo algo que ela quer, que ela quer manifestar e às vezes é violento, se formos analisar...

Assim como a análise feita em (1.b), os segmentos acima (de 3.b a 3.e) apresentam o modelo metonímico de **exemplos típicos**, em que o sujeito conceitua a VIOLÊNCIA a partir de movimentos e situações de atos violentos, no plano físico.

Uma ação pode ser entendida como um evento que se desenrola em etapas, geralmente estabelecida em sequência temporal, na qual uma dessas etapas, consideradas como parte, pode ser tomada como um todo, ou seja, o roteiro do ato de violência. Por outro lado, pode-se

ter a relação EFEITO PELA CAUSA, que aqui se aplica, também por meio do processo de metonimização. Nesse segmento, pode-se encontrar tanto resultados de um ato de violência, quanto ações que o iniciam.

O RESULTADO DO ATO DE VIOLÊNCIA É VIOLÊNCIA

VIOLÊNCIA É QUEBRAR ALGO.

VIOLÊNCIA É ESTILHAÇAR.

VIOLÊNCIA É BATER.

VIOLÊNCIA É QUEBRAR.

VIOLÊNCIA É CHUTAR.

VIOLÊNCIA É ARRANCAR O CABELO.

VIOLÊNCIA É PUXAR A ORELHA.

VIOLÊNCIA É RASGAR A ROUPA.

A AÇÃO ANTES DO ATO DE VIOLÊNCIA É VIOLÊNCIA

VIOLÊNCIA É MANTER OS PUNHOS EM RISTE.

VIOLÊNCIA É MANTER O [DEDO] INDICADOR EM RISTE.

No caso de TRANSFORMAR A APARÊNCIA EM RÍSPIDA, pode-se dizer que essa ação é, em algum momento do ato de violência, simultânea com MANTER OS PUNHOS EM RISTE ou MANTER O [DEDO] INDICADOR EM RISTE: VIOLÊNCIA É TRANSFORMAR A APARÊNCIA EM RÍSPIDA.

Outro exemplo típico de metonímia pode ser observado no segmento (3.f) em que VIOLÊNCIA É PICHANÇA. Nesse caso, o ato de violência não representa somente um dano **físico-material** à parede, casa, monumento pichado, mas também representa um dano **mental ou emocional** ao proprietário do que foi pichado. O DANO, portanto, é DIRETO no nível MATERIAL e INDIRETO no nível EMOCIONAL. Além disso, podem-se considerar para a gradação da VIOLÊNCIA, outros elementos constitutivos de diferentes **cenários semânticos**, que constituem a PICHANÇA, a partir da variação dos seguintes **descritores**: o teor da mensagem (PROPÓSITO ou CAUSA – protesto político, mensagens de amor, vandalismo ou insultos, assinaturas pessoais, assinaturas e demarcações de territórios de gangues, etc.), o tipo de tinta utilizada (INSTRUMENTO – tinta em *spray* aerosol, estêncil ou mesmo rolo de tinta) o AGENTE (pichador – indivíduo ou grupo), o local (LOCALIZAÇÃO – propriedade privada, condomínios, estabelecimentos comerciais, patrimônio público, prédios governamentais, etc.) e o destinatário (EXPERIENCIADOR ou ALVO – casual, direcionado, individual, institucional, governamental, etc.).

ANÁLISE 4

L1() que tu tá vivendo, na sua comunidade, que tipos de violência são mais comuns...

L2 É o que a gente vê no dia a dia, é:: bom, (4.a) **se formos olhar a violência de... na comunidade** ã:: acho que são atos de... roubos, é:: as pessoas é:: também que () têm acredito são propensas a:: não ter um lugar de igualdade na sociedade é:: tentando::de alguma forma, se manifestA, eu acredito que (4.b) **o roubo, o roubo.. assassinatos** é:: os:: como é que é::

No segmento (4.a), é possível notar o modelo metafórico de VER É COMPREENDER, em que a VIOLÊNCIA é tomada como um OBJETO, cuja visão possibilita seu entendimento, ou seja, sua compreensão. COMPREENDER É VER é uma das meáforas baseadas em metonímias (*metonymy-based metaphor*) defendidas por Radden (2003), em que: “[m]etáfora baseada em metonímia é um mapeamento envolvendo dois domínios conceituais que são fundados em, ou podem ser traçados de volta para, um domínio conceptual”¹⁸⁷ (RADDEN, 2003, p. 93). Segundo o autor, há uma base experiencial ligada ao sentido da visão, pois, na maioria das vezes, o que vemos tomamos como verdadeiro, tal como o provérbio “Só vendo para crer” ou a expressão tautológica “Eu vi com meus próprios olhos”. Por isso, ver algo implica conhecer algo, afinal “a informação visual é entendida como sendo mais confiável do que a informação obtida através de outras fontes”¹⁸⁸ (RADDEN, 2003, p. 99). Como um **evento em sequência**, ou seja, um processo em contiguidade, de forma simultânea ou sucessiva, podemos inferir os seguintes acarretamentos para o segmento (4.a):

[COMPREENDER É VER]

- VIOLÊNCIA É UM OBJETO
- O OBJETO É VISTO
- VER É COMPREENDER O OBJETO

Em (4.b) observa-se a presença de **exemplos típicos** da metonímia, pois são, como a própria pergunta sugere, os tipos de atos de violência mais comuns, estáveis e automáticos como exemplos de violência. Por isso, são mais facilmente acessados pelos processos inferenciais do inconsciente cognitivo. Assim, podem-se estabelecer os seguintes modelos metonímicos:

¹⁸⁷ **Do original:** *Metonymy-based metaphor* is a mapping involving two conceptual domains which are grounded in, or can be traced back to, one conceptual domain” (RADDEN, 2003, p. 93).

¹⁸⁸ **Do original:** “[V]isual information is assume to be more reliable than information gained through other sources” (RADDEN, 2003, p. 99).

VIOLÊNCIA É ROUBO

VIOLÊNCIA É ASSASSINATO

ANÁLISE 5

L2 E a gente sente que no centro da cidade, por exemplo, quando a gente vai aqui em Caxias do Sul essa questão da marcação existe, a gente não sente, mas ela existe e **(5.a) se você não for é:: não usar um pouco de jogo de cintura, hoje você não sofre nada, mas amanhã você sofre.**

L1 Uhum...

L2 Então é importante você:: às vezes, até não ser truculento com essas pessoas, não usá de uma suPOSta violência por eles né...

L1 [Uhum...]

L2 Mas assim é procurá, **(5.b) procurá contornar isso.**

[...]

L2 Então assim, é:: ah, acho que é:: **(5.c) a gente vê a rispidez da, da a rispidez no na na face das pessoas né?** É algo meio difícil de te explicar, mas é, a gente vê assim é:: ALgo diferente, ALgo diferente, a gente vê que são pessoas sofridas sim

L1 [Uhum...]

L2 Pessoas que:: é:: a gente, **(5.d) a gente sente que são pessoas que sofrem muito no dia a dia, e o sofrimento e a Lida do dia a dia faz com que essas pessoas nos mostrem através de seu semblante né a::** alguns traços. EU acho que, fazer um estereótipo da pessoa, sem conhecê-la, eu acho que não é:: não é, muitas vezes, é:: muito:: inteligente.

[...]

L2 Aonde o povo é mais sofrido. Não vamo compará com com outros países como África, mas é:: que tem um povo sofrido também... a gente vê recentemente essa questão da... do pessoal aqui da... do Marrocos. **(5.e) Então eu acho que é:: essa questão do sofrimento e essa questão da violência ela tá muitas vezes nos semblantes das pessoas.** Sem... sem mencioná também que no próprio círculo nosso, nós também temos manifestações grandes de violência, é:: volTadas agora pro lado de pessoas com mais culTUra. Eu acho que a questão hoje, por exemplo, é:: da... eu acho que a palavra da:: liberdade e libertinagem, elas estão intrinsecamente é:: muito liGadas e:: mas ao mesmo tempo, elas estão ligadas ã:: e não deveriam estar, porque as pessoas devem respeitá a questão liberdade e libertinagem.

L1 Uhum...

L2 Mas a gente vê que, principalmente, **(5.f) as pessoas mais jovens de HOje, elas estão é:: transgredindo essa... esse limite. O CAso do som, por exemplo, o som alto é uma forma da... do jovem e das pessoas que usam esse, esse meio é de, de não respeitá. Acho que é uma forma também de, de violência. A FALta de respeito e a falta de, por exemplo, de conhecer limites né.**

L1 [Uhum...]

L2 Eu acho que a maioria das pessoas hoje, elas não estão REcebendo é:: orientações adequadas quanto a limites...

L1 [Uhum...]

L2 **(5.g) Os limites estão sendo ultrapassados... na questão do som é uma.**

L1 [Ok.]

L2 Dá pra ver outras, é só pensar um pouco mais...

Assim como no segmento (2.c), o segmento (5.a) constitui uma metáfora de esquema ORIGEM-PERCURSO-META. Contudo, esse caso diferencia-se de (2.c) à medida que a VIOLÊNCIA é aqui tomada como um obstáculo, cujo destino é PAZ. A expressão popular JOGO DE CINTURA, já constitutiva da linguagem cotidiana, significa ter habilidade para conduzir uma situação indelicada, difícil ou constrangedora. Essa expressão pode ser ligada, por exemplo, à movimentação física de um jogador de futebol em uma partida na qual, ao fazer um drible, usa de “jogo de cintura” para vencer o adversário e seguir com a bola em

direção a um objetivo. A partir disso, pode-se afirmar que o obstáculo de um jogador de futebol não pode ser destruído, mas, para ser superado, deve ser contornado.

Essa perspectiva mostra que a VIOLÊNCIA não é algo que pode ser vencido, mas algo que deve ser contornado, evitado. Essa é uma metáfora de esquema espaço-temporal, a partir do esquema de imagem FRENTE-TRÁS, em que se pode observar, neste caso, a seguinte estrutura:

ORIGEM: estado pacífico

PERCURSO COM OBSTÁCULO: possível ato de violência

META: manter o estado pacífico.

Para transpor o obstáculo, o AGENTE deve usar JOGO DE CINTURA.

Em (5.b), sugere-se o mesmo esquema de ORIGEM-PERCURSO-META, em que VIOLÊNCIA É OBSTÁCULO. Nesse caso, o AGENTE precisa contornar, ou seja, evitar a possível situação de violência. Essa metáfora promove os seguintes acarretamentos:

- O OBSTÁCULO É INVENCÍVEL.
- PAZ É PERCURSO.
- O PERCURSO TEM OBSTÁCULO.
- PAZ É CONTORNAR O OBSTÁCULO.

Nos segmentos (5.c), (5.d) e (5.e), levanta-se a metonímia mais complexa em que há FACE PELO TODO sobreposta a uma outra metonímia do esquema PARTE PELO TODO.

A partir do segmento (5.c), pode-se inferir a metonímia FACE RÍSPIDA É VIOLÊNCIA (FACE PELO TODO). Nesse caso, um ato ríspido é demonstrado pela face da pessoa que gera uma manifestação de violência em nível emocional (se não houver como consequência o uso de força física, como observado na análise (1)). Contudo, a face é um elemento visual que demonstra rispidez, que seria expressa por diferentes manifestações corporais (postura, tom da voz, etc.). Por isso, pode-se dizer que subjacente à metonímia FACE RÍSPIDA É VIOLÊNCIA, temos RISPIDEZ É VIOLÊNCIA, inferida a partir do esquema PARTE PELO TODO. Nesse sentido, a RISPIDEZ é um dos elementos que constitui um ato de violência, cujo uso metonímico representa VIOLÊNCIA.

Em (5.d), há um processo similar em que o sofrimento se expressa na face. O sofrimento, como emoção, é algo experienciado no corpo como um todo. Porém, é na face que o sujeito o identifica, por uma série de indícios visualmente expressivos. Assim como em (5.c), em (5.d) ocorre uma metonimização de algo que se propaga no corpo (TODO) por uma manifestação no “semblante” (PARTE). Aqui “semblante” é entendido como FACE.

Como se discutiu no capítulo anterior, o corpo é a base a partir da qual muitos conceitos abstratos são entendidos e, nas escolhas linguísticas deste sujeito, isso fica evidente.

Nos segmentos (5.f) e (5.g), nas expressões “*o som alto é uma forma da... do jovem e das pessoas que usam esse, esse meio é de, de não respeitá. Acho que é uma forma também de, de violência*”, verifica-se a VIOLÊNCIA como TRANSGRESSÃO DE REGRAS DE CONVÍVIO SOCIAL, através do exemplo (modelo metonímico) do “som alto”, em que a falta de respeito aos limites individuais ou sociais sugere uma forma de PERTURBAÇÃO DA PAZ. “Paz” é aqui entendido como BEM-ESTAR ou SOSSEGO. Verifica-se que não há o uso da força e, portanto, não implica FORÇA FÍSICA, mas a imposição da vontade de uma pessoa (ouvir música em alto volume) sobre a de outra (ter seu sossego garantido). Dessa forma, FORÇA não é FORÇA FÍSICA, mas uma FORÇA de natureza psicológica: a vontade de um se sobrepuja à vontade de outros.

ANÁLISE 6

L2 Como é que... quase nisso, assim, que o senhor falou de som e tal né... se a gente pudesse ter uma escala né de violência, do mais violento, prum ato mais violento e um ato menos violento. (6.a) Qual o senhor elegeria o ato mais violento e o ato menos violento...

L2 Eu... ah... nos tempos que nós estamos vivendo é:: (6.b) eu acho que um dos atos violentos que a gente ouviu é o caso, por exemplo, das crianças né... hoje de manhã: é:: eu escutei uma criança que, aos cinco meses de idade, ela foi sufocada:: pela mãe... porque a mãe ela é:: usuária de CRAque... então assim, eu acho que do jovem, do jovem é:: do MUItto jovem, a violência, ela tá:: sendo praticada e:: em contrapartida:: outra violência dos pais com os filhos, também em virtude da violência. Isso até, existe na Bíblia, essa questão da, por exemplo, do haverá o dia em que os pais matarão... os filhos matarão os pais, e os pais matarão os filhos. E isso já está ocorrendo. Então eu acho que é:: é uma forma também de uma violência muito grave. (6.c) Violência à criança, que não tem nem como se defendê...

L1 [familiar né...

L2 (6.d) Familiar do PAI e do filho, que deve ser uma situação MUItto triste, ao ponto de um pai tirá a vida de um filho né... (6.e) e a questão do idoso, a gente nem, que é outro extremo né, do idoso... a gente vê os idosos relegados na sociedade é:: sem amPAro... sem amparo na saúde, sem amparo financeiro é:: (6.f) muitas pessoas pedintes, (6.g) e muitas pessoas isoladas dentro de suas casas que a gente nem tem conhecimento... então é:: é uma forma de violência também contra uma pessoa que de repente plantô, não plantô mas talvez não mereceria ter o que tem né...

Seguindo a análise exploratória de Feltes (2010, no prelo) sobre o conceito VIOLÊNCIA, pode-se observar, pelos segmentos de (6.b) a (6.g) que a categorização de VIOLÊNCIA tem grande relatividade semântica em função dos diferentes critérios que a estruturam. Mais uma vez, encontram-se, possivelmente nesses segmentos, metáforas para VIOLÊNCIA de esquema ORIGEM-PERCURSO-META, em que AGENTE é a ORIGEM, ATO DE VIOLÊNCIA é o PERCURSO, e VÍTIMA/PACIENTE é a META.

A partir desse esquema, observa-se, nas respostas do entrevistado à pergunta (6.a) “Qual o senhor elegeria o ato mais violento e o ato menos violento?”, que a gradação do ato de violência varia conforme a META, nesse caso, a VÍTIMA, sendo:

(6.b), (6.c) e (6.d) violência contra criança;

(6.e) violência contra o idoso e

(6.f) violência em relação aos pedintes: aqui entendidos como pessoas em desvantagem social;

(6.g) violência em relação a “pessoas isoladas”: aqui se entende que se trataria de PESSOAS INDEFESAS.

Com relação aos segmentos (6.b), (6.c) e (6.d), o entrevistado sugere que violência contra crianças é mais grave, à medida que se faz uso de força física contra alguém que, naturalmente, não pode se defender, além de gerarem danos possivelmente nas três dimensões de PESSOA, segundo a perspectiva popular: dimensão FÍSICO-CORPORAL, dimensão PSÍQUICO-EMOCIONAL e dimensão MORAL-ESPIRITUAL.

Há, nesse caso, um esquema de imagens de FORÇA que pode estar implicado à medida que um AGENTE subjuga um PACIENTE de alguma forma (MEIO/INSTRUMENTO). O cenário poderia ser o que segue:

- a) o AGENTE é SINGULAR, HUMANO e ADULTO;
- b) a AÇÃO é DIRETA, com ou sem INSTRUMENTO;
- c) o PACIENTE é SINGULAR, HUMANO e CRIANÇA;
- d) o DANO é FÍSICO e/ou EMOCIONAL e/ou ESPIRITUAL.

A gradação da VIOLÊNCIA, partindo da proposta de Feltes (2010, no prelo), que usa os descritores como papéis semânticos para caracterizar a estrutura da categoria VIOLÊNCIA, pode-se situar, por exemplo, no tipo de PACIENTE envolvido na ação, no caso crianças ou idosos, de modo que, mais violento é o ato exercido sobre PACIENTES/VÍTIMAS indefesas.

Nessa perspectiva, embora não esteja explícito no fragmento sob análise, um ato violento pode ser entendido como mais ou menos violento dependendo do INSTRUMENTO utilizado, como, por exemplo, o uso de uma arma de fogo, arma branca ou a própria força física exercida pelo corpo do AGENTE. Ao mesmo tempo, um ato pode ser mais ou menos violento, se envolver ou não um instrumento. Por exemplo, um assalto em que não se utiliza uma arma de fogo ou em que uma VÍTIMA não é subjugada por uma arma seria, por hipótese, menos violento do que um assalto em que o AGENTE subjuga a vítima com uso de uma arma ou qualquer coisa que pode ser utilizada como uma arma, conforme a abordagem de Barsalou (1993), com a noção de conceitos *ad hoc*. Nesse caso, por exemplo, um cano de ferro, uma lâmina de barbear ou uma garrafa podem, no contexto de um assalto, “cair” na categoria ARMA/INSTRUMENTO.

No segmento (6.e), verifica-se a violência no plano MORAL e FÍSICO, a partir do segmento “*e a questão do idoso, a gente nem, que é outro extremo né, do idoso... a gente vê os idosos relegados na sociedade é:: sem amPAro... sem amparo na saúde, sem amparo financeiro é::*”. As expressões “relegados na sociedade” e “sem amparo” (expressão sem a presença de um complemento) sugerem uma negligência de caráter mais geral (indeterminada), mas provavelmente de caráter moral ou ético, tendo em vista valores que se associam à preservação do bem-estar da pessoa. As expressões “sem amparo na saúde” e “sem amparo financeiro” remetem a um desamparo que afeta o plano FÍSICO da concepção de PESSOA. O AGENTE, nesse segmento, é SOCIEDADE, conceito tomado metonimicamente, já que a sociedade é constituída de pessoas, instituições, entidades, etc. Pode-se supor ainda que o sujeito estivesse se referindo, mais especificamente, àqueles elementos da sociedade responsáveis por garantir aos cidadãos condições dignas de sobrevivência: governantes, políticos, líderes, etc.

ANÁLISE 7

L1 Uhum... (7.a) o senhor falou do mais violento, e o menos? Qual seria o mais leve? O mais light, digamos assim... Ato de violência mais leve...

[...]

L2 Tá, em contrapartida, um outro exemplo que eu vi essa semana, (7.b) ao invés de rouBÁ, a pessoa vai no... no centro lotérico e compra é:: o... aquelas raspadinhas a:: vinte e cinco centavos, por exemplo, ou a cinquenta centavos... e vende a dois reais!

L1 [Uhum...

L2 Entendeu? (7.c) Eu acho que isso é uma saída pras pessoas que precisam é:: que não usam de violência e que usam de um, por exemplo, de uma forma de... de não ser violento e viver numa sociedade.

No caso acima, segmentos (7.b) e (7.c), o contexto fornecido pelo sujeito-entrevistado é o caso do superfaturamento de raspadinhas, vendidas por indivíduos nas ruas. O entrevistado expõe que essa é uma saída para não cometer atos de violência, ou seja, no esquema ORIGEM-PERCURSO-META, quando se encontra um caminho, os problemas são solucionados e não há violência.

O sujeito sugere que, para não ocorrer um ato de violência (ROUBO), as pessoas devem ter um meio de sobrevivência. O exemplo utilizado pelo sujeito é o da venda informal de “raspadinhas”. Há uma SAÍDA para evitar-se a VIOLÊNCIA. Novamente a VIOLÊNCIA É UM CAMINHO seguido por aqueles que não têm outra alternativa de PERCURSO, conforme análise dos segmentos (6.b), (6.c) e (6.d).

ANÁLISE 8

L1 (8.a) Hã... num outro âmbito agora, qual o tipo de violência que é mais grave que poderia ter sido cometido contra você ou a sua família...

L2 Ah eu... graças a Deus, eu nunca até hoje ((bate duas vezes com a mão em punho na mesa)) nunca fui assalTado né... mas eu acho que a:: (8.b) a entrada de uma pessoa dentro do teu lar, eu acho que, seria pra mim, algo assim é:: seria algo a:: que eu não toleraria e:: que:: (8.c) eu acho que seria uma transgressão à minha... ao meu convívio e:: (8.d) seria, eu consideraria assim, um dos atos mais tristes eu acho que até poderiam acontecer coMigo, como eu acho... já aconteceu com outras pessoas e com amigos meus também, porque traz... ã:: deixa muitos danos, deixa... (8.e) ainda mais quando há a transgressão e até, de repente, outro tipo de violência né... que pode ocorrê.

[...]

L1 Se você pudesse se colocar nessa situação, que tu acabô de me dizer, assim de tá lá, na casa da pessoa e ser subjugado, que foi esse termo que tu usaste né e:: vê alguém batendo no seu filho, etc que, (8.f) que sensações, emoções né, o senhor acha que teria nesse momento? Que... que questões que levantariam? Ao sofrer esse tipo de violência, esse ato de violência.

L2 (8.g) Acho que... eu, eu ficaria muito impotente. Totalmente impotente, porque você não tá preparado pra enfrentá uma situação dessas...

L1 [Uhum...

L2 E eu acho que:: eu (8.h) tremeria nas pernas, é:: eu não teria muita reação. (8.i) Não mijaria nas calças porque eu não sou homem pra isso, mas eu acho que eu não, eu realmente não conseguiria é:: esboçá uma reação. Não, acho que não. Eu não estou preparado pra isso. Não estaria preparado pra isso.

Os segmentos selecionados acima expõem, de modo geral, que a gravidade de um ato de violência está ligada à *proximidade* com que ela acontece, principalmente quando se refere à família ou ao lar, ou seja, às VÍTIMAS.

Em (8.b), (8.c) e (8.e), há uma relação direta dos limites da casa com a segurança. O lar, para esse sujeito, é um espaço seguro. Por isso, a entrada de um sujeito desconhecido (no caso, ladrão) nesse espaço corresponde à “transgressão” dos limites, no sentido de *alguém indevidamente desrespeitar os limites de segurança do outro*, gerando sentimentos de intolerância assim como de tristeza, tal como em (8.d) “*eu consideraria assim, um dos atos mais tristes eu acho que até poderiam acontecer coMigo*”, daquele que sofre violência. Essa situação possibilita a metonímia DESRESPEITAR LIMITES É VIOLÊNCIA, gerada a partir dos seguintes acarretamentos:

DESRESPEITAR LIMITES É VIOLÊNCIA

- CASA É SEGURANÇA
- ESTAR EM SEGURANÇA É TER OS LIMITES RESPEITADOS
- TER OS LIMITES DESRESPEITADOS É PROMOVER INSEGURANÇA
- INSEGURANÇA É VIOLÊNCIA
- ULTRAPASSAR OS LIMITES DA CASA É VIOLÊNCIA

A pergunta presente no segmento (8.f) sobre emoções possivelmente geradas num ato de violência, coloca o sujeito em estado de sensibilidade, mostrando sua empatia com aqueles que já sofreram atos de violência. Em (8.g), o informante admite que essa

manifestação da violência o afetaria profundamente, uma vez que se tornaria “impotente” diante da situação “*eu ficaria muito impotente. Totalmente impotente, porque você não tá preparado pra enfrentá uma situação dessas...*”.

Neste trecho, ainda se pode propor uma EFEITO PELA CAUSA no segmento (8.h) “*tremeria nas pernas, é:: eu não teria muita reação.*”. O ato de “tremer nas pernas” possibilita um processo metonímico à medida que é um dos atos físicos que refletem reações/etapas ligadas ao MEDO, assim como “ficar paralisado”, “palidez facial”, “desmaiar”, “urinar espontaneamente”, etc.

Na sequência deste turno, o sujeito reitera a questão do MEDO, especificando, porém, que ele não sofreria uma dessas etapas físicas, em (8.i) “*Não mijaria nas calças porque eu não sou homem pra isso, mas eu acho que eu não, eu realmente não conseguiria é:: esboça uma reação.*” Essa reação, embora ocorra em nível FÍSICO, também reflete uma questão de nível MENTAL, em que é vergonhoso, para um homem adulto, “urinar nas calças”. Dentro das fontes metonímicas, expostas por Lakoff (1987), nesse segmento pode-se observar a presença da fonte **estereótipos sociais**, em que o conceito HOMEM ADULTO (SER HUMANO MACHO) pressupõe valores de coragem, honra, força, proteção da família, etc., que, por sua vez, não permitem ao sujeito apresentar determinadas reações físico-emocionais que uma criança poderia ter, já que dela não se exige, culturalmente, demonstrações de coragem, força, honra, etc.

ANÁLISE 9

L1 Ok... Á:: (9.a) o que você considera ser uma ato de violência... Como é que você diria pra mim... assim... um ato de violência é?

L2 Eu acho que é:: (9.b) subjugar alguém de alguma forma né...

L1 [Uhum...]

L2 (9.c) Colocar essa pessoa sob força né...

L1 [Uhum...]

L2 (9.d) Sob alguma força, que não a força da lei né... uma força, fora da lei...

L1 (9.e) [Uhum... Você quer dizer

que a lei não é violenta? Sob a lei, não é violenta?

L2 Ah...(9.f) na FORma da lei é... quando você sofre uma transgressão, por pessoas que são treiNAdas pra isso é:: claro que é vioLEnto também. Só que eu vejo assim, é:: ah... eu jamais admitiria, aí sim... aí caberia até uma reação contrária de ser agredido por um... por um oficial de polícia ou por alguém né... que estudou, que enfim, que recebeu uma educação pra isso. Claro que a lei é:: (9.g) a lei que é instituída, que está instituída pelo homem ela é... tem o poder de:: execução né. E a gente sabe muito bem que essa lei truculenta, por parte das nossas autoridades, só é usado em casos extremos né...

L1 [Uhum...]

L2 Então eu não também não admitiria ser subjugado, evidentemente, pela lei. Talvez a minha reação de ser agredido por uma pessoa que tem essa cultUra, talvez seria diferente até da do bandido.

O turno conversacional acima apresenta uma reflexão do sujeito sobre a violência institucionalizada, legalizada e praticada como repreensão pela polícia. A partir disso, pode-se apresentar uma distinção entre VIOLÊNCIA e CRIME, à medida que, em geral os CRIMES

“caem” na categoria VIOLÊNCIA, mas nem toda violência é crime. Em (9.b) e (9.c), é VIOLÊNCIA, para o sujeito, o fato de um AGENTE subjugar um PACIENTE, ou seja, alguém limita a liberdade de outrem reprimindo seus atos. Contudo, em (9.d), o entrevistado apresenta um outro ponto de vista, quando mostra que um ato de violência, legitimado pela “força da lei”, não é violência. A pergunta de verificação da entrevistadora (9.e) reitera essa questão, procurando esclarecimento sobre o que é uma “violência sob a lei”.

Pode-se inferir, a partir de (9.f) e (9.g) uma diferenciação entre ato de violência e o crime. Os crimes, em geral, são considerados violentos em função do tipo de dano que promovem. Contudo, afirmar que uma ação violenta é ou não um crime depende de pressupostos jurídicos ou legais. Dessa forma, se legal ou juridicamente homologado, há uma tendência em não considerar que um ato de violência é algo violento. Contudo, o sujeito, no segmento (9.g), contesta essa posição, em que, mesmo que seja permitida por lei, ele a considerará uma ação violenta.

ANÁLISE 10

L1 Uhum... o que então, pra você, (10.a) caracteriza, mostra assim um Ato de violência. Como é que ele se caracteriza.

L2 Ah... eu acho que, uma das maiores violências que a gente vê é::, por exemplo, é:: essas atitu... que me veio na cabeça, por exemplo, (10.b) é a explosão de um ser humano, matando centenas de pessoas. Eu acho que esse é um grande extremo, né...

L1 [Uhum...

L2 É um grande extremo pra mim, né. Uma outra forma de violência é, eu acho que, por exemplo vê um:: (11.c) mendigo sendo surrado na estrada né... (10.d) claro que briga de marido e mulher tu não sabe quem é que tá ali e quem não tá né, mas vê uma pessoa totalmente impotente sendo sacrificada. Isso pra mim é () não só, não só pelas pessoas, (10.e) mas pelos animais também...

Em (10.b) o sujeito provavelmente está falando de atos terroristas, em que a quantidade de VÍTIMAS envolvidas é que determina o grau da violência.

Em (10.c) (10.e), repete-se o que foi descrito em diferentes segmentos da análise (6), na qual o tipo de PACIENTE/VÍTIMA, no caso, VÍTIMA INDEFESA e VÍTIMA EM DESVANTAGEM SOCIAL ou VÍTIMA INDEFESA NÃO RACIONAL (“animais”) determinam o grau de violência: quanto mais indefesa a vítima ou quanto mais ela estiver em desvantagem social, mais grave é a violência.

Em (10.d), não é possível determinar se o sujeito interrompeu o seu raciocínio quando começou a falar sobre VIOLÊNCIA DOMÉSTICA, dada a expressão de a dúvida sobre a questão manifesta em: “tu não sabe quem é que tá ali e quem não tá né, mas...”, em que a “pessoa totalmente impotente sendo sacrificada” seria a mulher, na situação de “briga” com seu esposo, ou se ele retoma a situação anterior relativa ao mendigo que se encontra também impotente.

ANÁLISE 11

L1 Então, para você, (11.a) o que que leva uma pessoa ou um grupo né de pessoas, unidos, a cometê atos de violência... Qual é a causa? Qual é o porquê de eles fazerem isso...

L2 Hum... boa pergunta. Eu acho que tudo parte da educação. Eu acho que o... a... essa questão da família... é família, não tem jeito. Se no nosso... se na... não existe a.. o apoio do pai, da mãe para com seu filho, (11.b) se ele é releGado ou jogado na VIda, (11.c) ele, com certeza, vai procurá... vai procurá de alguma forma, em primeiro lugar, sobreviver e aí ele vai sobreviVER num meio... num meio que é selVagem e que as pessoas é:: vão usá-la de uma forma, de uma forma toda diferente, né... sem amPAro, sem... ou seja, exigem extremos, atos extremos prá atingir objetivos extremos né... e:: com pouco retorno né. Ou seja... tu dá a tua vida e eu te dou um prato de comida.

Nesse trecho, observam-se dois modelos metafóricos para explicar o que motiva as pessoas a cometerem atos de violência. No segmento (11.b), tem-se um AGENTE oculto, por exemplo SOCIEDADE, FAMÍLIA, etc., cuja AÇÃO tem como efeito/causa uma SITUAÇÃO DE DIFICULDADES. Na sequência, no segmento (11.c), essa SITUAÇÃO DIFÍCIL é metaforizada como SOBREVIVER EM MEIO SELVAGEM, em que o PACIENTE que, em (11.b), sofre a AÇÃO de ser “jogado na vida”, passando a ser AGENTE DE ATOS VIOLENTOS, como RECURSO para garantir sua sobrevivência no MEIO SELVAGEM. Como atributos de MEIO SELVAGEM, pode-se levantar, tipicamente, PERIGOSO, AMEAÇADOR, QUE DEMANDA USO DE INSTINTOS, entre outros. Nesse contexto, a VIOLÊNCIA É UM RECURSO PARA SOBREVIVÊNCIA.

ANÁLISE 12

L1 Ok... (12.a) para aquele que sofre um ato de violência, quais são os efeitos sobre essa pessoa...

L2 Eu nunca, graças a Deus, eu nunca sofri nenhum ato de violência, não posso medir isso mas... pela reação que:: que existe eu acho que também... acho que deve existir uma escala... de encaixes aí, porque, por exemplo, (12.b) tu agredi uma pessoa com... criAda num sistema de harmonia, de paz, de amPAro... é:: agredi uma pessoa que só faça o bem, só pensa o bem, é uma situação. (12.c) Se tu agredi uma pessoa que:: tá acostumada com a truculência da selva que é a VIda, né... uma pessoa que tá acostumado a:: viver de uma forma mais bruta, de uma forma... é evidentemente que vai ser diferente né...

L1 Uhum...

L2 (12.d) A pessoa vai absorver diferente. Então existem violências... uma violência pra um tipo de humano, e uma violência que uma outra pessoa vai vê diferente ou com estado de vida diferente, uma forma de vida diferente.

Neste trecho, o sujeito discrimina o caráter da violência novamente em função, conforme apresentado na análise (10), da relação PACIENTE/VÍTIMA, conforme a análise do segmento (12.d). Nesse caso, porém, o sujeito destaca as circunstâncias de vida do PACIENTE. Na fala do sujeito, verifica-se a metáfora A VIDA É UMA SELVA (no segmento 12.c). Se o PACIENTE vive em um ambiente em que a violência é comum, constitutiva de um cotidiano “selvagem”, então, ao sofrer um ato de violência, este será considerado menos grave, porque com ele a vítima já está habituada. De modo inverso, se para a VÍTIMA a violência é algo incomum, conforme o trecho (12.b), “num sistema de

harmonia, de paz, de amPAro...”, então a violência é mais severa. A ação do AGENTE, como mais ou menos violenta, se inter-relaciona com esses fatores, ligados ao PACIENTE/VÍTIMA e seu MODO DE VIDA.

ANÁLISE 13

L1 (13.a) *Você já cometeu um ato de violência?*

L2 (13.b) *Nunca roubei, nunca matei é: talvez briga, brigá quando era mais novo...*

L1 *[Por que briga, quando é mais novo?*

L2 *É: sei lá, a gente vai ficando mais velho, a gente tem mais tempo pra refleti, prá, na realidade, (13.c) a violência nunca resolve nada, (13.d) a violência sempre traz violência. (13.e) Agora, muitas vezes, você tem que se impor com indivíduos que já Vivem com essa violência. E você não pode, simplesmente, se... do primeiro momento, se:: se:: abaixá a cabeça, porque se você abaixá a cabeça, você leva uma coronhada na cabeça, ou você leva uma paulada. Então se:: dependendo o momento, dependendo da situação, eu já pratiquei violência né. Evidente, eu já fui a campo de futebol pra me defendê... (13.f) e:: enfim, pra não ser agredido, porque se você não se impor, você é:: se torna:: () vítima e as pessoas te pisam na cabeça, e te esmagam (13.g) é:: em certos momentos da vida você não pode... você tem que mostrar que tem estrutura violenta pra aguentá violência, (13.h) porque no meio de brutos você não pode ser cordeiro.*

A pergunta presente no segmento (13.a), motivou o entrevistado, tal como na análise (1), a lançar mão de **exemplos típicos** de atos de violência em sua resposta (13.b). Por isso, ROUBAR, MATAR e BRIGAR aparecem como exemplos mais prototípicos para VIOLÊNCIA, nesse trecho.

Em (13.c), metonimicamente pressupõe-se uma VIOLÊNCIA personificada que não tem o poder de resolver os problemas, pelo contrário: por meio de violência gera-se mais violência (13.d). Contudo, a partir do segmento (13.d) até o fim do trecho, o sujeito-entrevistado apresenta a VIOLÊNCIA como um ato de defesa, ou seja, proteção da vida. Manifesta-se aqui a METÁFORA DA CONTABILIDADE MORAL, em que o esquema básico é o da **revanche**, fundamentado na metáfora da ARITMÉTICA MORAL. Nesse caso, a contabilidade é feita por uma autoridade ilegítima, ou seja, quem sofre um ato violento retribui esse ato também de forma violenta. Pode-se inferir o seguinte cenário:

- A causa dano a B;
- B, por revanche, também causa dano a A;
- B, não sendo uma autoridade legítima, pune A, moral ou imoralmente (13.g);

Essa ideia reitera-se no segmento (13.e), em que, para não sofrer violência, as pessoas devem combatê-la impondo-se por meio de violência. Atos de violência, nesse caso, são INSTRUMENTOS para as VÍTIMAS protegerem-se dos AGENTES de VIOLÊNCIA, mesmo que, para isso, paradoxalmente também se tornem AGENTES de VIOLÊNCIA (14.g). Assim, a violência é legítima e aceita quando utilizada para determinado PROPÓSITO.

No segmento (13.f), “*porque se você não se impor, você é:: se torna:: () vítima e as pessoas te pisam na cabeça, e te esmagam*”, a palavra “cabeça” é tomada metonimicamente

como CORPO, pois todos os níveis da corporeidade (físico, psicológico e espiritual) sofrem quando são vítimas de violência. Nesse caso, PISAR e ESMAGAR são esquemas de imagem PARA CIMA – PARA BAIXO de base corpórea, uma vez que “SER OBJETO DE CONTROLE PELA FORÇA É PARA BAIXO (*“BEING SUBJECT TO CONTROL OF FORCE IS DOWN”*) (LAKOFF, 1980, p. 15). O autor sugere que estruturas físicas correspondem a forças físicas, em que o vencedor de uma luta está tipicamente no topo. Para algo ou alguém ser pisado ou esmagado, é necessário que haja tanto alguém superior (AGENTE) quanto alguém em estado inferior (PACIENTE).

Em (13.h) *“porque no meio de brutos você não pode ser cordeiro”*, observa-se a metáfora VÍTIMAS SÃO CORDEIROS, que se baseia no modelo cultural cristão em que, frequentemente, Cristo e outros sujeitos bíblicos são metaforizados por meio do “cordeiro”: animal dado em sacrifício às divindades. Tal comparação ratifica a METÁFORA DA CONTABILIDADE MORAL, em que o sujeito não pode ser sacrificado sem antes lutar pela sua vida, mesmo que, para isso, precise utilizar de violência para se proteger, tornando-se metonimicamente um “bruto”.

ENTREVISTA 3 ([C,U,44,F,FI])

ANÁLISE 14

L1 (14.a) me responde aquilo que tu pensa aquilo que tu sente...fica bem tranquila...quando você pensa em violência ã:: o que vem a sua mente em primeiro lugar?

*L4 Ah eu acho assim... (14.b) **há... muito triste né...** porque...sei lá (14.c) **violência não leva a nada né** acho que conversando...tanto que eu e meu filho assim a gente conversa bastante não...e eu apanhei bastante*

L1 [sim

L4 na infância né

No segmento (14.b), pode-se observar, mais uma vez, um modelo metonímico EFEITO PELA CAUSA, em que um dos possíveis sentimentos gerados pela violência, a TRISTEZA, é tomado para caracterizá-lo, fornecendo a seguinte metonímia VIOLÊNCIA É TRISTEZA.

Em (14.c), repete-se a ideia do segmento (14.c), em que a VIOLÊNCIA é personificada e não gera produtos bons ou resolve os problemas. Nesse caso, VIOLÊNCIA É UM CONDUTOR que, diante de um caminho, não leva a lugar algum, ou seja, não movimenta as pessoas.

ANÁLISE 15

L1 então desculpa né... essa interrupçãozinha... foi bem tranquila não tem problema...e pra ti assim (15.a) se você precisasse pensá... violência é como um ou é como uma... como é que tu compararia assim... completa essa frase pra mim violência é como um ou uma...que que vem na tua cabeça

L4 (15.b) eu acho assim uma covardia...né

L1 [uma covardia

L4 uma covardia

No segmento (15.b), constitui-se o modelo metonímico EXERCER VIOLÊNCIA É COVARDIA, pois o discurso da entrevistada sugere que a VIOLÊNCIA se dá entre um AGENTE, que é MORALMENTE FRACO. Pela metáfora da FORÇA MORAL, SER MORALMENTE CORRETO exige FORÇA DE VONTADE. Nesse sentido, apresenta-se um modelo metonímico PARTE PELO TODO (A DIMENSÃO MORAL PELA PESSOA) em que uma das características do papel semântico AGENTE, nesse caso, é ser covarde, em que temos os seguintes acarretamentos:

[EXERCER VIOLÊNCIA É COVARDIA]

- AGENTE É MORALMENTE FRACO.
- AGENTE COMETE VIOLÊNCIA.
- PACIENTE SOFRE VIOLÊNCIA.
- AGENTE É COVARDE.
- A COVARDIA DO AGENTE É VIOLÊNCIA.

ANÁLISE 16

L1 ã...se você tivesse então que que compará essa violência né com alguma...ã ideia ou conceito... tu falô então que era a covardia, teria mais alguma coisa que tu pensaria assim... ba violência...é como:: não sei... (16.a) uma relação que a gente pode estabelece assim

L4 (16.b) ai acho que é uma pessoa que não tem ati...uma atitude de conversa e:: já vai bate né pro socio...acho que é uma pessoa que assim nem...tem um pensamento assim né... (16.c) talvez vem até de infância né... isso aí da violência

L1 [uhum

L4 (16.d) tipo assim... só que eu apanhei bastante... mas eu não fiquei magoada porque... porque naquela época assim acho que a gente até merecia né

L1 [uhum

L4 pensa bem uma mãe com 17 filho...né...e (16.e) tu fazendo arte

L1 [não devia se muito fácil né

L4 (16.f) e sem cultura também...né... hoje em dia a gente...

L1 Tu acha que cultura:: como assim sem cultura?

L4 Tipo assim... (16.g) sem estudo sem instrução né...que nem os pai da gente foram criado também assim né...meio no GRito né e daí como é que eles iam sabe como tratá uma criança que nem nós já...eu por exemplo... (16.h) eu já já penso diferente né em conversa antes de bate né

O segmento (16.b) possui relação com a análise do segmento (2.b) em que VIOLÊNCIA é “*uma forma impensada de agir, usando a força*”. VIOLÊNCIA É ATITUDES

IMPENSADAS é um modelo metonímico que se repete, num cenário de ato de violência, em que não há diálogo, ou seja, a busca por um meio pacífico de resolver os problemas.

Nos segmentos (16.c) a (16.g), a entrevistada teoriza a respeito de uma possível origem do comportamento violento, gerado a partir de uma infância regradada por uma criação rígida, pela qual ela também foi educada. Dos que foram criados num sistema educacional violento (16.h), ela se auto-classifica como uma criança levada, à medida que “fazia arte” (16.e), mas não se tornou um adulto violento já que não ficou “magoada” (16.d) com isso. Condescendente com isso, a entrevistadora acha que esse tipo de criação existe quando não há cultura ou educação e o diálogo é “meio no grito” (16.g).

ANÁLISE 17

L1(17.a) Tu acha que esses atos...ã deles eram violentos? Dos teus pais por exemplo contigo?

L4 (17.b) Não:: era assim uma surrinha de vara...uma chineladinha sabe...mas era por poca coisa assim que não tinha nem...hoje tu pensando assim...ah tu... eu apanhava se tu só:: fizesse um sinal com a boca...né

O discurso da entrevistada refere continuamente a relação dela com os pais – de acordo com o segmento (17.b) –, pois sua infância enquadrou-se em um sistema educacional familiar bastante rígido. Porém, nota-se que os atos de repreensão e de castigo dos pais não representam atos de violência em sua visão, pois, além de comuns, eram legitimados pelo sistema familiar. Isso se confirma, quando a entrevistada utiliza expressões que designam essas ações corretivas no grau diminutivo, como “surrinha” e “chineladinha”. Nesse caso, a entrevistada provavelmente está minimizando, ou seja, suavizando o caráter agressivo da repreensão familiar, obedecendo naturalmente à TEORIA POPULAR DA ORDEM NATURAL, em que A ORDEM MORAL É UMA ORDEM NATURAL, ou seja, o mais forte e melhor dotado tende a dominar o fraco, tal como ADULTOS TÊM AUTORIDADE MORAL SOBRE AS CRIANÇAS. Além disso, pode-se inferir que esse discurso está vinculado ao modelo idealizado de família, oferecido por Lakoff e Johnson (1999), conforme o capítulo 1, em que há uma orientação moral: A MORALIDADE DA FAMÍLIA DO PAI SEVERO. Nesse modelo, a família é tradicionalmente constituída por mais rigorosamente disciplinadores e filhos obedientes, onde a autoridade moral normalmente é constituída por meio de regras morais, instituídas por meio de **punições**, como supostamente é o caso referido pela entrevistada, e gratificações.

ANÁLISE 18

L1 (18.a) Se...ã:: na sua comunidade aqui né... quais os tipos de violência que tu acha mais comuns

L4 aqui:: no bairro

L1 [por exemplo... pode ser no bairro

L4 (18.b) bastante o tráfico de droga né...dá gera violência entre eles mesmo né

L1 [Tu já presenciou alguma coisa? Quer contá?

L4 Que nem eu tenho um vizinho meu aqui né...ele saiu da cadeia acho que faz uns 5 anos...e:: (18.c) ele é bem violento...ele deixô da esposa, a esposa foi embora e tem 6 filho...e as criança moram aí né e (18.d) ele é bem violento assim com as mulher... ele é meio traficante mas tipo assim... pra nós ele não faz mal

L1 [uhum

L4 ele na dele né...só que assim as vezes a gente...meio que fica né

L1 [com receio

L4 com receio né... porque tem bastante aqui no bairro fátima... tem bastante pontos de droga essas coisa...e

(18.e) eles se matam entre si mesmo né

L1 e tu fica sabendo dessas histórias...por causa dos vizinhos do jornal

L4 é:: sim...jornal né

No segmento (18.b), verifica-se a presença de um **exemplo típico**, constantemente repetido nas entrevistas como uma das principais fontes da violência: as drogas. No caso da entrevistada, dentre tantas questões sobre drogas, ela focaliza-se no tráfico que gera atos de violência entre os grupos de traficantes (18.b) e (18.e). Para ilustrar a questão, traz como exemplo um vizinho que é traficante e muito violento, principalmente com as mulheres (18.c) e (18.d). A partir disso, observa-se mais uma vez que a gradação de violência varia conforme a VÍTIMA: “*ele é bem violento assim com as mulher...*”.

ANÁLISE 19

L1 ok...Em uma escala de...mais violência e menos violência...ã:: o que que tu acha por exemplo... (19.a) um ato que tu considera MAis violento

L4 (19.b) Eu acho com a criança

L1 Me explica...me mostra um exemplo assim

L4 Porque eu acho assim que (19.c) ele não tem como se defende é uma criança indefesa...que não tem como se defende né se é um adulto ainda ele se defende... uma criança não tem como se defendê ele tem que ficá naquele ambiente ali né...naquela sociedade na casa dos pais vamos supor né e:: não tem pra pra onde i né

L1 Tá mas não é a a violência não dos pais... pais dá uma surra que nem tu disse não é violência mas quando uma pessoa de fora

L4 [de fora é

L1 (19.d) de fora da família

L4 [da família

L1 Briga bate...ou faz alguma coisa pra uma criança...é isso?

L4 É eu acho

Nesse trecho, verifica-se, tal como na análise (6), que a gradação da VIOLÊNCIA, pode variar conforme o tipo de PACIENTE envolvido na ação, no caso crianças, de modo que, mais violento é o ato exercido sobre PACIENTES/VÍTIMAS indefesos (19.a) e (19.c). Não será aqui aprofundada a análise de (19.d) pois a resposta da entrevistada tem influência direta da pergunta da entrevistadora que provoca um processo de indução.

ANÁLISE 20

L1 Tá...ã:: (20.a) Qual que tu acha assim...qual seria o tipo de violência mais grave que poderia ser cometido contra você ou contra sua família

L4 Ai acho que...

L1 [Ou se já foi se já aconteceu

L4 Não...graças a Deus não

L1 [Então vamo pensa numa situação assim mais

L4 Ai (20.b) eu tenho medo tipo assim de assalto de entra dentro da tua casa e:: e:: roubá tudo bem né, porque tu trabalha e consegue de novo... mais assim violentá a mulher ou teus filhos isso pra mim ba:: acho né

L1

[o mais grave

L4 Porque (20.c) às vezes eles assaltam eles pegam e:: né violentam né...e tipo se chega a assaltá e levá as coisa tudo bem... bens materiais né

Assim como a análise (8), em (20.b), observa-se a presença de uma ação violenta ligada à invasão de domicílio. Contudo, a entrevistada afirma que essa não é a pior situação de violência que poderia sofrer, afinal “*roubá tudo bem né, porque tu trabalha e consegue de novo...*”. O ato de violência grave nessa análise está ligado ao estupro de mulheres ou de crianças, apresentado nos segmentos (20.b) e (20.c).

Feltes (2007, p. 262) faz um levantamento hipotético de princípios que poderiam gerar submodelos de VIOLÊNCIA. Esses princípios são:

- PESSOA compreende um TODO: CORPORAL-FÍSICO, PSÍQUICO (MENTAL) e ESPIRITUAL.
- **METÁFORA ONTOLÓGICA:** A MENTE É UM ORGANISMO; como tal pode ser violentada.
- FORÇA FÍSICA DIRETA pode causar DANO FÍSICO e DANO PSÍQUICO (e, por essa via, DANO ESPIRITUAL).
- Qualquer ato direto envolvendo ou não FORÇA FÍSICA que cause DANO PSÍQUICO (MENTAL) é VIOLÊNCIA.
- Quaisquer atos que causem DANO PSÍQUICO ou FÍSICO são atos violentos.
- O ato pode ser direto ou indireto (uma decisão, por exemplo); o AGENTE pode não ser perceptível.
- O DANO pode ser GRADUAL ou NÃO-GRADUAL.

Dos submodelos hipotéticos levantados por Feltes (2007), um dos que apresentaram maior número de propriedades foi o ESTUPRO, pois esse ato de violência provoca danos nos três níveis da pessoa (CORPORAL-FÍSICO, PSÍQUICO e ESPIRITUAL), envolve FORÇA FÍSICA, o AGENTE é PERCEPTÍVEL e HUMANO, a AÇÃO é DIRETA, o PACIENTE é HUMANO, etc. Em função disso, o ESTUPRO representa aqui maior prototipicidade, uma vez que é o ato considerado mais grave para a entrevistada.

ANÁLISE 21

L1 *Que que tu acha... (21.a) que emoções que sentimentos ã:: apareceriam na tua mente com relação àquele que violentou... ou seja com relação com a pessoa que provocou esse mal...que que tu sentiria*

L4 (21.b) *Ai tá loco... não tem explicação acho que uma ira assim... de tu chega assim... principalmente uma mãe se alguém violenta teu filho assim acho que eu avanço*

L1 [avança?

L4 (21.c) *É eu avanço... porque ba:: depois que a gente é mãe... qualquer um de nós né...acho que se fizé pra pai, mãe, irmão né... acho que a gente ta né... o sangue sobe*

L1 [o sangue sobe

L4 *É né*

No segmento (21.b), mais uma vez o ato de violência é mais grave à medida que afeta determinadas VÍTIMAS e é mais próximo da família. Esses critérios geram reações nos familiares responsáveis mais próximos, tal como AVANÇAR em alguém: “*se alguém violenta teu filho assim acho que eu avanço*”. Nesse caso, teríamos o seguinte cenário:

- (1) há uma VIOLÊNCIA de **A** contra **B**;
- (2) **B**, sendo criança, não se protege de **A**, sendo um adulto;
- (3) há uma REAÇÃO de **C**, familiar da criança, em resposta a **A**.

A forma verbal “avançar” determina uma ação instintiva, que metaforiza o adulto protetor como um animal predador, que “avança” contra sua vítima, seu oponente, sua presa.

Além disso, IRA e RAIVA são comumente tomadas como sinônimos. No segmento (21.c), a entrevistada considera a IRA o sentimento mais prototípico como reação a um ato de violência. Nesse caso, o CORPO É UM CONTAINER PARA AS EMOÇÕES e a IRA É UM FLUIDO QUENTE NUM CONTAINER, gerando metáforas como a presente no segmento “*o sangue sobe*”, mapeadas a partir dos seguintes domínios:

(DOMÍNIO-FONTE) Quando o líquido começa a ferver, ele se dirige para cima.

(DOMÍNIO-ALVO) Quando a intensidade da raiva aumenta; o fluido sobe.

ANÁLISE 22

L1 *Muito bem ok...ã:: então assim o que você considera ser um ato de violência...o que que tu acha que é um ato...um ato de violência é o que*

L4 *De violência... tem vários né*

L1 [Uhum

L4 *Tipo... ã:: ainda acho que tem os pior que que...esses...que...como não vai te nome eu vo fala né...tem uma colega minha que começo a trabalha agora lá né e ela comenta assim com nós que ela:: se envolveu com um rapaz que engravidô e daí (22.a) ele queria matá ela queria que ela perdesse o nenê...sabe ele usava droga e daí ele comeco a ameaça à família dela...e ela disse que entrô assim em tão... pânico que ela não conseguia mais sair da porta pra fora*

L1 [uhum

L4 (22.b) *De medo dele vim ali e:: pegá a família dela sabe... ela disse assim que é terrível... (22.c) tu fecha os olhos e enxerga aquela pessoa entrando... porque daí ele ameaçava sabe... (22.d) eu acho que esse ainda é um dos pior porque talvez assim nem venha a acontecê mas a pessoa entra em pânico né a cabeça né... mexe com a cabeça né... e ela disse que agora que ela tá se recuperando... (22.e) mas ela disse que das vez fecha os olhos e enxerga ele... disse que vindo com faca e:: sendo que ele tá preso agora...que ela disse que o medo dela é quando ele sai da cadeia*

L1 [entendi

L4 Porque (22.f) ele ameaçô ela né e tipo assim ela pode nem tê namorado aqui...fora ou alguém...mas ela tem um filhinho sabe de nove meses...então ela disse que tem medo de quando ele sai e tirÁ o filho dela e:: acho que é o pior assim né...que a pessoa fica...

O trecho acima expõe um **exemplo saliente** de violência exposto por meio de um relato de uma experiência indireta da entrevistada (22.a), ou seja, ela faz uma narrativa a respeito de uma situação real de outra pessoa, com a qual a entrevistada tem empatia. No segmento (22.b), o ato de violência existe no nível psicológico para a pessoa a que o relato se refere: “*De medo dele vim ali e:: pegá a família dela*”. A partir disso, configura-se uma AMEAÇA, que é um ato de violência, de maior gravidade (“*ela disse assim que é terrível...*”), uma vez que tem seu sentido dirigido à família, ou seja, às pessoas amadas pela pessoa referida na história.

Em (22.c), observa-se o trecho “*tu fecha os olhos e enxerga aquela pessoa entrando... porque daí ele ameaçava sabe...*”, que embora aparentemente antagônica (fechar os olhos para enxergar), reitera a questão da AMEAÇA. Em primeiro lugar, apresenta-se uma metonímia do tipo PARTE PELO TODO em que são as pálpebras que “fecham” os olhos (METONÍMIA), ou seja, há um fechamento do aparato sensorio-visual, mas a imagem da AMEAÇA é construída no plano mental que emerge.

Em (22.d), a entrevistada julga ser a ameaça um ato de violência ainda pior que a própria ação, uma vez que se consolida como uma violência de nível psicológico e que “*mexe com a cabeça né...*”. Ou seja, a AMEAÇA constitui-se como um processo metonímico, que perturba o conteúdo emocional (presente no cérebro, ou seja, na “cabeça”) da mulher referida na história.

O segmento (22.e) retoma a metonímia da AMEAÇA “*mas ela disse que das vez fecha os olhos e enxerga ele... disse que vindo com faca e:: sendo que ele tá preso agora...que ela disse que o medo dela é quando ele sai da cadeia*”, em que a ameaça se torna mentalmente explícita, já que se configura com o uso de um instrumento: a faca. Nesse caso, apresenta-se mais um modelo metonímico do tipo INSTRUMENTO PELA AÇÃO, em que a faca representa o ato de violência.

Por fim, o segmento (22.f) “*ele ameaçô ela né e tipo assim ela pode nem tê namorado aqui... fora ou alguém... mas ela tem um filhinho sabe de nove meses... então ela disse que tem medo de quando ele sai e tirÁ o filho dela*”, tem-se a metonímia MEDO É VIOLÊNCIA, em virtude de a ameaça de violência não ser dirigida diretamente a ela, mas ao seu filho. Em “Tirá o filho dela”, apresenta-se a concretização do possível ato de violência anunciado

através de uma ameaça, em que a AMEAÇA É VIOLÊNCIA, à medida que violenta o nível emocional.

ANÁLISE 23

L1 (23.a) Como é que tu caracteriza assim C. um ato de violência... pra mim assim tu diria...se tu tivesse que explica pra alguém que não sabe o que significa ato de violência...como é que tu explicaria assim...

[...]

L4 Eu acho que assim é:: (23.b) até já começando falta com respeito com colega até...com uma professora... com mais velho... acho que isso já começa gera um ato de...violência ainda mais hoje em dia que a gente vê...tipo assim eu to apavorada agora que eu voltei...assim faz 28 anos que eu não estudava (23.c) eu to apavorada com a falta de educação das pessoa até na sala de aula... sabe eu fico bem lá na frente mas eu to apavorada porque assim eles não respeitam né... uma coisa que eu pelo menos fui ensinada que tu tinha que respeita teu professor padre os mais velho né...era...agora não se respeita mais ninguém né

L1 E tu acha que a partir disso...já tem

L4 [eu acho

L1 um ato de violência

L4 Porque assim ó:: (23.d) tu não respeita ninguém...chama até uma professora de louca eu acho que isso aí já...já é uma pessoa que já tem um pouco de violência né

L1 Que depois se agrava...

L4 (23.e) [Se agrava até chegá né... tu sabe porque tu escuta nesses jovens que falam né...um dois três e já tão dando porrada...né

L1 Que coisa né...e:: tu acha que é uma mudança

L4 Eu acho que assim de uns anos pra cá mudo assim...pra pior

L1 E com relação aos jovens?

L4 Aos jovens...ba:: eu (23.f) pelo menos eu tento ensina meu filho assim... às vezes ele chega em casa... mãe, ai me deu vontade de dá um soco em fulano... e eu digo: não não é por aí... tu tem que ignorá não pode se tu vai querê bate em todo mundo não é assim... faz de conta que nem ouviu...né...eu ensino ele assim...porque...eu (23.g) acho assim a falta de respeito assim que todo mundo assim...esses jovens tão tendo...eles não respeitam ninguém né

Assim como no segmentos (5.f) e (5.g), em (23.b), (23.c), (23.d) e (23.g) verifica-se a VIOLÊNCIA como TRANSGRESSÃO DE REGRAS DE CONVÍVIO SOCIAL, através do exemplo (modelo metonímico) do “*falta com respeito com colega até...com uma professora... com mais velho...*”. Assim como na análise (5), o AGENTE dos segmentos aqui analisados, como **exemplo típico**, é o jovem, ou seja, o adolescente que falta com respeito aos limites sociais, tendo, nesse caso, o cenário da sala de aula. Quando a entrevistada afirma estar apavorada com a situação, “*eu tô apavorada com a falta de educação das pessoa até na sala de aula...*”, seu PAVOR não significa necessariamente um MEDO exarcebado ou patológico, mas um uma espécie de INDIGNAÇÃO. A violência, nesse caso, dá-se em NÍVEL EMOCIONAL e é uma AÇÃO INDIRETA, pois, conforme seu discurso, a violência não é contra a entrevistada, mas sim contra pessoas que convivem com ela, o que mostra sua empatia com as VÍTIMAS.

Em (23.e) e (23.f), a entrevistada continua um discurso a respeito do jovem que, sem limites, transgredir seus limites, inclusive por meio de FORÇA FÍSICA, por meio de expressões como “*um dois três e já tão dando porrada...*” ou “*mãe... ai me deu vontade de dá*

um soco em fulano... e eu digo: não não é por aí... tu tem que ignorá não pode se tu vai querê bate em todo mundo não é assim...”.

ANÁLISE 24

L1 [...] (24.a) atos de violência podem ser perdoados?

[...]

L4 Alguns acho que até sim...mas tipo assim violência tipo matá uma pessoa e judiá de uma pessoa assim...que nem aquele caso daquela moça lá que tava vindo da praia lá...não sei se tu ouviu fala

L1

[Conta...pode conta pra mim

não tem problema

L4 ã:: que ela tava vindo e aquele caminhoneiro ataco ela e fez TUdo aquela barbaridade e eu só acho que aquilo ali

L1 [Qual a barbaridade que foi feita com ela

L4 (24.b) Ele estrupo, ele mato... amarrô ela né... assim tirô a vida numa pessoa que tava vindo... ela era dentista né e tava vindo trabalha né e assim eu acho que:: (24.c) a pessoa tem que pagá... não a gente tirá a vida deles pra né... acho que tem que paga i preso mesmo e sofrê lá... acho que só Deus mesmo pra perdoá né

L1 Tu disse que alguns podem ser perdoados né... quais seriam? Por exemplo, tem algum que tu diria não esse aí tudo bem até dá pra perdoá...

L4 Se:: em relação até de falta de educação assim sabe até que dá pra perdoá né pra... (24.d) mas assim violência física mesmo não né... a pessoa tem que pagá

Em (24.b), pode-se inferir que há uma fonte metonímica do tipo **exemplo saliente**, pois a entrevistada sugere um tipo de atividade para explicar a categoria VIOLÊNCIA. Nesse caso, o cenário narrativo compõe-se de ações de um ato de violência extremo, à medida que sua argumentação busca critérios de perdão e punição para o AGENTE da violência. O exemplo é prototípico, nesse caso, pois a VÍTIMA é uma mulher.

No segmento (24.c), a entrevistada expõe que pessoas que cometem violência dever ser punidas. Esse pensamento está estruturado pela METÁFORA DA CONTABILIDADE MORAL, a partir dos esquemas de **equidade**, faz-se justiça por meio de um acerto de contas, resultando num equilíbrio nos livros (contábeis morais) e de **retribuição**, em que a contabilidade é realizada por uma autoridade legitimada, tal como expressos pelo segmento (24.c) “*acho que tem que paga i preso mesmo e sofrê lá...*” e (24.d). Nessa perspectiva, a entrevistada apresenta um elemento cultural de cunho religioso em que o ato do perdão só é legítimo quando provém de Deus: “*acho que só Deus mesmo pra perdoá*”. Nesse caso, subjaz a ideia da metáfora da **ORDEM MORAL**, em que, numa hierarquia de poder, DEUS TEM AUTORIDADE MORAL SOBRE AS PESSOAS.

ANÁLISE 25

L1 Á:: pra você o que que leva uma pessoa ou um grupo a comete atos de violência?

L4 Às vezes (25.a) talvez vem da educação né...da de repente do ambiente que que era muito violento né... não tinha condições assim financeira né...e se via de repente outras pessoas te e:: (25.b) acostumô naquele naquela violência e de repente até pra pra...tipo assim vê uma pessoa bem que tu vê às vezes (25.c) esses jovens se reúnem e que fazem essas coisa de bate uns nos outro assim a pessoa não faz nada pra eles né...então acho que isso aí já vem... (25.d) lá das raiz né

Assim como na análise 18, os segmentos do trecho 16 apresentam uma especulação sobre a origem da violência. A entrevistada atribui a origem da violência ao sistema educacional que também “era muito violento” (25.a), o que corrobora para uma sistematização da violência (25.b), enraizada na educação (25.d).

ANÁLISE 26

L1 Á:: e (26.a) como é que os atos de violência podem ser punidos? Na tua opinião?

L4 Eu...ó:: eu na minha opinião assim tipo não não devia existi presídio... devia existi tipo... fechado mas um... uma... que eles pudesse trabalha... tipo assim pra come eles teriam que plantá aquilo ali e colhê sabe e (26.b) ocupá a mente deles... até acho que salas de aula.. já tem né... [...]

No segmento (26.b) pode-se inferir que os prisioneiros devem ocupar seu tempo com atividades que, conseqüentemente, também ocupem suas mentes. Nesse sentido, temos a metáfora ontológica A MENTE COMO UM ORGANISMO RACIONAL, também levantada na análise (21), que pressupõe que a MENTE deve ser ocupada por IDEIAS, as quais inibem AÇÕES SOCIALMENTE INACEITÁVEIS.

Por isso, podem ser elencados os seguintes acarretamentos:

- A MENTE É UM ORGANISMO RACIONAL
- O ORGANISMO NÃO DEVE SER OCIOSO
- O ORGANISMO DEVE SER OCUPADO COM IDEIAS BOAS
- IDEIAS BOAS PROVÊM DO TRABALHO
- A MENTE DEVE TRABALHAR

Associado a essa metáfora, subjaz um modelo cognitivo cultural que associa a ociosidade aos vícios, ou seja, ociosidade não é uma virtude. Essa relação está presente no nosso sistema cultural, uma vez que é metaforizada pelo ditado popular “Mente vazia, casa do diabo”, que apresenta variações. Por isso, podem ser propostos outros acarretamentos, tais como:

- O ORGANISMO NÃO DEVE SER OCIOSO
- OCIOSIDADE É UM VÍCIO
- VÍCIOS LEVAM A AÇÕES SOCIALMENTE INACEITÁVEIS
- A VIOLÊNCIA CONSTITUI-SE DE AÇÕES SOCIALMENTE INACEITÁVEIS

Conforme a METÁFORA DO SISTEMA MORAL, descrita no capítulo 1, MENTE OCUPADA ADQUIRE FORÇA MORAL. Seguindo o esquema anteriormente explicitado:

- SER MORAL É TER RETIDÃO
- SER IMORAL É SER INFERIOR
- O MAL É UMA FORÇA

A pessoa moralmente fraca cede às forças do mal. Tendo força de vontade, ela resiste aos impulsos como, por exemplo, o de cometer atos de violência.

ANÁLISE 27

L1 (27.a) E você já cometeu um ato de violência?

L4 Não

L1 [Não? Porque pode ser qualquer um ta...desde o mais levinho até

L4 (27.b) A:: tapinha no filho de vez em quando...a::é que isso é difícil né

L1

[Ah:: mas tu disse que isso não era ato

de violência né

L4 Não...é:: né

L1 Não é bem a tua opinião viu

L4

[Sim

L1 Não há certo e errado nessa questão né:: C.

L4 (27.c) Acho que assim uma chineladinha assim na bunda... que às vezes só fala né

Assim como na análise elaborada em (17.b), os segmentos (27.b) e (27.c) apresentam a minimização dos efeitos de uma agressão repreensiva de ordem familiar por meio do emprego de expressões no grau diminutivo, como “tapinha” e “chineladinha”.

ANÁLISE 28

L1 Sim...então ta...ã:: (28.a) você seria capaz de cometer um ato de violência?

L4 Não

L1 [Não?

L4 (28.b) Eu rezo sempre pra não cometê... porque aquilo que eu te falei...se por acaso assim né

L1 E aí...me diz esse por acaso

L4 (28.c) Se por acaso alguém fizesse alguma coisa com meu filho ou assim que me tirasse ele... sabe assim

com um ato de violência acho que:: se eu chegasse a pegá a pessoa assim na hora talvez eu até avançaria... talvez não ia mata né porque né...mas assim eu acho que só nesse caso aí... porque nos outros caso aí dá pra se contorna as coisa

No trecho acima, observa-se, em (28.b), a presença do modelo cultural religioso por meio do verbo REZAR, um dos rituais católicos, em que “eu rezo pra não cometê (atos de violência)”. A expressão “pra não cometê (atos de violência)” é uma consequência direta da necessidade de proteção. Dessa forma, pode-se inferir que a entrevistada não reza pedindo pelo controle de suas ações violentas, mas pelo impedimento de alguém precisar delas. Ou seja: ela reza pela manutenção da paz, gerando o processo metonímico REZAR É EVITAR VIOLÊNCIA.

Esse estado pacífico pode ser alterado na iminência de uma ameaça à vida, ao estado de proximidade do filho da mãe ou ao bem-estar de seu filho, ratificando o cenário metafórico apresentado na análise do segmento (22.b), em que a figura materna, obedecendo aos seus impulsos de proteção, de natureza instintivamente física, que afeta o nível emocional e que, posteriormente, pode se refletir numa reação física, “avança” sobre possível ameaça.

ANÁLISE 29

L1 Sim...a última então pra encerra nossa entrevista já agradecendo...ã:: com suas palavras né... (29.a) de um modo bem simples define pra mim...violência o que que é...o que que é violência...pra gente pode fecha
 L4 (29.b) A violência pra mim é:: um terror (29.c) como se fosse uma guerra... (29.d) que a gente tem medo até de sai... eu acho assim que nós somos prisioneiros das nossas próprias casas... né...

A partir do trecho acima, pode-se verificar a metáfora VIOLÊNCIA É UMA GUERRA (29.c), cujo domínio-fonte apresenta tipicamente elementos como ENFRENTAMENTO, USO DE ARMAS, INIMIGOS, COMBATES, MORTES, FAZER PRISIONEIROS, MANTER PRISIONEIROS, etc.

O segmento (29.b) poderíamos ser levados a inferir uma metonímia do tipo VIOLÊNCIA É TERROR, que seria ancorada na metáfora VIOLÊNCIA É UMA GUERRA, subsequente no discurso da entrevistada. Nesse momento, pode-se dizer que a entrevistada tomou um dos sentimentos gerados pela guerra, ou seja, uma das emoções mais vinculadas ao combate bélico, assim como MEDO, INSEGURANÇA, RAIVA, PÂNICO, CRUELDADE, etc.

ENTREVISTA 4 ([C,U,42,M,MC])

ANÁLISE 30

L1 católico ok...então eu vou fazer algumas perguntas feitas da da temática da violência a primeira diz o seguinte...ã (30.a) quando você pensa em violência que que vem à sua mente em primeiro lugar?

L5 bom violência praticamente são...é de diversos fatores...tanto a violência física como...a violência...ã...por...por imagens...ã... enfim...é...quer dizer a violência em si ela tem...ela é...ela é de diversas maneiras não...é não é fácil de explicar... (30.b) toda ela depende a quem é dirigida a:: pessoa que que quer ferir

L1 uhum...ã:: se a gente:: completasse a frase pra mim assim violência é como um ou é como uma...tem alguma ideia pra compara... (30.c) violência é como um ou é como uma

L5 (30.d) violência é:: como qualquer...meio pela qual que venha a:: a:: ...como eu posso explicar...é...é tanto mental como física ou...é...ela é genérica né...é tudo que venha a ferir tanto mentalmente como fisicamente

L1
 L5 É [alguém né?

Em (30.b), verifica-se que a conceptualização de VIOLÊNCIA, para esse entrevistado, depende diretamente do AGENTE (“pessoa que quer ferir”) e PACIENTE (a violência “depende a quem é dirigida”). A partir da forma verbal “ferir”, utilizada na segunda parte do segmento, pode-se inferir que a VIOLÊNCIA, para esse sujeito, implica o PLANO FÍSICO. Essa ideia é retificada pela pergunta seguinte em que o entrevistado é mais específico quando solicitado para comparar a violência com outra coisa (30.c). No segmento (30.d), o sujeito esclarece seu conceito de violência, constituindo a metonímia VIOLÊNCIA É FERIR, tanto no nível mental quando físico de alguém.

ANÁLISE 31

L1 (31.a) ã:: na sua comunidade quais são os tipos de violência mais comuns?...aqui ou pode comparar com...com outros lugares...mas qual é a violência mais comum na sua opinião?

L5 Particularmente...aqui quase eu não não... aqui na...na região...aqui na região...eu

particularmente...eu...quer dizer...fora o que eu...tinha conhecimento da minha da minha área.. (31.b).ã tinha tanto...como agressões...como...como brigas de...brigas de vizinhos...ã...ou violência de:: marido e mulher que acabavam se...se...como se diz...se se agredindo...e fora as outras né...em função de assaltos...roubos

L1

[a::

L5 e morte né

Assim como na análise (1), apresenta-se no segmento (31.b) modelos metonímicos de VIOLÊNCIA, partindo-se da metonímia do tipo EFEITO PELA CAUSA:

VIOLÊNCIA É AGRESSÃO

VIOLÊNCIA É BRIGAS (DE VIZINHOS)

VIOLÊNCIA É BRIGAS (DE MARIDO E MULHER)

VIOLÊNCIA É ROUBO

VIOLÊNCIA É MORTE

ANÁLISE 32

L1 [...] (32.a) em uma escala de mais violento e:: menos violento...qual que o senhor acha que é mais ...um exemplo de mais violento e um de menos violento...na sua opinião

L5 mais violento... (32.b) o mais violento é:: acho que é:: tirá a vida do ser humano... esse não tem... não existe cabimento porque...o delinqüente não não tá nem aí sa...a vida do outro...e se ele for pra roubar e vier contra ele ele vai acabá matando a pessoa e (32.c) acho que matá... tira a vida duma pessoa é:: acho que é uma violência maior

Em (32.b) e (32.c), apresentam-se as expressões metafóricas “tirá a vida do ser humano” e “tira a vida duma pessoa”, respectivamente, que se baseiam no modelo metafórico VIDA É UM BEM PRECIOSO¹⁸⁹, atribuindo um valor materialista à VIDA, a partir do MODELO MATERIALISTA de VIDA e MORTE.

ANÁLISE 33

L1 uhum...ã:: (33.a) qual é o tipo de violência mais grave que tu poderia...ou já foi né...ser cometido contra você ou contra sua família?

L5 Contra minha família praticamente...claro que eu tinha meu receio em função da minha profissão...em... em (33.b) procurá dentro da lei...sem que houvesse um...como se diz...um... sem que...eu fosse prende alguém e essa pessoa que que eu prendi viesse fazer alguma coisa contra minha família .em função da minha função né...que era ser policial

L1 [Uma vingança?

L5 é...mas graças a Deus pelo menos eu (33.c) sempre procurei i pelo pelo correto e nunca... nunca nunca prendi ou ou vinha:: dize que que:: eu...fui além da minha capacidade policial que (33.d) essa pessoa viesse...ã:: tê uma raiva contra mim e viesse descontá na minha família...

[...]

¹⁸⁹ Essa metáfora foi levantada em pesquisa realizada por Niki Köves (apud KÖVECSSES, 2005, p. 83-86), que compara a conceptualização metafórica de VIDA entre falantes de língua inglesa americana e língua húngara.

*L5 aí em função da da...que (33.e) **eu tive a paciência...e a técnica pela qual foi me passada...pra mim usa corretamente a quantidade de balas que eu tinha no revólver e que não viesse a me me... (33.f) viessem eles vim contra mim e a tira minha vida***

Nos segmentos acima, expõe-se um modelo cognitivo baseado na experiência profissional do sujeito que é policial. Ao afirmar que sua conduta, como policial, esteve “dentro da lei” (33.b), em que sempre “procurou ir pelo correto” (33.c) e “nunca foi além de suas capacidades policiais” (33.c), o sujeito mostra que sua atuação profissional na sociedade é estabelecida pela lei que, por sua vez, modela os contornos da ação dos policiais. Há um código de conduta da profissão (33.e), e possivelmente um código de conduta pessoal, que implica juízos de valor. Pode-se inferir que a METÁFORA DA FORÇA MORAL subjaz essas ideias, uma vez que, ao evitar uma conduta fora dos limites de sua profissão (FORÇA PARA RESISTIR), o indivíduo ganha VALOR/VIRTUDE MORAL, gerando os seguintes acarretamentos:

- BOM POLICIAL É MORALMENTE FORTE
- SER MORALMENTE FORTE PROVÉM DE AUTODISCIPLINA
- ALGUÉM MORALMENTE FRACO PODE COMETER ERROS
- FRAQUEZA MORAL É UMA FORMA DE IMORALIDADE
- MAU POLICIAL É MORALMENTE FRACO

No discurso, a postura do policial é também justificado em detrimento da segurança da família do entrevistado (33.d), pois, dentro da METÁFORA DA CONTABILIDADE MORAL, um ato errado ou uma conduta imoral sua podem provocar punição, nesse caso da família, a partir de uma reação de alguém que se sentiu por ele injuriado. Dentro da METÁFORA DA CONTABILIDADE MORAL, uma possível falha em sua VIRTUDE MORAL poderia possibilitar o esquema VINGANÇA, em que o suposto sujeito injuriado teria direito de retribuir, ou seja, “descontar” dentro da contabilidade moral o erro do policial.

O fragmento (33.f) reincide a análise proposta em (32.b) e (32.c), cuja estrutura baseia-se no modelo metafórico VIDA É UM BEM PRECIOSO e que pode ser, portanto, tirada, levada ou roubada.

ANÁLISE 34

L1 interessante essa essa história...ã até ia te pergunta se você ou alguém próximo a você já foi tipo de alguma violência e realmente estar no meio de um tiroteio assim é:: complicado né

L5 é...é

L1 [Ainda mais na situação que tu ficou né

*L5 É é na...que nem tinha um que tava aguardando o veículo na frente do do coiso que era um...um dos comparsa (34.a) **ele ligô o alarme do veículo pra avisa que tinha sujado... porque daí viram eu como policial me aproximando***

L1 [a:: que perigoso

L5 *Aí eu...eu particularmente só fui ã:: eu gravei a fisionomia dele porque eu não poderia prende porque se eu viesse me abaixa não sabia a quantidade de pessoas que tinha lá embaixo né eles podiam muito bem vim num momento que eu tava prendendo eles viessem contra mim e me dessem um tiro pelas costas né...então eu deixei ele i e nisso claro tinha:: três...três...lá dentro do estabelecimento...e daí quando viram começaram a atira contra mim...daí só...daí eu sei que só...eu voltei ao ao chão novamente no plano quando a primeira viatura apareceu porque aí o pessoal que viu o fato acho que ligo pra brigada e disse ó tem um colega de vocês que ta::*

(34.b) numa situação de fogo

L1 *[numa situação complicada]*

O segmento (34.a) é parte de uma narrativa em que o entrevistado conta a respeito de uma situação perigosa que viveu enquanto era policial. Nesse trecho, o sujeito utiliza a expressão “*que tinha sujado*”, que significa o fato de os ladrões o terem identificado como policial. Na metáfora da PUREZA MORAL, é possível mapear-se outra metáfora, a da IMPUREZA É IMORALIDADE. Como os ladrões estavam agindo de forma imoral, pode-se inferir a metáfora IMORALIDADE É SUJEIRA.

ANÁLISE 35

L1 *Tá...teve alguma outra situação curiosa que o senhor gostaria de compartilha?essa essa é complicada né...ã...roubo ou alguma coisa...que presenciou*

L5 *É... a única a única parte mais que nem... que não é fácil se policial...num primeiro momento quando eu iniciei na carreira...eu:: por si só vi ã:: .o primeiro crime o primeiro...a primeira ocorrência que eu fui atende na minha vida foi de um homem que foi morto num num parque lá em Porto Alegre né...e que além de eles te dado....eles enforcaram a pessoa e além de enforca eles deram uma pedrada né pra te certeza que tinham matado ele...aquilo sinceramente ã:: primeira visão minha... (35.a) eu tremi o corpo assim como sendo a primeira ocorrência é e...ã:: uma coisa assim sem...uma coisa que veio inst...instintivamente e:: (35.b) eu tremi o corpo pela situação e pelos fato*

[...]

Tal como a análise do segmento (8.h), apresenta-se em (35.a) e (35.b) a metonímia EFEITO PELA CAUSA em que o ato de “tremar nas pernas” um dos atos físicos que refletem reações/etapas ligadas ao MEDO, que, em seu discurso, foi permitido por ter sido resultado da primeira ocorrência com morte por ele enfrentada.

ANÁLISE 36

L1 *[...] vamo faze uma hipótese né...uma ideia de uma alguém...cometesse um ato de violência contraA uma pessoA da tua família né ou alguém que você ama muito...que emoções que sentimentos tu acha que apareceriam em sua mente em relação àquele que violentou...aquele que violentaria a tua família ou alguém que tu ama...qual é as tuas emoções com relação à pessoa que fez o ato de violência...ou que faria*

L5 *[...] ninguém pode prevê né muitas vezes claro a pessoa que comete uma violência contra a tua família tu não sabe nem a metade que ele passou também...porque por si só a pessoa comete uma violência dependendo do meio pela qual viveu...do da maneira pela qual foi criado e:: muitas vezes é essas coisas ficam na mente e ele acaba achando que aquilo é uma coisa normal e:: e não se dá por conta do que ele cometeu...claro que a gente não gostaria que nada acontecesse com alguém da família...mas tu ia...eu pelo menos ia procura... (36.a) legalmente... que:: de uma certa maneira eu penso assim se a justiça de...se a justiça do homem não for capaz de de da o castigo necessário...eu acredito que a justiça de Deus mais adiante vai da como é o castigo merecido pra ele*

Assim como no segmento (24.c), em (36.a) pode-se observar que aqueles que cometem violência devem ser punidos. No segmento em questão, o sujeito diferencia “justiça

dos homens” e “justiça de Deus” em que o “castigo necessário” nem sempre pode ser feito pelo homem. Mais uma vez, nota-se a presença da METÁFORA DA CONTABILIDADE MORAL, em que metáfora da **ORDEM MORAL**, estabelece equilíbrio contábil quando o sujeito que comete atos de violência Ou seja, quando a punição, ou seja, o castigo designado pela justiça dos homens não é suficiente, o sujeito é julgado por uma justiça superior, amparada pelo modelo cultural religioso, em que DEUS TEM AUTORIDADE MORAL SOBRE AS PESSOAS.

ANÁLISE 37

L1 Mas seria então...seria...tu falaste em várias situações assim ã:: de pensa como ele se comporta de como essa pessoa viVEu depois tu disse que a justiça que vai ã:: a justiça ou Deus né que vai punir então essa pessoa...mas que sentimento...qual é a emoção que tu sente será...primeira coisa que ta aqui

L5 (37.a) Primeiro momento é claro de raiva

L1 [raiva

L5 (37.b) e num segundo momento tu tem que conter essa raiva... (37.c) porque se ele de uma certa maneira ele cometeu uma violência e destruiu a tua família...tu não vai tê a mesma percepção de comete uma violência contra ele porque tu vai ta se... se... tá no meio igual que nem ele

Em (37.a), verifica-se a presença do conceito abstrato RAIVA, que representa uma das emoções mais recorrentes como resultado de atos de violência. Em (37.b), o entrevistado expressa que a raiva deve ser contida, o que possibilita inferir a metáfora O CORPO É UM CONTAINER PARA AS EMOÇÕES, em que a RAIVA É CALOR DE UM FLUIDO NUM CONTAINER.

No segmento (37.c), reaparece a METÁFORA DA CONTABILIDADE MORAL de esquema **dar a outra face**, em que o sujeito nega-se a retribuir o ato de violência, ou seja, se **Y** causa um dano a **X**, e **X** “dá a outra face”, **X** faz com que **Y** sinta-se ainda mais culpado e endividado com relação a ele/ela.

ANÁLISE 38

L1 hm....ok brigada...o que você considera ser um ato então de violência? Retomando...a questão

L5 ato de violência...

L1 [que que é assim ã:: eu poderia ter dito isso pra C. antes né...que que é um ato de violência se teu filho perguntasse pai que que é um ato de violência? Que que tu diria pra ele

L5 (38.a) Violência é todo e qualquer... atos hostil de alguma pessoa que inverte pra outra pessoa... sendo da tua família ou sendo qualquer pessoa fora da família...ã:: ou tirando a vida...ou te agredindo e criando lesões no teu corpo...ou violência ã:: violência mental ou se utilizar de:: de:: como é de subterfúgios pra degedri a tua família...se...acho que seria...isso

Seguindo a proposta de análise do trecho (1), pode-se inferir que o segmento (38.a) também apresenta o modelo metonímico de **exemplos típicos**, fornecendo uma indicação, mas não uma garantia, de prototipicidade. A VIOLÊNCIA, nesse caso, é conceituada metonimicamente:

VIOLÊNCIA É ATO HOSTIL

VIOLÊNCIA É AGREDIR

VIOLÊNCIA É CRIAR LESÕES NO CORPO

Além disso, assim como no segmento (23.c), um possível ato de violência é ainda mais grave quando atinge ou se direciona à família.

ANÁLISE 39

L1 Atos de violência podem ser perdoados?

L5 Dependendo a...a violência pela qual ele cometeu

L1

[uhum...por exemplo qual que pode e qual que não

pode?...na tua opinião

L5 Olha... (39.a) acho que tirá a vida de uma pessoa esse não tem perdão... nenhum porque tu tirou a vida de um ser humano...e acho que:: ã:: roubar a pessoa tem o:: acho que tem a:: a situação de tentá novamente e:: e se redimir desse coiso e procura se corrigi...porque também a gente nunca sabe o motivo por que ele roubou se é por uma necessidade...depende da necessidade que ele ta fazendo esse fa...essa situação

No segmento (39.a), observa-se a possibilidade do perdão com relação à gravidade dos atos de violência. Essa gradação varia, neste caso, entre dois tipos de violência: o ASSASSINATO e o ROUBO. Para o entrevistado, “tirar a vida de uma pessoa” é um ato imperdoável e “roubar” é perdoável à medida que variam sua CAUSA. No caso do roubo, o entrevistado afirma que pode haver perdão, pois os itens roubados podem ser restituídos assim como pode existir uma “necessidade” justificável para esse tipo de violência. Já o assassinato, “não tem perdão”, pois não há a possibilidade de reparação e nenhuma causa aparenta ser justificável.

ANÁLISE 40

L1 Até em em...fechando com essa tua resposta da necessidade...o que que leva uma pessoa ou um grupo a comete um ato de violência?

L5 O que leva um grupo?

L1 Pessoa né...pode ser uma pessoa ou um grupo...que a gente vê uma pessoa só né que é uma situação e às vezes é um grupo também né que cometem juntos...pode até (...) mas o que que leva essa pessoa ou grupo comete um ato de violência?

L5 O grupo... (40.a) a pessoa às vezes em função de necessidade dele...e não te conseguiu algum trabalho alguma coisa e:: e muitas vezes ele em função da família dele...e o grupo em si é que:: praticamente os (40.b) os presídio atual na conjuntura é:: em vez de:: de procura corrigi o:: os corrigi os detentos ele ta:: na realidade ele é uma escola pra que eles cometam se unam pra comete atos maiores do que eles já cometeram

L1

[uma

escola

L5 (40.c) É...o presídio em si tá sendo uma escola...porque cada qual dentro do presídio tem a sua o seu crime que cometeu desde roubo de banco ã roubo à residência, sequestros...então eles unem todo esses aí pra criá um grupo pra fazê um determinado roubo com maior número de quantidade de pessoas e com maiores fatores né que cada qual...eles sabem que como...como cometeram eles...deu certo e:: assim vai passando de um pra um e cada qual sai acaba criando um...um grupo pra comete esses crimes porque sabem a maneira melhor pra comete

Em (40.a), há uma justificativa da análise levantada em (39.a), ou seja, a CAUSA do ato de violência o torna mais ou menos violento.

Nos segmentos (40.b) e (40.c), infere-se a presença do modelo metafórico PRESÍDIO É UMA ESCOLA, que motivam os seguintes acarretamentos:

- PRESOS SÃO ALUNOS
- ALUNOS REÚNEM-SE EM TURMAS
- PRESOS REÚNEM-SE EM GRUPOS/GANGUES
- ALUNOS APRENDEM CONTEÚDOS
- PRESOS APRENDEM CRIMES
- A FORMAÇÃO ESCOLAR POSSUI NÍVEIS
- OS CRIMES SÃO DIFERENCIADOS EM NÍVEIS
- OS PRESOS EM GRUPO APRENDEM CRIMES DE DIFERENTES NÍVEIS

ANÁLISE 41

L1 *ã::* (41.a) *você acha que o governo e a sociedade tem agido de modo a conter a violência?*

L5 *O governo...até procura pelos meios pelas quais ele tem...a brigada e a polícia civil...mas a nossa o nosso*

(41.b) *código penal tá...tá muito defasado e dá margem pra qualquer advogado tirá qualquer um da cadeia...é*

mais fácil um policial ficá na delegacia preenchendo formulários do que aquela pessoa presa em flagrante ficá

detida lá...então:: (41.c) *a justiça ela ela tem essas brechas e o judicial não consegue mantê essas pessoas*

presas...tanto que tem pessoas que estão a maioria das pessoas que comete os crimes são aquelas que tão na...

(41.d) *naquela situação de benefício da lei...então eles sabem que vão...que ã:: que eles pensam tá preso lá e a pessoa tá aqui fora cometendo crime*

Em resposta à questão (41.a), o entrevistado apresenta questões relativas ao sistema judiciário de nosso país, afirmando que o Código Penal brasileiro está defasado e que “dá margem pra qualquer advogado tirá qualquer um da cadeia”. Nessa perspectiva, o sujeito toma JUSTIÇA metonimicamente pelo SISTEMA JUDICIÁRIO (41.c). Sendo assim, são as “brechas” na justiça que possibilitam o aumento da violência, já que os crimes não são inibidos. A partir disso, teríamos a metáfora JUSTIÇA É UM OBJETO, com o acarretamento: O OBJETO POSSUI BRECHAS

Nesse caso, o papel do sistema judiciário seria o de impedir que os crimes passem impunes, mas, como o sistema possui brechas, os crimes não são punidos (41.d). A impunidade serve como estímulo para que se siga o exemplo dos criminosos que não são condenados, perpetuando a criminalidade. Pode-se inferir, conforme Feltes (2010, no prelo), que a JUSTIÇA é aqui metonimicamente entendida como punição, pois FAZER JUSTIÇA NÃO É APENAS PUNIÇÃO DOS CULPADOS, mas também PROTEÇÃO AOS INOCENTES.

ANÁLISE 42

L1 O que que...pro senhor poderia ser feito pra diminui a violência

L5 Eu acho que as leis deviam ser reformuladas...ã:: deveria como é o:: (42.a) o preso em si ele tem muita muita mordomia dentro do presídio... praticamente ele é pago pelo estado e ele tem um valor além do que um trabalhador de empresa ganha... (42.b) ele fica na ociosidade ã:: no presídio pensando de na maneira na hora de sai pra comete novos crimes e (42.c) eu acho que tinha que dá uma ocupação pra eles... tomá o tempo deles... daí eles não teriam tempo necessário de de pensá em outros crimes...ou seja colocá eles trabalhá pro sustento deles...né te um...um como é que se diz uma... (42.d) um trabalho mais forçado que eles gastariam suas energias do corpo e estariam no final do dia esgotados e não teriam tempo pra pensá em comete crimes

No segmento acima, verifica-se como a punição no sistema carcerário brasileiro é altamente criticada pelos cidadãos. Em (42.a), pode-se construir a metáfora PRESO É UM AFORTUNADO, à medida que INDIVÍDUO AFORTUNADO TEM MORDOMIAS, não tem trabalho e, por isso, INDIVÍDUO AFORTUNADO NÃO PRECISA TER OCUPAÇÃO.

Nesse sentido, o segmento (42.b) apresenta a “ociosidade” presentes nos presídios, em que o preso não trabalha para sua manutenção, mas que precisa ser alterada possibilitando “ocupação pra eles”. Essa ideia possibilita os seguintes acarretamentos:

- O ORGANISMO NÃO DEVE SER OCIOSO
- OCIOSIDADE É UM VÍCIO
- VÍCIOS LEVAM A AÇÕES SOCIALMENTE INACEITÁVEIS
- A VIOLÊNCIA CONSTITUI-SE DE AÇÕES SOCIALMENTE INACEITÁVEIS

O segmento (42.d) apresenta a consequência de uma hipótese de mudança do sistema carcerário e suas consequências. Tendo presidiários trabalhadores e auto-sustentáveis, ou seja, com “*um trabalho mais forçado, [em] que eles gastariam suas energias do corpo e estariam no final do dia esgotados e não teriam tempo pra pensá em comete crimes*”, eles manteriam seus corpos e mentes ocupadas, gerando maior FORÇA MORAL. Conforme a METÁFORA DO SISTEMA MORAL, descrita no capítulo 1, MENTE OCUPADA ADQUIRE FORÇA MORAL. Seguindo o esquema anteriormente explicitado:

- SER MORAL É TER RETIDÃO
- SER IMORAL É SER INFERIOR
- O MAL É UMA FORÇA

A pessoa moralmente fraca, dessa forma, cede às forças do mal. Tendo força de vontade, ela resiste aos impulsos como, por exemplo, o de cometer atos de violência.

ANÁLISE 43

L1 *ã:: o senhor já falou antes com relação à a mídia né...que a televisão aborda esse assunto (43.a) como é que você vê o tratamento da violência pela mídia? Rádio, TV, jornal, revista, etc...com que relação com exagero com sensacionalismo ou tu acha que eles são fiéis ou amenizam a situação*

L5 *Não...eu pelo menos a:: algumas emissoras mostram um realismo até demais ã:: e (43.a) ficam batendo sempre no mesmo...na mesma...na mesma coisa e:: e às vezes levando aquela violência que que não seria aquela violência de:: de de baixo potencial e torna aquela...aquela violência num extremo e ficam pautando todo tempo na emissora ã:: sempre levando como é um descrédito da população pela ação dos policiais em resolve*

No fragmento (43.a), pode-se inferir a metáfora BATER AUMENTA O DANO, em que o sujeito discorre sobre a questão da VIOLÊNCIA na mídia como algo recorrente, que se insiste. A constante abordagem de assuntos ligados a atos violentos na mídia corroboram mais violência para a sociedade. A partir de um esquema comparativo, pode-se afirmar que, assim como num ato violento físico e agressivo, quanto mais se bate em algo ou em alguém, mais o objeto ou a pessoa sofrem danos.

ANÁLISE 44

L1 *É porque...até a...o conceito de violência da...quando tu é policial pode até ser diferente pra nós leigos né ã:: porque por exemplo...o uso do cacete né...o senhor alguma vez teve que usá-lo? [...]*

L5 [...]*nunca tive como é...nunca tive esses ã:: assim oportunidade de te que me sobressaí sobre a pessoa pra prende ela...sempre procurei sempre te dentro de mim a técnica pela qual usava para conter pessoas sem a necessidade de usar a violência ou coisa assim parecida...porque (44.a) foram poucas as vezes que eu tive que puxar a arma pra conter uma pessoa...mas não pra atirar né*

L1 *atirar nem naquele tiroteio que tu::*

L5 *(44.b) No tiroteio, eu fui obrigado*

L1 *[sim]*

L5 *(44.c) porque eu tive que revida uma agressão pela qual eles tavam atirando contra mim e como é me defende a minha vida né*

L1 *[sim]*

L5 *(44.d) Ou é a vida deles ou a minha né*

L1 *Então só pra::*

L5 *[Quem tinha mais pra perde era minha família e não eles]*

L1 *Sim... (44.e) quando é defesa própria então não é um ato de violência?*

L5 *(44.f) Não...eu acredito não...é uma legítima defesa da sua própria vida*

Em (44.a), a expressão “puxar a arma” é metonímica, à medida que é um dos atos necessários para ameaçar alguém ou atirar em alguém com um INSTRUMENTO. Considerado um ato extremamente hostil, o entrevistado diz que utilizou poucas vezes esse recurso, uma vez que afirma ter sido obrigado (44.b) a fazê-lo, apenas para se defender (44.c) e (44.d). Nesse sentido, a entrevistadora questionou o sujeito a respeito da violência institucionalizada, através da figura do policial, ao qual é permitido judicialmente o uso da arma de fogo. Ao retomar a análise (29), observa-se que a gradação da VIOLÊNCIA e a sua possibilidade ou não de perdão são critérios de julgamento ligados aos papéis semânticos da CAUSA ou do PROPÓSITO do ato de violência. Por isso, ao ser questionado se defesa era um ato de violência (44.e), o sujeito nega (44.f), afirmando: “Não...eu acredito não...é uma

legítima defesa da sua própria vida”. Dessa forma, pode-se inferir que ATO DE DEFESA NÃO É VIOLÊNCIA, uma vez que o propósito é a defesa de sua própria vida e a causa não se vincula à necessidade primordial de ferir alguém.

ANÁLISE 45

L1 Ok...ã:: eu ia te pergunta então...você seria capaz de cometer um ato de violência...hoje por exemplo

L5 Não

L1 Você foi tão comedido durante sua vida inteira né... nessas situações ainda

L5 É... embora eu sempre vivesse dentro do contexto de violência... eu jamais... a minha maneira de ser... eu não... nunca teve... de de comete... (45.a) sempre procurei fugi de todo e qualquer â:: coisa que viesse origina uma briga uma coisa assim (45.b) porque eu prefiro â:: mais vale a pessoa calada do que a pessoa...do que a pessoa fica batendo boca... que batê boca não leva a nada... somente uma agressão de ambas as partes

No segmento (45.a), pode-se observar que uma das maneiras de se evitar a violência é “fugindo” dela. Nesse caso, pode-se inferir a metáfora FUGA É PAZ, à medida que VIOLÊNCIA É UM ORGANISMO, com o qual se pode evitar contato. Em (45.b) esse princípio se mantém, quando o sujeito afirma que se deve evitar também a AGRESSÃO VERBAL (exemplo típico). Para isso, utiliza a metáfora BATER BOCA É AGRESSÃO, que gera os seguintes acarretamentos:

- BATER CAUSA DANO
- DANO PREJUDICA ALGUÉM
- AGENTE CAUSA DANO EM PACIENTE

A expressão “boca”, nesse caso, é tomada como um INSTRUMENTO, que, quando utilizado agressivamente, causa dano no NÍVEL EMOCIONAL, mas também pode ser um instrumento que conduz o AGENTE a causar DANO FÍSICO, se o ato de violência evolui de uma AGRESSÃO VERBAL para uma AGRESSÃO FÍSICA.

ANÁLISE 46

L1 Pra termina então...te agradecendo desde já a sua participação sua colaboração conosco foi muito importante vai ser muito importante...ã:: com suas palavras diga de um modo simples...define pra mim violência...que (46.a) que é violência afinal?

L5 Violência...bom é difícil pra pessoa que não é...é difícil de tu defini o que é violência da pessoa que não tem no seu...no seu íntimo...não isso na inserido né... (46.b) violência é pra mim é tudo que foge além da realidade...da pessoa...ou seja... (46.c) é um momento de raiva que ta reprimido dentro da mente da pessoa... (46.d) e que está lá adormecido (46.e) e muitas vezes vem aflora... (46.f) e tu acaba cometendo sem pensa na consequência

Em resposta ao segmento (46.a), o entrevistado afirma que a VIOLÊNCIA É UMA FUGA, tomando as pessoas como corpos que contêm selves. Como ressaltado no capítulo um, as experiências humanas, conforme afirmam Lakoff e Johnson (1999, p. 267), compreendem, dentre outras, aquelas em que tentamos controlar nossos corpos quando eles “saem do

controle”. Nesse sentido, pode-se inferir que, em (46.b) o sujeito metáforiza *self como lugar*, do qual é possível fugir.

Nesse sentido, o segmento (46.c) expõe o modelo metafórico CORPO É UM CONTAINER PARA AS EMOÇÕES, em que a RAIVA É UM FLUIDO QUENTE NUM CONTAINER. Conforme afirmamos no capítulo 1, Kövecses (2005) expõe o mapeamento de CONTAINER PRESSURIZADO para a metáfora da raiva, que inclui os seguintes acarretamentos:

- g) O CONTAINER COM ALGUMA SUBSTÂNCIA OU OBJETO = pessoa com raiva;
- h) A SUBSTÂNCIA OU OBJETO NO CONTAINER = a raiva;
- i) A PRESSÃO DA SUBSTÂNCIA OU OBJETO NO CONTAINER = a força da raiva na pessoa com raiva;
- j) A CAUSA DA PRESSÃO = a origem da força da raiva;
- k) MANTER A SUBSTÂNCIA OU O OBJETO DENTRO DO CONTAINER = controle da raiva;
- l) A SUBSTÂNCIA OU OBJETO SAIR DO CONTAINER = a expressão da raiva.

Dentre esses, pode-se inferir que “raiva reprimida” e “raiva adormecida”, conforme afirma o entrevistado, são metáforas correspondentes ao acarretamento MANTER A SUBSTÂNCIA OU O OBJETO DENTRO DO CONTAINER, em que a RAIVA está controlada dentro do CONTAINER (corpo/mente). Porém, quando A PRESSÃO DA SUBSTÂNCIA OU OBJETO NO CONTAINER AUMENTA, a raiva “aflora” (46.e), ou seja, não é mais contida pelo corpo.

A partir disso, o trecho encerra-se com o fragmento (46.f) que, tal como a análise (16), aplica um modelo metonímico – VIOLÊNCIA É ATITUDES IMPENSADAS – presente num cenário de ato de violência, em que não há diálogo, ou seja, em que não existe a busca por um meio pacífico de resolver os problemas, e que geram consequências não projetadas.

ENTREVISTA 5 ([L,U,54,F,MC])

ANÁLISE 47

L1 Então L., (47.a) quando você pensa assim em violência, [...] o que que vem na sua mente em primeiro lugar quando você pensa em violência?

L6 (47.b) medo, MUito medo, chega a se... chega a se pavor porque a gente, nós aqui no nosso bairro a gente vê, ouve e convive quase que diariamente com (47.c) cenas de assalto... sabe... é de madrugada, é de dia... quando é dali a pouco tem gente correndo, gritando por socorro né... então assim, claro que eu nunca vi um assassinato uma coisa assim, mas mais assalto e essas coisa assim... (47.d) daí aquela insegurança que te dá que tu chega até, como é que eu vo te dize assim ó:: chega até a te pesadelos né, (47.e) qualquer barulho já é:: um monstro né... mas é bem complicado

[...]

L6 (47.f) o principal é medo, é pavor, por causa das crianças, uma insegurança que a vida moderna tá nos trazendo

L1 L., e assim ó, pra ti se tu pudesse completar essa frase: *violência é como... tu diria o que tu compararia como... violência é como... pode usar qualquer palavra... um ou uma, tanto faz... tu falou em medo né, como é que tu representaria essa violência?*

Conforme a análise (14), pode-se observar no segmento (47.b) e (47.d), mais uma vez, um modelo metonímico EFEITO PELA CAUSA em que possíveis sentimentos gerados pela violência, tais como MEDO, PAVOR e INSEGURANÇA, são tomados para caracterizá-la, fornecendo as seguintes metonímias: VIOLÊNCIA É MEDO, VIOLÊNCIA É PAVOR e VIOLÊNCIA É INSEGURANÇA.

Em (47.f), esses sentimentos são agravados em função de as crianças serem possíveis vítimas da violência, ressaltando que a gradação da violência tem valor maior com relação ao papel semântico VÍTIMA, tal como analisado no trecho (19).

No segmento (47.c), apresentam-se os **exemplos típicos** CENAS DE ASSALTO e ASSASSINATO, tal como a análise (1), em que há o processamento metonímico.

Em (47.e) “*qualquer barulho já é:: um monstro né...*”, conforme a teoria popular, MONSTRO é um ser não humano, que causa medo pois tem atitudes irracionais e agressivas. A expressão “barulho é um monstro”, relaciona-se com o segmento (47.c), no qual a entrevistada diz: “[...] *quando é dali a pouco tem gente correndo, gritando por socorro né..*”, e com o segmento (47.d), em que diz: “*daí aquela insegurança que te dá*”, à medida que estende, pelo medo, GRITOS DE SOCORRO e INSEGURANÇA a qualquer barulho. A comparação gera a metonímia do tipo EFEITO PELA CAUSA, em que VIOLÊNCIA É BARULHO, possibilitando os seguintes acarretamentos:

- BARULHO CAUSA INSEGURANÇA
- INSEGURANÇA GERA MEDO
- MEDO É VIOLÊNCIA

ANÁLISE 48

L1

[tu... tem o intuito te ajudá os outros só que em focalizando num...

L6

[numa outra coisa

assim que não seja agressiva pra mim... eu já socorri gente que tava apanhando no centro... um homem tava batendo numa mulher no centro, tava dando coice na mulher, a mulher tava no chão, daí eu fui lá e (48.a)

boTEI a boca no cara *ai nós estávamos acho numas vinte pessoas, todo mundo... a senhora é loca? é melhor um covarde vivo do que um herói morto. Ai eu disse assim, olha se vocês pensam assim eu não penso... daí eu fui lá e (48.b) disse pro cara tu pára de bate nela, porque NINGUÉM bate em mulher... o cara parô naquela hora...*

[...]

Assim como no segmento (45.a), BOCA é um conceito tomado como um INSTRUMENTO, neste caso significando AGRESSÃO VERBAL na defesa de uma VÍTIMA, que torna a ação ainda mais violenta em função de ser MULHER (48.b). O verbo “botar”, neste contexto, é metonímico, à medida que se associa à metáfora da RAIVA, de CORPO É UM CONTAINER PARA AS EMOÇÕES em que algo é colocado para fora, direcionada ao AGENTE do ato de violência observado pela entrevistada.

ANÁLISE 49

L1(49.a) se tu pudesse ter assim, uma gama de atos de violência e tu pudesse colocar numa escala de mais violento e menos violento, qual tu acharia que é o menos violento e qual o ato de violência tu acha que é o mais violento

L6 não só aqui né

L1 não, no geral, o conceito de violência no mundo assim

L6 no mundo eu acho que é o assassinato o mais violento... aí depois tem briguinhas e tal... mas o mais violento é o assassinato... (49.b) o estupro que eu acho também uma coisa MUito desumana... os dois são todos são né mas é uma coisa que... bá, eu já socorri uma pessoa, uma guria estuprada, não aqui lá em (Joence) e eu sei que é horrível não é uma coisa assim... (49.c) marca pra vida toda... é uma coisa assim, muito desagradável sabe, isso que eu não vi nada eu só socorri mas nossa...

Assim como exposto na análise (20), o ESTUPRO é um dos atos de violência mais violentos para a entrevistada (49.b). Sua resposta vincula o estupro a algo “desumano”, ou seja, é um ato de violência que expõe a irracionalidade AGENTE, que agride uma VÍTIMA (supostamente indefesa) e implica DANO PERMANENTE (49.c) nos três níveis da pessoa (CORPORAL-FÍSICO, PSÍQUICO e ESPIRITUAL). Além disso, é um ato de violência envolve FORÇA FÍSICA, em que o AGENTE é PERCEPTÍVEL e HUMANO, a AÇÃO é DIRETA, o PACIENTE é HUMANO, etc. Em função disso, o ESTUPRO representa aqui, mais uma vez, ser um forte candidato à prototipicidade da categoria VIOLÊNCIA, pois é o ato considerado mais grave para a entrevistada.

ANÁLISE 50

L6 a gente vê na tevê todas as barbaridade todo o dia né... isso aí... eu já nem gosto mais de assisti porque muitas vezes (50.a) a gente vê o jornal e a tevê... só escorre sangue mesmo de tanta coisa né já não gosto muito mais de assisti noticiário né

No segmento (50.a), observa-se um modelo metafórico baseado em uma metonímia. Neste caso, veículos de comunicação como “jornal” e “tevê” são metaforicamente tomados como um OBJETO-CONTAINER, dentro do qual se colocam COISAS-NOTÍCIAS. A notícias veiculadas são sobre atos de violência. Atos de violência tipicamente envolvem danos físicos em pessoas. Esses danos físicos fazem as pessoas sangrarem. Disso decorre a metáfora O JORNAL SANGRA. Metonimicamente, SANGUE está por VIOLÊNCIA.

ANÁLISE 51

L1 [...] (51.a) imaginando que se nós tivéssemos uma situação em que alguém da tua família tivesse sido acometido por um ato de violência, tu consegues se transportar pra sentir quais os sentimentos e emoções que tu sentiria com relação à aquela pessoa que violentou teu esposo, teu filho, teu neto não sei...?

L6 em relação àquela pessoa? (51.b) eu acho que a primeira sensação é a raiva porque é uma coisa assim, sabe tu pega assim, tu tem já vontade de pegá e batê... que nem não sei se eu te falei, esses dia teve um acidente horrível e eu tinha vontade de ir lá e batê na pessoa que tava lá toda machucada porque eu vi que foi ele o infrator eu vi tudo e assim dá aquele ímpeto no primeiro no primeiro momento (51.c) mas depois vai esfriando a cabeça, já é outro pensamento é outra coisa né mas no primeiro minuto, na hora assim tu percebe, porque é uma agressão tu vendo de outra, sendo contigo ou sendo com outra pessoa é uma agressão né, (51.d) mas na primeira assim é muita raiva, muita assim sabe... por quê? depois eu até falo né, (51.e) porque eu sou bem da paz depois eu vou e repenso, eu rezo eu [...] (51.f) mas a princípio é muito [...]... é medo, é raiva é:: todos esses sentimentos e enquanto isso te sobe pressão daí te dá...

Tal como nas análises (37) e (46), retoma-se a RAIVA É UM FLUIDO QUENTE NUM CONTAINER, a partir do modelo metafórico CORPO É UM CONTAINER PARA AS EMOÇÕES. Tal como apresentado no capítulo 1, a RAIVA pode ser descrita por meio de estágios. Desses, três são, neste contexto, importantes:

ESTÁGIO I – EVENTO OFENSIVO (51.b) e (51.d): Há um evento ofensivo que desagrada uma pessoa X. Y, intencional e injustamente, fez algo diretamente para X. Y está enganado, e X é inocente. A injustiça produz raiva em X. A escala de justiça só pode ser equilibrada por um ato de retribuição rigorosamente igual, em intensidade, ao ato ofensivo.

ESTÁGIO II – RAIVA (51.f): Ao se tornar muito intensa, a raiva exerce uma força sobre X, que experiencia efeitos fisiológicos, tais como aumento da temperatura corporal, pressão interna e agitação física, além de interferência na percepção e vermelhidão da face. Ao se tornar muito intensa, a raiva exerce força sobre X, para que se realize a retribuição a Y. Por serem danosos e/ou socialmente inaceitáveis, X tenta controlar sua raiva,

ESTÁGIO III – TENTATIVA DE CONTROLE (51.c) e (51.e): X tenta controlar sua raiva. É importante destacar que a metáfora ESFRIAR A CABEÇA, em que o FLUIDO (RAIVA) é contido dentro do CONTAINER (CORPO), que volta ao seu estado de equilíbrio. Para isso, “reflexão” e “reza” são INSTRUMENTOS para gerar PAZ, em que ambos são ações motivadas por valores culturais e religiosos.

ANÁLISE 52

L1 eu entendo... e tu acha que os atos de violência podem ser perdoados?

L6 [talvez, porque eu vo começá agora em março esses estudo né, eu acredito que toda a ação tem uma reação né, então... mas eu ainda que nem eu te disse, eu ainda não sei lidar com essas coisas, eu ainda assim... não sei lidar, mas eu espero... mas assim, nós como ser humanos a gente é muito falho, (52.a) eu não sei se perdão, perdão mesmo... no fundo, no fundo, eu acho que... né... que sim tá... passa, se esquece, (52.b) mas aquela mágoa, aquela dor que fica, fica muito muito muito [...] no coração né, mas assim, não digo um esquecimento total mas um esquecimento mais... mas perdoar, perdoar MESmo,, tem que aprender, saber perdoar né também

No segmento (52.a), a entrevistada refere-se ao perdão como algo que está dentro do corpo (CONTAINER), pois os atos de violência são passíveis de esquecimento. Nota-se que há dúvidas sobre o ato de perdoar uma vez que ela se contradiz, assim como quando se remete à expressão “no fundo”. Nesse caso, o CONTAINER TEM PERDÃO em diferentes níveis: superficial e profundo. Essa ideia é explicada em (52.d), quando a entrevistada afirma que MÁGOA e DOR ficam no “coração. Nesse segmento, CORAÇÃO é tomado metonimicamente pelo CORPO, apresentando o mesmo esquema de imagem CONTAINER em que, se o “coração” possui “dor” e “mágoa”, não há profundo perdão. Esses processos metonímicos geram a metonímia VIOLÊNCIA NÃO É PERDOÁVEL PROFUNDAMENTE, a partir dos possíveis acarretamentos:

- O CORPO É UM CONTAINER
- O CORAÇÃO É UM CONTAINER
- CORAÇÃO PODE PERDOAR
- CORAÇÃO POSSUI MÁGOA
- CORAÇÃO POSSUI DOR
- MÁGOA E DOR NÃO GERAM PERDÃO
- PERDÃO APRESENTA NÍVEIS DENTRO DO CONTAINER
- CORAÇÃO NÃO PERDOA PROFUNDAMENTE

ANÁLISE 53

L1 (53.a) e o que que tu acha que leva uma pessoa ou um grupo a cometer atos de violência?

L6 (53.b) eu acho que é falta de amor né, falta amor, falta de Deus, Falta de, de, de... compreensão, porque... não tem o porque da pessoa fazê maldade pra outra... então talvez, é:: eu acho também um pouquinho a:: base familiar, a estrutura familiar, meio assim sabe, deslexada criam a:: revelia e não tem assim, uma referência e processam isso errado porque geralmente a pessoa que faz isso, ela Acha que ela tá certa porque, (53.c) porquê alguém também foi agressivo com ela então acha que fazendo essas badernas essas confusões e:: (53.d) e hoje em dia... por causa da droga... que eu acho que a droga tá comendo as pessoas e daí a pessoa acaba se tornando violenta

Em resposta à pergunta (53.a), entrevistada afirma que as CAUSAS da violência estão ligadas à “falta de amor, de Deus e de compreensão” (53.b). Neste trecho, se o AGENTE da violência se tornou violento é porque, em um momento anterior de sua vida, ele foi VÍTIMA de violência (53.c), assim como lhe foi retirado o contato com “amor”, “Deus” e “compreensão”, que são metonimicamente tomados como INSTRUMENTOS que geram PAZ.

Já no segmento (53.d), toma-se a VIOLÊNCIA como DROGAS, metonimicamente como **exemplo típico**, também presente em (18.b), em que a DROGA É UM ORGANISMO. Esse

organismo é maior e mais forte que as pessoas, sugerindo a metáfora DROGA COME AS PESSOAS, conforme os seguintes acarretamentos:

- DROGA É UMA ORGANISMO QUE SE ALIMENTA
- PESSOAS SÃO ALIMENTOS

ANÁLISE 54

L1 (54.a) como é que tu acha que os atos de violência podem ser punidos?

L6 olha, eu acho que a ressocialização, não é cadeia, não é botá lá, gastá uma fortuna por mês pra mantê um presidiário e o cara tá lá dentro fazendo e acontecendo, comandando gangues... isso aí não é:: (54.b) eu acho que tinha que te assim ó erro, vamo apagá o erro... vamo fazê... (54.c) sei lá uma fazenda, botá essas pessoas trabalhá, bota numa indústria, assim ó, mas com muito carinho, muito amor porque... senão, (54.d) com pancada não se cria e não se corrige ninguém... eu penso assim mas... é uma utopia

Nos segmentos acima, pode-se observar que a punição de atos de violência é possível, uma vez que VIOLÊNCIA TEM CORREÇÃO (modelo metafórico). Em (54.b), as expressões “apagar” e “erro” são domínios-fonte para “perdoar” e “ato de violência”, respectivamente, como domínios-alvo. Os meios para a punição acontecer são apresentados em (54.c), que reitera a METÁFORA DA FORÇA MORAL, tal como nas análises (21) e (26), em que CORPO E MENTE SÃO ENTIDADES QUE NÃO DEVEM SER OCIOSAS, pois:

- VÍCIOS LEVAM A AÇÕES SOCIALMENTE INACEITÁVEIS
- A VIOLÊNCIA CONSTITUI-SE DE AÇÕES SOCIALMENTE INACEITÁVEIS

A “correção” dos atos de violência (54.d) é possível quando o corpo trabalha, ou seja, quando ele não está ocioso, à medida que esse trabalho é motivado por INSTRUMENTOS, como “carinho” e “amor” e não com “pancada”, ou seja, mais violência.

ANÁLISE 55

L1 e (55.a) em alguma circunstância você cometeria (atos de violência)?

L6 ã: (55.b) em defesa sim, em defesa sim, em defesa minha ou das minhas crianças... da minha família... não, em defesa sim mas daí não impensado, era pensado também mas daí em defesa só

L1 [era uma reação a algo que aconteceu e aí tu tá

L6 [(55.c) sim, aí sim né, mas por si só não né... acho que não combina com a minha...

Em oposição à ideia exposta na análise (44), em que ATO DE DEFESA NÃO É VIOLÊNCIA, em (55.b), a entrevistada responde à pergunta (55.a), afirmando que possivelmente usaria violência para defender a si ou a sua família. Entretanto, constatam-se, neste trecho, erros no processo de investigação da entrevistadora, que deveria ter checado as respostas da entrevistada, já que ela se contradiz em (55.b) “*não, em defesa sim*” e não completa seu discurso em (55.c) “*acho que não combina com a minha...*”, o que dificulta outras inferências nesta análise.

ANÁLISE 56

L1 [...] **(56.a) define pra mim violência, o que que é afinal a violência**

L6 **(56.b) violência é tudo o que te fere, te agride, que te machuca né, não precisa se só violência física pode se violência moral né pode se ã:: sei lá uma coisa assim que te machuque só não o teu corpo, a alma a mente né que é isso que prejudica**

Assim como a análise (20) sobre o estupro, a entrevistada neste segmento apresenta violência como aquilo que provoca danos nos três níveis da pessoa (CORPORAL-FÍSICO, PSÍQUICO e ESPIRITUAL). Nesse caso, podem-se inferir metonímias, como:

VIOLÊNCIA É FERIR

VIOLÊNCIA É AGREDIR

VIOLÊNCIA É MACHUCAR.

ENTREVISTA 6 ([I,U,48,F,FC])**ANÁLISE 57**

L1 I., quando tu pensa em violência, a palavra violência né, **(57.a) o que que vem na tua cabeça em primeiro lugar, quando tu pensa em violência?** violência... o que aparece

[...]

L7 só assim ó, nós tivemos que contratá um guarda, todas as loja tá, porque toda as loja tavam sendo assaltada e:: **(57.b) é medo né gente, é muito medo,** então nós pagamo o guarda todo os mês, esse menino, que a lotérica foi assaltada

L1 [a lotérica é aqui do lado?

L7 aqui na frente, e ele levô um tiro, porque ainda reagiu né e o pessoal se assusto... então é melhor um pra gente se previní, a gente contratô um guarda... e a gente fica mais tranquilo, fica, fica, porque **(57.c) o medo é grande,** pra ti dizê que é um bairro nobre, aquela rua ali de cima tem um abate de bolsa, disso, aquilo, tem que i com o dinheiro no bolso, senão tu vai se assaltado, isso que é um bairro né...

Conforme as análises (14) e (24), pode-se observar, nos segmentos (57.b) e (57.c), mais uma vez, um modelo metonímico EFEITO PELA CAUSA em que um dos possíveis sentimentos gerados pela violência, o MEDO, é tomado para caracterizá-la, fornecendo a metonímia: VIOLÊNCIA É MEDO.

ANÁLISE 58

L1 [...] Se tu pudesse assim me dizer numa escala de menos violento pra mais violento né... o que que tu acha que uma ação humana, qual é a mais violenta e qual é a menos violenta? pode ser contra ti, contra a tua filha, contra teu esposo, que que seria mais violento, hipotético né, não precisa... uma sugestão

L7 **(58.a) estupro... e isso é verdade... estupro e** **(58.b) quando a pessoa está drogada, ela é violenta**

L1 o indivíduo que violenta a pessoa

L7 **(58.c) isso, a pessoa quando ela tá com a droga ou falta de dinheiro e ela não tem dinheiro pra comprá ela vira violenta, ela começa assaltá, não é? uma vez o pessoal robava pra sobrevivê né, hoje em dia não, hoje em dia eles robo pra se comprá droga**

L1 e:: isso é o mais violento pra ti né

L7 é os mais violento

Em (58.a), assim como nas análises (20) e (49), o ESTUPRO é um **exemplo típico**, inferido como um dos atos de violência mais graves, representando maior prototipicidade.

Em (58.b), verifica-se a presença de outro **exemplo típico**, presente também nas análises (18) e (53), que se refere a uma das fontes da violência: as drogas. Neste caso, a entrevistada aborda o usuário, que possivelmente se torna violento quando está sob uso de drogas ou quando precisa de dinheiro para comprá-las.

Essa ideia é esclarecida em (58.c), quando a entrevistada expõe as CAUSAS, tal como já se referiu no trecho (53), em que a VIOLÊNCIA, expressa por exemplos metonímicos como ROUBO e ASSALTO, é gerada em função de duas diferentes necessidades:

CAUSA (1): SOBREVIVÊNCIA

CAUSA (2): COMPRA DE DROGAS.

ANÁLISE 59

L1 *uhum... hoje eu vi também e ainda tava alagado... ã:: (59.a) qual o tipo de violência mais grave que pode ser cometido contra você ou contra a sua família?*

L7 (59.b) *o estupro das minhas sobrinha e comigo também, com todo mundo, eu acho que isso é muito... que tu nunca mais esquece... nunca aconteceu, espero que não aconteça, ninguém tá livre né, e isso acontece*

L1 *e é verdade, é que quem tem que, é as mulheres né*

L7 *mesmo não tendo filho [...]*

Em (59.b), tal como em (20), (49) e (58), a entrevistada sugere o estupro como um **exemplo típico**, de um ato de violência mais grave que poderia acontecer contra ela ou sua família, representando maior prototipicidade.

ANÁLISE 60

L1 *ã:: (60.a) você ou alguém próximo de você já foi vítima de um ato de violência?*

L7(60.b) *ã:: fomos, de assalto... foi, foi, foi... foi difícil pra gente perdê o medo... depois com o tempo a gente perde né*

L1 *ã: até eu fico perguntando pra ti me dizer como é que tu ti sentiu naquele dia?*

L7 (60.c) *nossa medo, nós não dormia, ninguém, nós não tinha as porta fechada assim que nós dexava as porta tudo aberta e:: [...]*

Conforme as análises (14), (24) e (57), algumas emoções vinculadas aos atos de violência, tomadas metonimicamente pelo esquema EFEITO PELA CAUSA, em que o MEDO (60.b) é algo que se adquire ao sofrer um ato de violência. Nesse caso, pode-se inferir o cenário metafórico exposto no capítulo 1, em que Kövecses (2000) propõe a metáfora conceitual MEDO É FARDADO, que pode ser carregado, esquecido ou até mesmo “perdido” (60.b).

Em (60.c), apresenta-se um modelo metonímico para SEGURANÇA: SE AS PESSOAS SE SENTEM SEGURAS EM SUAS CASAS, ELAS NÃO PRECISAM FECHAR AS PORTAS. Desse modo, FECHAR AS PORTAS representa o sentimento de INSEGURANÇA.

ANÁLISE 61

L1 (61.a) sim, o que que tu acha que leva uma pessoa, ou um grupo de pessoas, a cometer um ato de violência contra a gente por exemplo?

L7 (61.b) a droga, dá mais vítima hoje em dia é a droga, não é?

Assim como a análise do fragmento (58.c), entrevistada liga as drogas às CAUSAS da violência.

ANÁLISE 62

L1 agora, que efeitos eu ia perguntá pra ti, o que que tu acha que gerou em ti ou na tua família, gerou algum sentimento, alguma emoção, alguma sensação depois daquilo?

L7 claro que não

L1 não? não prejudicou vocês...

L7 não, não prejudicô

L1 menos mal

L7 (62.a) só fico o medo mas levô anos, mas depois a gente esquece né... (62.b) esquece, porque não aconteceu nada porque o nosso medo era que podia te acontecido pior, eu ti disse, podiam tê levado a mãe dela co nenê na barriga, podia sê uma tragédia

Conforme as análises (14), (24), (57) e (60), apresenta-se em (62.a) o MEDO metonimicamente tomado pela VIOLÊNCIA, a partir do esquema EFEITO PELA CAUSA. Neste caso, também é possível inferir a metáfora de Kövecses (2000), MEDO É FARDOS, que, tal como já foi analisado, pode ser “esquecido”.

Porém, em (62.b), a entrevistada afirma que o medo só foi esquecido, pois atos de violência mais graves, que resultariam numa “tragédia”, não foram cometidos contra ela ou contra a sua família numa situação de assalto por ela narrado durante a entrevista. Dessa forma, a existência do medo na vida das pessoas depende da gravidade dos DANOS CAUSADOS NAS VÍTIMAS.

ANÁLISE 63

L1 aham... (63.a) Como os atos de violência podem ser punidos? Como é que a gente pode punir, como é que a gente ã:: fazer que essa pessoa entenda o que ela fez, na tua opinião

[...]

L7 ah não, não, mas tem o seguinte, tá, tu mata uma pessoa, tu vai pra cadeia, tu tá recebendo salário mínimo, a família recebe um salário mínimo, isso claro, se você cometê um crime, tu vai pra cadeia e o governo ainda te paga um salário mínimo pra família, eu te digo uma coisa, eu se não tivesse comida, não tenho casa e não tivê serviço, eu vo matá eu tenho uma família, eu vo matá eu vo pra cadeia minha família tá lá, não tá morrendo de fome, não é? o governo, o governo tá incentivando, mas não paga o salário mínimo

L1 é na miséria, ser preso até que é bom

L7 eu vi um cara disse assim, eu vo matá, vô pra cadeia, minha família recebe um salário, lá tenho a cama, tenho coberta

L1 tem comida

L7 tem comida

L8 (63.b) aquele presídio que fizeram, é um luxo

L7 é um luxo... então...

Seguindo a análise proposta sobre o trecho (42), em (63.b) verifica-se que o sistema carcerário brasileiro não é vista como uma real punição. Ao afirmar que um determinado

presídio é um luxo, há um processo metonímico em que PRESÍDIO refere-se ao SISTEMA CARCERÁRIO brasileiro. Dessa forma, a participante da entrevista utiliza, tal como em (42.a), a metáfora PRESO É UM AFORTUNADO, à medida que INDIVÍDUO AFORTUNADO TEM LUXOS, pois recebe muitos benefícios, assim como PRESÍDIO É UMA CASA LUXUOSA, pois provê mais benefícios aos seus moradores do que deveria.

ENTREVISTA 7 ([M,U,53,M,SC])

ANÁLISE 64

L1 [...] (64.a) ...quando você pensa em violência ã:: o que vem a sua mente em primeiro lugar?

L9 É...o que vem na minha mente é o seguinte ã:: (64.b) injustiça social...injustiça social... não adianta tu pega uma pessoa e diz assim olha querida eu vou te dar uma boa orientação...vou te dar um bom ensino vou te ensinar a bíblia vou te dar uma boa fé... (64.c) se tu vive numa favela e não tem água não tem luz não tem posto de saúde...não tem ã:: esgoto...né...tratado não tem água tratada nada disso...tu tu tá sendo agredida no teu principal que é o teu corpo a tua vida...não tem recuperação... então quando eu penso em violência eu penso na injustiça social...á entra a injustiça econômica ta...a má distribuição de renda injustiça ã ã...no social...no trato da pessoa...ta...tu vai dizer assim a tem exceções tem...tem exceções né mas tu...e...nós queremos trabalhar com a regra não quero as exceções...então pra pra diminui a violência nós temos que... (64.d) primeiro ter justiça social e tudo que isso envolve e temos que lutar por isso ta...o povo tem que lutar por isso se os governos não fazem isso as organizações sociais populares têm que fazer isso... (64.e) sem isso nós vamos ter um eterno ciclo de violência...sempre...sempre ta... aí alguém talvez vai dizer assim a mas os países desenvolvidos que têm bastante justiça social têm violência... depende o tipo de violência... né... na Europa, (64.f) têm os terroristas... mas isso é uma violência localizada... tipificada... entendeu

L1 [uhum

L9 ã:: que violência tem na Europa...ou nos países de primeiro mundo...ã...a (64.g) o cara estorou uma bomba...bom isso é outra história...tô falando de violência diária cotidiana...ah mas também tem assassinatos que (64.h) o cara sai fica matando o guri vai na escola e mata 30 colegas...bom o cara é louco...isso é um outro traço

No trecho acima, pode-se observar a definição de VIOLÊNCIA por meio de um modelo metonímico, CAUSA PELO EFEITO que, diferente da análise (1), por exemplo, apresenta-se no segmento (64.b) uma das CAUSAS da violência, e não tipos, características ou consequências de atos violentos, gerando a metonímia VIOLÊNCIA É INJUSTIÇA SOCIAL. Para explicar essa ideia, no segmento (64.c) o sujeito discorre sobre os problemas sociais gerados a partir dessa “injustiça social”. Nesse segmento, o entrevistado afirma que, quando os cidadãos não têm as condições básicas para viver e sobreviver, há uma agressão contra o seu corpo e sua vida: “tu tu tá sendo agredida no teu principal que é o teu corpo a tua vida...não tem recuperação... então quando eu penso em violência eu penso na injustiça social...”. Essa agressão causa DANOS, possivelmente mais EMOCIONAS do que FÍSICOS, o que não tem recuperação. Ou seja, dentro dos três níveis da pessoa expostos pela teoria popular, o nível FÍSICO recupera-se, cicatriza as feridas ou sara os hematomas. No entanto, no nível EMOCIONAL os danos não têm uma configuração exata, não são passíveis de melhoras, pois não há remédios, curativos, pomadas, etc. que operem isso. A solução apresentada pelo entrevistado não é o processo curativo, mas o preventivo em que o povo

deve “lutar” por justiça social (64.d). Na expressão “*temos que lutar por isso ta... o povo tem que lutar*”, do fragmento (64.d), temos a metáfora da LUTAR É CONQUISTAR, em que a justiça social é conquistada, quando os direitos dos cidadãos estão em vigor. Assim, conforme afirmou o entrevistado, o rompimento do “*eterno ciclo de violência*” (64.e), existe quando as injustiças que geram violência também deixam de existir.

Na continuação de sua resposta à pergunta (64.a), o sujeito apresenta dois novos **exemplos típicos** de VIOLÊNCIA: o TERRORISMO (64.f) e os ASSASSINATOS motivados pro crises psicóticas (64.h). No caso do TERRORISMO, o entrevistado apresenta esse tipo de violência para contrapor com a violência “*diária, cotidiana*”, presenciada no Brasil. Entre elas, pode-se inferir que uma das diferenças nucleares é a CAUSA, ou seja, o PROPÓSITO da violência. Enquanto no Brasil, a violência é gerada, segundo o discurso do sujeito, em função da INJUSTIÇA SOCIAL, em outros locais, como na Europa, “*isso é outra história*”. Feltes (2010, no prelo) discute a diferença entre TERRORISMO e VIOLÊNCIA da seguinte forma:

Observa-se que VIOLÊNCIA recebe, em geral, uma categorização via LOCALIZAÇÃO [LOCATION] na posição adjetiva, como, por exemplo: VIOLÊNCIA ESCOLAR/ VIOLÊNCIA NA ESCOLA, VIOLÊNCIA FAMILIAR/DOMÉSTICA/, VIOLÊNCIA NA FAMÍLIA, VIOLÊNCIA URBANA. Já TERRORISMO recebe, em geral, uma categorização via PROPÓSITO [PURPOSE/MOTIVE], como, por exemplo: TERRORISMO POLÍTICO, TERRORISMO RELIGIOSO, TERRORISMO DE ESTADO, TERRORISMO PATOLÓGICO. Na categorização de VIOLÊNCIA, EM [IN] implica que os participantes do ATO [ACT] ou EVENTO [EVENT], no caso AGENTE [AGENT] e PACIENTE [PATIENT] são membros do mesmo “grupo”, ou seja, quem pratica a ação e quem sofre a ação são (tipicamente) membros, nos exemplos citados, da escola, da família, do agrupamento urbano. (FELTES, 2010, no prelo, grifo nosso)

Além disso, a expressão “o cara estourou uma bomba” constitui-se de um modelo metonímico do tipo PARTE PELO TODO para o terrorismo. Fazer terrorismo é um ato de violência que se constitui de diversas etapas, tais como ameaças, ideologia político-religiosa, organização de grupos fundamentalistas, planejamento de atentados, sequestros, promover medo, bombas químicas, etc. em que “estourar bombas” é uma delas. Por isso, pode-se estabelecer nesse segmento a metonímia ESTOURAR BOMBA É TERRORISMO.

ANÁLISE 65

L1 *ã*: *queria que tu pudesse completar essa frase assim violência é como...como é que tu compararia a violência...pode ser uma coisa uma ideia um conceito*

L9 olha... (65.a) *violência é como...não ter direitos...não ter direitos... o básico do humano...tu é tu é um ser pelo que tu se relaciona com os outros...tu não um ser em si próprio sozinho...né... (65.b) se tu se tu nascesse no meio da sELva tu ia se um macaco...tu ia se relaciona como um macaco*

L1 *[uhum]*

L9 ou (65.c) *como qualquer animal selvagem...não tu é um ser em relação ao outro que está contigo*

L1 *[uhum]*

L9 e aí tem que haver o respeito aos seus direitos básicos e fundamentais...então (65.d) a violência é como tu não ter os seus direitos... (65.e) no fundo a violência sabe o que que é Morgana é uma:: autodefesa... (65.f) por incrível que pareça...na minha opinião... se eu sou violento... é porque eu tô escondendo alguma coisa, porque eu tô me defendendo de alguma coisa ou porque eu tô querendo alguma coisa e não tô conseguindo... isso me torna violento

L1

[uhum

L9 agora se eu não preciso me defender se eu tenho os meus direitos básicos...né então eu não tenho o porquê ser violento a não ser que eu tenha um desvio...alguma coisa que é localizada mas nós tamo falando da população em geral

L1 [sim

L9 né então (65.g) violência é não ter os seus direitos...no momento que tu tem os teus direitos tu não tem razão nenhuma pra ser violento

Seguindo a perspectiva de que VIOLÊNCIA É INJUSTIÇA SOCIAL, o entrevistado apresenta mais um **exemplo típico** em (65.a), em que se pode inferir VIOLÊNCIA É NÃO TER DIREITOS ATENDIDOS, que se repete em (65.d) e (65.g).

Nos segmentos (65.b) e (65.c), retoma-se o modelo metafórico analisado no trecho (11) em que as pessoas são motivadas a cometerem atos de violência a partir do meio em que vivem. Ao comparar a criação de ser humanos com “macacos” (65.b) ou outros “animais selvagens” (65.c), o entrevistado refere-se à violência como uma CONDIÇÃO, ou seja, um RECURSO – tal como na análise (11) – para garantir sua sobrevivência no MEIO SELVAGEM. Nesse contexto, a VIOLÊNCIA É UM RECURSO PARA SOBREVIVÊNCIA, que o entrevistado apresenta como AUTODEFESA (65.f), modificando, dessa forma, o PROPÓSITO do ato de violência. Portanto, nesse cenário, pode-se inferir a metonímia VIOLÊNCIA É AUTODEFESA.

A partir disso, o sujeito expõe as CAUSAS da violência em (65.f) em que afirma: “*por incrível que pareça... na minha opinião... se eu sou violento... é porque eu tô escondendo alguma coisa, porque eu tô me defendendo de alguma coisa ou porque eu tô querendo alguma coisa e não tô conseguindo... isso me torna violento*”. Por analogia ao meio selvagem, pode-se afirmar que “esconder algo” e “defender-se de algo” são elementos constitutivos para a sobrevivência na selva, assim como “querer algo e não conseguir” são ações típicas e recorrentes numa sociedade capitalista, o que gera outra metonímia, nesse segmento: AUTODEFESA É CAUSA DA VIOLÊNCIA.

ANÁLISE 66

L1 [...]ã: na tua comunidade né...tu pode considerar a tua rua ou o bairro mediareira caxias do sul enfim...quais são os tipos de violência mais comuns...na tua opinião...e aí o conceito de violência pode ser extremamente relativo né

L9 sim...mas eu acho assim...ã::ã ã eu acho assim ã... (66.a) a violência agressiva que a gente nota assaltos...ta...assaltos e:: assaltos...ã:: estupros...que tem aqui em caxias né... to pensando em termos de caxias...ã:: bom talvez tenha que pensa um pouquinho mais né

L1

[uhum

L9 mas a princípio acho que é isso né

L1 é normalmente é o que as pessoas vem e dizem né

L9 bom tem os acidentes né... (66.b) os acidentes eu não sei se dá pra qualifica como violÊNCia...depende....pode neh...poderia

L1 [pode [uhum

L9 às vezes tem acidente involuntários que acontecem sem vontade nenhuma de ambas as partes...e (66.c) tem acidentes que devido ao descuido... ao desrespeito acima da velocidade, tão drogados, tão bêbados... não deixa de ser um jeito de violência... tem matado muita gente...porque o:: o o...dos que morrem em acidente de trânsito o segundo maior a maior causa é o alcoolismo...né então (66.d) no fundo o alcoolismo pode ser uma forma de violência também . (66.f) Nós temos muito....droGAdos eu não digo aqueles que:: que que uma droga aqui uma droga ali porque isso todo mundo é capaz de ta fazendo...mas os drogados contumazes é uma forma de violência também

L1 [uhum

L9 é uma forma de de falta de aceitação... (66.g) uma forma de fugir da realidade... não deixa de ser uma violência...e outra...o cara drogado ta disponível de violência...a gente vê quantos crimes acontecem quantas coisas terríveis acontecem com pessoas drogadas

L1 [uhum

L9 não sabem o que tão fazendo

L1 [uhum

L9 eu creio que por aí

No trecho acima, o entrevistado afirma que “violência agressiva”, ou seja, os atos de violência mais graves são os ASSALTOS e ESTUPROS (66.a), **exemplos típicos**. Em (66.b) e (66.c), o sujeito sugere que os acidentes automobilísticos também são uma forma de violência, à medida que apresenta muitas vítimas e “*devido ao descuido... ao desrespeito acima da velocidade, tão drogados, tão bêbados...*”. Dessa forma, pode-se estabelecer a metonímia VIOLÊNCIA SÃO ACIDENTES, quando a irresponsabilidade e a negligência são os MEIOS com os quais os AGENTES (nesse caso, motoristas) apresentam.

Nessa perspectiva, o entrevistado apresenta o ALCOOLISMO como uma forma de violência (66.d), pois representa, assim como as DROGAS (66.f), um vício vinculados a (66.g) “*uma forma de fugir da realidade...*”. Inere-se, a partir disso, um dos componentes da METÁFORA DA FORÇA MORAL, em que FORÇA PARA RESISTIR É VIRTUDE MORAL, tal como apresentado no capítulo 1. Alcoólatras e viciados não tem autodisciplina suficiente para resistir à realidade, procurando “fugas”. Por isso, aquele que não tem **força de vontade** é MORALMENTE FRACO, o que gera os seguintes acarretamentos (apresentados no capítulo 1):

- ALGUÉM QUE É MORALMENTE FRACO NÃO ENFRENTA O MAL E PODE COMETER MALDADES
- A FRAQUEZA MORAL É UMA FORMA DE IMORALIDADE
- A FALTA DE AUTOCONTROLE E DE AUTO-INDULGÊNCIA SÃO FORMAS DE IMORALIDADE
- IMORALIDADE É VIOLÊNCIA

→ ALGUÉM QUE É MORALMENTE FRACO PODE COMETER ATOS DE VIOLÊNCIA

ANÁLISE 67

L1 *Se tu pudesse colocar numa escala de mais violento e menos violento... um tipo de cada o que tu acharia que é uma coisa que é um ato de violência mAIIs violento e qual o que é o menos violento*

L9 (67.a) a morte... matar é o mais violento

L1 [matar

L9 é... (67.b) porque no momento que tu mata tu tira o o a única coisa que a pessoa tinha... (67.c) se tu assalta a pessoa vai lá e recupera

L1 [uhum

L9 né... (67.d) se tu aleja a pessoa...que é uma violência também mas se tu aleja a pessoa continua viva ela consegue né... agora tu mata...é a maior violência...e a outra pergunta?

Nos segmentos acima, observa-se que a gradação da violência depende das consequências geradas pelo ato de violência, ou seja, dos DANOS. O ASSASSINATO (67.a) é considerado pelo entrevistado como um dos atos mais violentos, assim como a análise (32), pois se constitui como uma ação irrevogável. Subentende-se, a partir disso, o modelo metafórico VIDA É UM BEM PRECIOSO, tal como o entrevistado afirma no segmento (67.b): “tu tira o o a única coisa que a pessoa tinha...”. Nesse caso, atribui-se um valor material à VIDA, a partir do MODELO MATERIALISTA de VIDA e MORTE. A MORTE é, portanto, um DANO IRREPARÁVEL, e em função da impossibilidade de seu reparo, é caracterizada como mais violenta. Para explicar essa perspectiva, o sujeito afirma, com outros exemplo, que o ASSALTO (67.c) ou até o ALEIJAMENTO (67.d) de uma vítima são danos que podem ser superados, reparados, perdoados, etc.

ANÁLISE 68

L1 *a menor...a menor numa escala assim de menos violento*

L9 ò::

L1 *ele fez uma violência...a essa aí é*

L9 a:: (68.a) ele bateu na mulher ou ela bateu nele...né

L1 [briga doméstica

L9 (68.b) briga doméstica... (68.c) ou ou xingô...xinga também é uma forma de violência

L1 [uhum

L9 *não deixa de ser né?...tu que ta estudando isso*

L1 [Claro

L9 *então eu acho que:: né...seria mais ou menos isso... (68.d) violência verbal vamos dizer assim que seria a menor e a violência ã a...agressão a morte...que leva a morte a agressão física leva a morte*

[...]

L9 *é:: mas assim nesse tipo de violência não...a violência verbal agressão a agressão verbal ã:: (68.e) a ofensa isso todo mundo todos nós sofremos*

Para o entrevistado, atos de violência menos graves são a VIOLÊNCIA DOMÉSTICA (68.a e 68.b) e a VIOLÊNCIA VERBAL (68.c a 68.e). Por serem comuns e, normalmente, não gerarem vítimas fatais ou danos irreparáveis, seguindo os critérios de danos levantados na

análise anterior, esses atos de violência apresentam-se como mais amenos na conceitualização de VIOLÊNCIA proposta pelo sujeito.

ANÁLISE 69

L1 *ã:: (69.a) tu pode explicar pra mim que tipo de sentimento sensações que tu:: teve quando quando foi vítima?*

L9 *aham...quando nós chegamos e vimos tudo aberto jogado coisas espalhadas e coisas levadas... (69.b) assim um sentimENto de:: como que eu vou dizer...de vazio... né tu imagina tu chega e de repente em casa tu encontra a porta meia aberta...tu já fica com uma pulga atrás da orelha aí tu entra e vê tua casa vazia... (69.c)*

te dá assim um sentimento de vazio...de:: como é que eu ia dizer de:: de:: de:: me fugiu o termo agora... (69.d) mas tem um vazio de:: de:: uma decepção assim sabe uma coisa que tu olha e:: e... tu te sente traído...

acho que é isso né... (69.e) tu entra assim e vê tudo vazio...bá cadê sumiu... (69.f) tremendo o sentimento de insegurança né tu fica assim... (69.g) uma decep decepcionado uma insegurança um vazio

L1 [uhum]

L9 acho que é isso que eu senti quando...quando eu vi

Nos segmentos acima, observa-se que o entrevistado refere-se a uma emoção, que sentiu ao constatar que sua casa havia sido invadida e boa parte de seus pertences haviam sido roubados, como um “sentimento de vazio” (69.b), (69.c), (69.d), (69.e) e (69.g). VAZIO é tomado metonimicamente pelo **esquema de imagens**, refletindo o vazio literal de sua casa no nível FÍSICO-MATERIAL, e sua frustração, sua “decepção”, assim como sua insegurança no nível MENTAL-EMOCIONAL.

Em (69.f), reaparece a EFEITO PELA CAUSA, “tremar nas pernas” é tomada como MEDO – assim como nas análises dos fragmentos (8.h), (35.a) e (35.b).

ANÁLISE 70

L9 (70.a) raiva né

L1 [raiva]

L9 (70.b) tu fica com uma raiva uma gana de tenta acha ã quem fez isso... quem fez isso quem roubo e tal...daí tu tu te vê assim... (70.c) tu te vê impotente sabe

L1 [uhum]

[...]

L9 *né...coisa simples tu perdê tua carteira...chega em casa cadê meus documentos...cadê o dinheiro cadê meu cheque que eu tinha aqui... não te dá um vazio assim (70.e) parece que te tiram o:: o assoalho dos pés tu fica... é uma coisa tremenda né*

Em continuação às respostas da pergunta (69.a), nos segmentos (70.a) e (70.b), não se observa o modelo metafórico de RAIVA comum às análises anteriores, mas RAIVA tomada como um **exemplo típico** de um sentimento gerado numa VÍTIMA de violência. Em (70.c), a IMPOTÊNCIA é um outro sentimento consecutivo de um ato de violência que reaparece, tais como em (8.g) e (10.c), e no qual a VÍTIMA de um ato de violência não apresenta reações sobre o fato. Esse sentimento é reiterado pela expressão de (70.e), “*parece que te tiram o:: o assoalho dos pés tu fica...*”. Aqui TER OS PÉS SOBRE O CHÃO [ASSOALHO] É ESTAR FIRME. TIRAR O CHÃO SOB OS PÉS É TIRAR A FIRMEZA. Metaforicamente TIRAR A

FIRMEZA É TIRAR A SEGURANÇA. Porém, há um continuum metáfora-metonímia, pois TIRAR A FIRMEZA DOS PÉS está pela FIRMEZA DA PESSOA COMO UM TODO.

ANÁLISE 71

L1 *é... eu até ia te pergunta tu falo agora do do ladrão né do:: do quero encontra o quem é que fez isso né...que sentimento tu tinha em relação a essas pessoas...pessoas que estão ali no imaginário da*

L9 *sim...a:: (71.a) raiva ódio né...magina... dá vontade de chega no cara e da uma camassada de pau nele né... aí eu to sendo violento também né... mas a ideia... (71.b) não tu pensa o que claro depois tu baixa a cabeça e pensa bom de repente os cara nem sabem bem o que tavam fazendo*

L1 *[sim*

L9 *fazem isso aqui amanhã ali amanhã ali não é algo contra voCÊ... (71.c) pior é quando é algo dirigido contra você esse é um outro tipo de violência...quando te:: te assaltam ou te sequestram ou alguém da tua*

família...direcionado a você

L1 *[uhum*

L9 *né... (71.d) planejado pra te prejudicar... isso é pior...agora:: tu sofre um assalto de um ou de outro de um pivete aí...tu pode pensa assim bom ele faz isso cinco seis vezes por dia*

L1 *[constantemente*

L9 *é então não é nada contra mim*

L1 *[tá no lugar errado*

L9 *é:: aí tu tu tu até não fica com raiva daí*

L1 *[uhum*

L9 *(71.e) fica com raiva da situação*

L1 *[sim*

Assim como em diversos segmentos já analisados, RAIVA (71.a) é um dos sentimentos mais expressivos como resultados de atos de violência por parte das VÍTIMAS. No mesmo segmento, o entrevistado hipotetisa o fato de retribuir o ato de violência com mais violência. Essa perspectiva está ligada à METÁFORA DA CONTABILIDADE MORAL, já abordada, em que há uma FORÇA MORAL que compele as pessoas a manterem o equilíbrio na ARITMÉTICA MORAL, por meio de VINGANÇA. Porém, resistindo à revanche, o indivíduo adquire FORÇA MORAL, redireciona a RAIVA para a SITUAÇÃO – não para os AGENTES do ato de violência (71.e) – e estabiliza a RAIVA, deixando de tomar atitudes vingativas.

Os segmentos (71.c) e (71.d) expõem a gradação da VIOLÊNCIA em função de AGENTE, PROPÓSITO e PACIENTE. Para o entrevistado, um ato de violência é mais grave à medida que, tal como na análise (6), ATO DE VIOLÊNCIA é o PERCURSO elaborado para causar DANO a uma determinada VÍTIMA/PACIENTE, que se torna a META. Se todos esses critérios co-existirem num ato de violência, então, para o sujeito entrevistado, ele será mais grave.

ANÁLISE 72

L9 né...e aí tu culpa quem... (72.a) tu culpa o meio ambiente onde é que ta a ciDAde as autoridades a falta de segurança... e culpa com razão...ta e às vezes tu vê (72.b) manifestações agressivas que a gente tem por aí...eu não tiro a razão deles... apesar que de novo é uma forma de violência

L1 [uhum

L9 mas eu não tiro a razão deles porque às vezes o (72.c) a paciência chega no limite... e tu sozinho tu não consegue...dá tu junta uma turma e vamo quebra tudo e vamo

L1 [sim

L9 entendeu? E eu acho legítimo isso... apesar que eu não...eu eu eu eu

L1 [não aprova a violência

L9 não aprovo eu não gostaria nem de participá... mas (72.d) de repente sou levado a isso...e eu não poderia condenar isso porque é violência contra violência...ta e é uma reação natural... como é que a sociedade hoje em dia meio que parece que aceita a violência não te parece assim que meio que ela fica meia

L1 [aPática

L9 apática a coisa... né então eu também tenho o direito de ficar apático quando (72.e) grupos organizados conscientes que lutam em busca de justiça até às vezes cometem exageros

L1 [uhum uhum

L9 mas eles estão em busca de uma coisa melhor

L1 [sim

L9 sabe...e eu acho que isso são movimentos sociais que se bem trabalhados podem levar a sociedade a uma evolução

L1 é se bem focalizados né...se essa mesma energia for...estorada pruma... causa

L9 [né é...porque às vezes a gente pensa assim a:: deixa os violentos e a eles mesmos vão se destruir e:: e nós vamos aqui sofrer e tal...discurso falso errado...né quem sabe faz a hora... não espera acontecer... (72.f) nós somos cidadãos nós temos o direito de nos defender se eu quero abri mão do meu direito é um direito que eu tenho

L1 [uhum...

L9 agora eu não tenho o direito de abri mão de defendê o teu direito

L1 [uhum entendi

L9 então de repente tô te vendo lá sendo estrupada estuprada e eu passo de lado não vou nem me mete nisso aí porque...não (72.g) eu tenho que i lá tenho que pega um pedaço de pau um pedaço de pedra uma arma e bate nos dois três que tão ali se tivé que matá tenho que matá...né pra defende a vítima que ta ali

Em resposta à pergunta (69.a), o entrevistado expõe que, ao sofrer um ato de violência, determinados grupos não culpam apenas os AGENTES das ações violentas, mas aqueles cuja responsabilidade é manter a SEGURANÇA dos cidadãos (72.a). Nesse caso, esses grupos promovem manifestações que podem gerar situações violentas (72.b), quando “a paciência chega no limite...” (72.c). Por essa expressão, pode-se inferir um cenário metafórico em que o domínio-fonte como um CALOR DE UM FLUIDO NUM CONTAINER e PACIÊNCIA como domínio-alvo. Nesse caso, quando o fluido é aquecido no CONTAINER e a PACIÊNCIA não pode mais ser contida dentro dele, gera-se RAIVA.

Essa relação metafórica justifica, na opinião do entrevistado, as atitudes instintivas que algumas pessoas cometem para reivindicar seus direitos, tal como a SEGURANÇA: (72.d) “de repente sou levado a isso...e eu não poderia condenar isso porque é violência contra violência...ta e é uma reação natural...”. Não condenar “violência contra violência”, nesse caso, provém da gradação da VIOLÊNCIA com relação à sua CAUSA ou ao seu PROPÓSITO, que é justificável moralmente, pois são feitas por AGENTES em pró de

direitos à sociedade: (72.e) “*grupos organizados conscientes que lutam em busca de justiça até às vezes cometem exageros*”.

Assim como na primeira parte da análise (65), VIOLÊNCIA É INJUSTIÇA SOCIAL, a partir do modelo metonímico CAUSA PELO EFEITO, em que se pode inferir VIOLÊNCIA É NÃO TER DIREITOS ATENDIDOS (72.f). Nesse sentido, há uma espécie de LUTA, em que o AGENTE (cidadão) LUTA/DEFENDE seus direitos.

Em (72.g), ESTUPRO é o cenário narrativo escolhido pelo entrevistado, para mostrar que atos de violência podem ser utilizados na defesa de VÍTIMAS INDEFESAS ou MAIS FRACAS que os AGENTES. Além disso, o sujeito faz referência aos possíveis INSTRUMENTOS que seriam utilizados: “*pega um pedaço de pau um pedaço de pedra*”, utilizados de forma *ad hoc*, como já visto na análise (6).

ANÁLISE 73

L1 aham.. (73.a) atos de violência podem ser perdoados?

L9 podem... (73.b) mas junto a isso eu acho que tem que vir a reparação...eu acho que:: simplesmente (73.c) passa a mão na cabeça de um assassino...como a gente já viu na televisão a eu perdôo ele eu perdôo minha filha agora ta bem tudo bem ela ta com Deus não sei o que eu perdôo... tudo bem eu acho que é um direito que a pessoa tem...agora ela não pode deixar de exercer...ou de pedi que (73.d) a sociedade exerça o direito de reparação o direito de justiça o assassino tem que i pra cadeia...eu posso perdoa ele...mas preso...entendeu...vou até visita ele mas tem que ta preso

L1 até a gente tem uma pergunta aqui ó...que é:: deixa eu vê aqui... (73.e) como os atos de violência podem ser punidos?

L9 é...primeiro lugar (73.f) os direitos infringidos devem ser reparados...ta...não escapa disso...e:: e a justiça tem que se feita

L1 [sim]

L9 né... (73.g) se eu faço o mal pra alguém eu tenho que repara esse bem...primeiro lugar e paga pelo que eu fiz...é o mínimo o básico...entendeu

Em (73.b), (73.d) e (73.g), nota-se, mais uma vez, a presença de um discurso estruturado por meio da METÁFORA DA CONTABILIDADE MORAL, em que o AGENTE do ato violento precisa “reparar” seus DANOS, ou seja, a partir do domínio-fonte TRANSAÇÃO FINANCEIRA, é moral pagar as dívidas. O sujeito explica que há diferenças entre perdão e reparação, em que o ato de perdoar não inibe o fato de um “assassino”, por exemplo, precisar equilibrar sua CONTABILIDADE MORAL com a sociedade.

No segmento (73.c), essa ideia persiste a partir do modelo metonímico “passar a mão na cabeça”, a partir da fonte metonímica EFEITO PELA CAUSA, que tem base no modelo cultural religioso do cristianismo. Essa expressão é utilizada no sentido de conceder perdão, ou seja, de retirar a iniquidade do pecador, em que o padre, instituído do poder divino, tem o poder de “limpar” aquele que cometeu erros. Nesse caso, a expressão “passar a mão” é tomada por “conceder perdão”; e “cabeça” é tomada pelo “pecador”, que, conforme o

entrevistado, é um assassino. Nesse caso, o AGENTE do ato violento seria liberado de pagar pelos seus erros, pois estaria “purificado”, afinal MORALIDADE É LIMPEZA.

No segmento (73.f), “*os direitos infringidos devem ser reparados...ta...não escapa disso...e:: e a justiça tem que se feita*”, além de se ressaltar o pagamento pelos DANOS, o sujeito mostra que deve haver “justiça”, o que retoma a análise (41), em que JUSTIÇA é aqui metonimicamente entendida como punição, pois FAZER JUSTIÇA NÃO É APENAS PUNIÇÃO DOS CULPADOS, mas também PROTEÇÃO OS INOCENTES.

ANÁLISE 74

L1 (74.a) *então tu acha que a prisão é o melhor caminho...pra essa punição?*

L9 *olha atualmente o que nós temos sim...dentro do que nós temos atualmente*

L1

[uhum

L9 *agora se as prisões tão cumprindo seu papel se elas tão respeitando os direitos que até esses tem lá dentro*

L1

[uhum

L9 *se elas tão sendo um lugar de recuperação ou não*

L1

[uhum

L9 *de repente estão sendo (74.b) um lugar de de multiplicação dos dos saberes maléficos...isso é outra história*

[...]

L9 *não tem problema...a prisão é isso tu fica lá um período depois tu (74.c) volta teoricamente recuperado pra viver novamente em sociedade como uma nova pessoa né*

No segmento (74.b), reaparece, assim como na análise (40), o modelo metafórico PRESÍDIO É UMA ESCOLA, que motivam os seguintes acarretamentos:

- PRESOS SÃO ALUNOS
- ALUNOS APRENDEM SABERES
- OS SABERES NA PRISÃO SÃO MALÉFICOS
- PRESOS APRENDEM SABERES MALÉFICOS NA PRISÃO

Em (72.c) observa-se o modelo metafórico já inferido na análise (54), a partir da metáfora VIOLÊNCIA TEM CORREÇÃO sobreposto ao PRESÍDIO É UMA ESCOLA, em que os presos podem, num regime carcerário, “recuperar” comportamentos não maléficos, assim como alunos, numa escola, recuperam conteúdos não compreendidos.

ANÁLISE 75

L9 [...] e se ninguém tivesse vindo talvez, faria e quem sabe já fiz... né então porque eu não mato alguém (75.a) ...tu já não teve raiva, vontade de matá alguém? claro que teve, eu também tive, por que que eu não fiz? (75.b)

A:: porque e tinha medo da cadeia, porque eu tinha medo das consequências, porque eu creio em Deus eu acho que Deus vai me castigá... ou sei lá mil coisas...então o o (75.c) a represÃO é importante no estágio de evolução da humanidade tu tem que reprendê as coisa...pro bem da maioria...se não a maioria sempre vai pagá pelo pela minoria...e isso não é justo...não é justo...[...]

L9 entende... os direitos humanos podem dizer assim a mas tirá a vida não pode mas como é que os outros tiram... vida por vida... entendeu...eu sou contra essa ideia dos direitos humanos que são contra pena de morte

L1 [uhum]

L9 a vai morrer muita gente inocente...balela...morre todo dia gente inocente...nas ruas nas esquinas nos becos...ne e (75.d) não tem nenhum direito humano pra pra pra defendê eles ...pra i atrás...ou pra protege...não tem

L1 [uhum]

L9 e esse povo todo paga impostos pra te uma boa polícia uma boa segurança e não tem...muitas vezes não tem...então esse negócio de que a pena de morte vai mata muitos inocentes não mais do que já tão sendo mortos

Ainda em resposta à pergunta (74.a), os segmentos acima expõem a opinião do entrevistado sobre os modos de punição da violência. Em (75.a) e (75.b), subentende-se o cenário metafórico da RAIVA, a partir da metáfora CORPO É UM CONTAINER PARA AS EMOÇÕES e RAIVA É UM FLUIDO QUENTE NUM CONTAINER, em que, dentro dos estágio dessa emoção, pode ser controlado. Esse controle provém, no caso do entrevistado, a partir de outra emoção: o MEDO. Há aqui a sobreposição da METÁFORA DA CONTABILIDADE MORAL, em que MEDO É UM SELF DIVIDIDO, que controla os impulsos da RAIVA, à medida que premedita as consequências: “*medo da cadeia, porque eu tinha medo das consequências, porque eu creio em Deus eu acho que Deus vai me castigá...*”. Dentre esses “medos”, destaca-se “medo do castigo divino”, estruturado a partir da metáfora da ORDEM MORAL, na qual DEUS TEM AUTORIDADE MORAL SOBRE AS PESSOAS, ou seja, a punição divina é superior à punição dos homens.

Em (75.c) tem-se a METÁFORA DA FORÇA MORAL pelo acarretamento de que a pessoa torna-se moralmente forte pela autodisciplina e autonegação. No caso, a “repressão” da vontade disciplina o homem em sua evolução filogenética (o que o torna HUMANO). Associa-se a isso a METÁFORA DA CONTABILIDADE MORAL, em que os erros cometidos por alguns (“a minoria”) não deveriam ser pagos por aqueles que não os cometeram (“a maioria”). Portanto, para o entrevistado, neste segmento, a maioria dos homens tem uma natureza boa.

O segmento (75.d) “*não tem nenhum direito humano pra pra pra defendê eles ...pra i atrás...ou pra protege...não tem*”, infere-se um processo metonímico, de fonte OBJETO PELO USUÁRIO, para “direito humano”, em que essa expressão é tomada no lugar de “pessoas que defendem os direitos humanos”. A crítica do entrevistado refere-se à

preocupação desses juristas na defesa dos direitos dos AGENTES da violência, em detrimento da defesa de quem foi ou é potencialmente VITIMAS da violência.

ANÁLISE 76

L1 é:: *ã quais são os efeitos que tu acha que ou que tu já sentiu né ã:: que (76.a) a violência GERA na na vítima...na pessoa que sofre a violência...estupros essas coisas*

L9 olha... (76.b) tu pode se tornar uma pessoa violenta... essa eu acho que é a primeira coisa né...tu se torna violento... por uma série de razões tu pode se tornar violento

L1

[uhum

L9 (76.c) se tu não souber trabalhar direitinho tudo isso se não tive uma boa estrutura...e aí de novo...se tu ta desestruturado...no teu meio ambiente... é muito mais fácil tu...reagi com violência... agora se tu ta mais ou menos estruturado...nas tuas necessidades básicas nos teus direitos e SOfre uma violência é mais fácil de tu ã:: enfrenta isso

L1

[uhum

L9 né (76.d) tu tem meios pra te suste psicologicamente emocionalmente materialmente...né tu perde alguma coisa pó eu posso recuperá de novo vamo lá

L1

[uhum

L9 sabe...agora se tu tem já os direitos básicos infringidos e então sofre violência...ba...né

No trecho acima, a partir do segmento (76.b), tem-se VIOLÊNCIA GERA VIOLÊNCIA, num ato contínuo de equilíbrio da CONTABILIDADE MORAL. Os segmentos (76.c) e (76.d) ampliam tal discussão, inferindo aspectos da metáfora da ESSÊNCIA MORAL, em que, como explicado no capítulo um, as pessoas nascem com virtudes, entendidas como propriedades morais, ou vícios, concebidos como propriedades imorais. A partir disso, as reações de um PACIENTE/VÍTIMA, tal como as análises (10) e (12), são altamente influenciadas pelo seu MODO DE VIDA, estando mais ou menos propícia a reproduzir valores sociais adquiridos.

ANÁLISE 77

L1 *ã tu acha que a sociedade tem agido de forma a sociedade o governo né enfim as autoridades...têm agido de forma a conter a violência?*

[...]

L9 Então (77.a) eles tão tomando lá as favelas... né (77.b) tu fala assim de violência tu pensa no Rio né

L1

[sim

L9 e:: então (77.c) nesse sentido o governo tá certo...não sei de que forma tão fazendo, podem tá cometendo abusos também... mas eu acho que que ali no caso do Rio ta muito bem colocado...aqui em Caxias...a gente teve num outro evento e o:: prefeito Sartori ele anunciou que 25 câmeras estão sendo colocadas a mais em Caxias...infelizmente é necessário digo (77.d) infelizmente porque tu perde tua privacidade mas...isso inibe um pouquinho os ladrões e o os que praticam a violência...né... seja em acidentes de carro, seja em estupro seja em assaltos... porque tu tá sendo vigiado então pelo menos eles podem i la e ve (77.e) opa ta aqui o sujeito é mais fácil de você i atrás pegá, repará e puni...nós tamos numa fase da humanidade que isso é necessário...então eu acho que nesse sentido nós tamos indo bem em Caxias...né quanto mais policiais nós tivermos bem pagos bem trabalhados... pra pra não serem corruptos ta...é bom... precisa ter...precisa ter...então eu acho que...em certo sentido né...ã:: nós tamos indo bem... (77.f) tamos evoluindo...tamos aprendendo...a duras penas tamos aprendendo com outros países... né...a internet ã:: ã:: providenciou isso esse esse de dez anos pra cá... esse rápido intercâmbio essa troca de informações essa coisas todas...ta facilitando...cada vez mais os países a se moderniza aprendê com os outros.. (77.g.) e prevenir a violência...agora tudo isso não vai resolve se junto com isso nós não fizermos a:: além da prevenção...além da da...não é prevenção além da da...da luta contra a violência...a:: a prevenção...que que é prevenção? Distribuição de renda...melhor qualidade de vida saúde para todos educação...saneamento básico moradia...minha casa minha vida importante...todas essas coisas são importantíssimas pra formar uma sociedade mais equilibrada... (77.h) tu tendo uma sociedade mais equilibrada...menos violência...nós não falamos na espiritualidade ainda...né é um componente importantíssimo também...a espiritualidade né...se tu fizer uma pesquisa ou se alguém fizer uma

pesquisa nós vamos ver que (77.i) os maiores promotores da violência estão entre aqueles que não têm uma boa espiritualidade...também é um fator importante...né tu pode

No segmento (77.b), apresenta-se o modelo metonímico RIO DE JANEIRO É VIOLÊNCIA, pois, conforme apresentada pelos meios de comunicação, essa cidade brasileira é candidata prototípica para a categorização de VIOLÊNCIA.

Os segmentos (77.a) e (77.c) mostram as medidas tomadas pelo governo do Rio de Janeiro ao ordenar que a polícia militar invadisse os morros, pontos de tráfico de drogas, para inibir os AGENTES de violência. “Tomar a favela” é um modelo metafórico baseado em uma metonímia, em que TOMAR é o domínio-fonte e CONTROLAR o domínio-alvo. A expressão “favela” é, nesse caso, metonímica, pois é tomada no lugar de “bandidos”, gerando o modelo metonímico FAVELA SÃO BANDIDOS. Sabe-se, por conhecimento prévio, que essas invasões não são pacíficas, mas usam de violência. Nesse caso, a VIOLÊNCIA É UM INSTRUMENTO DE COMBATE À VIOLÊNCIA (modelo metonímico), legitimada pelo estado e pela sociedade em geral, mas que não pode cometer ABUSOS. Ou seja, metonimicamente a VIOLÊNCIA TEM LIMITES DE LEGITIMIDADE.

Os segmentos (77.d) e (77.d) expõem uma situação da cidade do entrevistado, Caxias do Sul, que instalou nas ruas câmaras de segurança, da qual se infere a metáfora VIGIAR É PUNIR. A punição para aqueles que não cometem atos de violência é a PERDA DA PRIVACIDADE, em que PRIVACIDADE é tomada como uma ENTIDADE que todas as pessoas possuem. Para os que cometem atos de violência, as câmaras são INSTRUMENTOS DE PUNIÇÃO, uma vez que facilitam a identificação dos AGENTES da violência.

Em (77.f), a evolução do homem, pelo aprendizado, é associada com sofrimento. É preciso PAGAR UM PREÇO ALTO (“duras penas”) para adquirir conhecimento.

Em (77.g), o sujeito expressa que se pode “prevenir a violência” ou lutar contra ela (“da luta contra a violência”). Sugere-se que se encontra implícita a metáfora VIOLÊNCIA É UM MAL, de modo que ou se EVITA O MAL ou SE LUTA CONTRA O MAL. Os MEIOS utilizados para tal seriam: distribuição de renda, qualidade de vida, saúde, etc.

Em (77.h), a paráfrase para a afirmação do sujeito é a de que *em uma sociedade equilibrada há menos violência*. Desse modo, SOCIEDADE É UM ORGANISMO QUE PRECISA DE EQUILÍBRIO. Como acarretamento, EQUILÍBRIO EVITA O MAL, em que o MAL É A VIOLÊNCIA e VIOLÊNCIA É CAUSADA POR DESEQUILÍBRIO DO ORGANISMO. A metonímia TODO PELA PARTE é encontrada na ideia de que SOCIEDADE É CONSTITUÍDA DE INDIVÍDUOS. INDIVÍDUOS ou GRUPO DE

INDIVÍDUOS são AGENTES de ATOS VIOLENTOS. Como acarretamentos tem-se, INDIVÍDUOS PRECISAM DE EQUILÍBRIO para evitar VIOLÊNCIA COMO MAL e O EQUILÍBRIO DOS INDIVÍDUOS PROVÊM DA SATISFAÇÃO DE SUAS NECESSIDADES BÁSICAS.

No segmento (77.i) “os maiores promotores da violência estão entre aqueles que não têm uma boa espiritualidade...”, infere-se o modelo metonímico PROMOTORES DA VIOLÊNCIA SÃO AGENTES DA VIOLÊNCIA, que, segundo o modelo cultural religioso, não têm FORÇA MORAL, uma vez que também não tem ESPIRITUALIDADE.

ANÁLISE 78

L1 tu tava até me dizendo agora (78.a) quem é o responsável sobre a segurança então...nossa né

L9 o governo o estado

L1 [o estado

L9 sem dívida...o estado

L1 [o estado tem que... mostra isso aí

L9 (78.b) o estado tem que agir, ele tá sendo pago pra isso... e ele tem que trabalhá isso aí porque se nós dexa isso assim na anarquia onde não tem estado de anarquia... não resolve também então tem tem que te o estado te aqueles responsáveis por cada setor... (78.c) a sociedade tem que cobra... tá junto sempre... ta... acompanhá... fazê as cobranças (78.d) se tivé que i pra rua tem que i... porque no fundo no fundo... a resposta é...quem é responsável pela segurança?(...)...mas isso aí é o utópico...né então nós temos que se organiza em em sociedade em grupos em estados...e pra que isso seja efetivado de uma forma mais prática...né?

Nos segmentos acima, ESTADO é metonimizado pelos GOVERNANTES, que, na opinião do entrevistado, são os responsáveis pela segurança dos cidadãos. Também SOCIEDADE é metonimizada por CONTRIBUINTES, que pagam monetariamente impostos para terem seus direitos garantidos. Embora o pagamento esteja empregado de forma literal, COBRANÇA, em (78.c) é metonimicamente utilizada, uma vez que significa solicitar aos governantes direitos constitucionais. Se isso não for atendido, a SOCIEDADE PODE IR PARA AS RUAS, em que, num modelo metafórico, IR PARA AS RUAS é o domínio-fonte de PROTESTAR, domínio-alvo. Nesse cenário metafórico com sobreposições metonímicas, temos possivelmente os seguintes acarretamentos:

- O ESTADO AGE
- O ESTADO NÃO É ANÁRQUICO
- O ESTADO É PAGO PARA AGIR
- O ESTADO TRABALHA
- A SOCIEDADE COBRA O TRABALHO DO ESTADO
- A SOCIEDADE NÃO RECEBE AS COBRANÇAS
- IR PARA AS RUAS É PROTESTAR
- QUANDO A SOCIEDADE NÃO RECEBE AS COBRANÇAS, ELA PROTESTA

ANÁLISE 79

L1 *uhum...tu como redator do jornal e como cidadão...como é que tu vê o tratamento da violência... na mídia?*
 L9 *olha eu...eu ultimamente talvez tenha mudado um pouco mas (79.a) normalmente tu pegava o jornal torcia ele assim saia sangue...tu vê... os cara ficam LOco em cima do negócio...*

[...]

L9 *eu acho que tem mídias saudáveis mídias conscientes...mas ã:: eu tenho impressão ainda que no Brasil (79.b) a mídia tá muito:: vampiresca...e não ajuda na questão da violência...*

[...]

L9 *ai tu vai lá a:: vo ajuda o aquela senhora né...querida com o pneu furado...bom saiu do auto os cara pã em ti...e a mídia mostra isso... claro de uma forma ela TÁ dizendo " cuidado " com isso... de (79.b) outra forma ela ta multiplicando os saberes*

No segmento (79.a), assim como o já analisado (50.a), observa-se um **modelo metafórico baseado em uma metonímia**. Neste caso, JORNAL é **metaforicamente** tomado como um OBJETO-PANO, que está encharcado de sangue. Ao ser “torcido”, dele ESCORRE SANGUE. Segue-se, a partir dessa metáfora, basicamente, o mesmo esquema metonímico de (50.a), porém aplicado apenas a JORNAL como OBJETO-PANO:

- JORNAL É OBJETO-PANO
- NOTÍCIAS SÃO LÍQUIDO ABSORVIDO PELO PANO
- NOTÍCIAS SÃO SOBRE ATOS DE VIOLÊNCIA
- ATOS DE VIOLÊNCIA CAUSAM DANOS FÍSICOS
- DANOS FÍSICOS FAZEM AS PESSOAS SANGRAREM
- O TECIDO ABSORVE SANGUE
- O TECIDO PODE SER TORCIDO
- O SANGUE ESCORRE DO TECIDO

Em (79.b), seguindo o cenário metafórico ligado ao sangue, o entrevistado afirma que “*a mídia tá muito:: vampiresca...*”, em que se inferem metáforas e metonímias sobrepostas, conforme o esquema abaixo.

[MÍDIA É UM VAMPIRO]

- MÍDIA SÃO OS PRODUTORES DE NOTÍCIAS [Metonímia TODO PELA PARTE: a mídia é um sistema constituído por vários processos e atores, resultando no que é veiculado por diferentes meios (impresso, televisivo, etc.)]
- AS NOTÍCIAS SOBRE ATOS DE VIOLÊNCIA SÃO PRIORIZADAS
- ATOS DE VIOLÊNCIA CAUSAM DANOS FÍSICOS
- DANOS FÍSICOS FAZEM AS PESSOAS SANGRAREM
- A MÍDIA SE ALIMENTA DE NOTÍCIAS SOBRE VIOLÊNCIA
 [Metáfora derivada por acarretamento]
- NOTÍCIAS SÃO SANGUE

→ VAMPIROS SÃO SERES QUE SE ALIMENTAM DE SANGUE

O último segmento desse trecho apresenta a mídia como algo que multiplica saberes que, pelo contexto, são de violência. Pode-se estabelecer uma analogia com as análises dos trechos (74) e (40) em que ocorre o modelo metafórico PRESÍDIO É UMA ESCOLA. Nesse caso, porém, infere-se MÍDIA É UMA ESCOLA, que motiva os seguintes acarretamentos:

→ LEITORES SÃO ALUNOS

→ ALUNOS APRENDEM SABERES

→ OS SABERES DA MÍDIA PODEM SER MALÉFICOS

→ LEITORES APRENDEM SABERES MALÉFICOS POR MEIO DA MÍDIA

ANÁLISE 80

L1 *é a gente pergunta assim hipotetiza né...tu seria capaz de comete um ato de violência?...tem alguma circunstância que te motivasse*

L9 *isso...dependendo a circunstância exatamente...se depende da circunstância...eu... (80.a) como nosso mundo foi criado na violência, nós tomos nascemos no meio da violência*

L1 *[uhum*

L9 *é natural*

L1 *[uhum*

L9 *veja bem (80.b) é natural que a gente cometa ato de violência*

L1 *[é:: lembro que tu falou*

L9 *(80.c) pra se auto-defendê*

L1 *[que tu criou uma história duma menina que foi estuPRAda e::*

L9 *é exato... (80.d) magina não deixa de se uma violência*

L1 *[sim*

Os fragmentos (80.a) e (80.b) são extensões da análise feita em (76.c) e (76.d) nos quais são inferidos aspectos da metáfora da ESSÊNCIA MORAL, em que, como explicado no capítulo 1, as pessoas nascem com virtudes, entendidas como propriedades morais, ou vícios, concebidos como propriedades imorais: (80.a) “*como nosso mundo foi criado na violência, nós tomos nascemos no meio da violência*”. Dessa forma, a imoralidade faz parte do MODO DE VIDA das pessoas, tornando-se natural como INSTRUMENTO de defesa.

A partir disso, como já observado na análise (55), os segmentos (80.c) e (80.d) inferem AUTODEFESA É VIOLÊNCIA, pois o entrevistado afirma que usaria de violência para defender a sua vida.

ANÁLISE 81

L9 ou alguém ta sendo assaltado ou alguma coisa tu tem que defende alguém...tu na hora tu nem pensa tu vai lá e dá umas paulada se tive arma tu mata

L1

[uhum

L9 achei bom (81.a) recolhê as armas muito bom

L1

[uhum

L9 apesar de te uns que ainda tem né

L1

[sim

L9 mas acho que (81.b) tem que desarmá a população... tranquilamente... (81.c) porque quantos de nós já se não tivéssemos arma em determinado momento o sangue te sobe a cabeça tu puxa e pá:: depois tu vai pensa o que tu fez... (81.d) né e como nós tamos no meio de uma sociedade violenta... isso é natural

Nos segmentos (81.a) e (81.b), apresenta-se um sujeito oculto que, seguindo o contexto do entrevistado, retirou da população um dos INSTRUMENTOS fatais dos atos de violência: a arma de fogo. Em função de a sociedade ser “naturalmente violenta”, como explícito em (81.d) e exposto na análise anterior, faz-se necessário inibir atos de violência fatais, desarmando as pessoas.

Em (81.c), a metáfora “*sangue te sobe a cabeça*” apresenta a mesma análise feita no fragmento (21.b), em que CORPO É UM CONTAINER PARA AS EMOÇÕES e a RAIVA É UM FLUIDO QUENTE NUM CONTAINER, que contribui para as pessoas fazerem uso de armas de fogo para realizar o ATO DE RETRIBUIÇÃO, uma das etapas da RAIVA exposta no capítulo 1.

ENTREVISTA 8 ([S,U,34,M,SI])

ANÁLISE 82

L1 Quando você pensa em violência, o que que vem em primeiro lugar na sua mente?

L10 (82.a) Segurança, primeira coisa é segurança, modificação pra que eu me sinta seguro... ou de local ou de cidade ou de modelo de carro ou... enfim, de estar seguro... (82.a) e hoje, a insegurança é uma coisa que todo mundo tem a gente fica totalmente inseguro... (82.c) aonde nós temos um papa sendo atacado... então... não têm o que se dizer

No segmento (82.a), conforme por exemplo as análises (14) e (47), apresenta-se mais uma vez o modelo metonímico CAUSA PELO EFEITO, em que SEGURANÇA/INSEGURANÇA, são tomados para caracterizá-la. No fragmento (82.a), tem-se o modelo metafórico INSEGURANÇA É UMA ENTIDADE ONIPRESENTE. Em (82.c), o discurso do entrevistado é composto pelo modelo cultural religioso católico em que se toma metonimicamente o PAPA como a pessoa mais segura do mundo, tendo em vista que ele representa DEUS. Dessa forma, o papa não poderia ser atacado, ou seja, não poderia sofrer atos de violência, pois os AGENTES da violência deveriam ter RESPEITO pela figura papal, representante de Deus na Terra, conforme a perspectiva do catolicismo, assim como MEDO do julgamento divino à medida que, no discurso do entrevistado, infere-se a metáfora da ORDEM MORAL, em que DEUS TEM AUTORIDADE MORAL SOBRE AS PESSOAS.

ANÁLISE 83

L1 se tu pudesse completar essa frase pra mim: violência é como? Como é que tu completaria, violência é como... pode ser uma ideia

L10 (83.a) violência é como uma morte da humanidade

L1 (83.b) tu acha que essa morte da humanidade ela faz com que as pessoas não tenham mais...

L10 (83.c) deixam de ser um ser humano pra ser um animal... (83.d) em reações brutas, reações não pensadas... certo... e:: daí em diante...

No segmento (83.a), o sujeito compara a VIOLÊNCIA à “morte da humanidade”. A pergunta de verificação em (83.b) esclarece que essa “humanidade” não representa os seres humanos coletivamente, mas, conforme a metáfora do *SELF MÚLTIPLO*, em que há um *self* mais humano e outro mais animal ou instintivo. Quando uma pessoa “deixa de ser um ser humano pra ser um animal”, ela age sem o caráter racional e passa a ter “reações brutas e não pensadas” (83.d), também presente na análise (2) e (16), gerando a metonímia VIOLÊNCIA É ATITUDES IMPENSADAS. De certa forma, essa perspectiva também está presente nas análises (11), O HOMEM PRECISA SOBREVIVER EM MEIO SELVAGEM, e (55) VIOLÊNCIA É UM RECURSO PARA SOBREVIVÊNCIA, embora, nesses discursos, o *self* instintivo seja empregado para AUTODEFESA ou DEFESA DE FAMILIARES.

ANÁLISE 84

L1 ã:: S., (84.a) em uma escala de mais violento e menos violento, o que que tu acha que é um tipo de violência, um ato de violência que é mais violento e um que é menos violento?

L10 olha, isso aí, na minha vida, eu acho que... deu pra percebê que existem (84.b) violências brandas... tá... uma delas seria o furto simples e claro de um... de alguma coisa sem o inquilino estar em casa ou sem ninguém ver... que eu acho que, é uma violência mas é uma violência branda, que não agride diretamente o proprietário, não é... agride indiretamente... já... existem (84.c) violências inadmissíveis tipo estupro... ã:: a morte seguida do estupro né aquele abuso sexual feito com a pessoa viva ou morta depois executando ou... outra coisa Inadmissível que é... (84.d) o abuso sexual de crianças que eu acho que isso é um pecado sem tamanho... tá... e:: num grau máximo acho que é isso aí, essas duas coisas até, até posso dizê assim que... eu sou à favor da pena de morte, porque tem, (84.e) tem certos... animais, que é um tipo de ser humano que não adianta a gente ficá aí pagando o que a gente paga de imposto pra alimentá essas criaturas, mas (84.f) livrá a sociedade disso aí do jeito mais simples... mas... é opinião minha

Em (84.b) e (84.c), o entrevistado expõe a gradação da VIOLÊNCIA dos atos menos e mais graves, por meio da gravidade do DANO FÍSICO causado à VÍTIMA.

Em (84.d), o entrevistado considera outros critérios para a gradação da violência que é o tipo de VÍTIMA e a MANEIRA com que o ato de violência ocorre, tendo como mais violento, a ação que tem como VÍTIMA uma CRIANÇA, e como MANEIRA um ABUSO SEXUAL, que, como na análise de ESTUPRO, atinge todas as dimensões da pessoa.

O segmento (84.e) reapresenta a metáfora do *SELF MÚLTIPLO*, fornecendo os modelos metonímicos O HOMEM É UM ANIMAL e O HOMEM É UMA CRIATURA, “alimentado” pelos impostos dos contribuintes. Ou seja, algumas pessoas que cometem atos de violência são comparados a animais, que são mantidos vivos por meio dos impostos, mas

que deveriam ser mortos, a fim de que a sociedade pudesse se libertar (84.f). Nesse caso temos o possível cenário metonímico:

- AGENTES DA VIOLÊNCIA SÃO ANIMAIS
- ANIMAIS OBEDECEM A SEUS INSTINTOS
- ANIMAIS SÃO ALIMENTADOS
- OS ALIMENTOS SÃO IMPOSTOS
- OS ANIMAIS APRISIONAM A SOCIEDADE
- A SOCIEDADE DEVERIA MATAR OS ANIMAIS
- A SOCIEDADE DEVERIA SER LIVRE

ANÁLISE 85

L1(85.a) qual o tipo de violência mais grave que poderia ser cometido contra você ou contra a tua família ainda mais agora que tu é pai e tal...

L10 (85.b) com certeza ã:: o abuso sexual do meu filho por exemplo acho que seria o mais... (85.c) acho que eu perderia a noção do juízo... espero nunca ter que... nunca chegar a isso

Em (85.b), verifica-se a presença da gradação da violência, assim como na análise (8), conforme a *proximidade* afetiva do entrevistado com a VÍTIMA, principalmente quando se refere à família e mais ainda aos filhos. Um ato de violência desse tipo, faria com que o entrevistado perdesse “a noção do juízo”. PERDER O JUÍZO relaciona-se com a METÁFORA DA FORÇA MORAL, à medida que o indivíduo cederia ao MAL pela PERDA DE CONTROLE DA RAZÃO.

ANÁLISE 86

L1 (86.a) que sensações, não sei se tu te lembra, que tu sentiu na hora?

L10 Ah, vo te dizer assim que a sensação é muito estranha sabe, (86.b) de impotência, (86.c) de... de torcê que não façam o pior contigo... é algo horrível não desejo pra ninguém, acho que até, vou te dizer assim, antes desse assalto eu tinha uma visão assim até branda de ah, não, acho que tem que tentá... [...] novamente pra sociedade... te dizê assim ó, o assaltante que já matô, certo, cometeu crimes brutais né a morte seguido do estupro ou apenas a morte por simples boa vontade de ver a pessoa morrer, dá pra chamar que isso é simples ou que é boa vontade, né, (86.d) que esse cara não tem conserto, (86.e) esse cara tem que se eliminado, pagá na mesma moeda e vô te dizê mais, ã:: (86.f) espero que nunca as leis fiquem à mercê de uma mão de alguém como eu, porque, se chegarem, o cara vai sofrê muito antes de morrerê, vo te dizê que eu faria como na antiga Roma [...] porque a morte leva horas dependendo o peso da pessoa e:: e enfim a espessura do [...] que vai levá-lo a morte, mas acho que eu seria brutal desse jeito só pra que o cara tivesse a dor psicológica até morrer

L1 não, é:: uma maneira de punir né

L10 [(86.g) porque simplesmente matar seria muito leve pra certas pessoas

L1 então só me esclarece que tipo de sentimento, de emoção tu teve com essas pessoas que te assaltaram

L10 (86.h) raiva, nojo... mas eu não consigo lembrá deles... sabe que meu... meu inconsciente fez com que eu apagasse eu não consigo lembrá nem da imagem, nem do rosto, eu só lembro da situação, de tá sendo agredido, de tá (86.i) naquele momento de total indefesa

O segmento (86.b), reiterado por (86.i), segue as análises feitas em (8.g), (10.c) e (70.c) em que o sujeito toma um dos sentimentos gerados pela VIOLÊNCIA metonimicamente para caracterizá-la: a IMPOTÊNCIA.

Em (86.c), uma possível reação decorrente do MEDO está metaforizada por meio da expressão “torcer para que nada pior aconteça”, em que TORCER é o domínio-fonte para DESEJAR, domínio-alvo, gerando a metáfora: TORCER É DESEJAR.

No fragmento (86.d), pode-se retomar a questão analisada em (54) que expõe o modelo metafórico VIOLÊNCIA TEM CORREÇÃO. Para esse entrevistado, porém, os assassinatos, conforme o contexto discursivo, não são plausíveis de perdão: “*que esse cara não tem conserto*”, o que gera a metáfora ASSASSINO NÃO TEM CONSERTO, em que CONSERTO é o domínio-fonte e PERDÃO é o domínio-alvo. Essa ideia gera a punição máxima para um ato de violência, a pena de morte, expressa em (86.e) “*esse cara tem que se eliminado, pagá na mesma moeda*”. Para esse entrevistado, o ASSASSINATO é imperdoável e sua PUNIÇÃO é a ELIMINAÇÃO, ou seja, a morte do AGENTE do homicídio. Essa perspectiva é reiterada pela METÁFORA DA CONTABILIDADE MORAL, expressa pela metáfora “pagar com a mesma moeda”, em que, num ato de RETRIBUIÇÃO, com a morte do AGENTE, reinstaura-se o EQUILÍBRIO MORAL.

Em (86.f) o entrevistado afirma “*espero que nunca as leis fiquem à mercê de uma mão de alguém como eu, porque, se chegarem, o cara vai sofrer muito antes de morrer*”. Nesse caso, é importante ressaltar a metonimização de MÃO que é tomada pelo SUJEITO COMO UM TODO. A “mão”, no modelo cultural ocidental, é uma parte do corpo que apresenta diversos movimentos, simbolizando tomadas de decisão, julgamento, aceitação, negação, reprovação, xingamentos, etc. Nesse sentido, dar o poder de julgamento na “mão de alguém” é dar a ela todas as decisões tais como, no discurso do entrevistado, o modo de punição de quem comete violência. Complementando as ideias presentes em (86.f), em que o sujeito defende punições com tortura, o segmento (86.g) “*porque simplesmente matar seria muito leve pra certas pessoas*”, retoma a METÁFORA DA CONTABILIDADE MORAL em que a RETRIBUIÇÃO de um ato de violência deve ter as mesmas características do próprio ato de violência para que haja EQUILÍBRIO MORAL.

Por fim, esse trecho apresenta em (86.h), **exemplos típicos** de modelos metonímicos para VIOLÊNCIA, expressos pelos sentimentos de RAIVA e NOJO.

ANÁLISE 87

L1 o que você considera, como é que tu caracterizaria violência, atos de violência

L10 hum... assim, como tu mesma colocaste antes em off... acho que eu conceituaria violência o ato que acaba desrespeitando o outro de modo radical ou de modo simples, (87.b) isso é uma violência, porque não é apenas o ato de agredir fisicamente uma violência porque você pode muito bem agredir uma pessoa verbalmente de tal maneira que aquilo vai sê mais violento (87.c) que tu jogá uma caneta ou uma cadeira naquela pessoa, por que isso, uma palavra ou uma frase ou uma expressão que tu venhas a fazer, (87.d) pode ficar marcado pra vida inteira daquela mesma pessoa... então eu acho que todo ato que desrespeita de qualquer modo o ser humano ou:: a pessoa em si, de uma maneira rápida, curta mas enfim, que tu passa isso é uma violência

Nos segmentos (87.b) e (87.c), o entrevistado afirma que os atos de violência são mais ou menos agressivos, dependendo da circunstância em que são envolvidos, e não necessariamente do TIPO DE AÇÃO, da VÍTIMA, do NÍVEL DA PESSOA atingido, etc, mas são provenientes do desrespeito ao ser humano.

Salienta-se, neste trecho, o segmento (87.c), no qual o sujeito apresenta INSTRUMENTOS de violência, por meio de conceitos *ad hoc* – já analisados nos trechos (6) e (72) – tais como CANETA e CADEIRA.

ANÁLISE 88

L1 (88.a) você acha que o governo e a sociedade têm agido de modo a conter a violência?

L10 (88.b) olha... eu acho que não, acho que a sociedade em si vive se escondendo dela, (88.c) ao invés dos ladrões tarem presos, somos nós que estamos nos prendendo pra que não ocorra nada conosco e teríamos ene exemplos...

No segmento (88.b), o entrevistado utiliza o modelo metafórico A SOCIEDADE SE ESCONDE DA VIOLÊNCIA, pois as pessoas, com medo de sofrerem atos de violência, procuram evitá-los, protegendo-se constantemente. Por isso, podem ser inferidos os seguintes acarretamentos:

- SOCIEDADE SÃO AS PESSOAS
- AS PESSOAS SE ESCONDEM
- VIOLÊNCIA É UMA ENTIDADE AMEDRONTADORA
- VIOLÊNCIA CAUSA MEDO
- AS PESSOAS SE ESCONDEM DE ENTIDADES AMEDRONTADORAS
- AS PESSOAS SE ESCONDEM DA VIOLÊNCIA PORQUE TÊM MEDO

Em (88.c), parafraseando a afirmação do sujeito, é expresso que *ao invés de os ladrões estarem presos, as vítimas é que estão presas*. Nessa forma de expressar-se o sujeito metonimicamente toma LADRÕES POR QUALQUER AGENTE QUE COMETE ATOS DE VIOLÊNCIA, de modo que, provavelmente, ROUBO é o ato de violência que ele entende como mais típico (ponto de referência cognitivo). Esses AGENTES DE ATOS VIOLENTOS deveriam estar sendo punidos pelo aprisionamento. Entretanto, são as VÍTIMAS

POTENCIAIS que estão sendo punidas, pois APRISIONAMENTO É PUNIÇÃO. Inferencialmente, supõe-se que a PRISÃO em que as VÍTIMAS POTENCIAIS seja a RESTRIÇÃO À LIBERDADE por meio de recursos de SEGURANÇA: vigiar-se constantemente, encerrar-se em suas casas, equipar a casa com alarmes, trancas, grades, etc., elementos igualmente constitutivos de uma PRISÃO.

ANÁLISE 89

L1(89.a) tu já cometeu um ato de violência?

L10 *branda sim, se eu dizê que eu nunca gritei com ninguém nunca agredi verbalmente alguém eu seria demagogo, violência física também, quando eu era pequeno, era piá*

L1 *tipo briga de rua?*

L10 *é::*

L1 *na escola?*

L10 *no colégio não, no colégio eu...*

L1

[tu sabe o tipo de causa assim...

L10

[que levô?

L1 *tu é um leonino né?*

L10 (89.b) é:: o cara me tirô do meu normal, me agrediu verbalmente antes de violência física o cara me agrediu verbalmente, me chamo de filha da puta e eu não tinha a mesma maturidade que eu tô hoje aí... eu resolvi no soco

Assim como na análise da violência em (46.a), apresenta-se no segmento (89.b) o cenário prototípico da RAIVA, em que CORPO É UM CONTAINER PARA AS EMOÇÕES, em que a RAIVA É UM FLUIDO QUENTE NUM CONTAINER. Nesse segmento, observam-se alguns estágios da RAIVA, conforme descrito no capítulo 1:

ESTÁGIO I – EVENTO OFENSIVO: “o cara [...]me agrediu verbalmente antes de violência física o cara me agrediu verbalmente, me chamo de filha da puta”

ESTÁGIO II – RAIVA

ESTÁGIO III – TENTATIVA DE CONTROLE: “eu não tinha a mesma maturidade que eu tô hoje”

ESTÁGIO IV – PERDA DE CONTROLE: “::: o cara me tirô do meu normal”

ESTÁGIO V – ATO DE RETRIBUIÇÃO: “eu resolvi no soco”

ANÁLISE 90

L1 *you seria capaz de cometer um outro tipo de ato de violência hoje em alguma circunstância?*

L10 *eu vou te dizer assim olha, (90.a) fisicamente, só a circunstância de alguém agredir meu filho ou minha esposa ou meu irmão, qualquer gente da minha família na minha frente, fisicamente, ao ponto de eu ter que interferir, acho que não verbais acho que não porque eu já passei por uma experiência do cara me chamá de muita coisa que quando eu era adolescente eu tinha uma cabeça de merda pra eu não agredi eu tinha que pensá duas vezes, (90.b) hoje já ocorreu e eu simplesmente baixei a cabeça, virei as costas e fiz de conta que não era comigo e deixa, não valia a pena*

Assim como em muitos trechos já analisados, o segmento (90.a) expõe que o entrevistado agiria com violência na proteção de seus familiares. Ou seja, AUTODEFESA É VIOLÊNCIA e a gradação de violência depende da *proximidade* afetiva com o entrevistado.

Em (90.b), restitui-se a análise do trecho anterior, no fragmento (89.b), em que a RAIVA, quando não gera um ATO DE RETRIBUIÇÃO que, conforme Lakoff e Johnson (1987), se enquadra em um cenário não prototípico, de modo que os estágios IV e V do cenário prototípico é alterado:

ESTÁGIO I – EVENTO OFENSIVO: “*eu já passei por uma experiência do cara me chamá de muita coisa*”

ESTÁGIO II – RAIVA

ESTÁGIO III – TENTATIVA DE CONTROLE: “*pra eu não agredi eu tinha que pensá duas vezes*”

ESTÁGIO IV – NÃO HÁ PERDA DE CONTROLE: “*eu simplesmente baixei a cabeça, virei as costas*”

ESTÁGIO V – RESPOSTA CONTROLADA: “*fiz de conta que não era comigo e deixa, não valia a pena*”.

Ressalta-se que as metáforas visuais descritas pelo entrevistado e presentes no estágio IV “baixar a cabeça” e “virar as costas” que são índices tanto de decepção, tristeza, isolamento quanto de negação, negligência ou o ato de ignorar algo ou alguém.

ENTREVISTA 9 ([L,U,46,M,SI])

ANÁLISE 91

L1 (91.a) Quando você pensa em violência o que que vem à sua cabeça em primeiro lugar?

L11 *desestrutura e a banalização*

L1 *desestrutura e banalização... do quê?*

L11 (91.b) desestrutura dos vários governante né... ão conseguem ã:: mais dá conta... da coisa né... (91.c)
distribuição da droga... isso é::

No segmento (91.b), encontra-se o modelo metonímico do tipo CAUSA PELO EFEITO, em que a “desestruturação do governo”, ou seja, a desorganização dos líderes políticos no que concerne a manutenção da segurança dos cidadãos, não é conquistada, pois o governo “não dá conta”. Sendo assim, DESESTRUTURA GOVERNAMENTAL pode ser tomada como uma das CAUSAS da violência.

Assim como nos trechos (18), (22), (53), (58), (61) e (66), no segmento (91.c), reaparece a menção ao problema das drogas como uma das CAUSAS da violência.

ANÁLISE 92

L1 [tu tem... uma função social né, que nem tu disse, tu é o tio, tu é a tia e:: Na sua comunidade, morando lá no centro, vendo Caxias do Sul por duas óticas né, porque tu mora lá e tem atividades aqui na zona rural né, o que que tu acha que é mais comum assim de violência nesses dois ambientes ou só lá ou só aqui?

L11 violência... acontece o seguinte (92.a) tu não encontra todo dia a violência, então a hora que tu encontra tu... parece que tu... ã:: uma coisa assim ó, (92.b) eu acho violência pedindo esmola, que nem a moça, aquela ali... aquilo ali, meu Deus do céu, será que não há uma instituição que pegue ela, ela passou lá por mim, essa mulher, mas só que ela não fica em nenhum lugar, ela teria que ser tranCAda né, como um dependente, um doente mental porque ela pode ser considerada já uma doente mental, porque ela não tem mais jeito

L1 [ela teria que passar mesmo por uma avaliação psiquiátrica né

L11 [(92.c) isso é uma violência, a gente vê pessoas brincando com ela, dando esmola e:: né...

L3 [e eu já vi até pessoas

marcando programa com ela, isso aí é:: [...](92.d) isso aí é uma punhalada

L1 uma punhalada... algo que fere... Mas então é a omissão da sociedade?

L11 omissão da sociedade, eu assim ó como colocavam nessa campanha do craque... tentá ajudar essas pessoas colocá elas num... é que na verdade não existe, não existe um lugar que tu coloque essa pessoa e ela fique internada dois, três anos pra ter o tratamento legal, não existe então... o que que eles fazem, eles mandam pra Porto Alegre doze, quinze dias, devolvem, já largam ela

L1 [nos sítios aqueles né, de recuperação

L11 é mas aí no sítio de recuperação a pessoa tem que querê ir... essa não qué, essa, (92.e) a rua e as drogas já tomaram conta, não tem como... isso teria que ser um lugar fechado, que a sociedade teria que ter esse lugar, porque se em Caxias tem ela, tem o Robson, tem vários em Caxias... que se não tem esse tratamento a longo prazo...

Em (92.a), pode-se inferir que “não encontrar a violência todos os dias” é tornar a violência uma ENTIDADE que pode ser ou não encontrada, que pode ser ignorada, que pode ser insistente, que pode vagar pelas ruas, mas que não pode estar em todos os lugares.

O segmento (92.c) expõe uma violência que afeta o nível EMOCIONAL da pessoa que assiste à cena de alguém “pedindo esmola”. Mesmo que possa ser considerado por muitos um ato caridoso, o ato de esmolar é um símbolo da injustiça social – presente na análise (64) – quando é visto como um ato de humilhação, retratando a miséria social e financeira, ou quando vem adicionado de atos de humilhação e desrespeito à vida. Para explicar essas questões, o entrevistado e a participante utilizaram de um **exemplo saliente**, ao contarem aspectos da história e do comportamento de uma pedinte que conhecem. A partir disso, observa-se, conforme o segmento (92.c), que a esmola é, para eles, considerada um ato de violência uma vez que as pessoas que dão esmola muitas vezes “brincam com”, ou seja, humilham a pedinte. A participante da entrevista (L3) acrescenta que essas ações são “uma punhalada” (92.d). Há aqui um modelo metafórico em que o domínio-alvo PUNHALADA está pelo domínio-fonte INDIGNAÇÃO.

Em (92.d), apresenta-se um modelo metonímico em “as drogas e as ruas já tomaram conta (do pedinte)”, em que DROGAS e RUA são ENTIDADES que podem possuir alguém.

DROGA ENTRA NO ORGANISMO COMO VÍCIO. No caso de RUAS, tem-se uma metonímia, pois não é a rua em si que “toma conta” da pedinte, mas RUA como espaço de vivências onde não há restrições e segurança como LUGARES SEGUROS provêm. As experiências vividas nas “ruas” moldam o comportamento da pedinte, que cede facilmente, ou seja, sem controle e força de vontade, aos riscos que lhe podem causar danos. Nesse sentido, portanto, DROGAS E RUAS DESTROEM A FORÇA MORAL DA PESSOA.

ANÁLISE 93

L1(93.a) ã: em uma escala de mais violência e menos violência, o que que tu pode me dizer de exemplo de uma coisa muito violenta e de uma coisa pouco violenta?

L11 (93.b) muito violenta... ã: as chacinas, (93.c) os sequestros né, muito violento isso...privá a liberdade de uma pessoa pra pedi dinheiro isso aí... a liberdade não ou até matá isso... e as chacinas que tão acontecendo que graças a Deus por enquanto por aqui não têm, mas nas grandes cidades

L1 [nas metrópoles né, de vez em quando a gente ouve

L11 Ouve, e bastante

L1 E menos violento, uma violência leve

L11 (93.d) acho que aqui é a esmola... pode ser?

Em resposta à pergunta do segmento (93.a), o entrevistado expõe a gradação de violência por meio dos critérios de NÚMERO DE VÍTIMAS e DANOS. Em (93.b) e (93.c), o sujeito expõe dois exemplos típicos de modelo metonímico, que são: CHACINA e o SEQUESTRO.

A CHACINA é um ato de violência considerado mais grave pelo entrevistado, pois o causa o maior DANO, atinge grande número de VÍTIMAS e não apresenta um PROPÓSITO justificável. A partir disso, pode-se estruturar, por meio do esquema ORIGEM-PERCURSO-META, o seguinte cenário de esquemas de imagens:

- f) AGENTE (SINGULAR ou COLETIVO) e, normalmente, perceptível;
- g) AÇÃO (DIRETA) perceptível (com INSTRUMENTO);
- h) PACIENTE (mais de uma pessoa);
- i) DANO (FÍSICO-CORPORAL).

O SEQUESTRO, por sua vez, é considerado mais grave em função do PROPÓSITO, conseguir dinheiro, da expansão dos DANOS (emocionais e físicos em diferentes VÍTIMAS) e da MANEIRA, “privá a liberdade de uma pessoa”, conforme segmento (93.c). Feltes (2010, no prelo) expõe que uma das violências urbanas é o sequestro. Em sua análise (por meio da semântica de *frames*), a autora explica que há um AGENTE, o sequestrador ou grupo de sequestradores, mas diversos PACIENTES durante um SEQUESTRO: um PACIENTE DIRETO, aquele que é sequestrado, sofrendo DANOS FÍSICOS e EMOCIONAIS; e um PACIENTE INDIRETO, normalmente a família, que sofre DANOS EMOCIONAIS. Todos

esses elementos contribuem para afirmar que SEQUESTRO é um ato de violência muito grave.

Em oposição à CHACINA e SEQUESTRO, o entrevistado afirma que ESMOLA é um ato de violência menos grave pois não gera DANOS FÍSICOS e o PACIENTE é indireto, sofrendo DANOS EMOCIONAIS.

ANÁLISE 94

L1 (94.a) Quais foram ã:: tu sofreu né, essa questão do assalto e as sensações que tu sentiu na hora?

L11 (94.b) raiva, impunidade, tu não poder fazer nada, meu Deus do céu tu... o cara te chamando de vagabundo, te chutando e (94.c) tu não podê fazê nada... assim ó, minha reação não ia sê de confronto com eles, eu ia pegá a minha família e saí né, dexá ele aí e pronto, não adianta se tu reagi tu... (94.d) mas não podê protege a família isso...

L1 e eles chegaram de surpresa?

L11 surpresa

L1 e não tinha nada, eles entraram na casa direto

L11

[ah eu tava ali fora e aí... ah é aqui que mora um tal de Alan? não, ah então fica quieto... com uma pistola... é um assalto... aí eu disse pro cara vai com calma que tem criança né... então eles botaram eles deitado em baixo da mesa...

L1 só tava o teu filho de pequeno aqui?

L11 só

L1 e depois assim, que reações foram geradas depois, tu teve raiva na hora

L11 eu... eu trabalhava com os adolescentes e:: (94.e) muita raiva, inclusive eu fiquei trinta dias numa clínica né... eu ia durante o dia na clínica pra... passá né... pra..

Em (94.b), observam-se dois **exemplos típicos**, de modelo metonímico, na categorização de VIOLÊNCIA: RAIVA e IMPUNIDADE. Sobre RAIVA, também presente no fragmento (94.e), pode-se verificar as análises (21), (29), (37) (46), (51), (70), (71), (75), (81), (86), (89) e (90), nas quais esse conceito já foi amplamente estudado, gerando VIOLÊNCIA É RAIVA.

IMPUNIDADE, por sua vez, não é um exemplo muito comum, mas é pertinente para o entrevistado uma vez que se consideram aspectos circunstanciais. O sujeito foi vítima de uma invasão de domicílio, acompanhada por AMEAÇA e ROUBO. Em função de os AGENTES desse ato de violência não terem sido presos, ou seja, punidos pelos seus atos, IMPUNIDADE é um exemplo possivelmente mais prototípico para esse entrevistado. Sendo assim, apresenta-se metonímia do tipo EFEITO PELA CAUSA, em que VIOLÊNCIA É IMPUNIDADE.

Em (94.c) e (94.d) encontra-se o sentimento de IMPOTÊNCIA, analisado também em outros segmentos, como em (8.g), (10.c) e (70.c). A IMPOTÊNCIA é um sentimento consecutivo de um ato de violência que reaparece, no qual a VÍTIMA de um ato de violência não apresenta reações sobre o fato.

ANÁLISE 95

L1 (95.a) o que que você considera ser um ato de violência, como é que eu posso caracterizar, ato de violência é?

L11 tudo que encobre a violência, o:: **(95.b) tráfico de drogas, o sequestro...** **(95.c) eu acho assim a desestrutura familiar hoje em dia ela tá na cara né... então... mas eu não acho culpa do governo eu acho culpa da sociedade do nosso momento...** **(95.d) porque tem gente que vai lá, casa e:: bota cinco, seis filhos lá e:: isso aí eu acho um ato de violência,** e depois larga e então dão a culpa pra sociedade, pro governo, mas... per aí...

L1 é a velha medida de controle de natalidade , às vezes parece interessante né [...]

L11 aí tu vai pros bairros, quanto tu vê... uma família com dez filhos, e não tem condições de sustentá um, aí vai colocá a culpa no governo, mas a culpa é de quem...

[...]

L1 o que que leva as pessoas, ou um grupo de pessoas a cometer atos de violência, na tua opinião?

L11 na minha opinião é que começa desde cedo eu já tinha falado... **(95.e) a disstruturação da família**

Em (95.b) apresentam-se exemplos típicos de modelos metonímicos do tipo CAUSA PELO EFEITO, em que:

VIOLÊNCIA É TRÁFICO DE DROGAS

VIOLÊNCIA É SEQUESTRO.

Nos segmentos (95.c a 95.e), VIOLÊNCIA É DESESTRUTURAÇÃO FAMILIAR, em que uma das CAUSAS da violência é tomada pela própria VIOLÊNCIA.

ANÁLISE 96

L1 (96.a) [...] como tu vê o tratamento da violência na mídia?

L11 (96.b) banalizado né, hoje em dia qualquer... tu liga um canal, nossa... é:: assalto, é robo, é morte , é marido matando mulher, é pai matando o filho... nossa... é uma banalização

No segmento (96.b), observa-se o modelo metonímico MÍDIA BANALIZA A VIOLÊNCIA (vejam-se as análises (50) e (79) para a metonímia para MÍDIA). Com a repetição exagerada de reportagens que remetem a atos de violência, “*assalto, é robo, é morte, é marido matando mulher, é pai matando o filho...*”.

ANÁLISE 97

L1 (97.a) ã:: você já cometeu um ato de violência?

L11 eu acho que não, um ato de violência... **(97.b) eu briguei num jogo de futebol...**

L1 não, mas como tu falou antes né, que uma violência é dá esmola, por exemplo,

L11 não, já, já cometi

L1 então já cometi uma violência porque dei esmola, já cometi um ato de violência porque briguei no futebol, são violências mais brandas digamos assim, mais comuns, menos agressivas

L11 é:: mas já...

L1 você seria capaz de cometer um outro tipo de violência, um outro tipo de ato de violência?

L11 olha, nunca pensei nisso... **(97.c) ah, no dia do assalto eu pensei... que se eu pegasse um eu matava**

L1 se tu tivesse a possibilidade

L11 é:: matava os três que tavam ali

No segmento (97.b), encontra-se o modelo metonímico de **exemplos típicos**, do tipo EFEITO PELA CAUSA, gerando a metonímia VIOLÊNCIA É BRIGA DE JOGO DE FUTEBOL.

Em (97.c), retoma-se a metáfora da RAIVA em que uma VÍTIMA de um ato de violência pode, dentro da METÁFORA DA CONTABILIDADE MORAL, retribuir o ato de

violência com violência. Essa perspectiva está ligada à FORÇA MORAL que compele as pessoas a manterem o equilíbrio na ARITMÉTICA MORAL, por meio de VINGANÇA.

ANÁLISE 98

L1 [...] com as suas palavras, o que você quiser falar, (98.a) definir a violência pra mim

L11 definir a violência.... a violência começa na desestruturação da família né, (98.c) eu acho que o nosso governo tá pecando nisso ainda, a sociedade peca... nisso, tem culpa nisso aí e o dia que não houver mais violência então, vai ser uma maravilha o mundo né, porque (98.b) hoje em dia a gente é refém da violência

Complementando a análise do fragmento (88.c), pode-se inferir de (98.b) a metáfora PESSOAS SÃO REFÊNS DA VIOLÊNCIA. A VIOLÊNCIA é tomada como uma ENTIDADE capaz de sequestrar as pessoas, tirando a liberdade de ir e vir. Por isso, podem ser levantados os seguintes acarretamentos:

- VIOLÊNCIA É UMA ENTIDADE
- ENTIDADE É UM SEQUESTRADOR
- O SEQUESTRADOR PRENDE PESSOAS
- O SEQUESTRADOR TIRA A LIBERDADE
- PESSOAS SÃO REFÊNS
- REFÊNS NÃO TÊM LIBERDADE
- A VIOLÊNCIA É UM SEQUESTRADOR QUE TIRA A LIBERDADE DAS PESSOAS

ENTREVISTA 10 ([A,U,63,F,SC])

ANÁLISE 99

L1: Quando você pensa em violência, o que vem em sua mente em primeiro lugar?

L12: em primeiro lugar me vem que ã:: (99.a) a liberdade do ser humano está sendo cortada e se a gente não é livre a gente não é feliz... então que a gente tem que buscá... então é um trabalho... a nível de Estado que se faz é tentá trabalhá na área preventiva né... porque tu pode trabalhá na área curativa, só que ã:: o que vem junto e o que tu consegue é muito pouco, tá mudando alguma coisa... nós trabalhamos na área preventiva e também a curativa que é:: dando atenção, é:: eu acho legal também existe a lei maria da penha existem as (...) de assistente social que trabalham com as crianças

Em complemento à análise do fragmento anterior (98.b), pode-se inferir que A VIOLÊNCIA TIRA A LIBERDADE DAS PESSOAS. Nesse caso, VIOLÊNCIA apenas superficialmente é AGENTE (como algum tipo de ENTIDADE) é metonimizada: porque as pessoas estão expostas, como VÍTIMAS POTENCIAIS, a ATOS DE VIOLÊNCIA, elas têm suas condições de vida sujeitas a restrições que lhe provêm maior SEGURANÇA. Por maior SEGURANÇA as pessoas sacrificam sua LIBERDADE.

ANÁLISE 100

L1 hoje se você pudesse comparar violência com alguma coisa, uma ideia, um conceito, pudesse completar essa frase pra mim: violência é como... tu tem alguma ideia pra compará? Até pra gente explicá pras pessoas né

L12 isso não é fácil... mas (100.a) um ato de violência é:: é como tu levá de uma pessoa o que de mais importante ela tem, a sua integridade porque tanto física como mental, porque não é só agredindo né, fisicamente que tu pratica uma violência, podem ser todas aquelas outras [...] de violência, que fazem com que a pessoa depois possa ter problemas de desenvolvimento, que ela não alcance todo o potencial né, e o importante é que a pessoa realize seu potencial... então (100.b) a violência cerceia o desenvolvimento pleno.

No segmento (100.a), comparando com a análise de VIDA em (32.b) e (32.c) nos quais VIDA É UM BEM PRECIOSO, pode-se inferir o cenário metafórico em que INTEGRIDADE É UM BEM PRECIOSO e VIOLÊNCIA É TOMAR UM BEM PRECIOSO. VIOLÊNCIA aqui se aplica ao PLANO FÍSICO COMO PSICOLÓGICO. No PLANO PSICOLÓGICO, o sujeito enfatiza o DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL HUMANO.

ANÁLISE 101

L1 e na tua comunidade, (101.a) quais são os tipos de violência mais comuns?

[...]

L12 [...] (101.b) aquela violência que vem do uso de droga, que é uma coisa que preocupa muito porque tá muito difundido, então que a gente têm acompanhado, mais o fatos que eu trabalho né uns programas que outros que os colegas trabalham [...] é que (101.c) a violência, ela brota tá muito próxima de todos... (100.b) e tá muito difundida e não olha idade e tá cada vez mais precoce... [...]

No segmento (101.b) verifica-se a presença mais uma vez das DROGAS como **exemplo típico**. O conceito DROGA já foi analisado anteriormente a partir de diversos aspectos nas análises (18), (53), (58), (61), (66), (77), (92) e (95).

Em (101.c), diferente do cenário metafórico de (100.b), VIOLÊNCIA é tomada, metaforicamente como ALGO QUE BROTA DAS PESSOAS, entendidas como um CONTAINER, ou que SAI DE DENTRO DELAS e que SE ESPALHA ENTRE AS PESSOAS.

ANÁLISE 102

L1 se tu pudesse colocá assim numa escala de mais violento e menos violento, que atos de violência seria mais violentos e que atos de violência seriam menos violentos na tua opinião?

L12 essa pergunta não tem uma resposta direta, porque (102.a) depende da vivência que a pessoa tem, tá...

(102.b) eu posso te bate bate bate e seja num momento que isso não vai significá muito pra ti e em outro momento pra outra pessoa digamos só um tapa ou só um empurrão ou coisa assim é uma coisa que marca muito então tem a vê a estrutura pessoal tem a vê a vivência da pessoa com relação ao ato, (102.c) tem que vê a relação entre a vítima e o agressor, todas essas coisa têm que ser ponderadas, (102.d) tu vê aquilo que é extremamente violento pra uns, é só uma lembrança a mais muito leve pra outros... mas o que a gente tem que procurá é fazê com que esses momentos sejam muito breves e se houve dano procurá trabalhá logo mas pra ti, olha... esse sujeito o que que ele acha mais violento? [...]

Nos segmentos do trecho acima, a entrevistada expõe que a gradação da violência depende das suas circunstâncias e das pessoas envolvidas. Em outras análises já propostas, observou-se que a categorização de VIOLÊNCIA tem grande relatividade semântica em função dos diferentes critérios que a estruturam, pois a perspectiva da gravidade de um ato de

VIOLÊNCIA depende das experiências de cada VÍTIMA: (102.a) “*depende da vivência que a pessoa tem*”. Retomando a análise do fragmento (12.b), se o PACIENTE vive em um ambiente em que a violência é comum, então, ao sofrer um ato de violência, este será considerado menos grave, porque com ele a vítima já está habituada a um comportamento violento. De modo inverso, se para a VÍTIMA a violência é algo incomum, então a violência é mais severa. A ação do AGENTE, como mais ou menos violenta, se inter-relaciona com esses fatores, ligados ao PACIENTE/VÍTIMA e seu MODO DE VIDA, conforme a entrevistada sugere nos segmentos (102.b a 102.d).

ANÁLISE 103

L1 *qual o tipo de violência mais grave que poderia ser cometido contra você ou contra a sua família?*

L12 *se é (103.a) violência física, quanto ao mal já fizeram, mataram meu irmão... eu acho pior do que isso, não existe*

L1 *[eu ia perguntá se alguém da tua família, se tu já foi vítima, então tu já respondeu*

L12 *[sim, sim... (103.b) os Sem*

Terra assassinaram meu irmão

L1 *[então foi uma disputa, ã::*

L12 *[não, os Sem Terra entraram na fazenda, meu irmão foi olhá pra vê o que que era e eles mataram meu irmão e deixaram ele jogado no chão e foi embora e tinha padre junto e tinha e ninguém socorreu, eles foram embora... né... então (103.c) é uma violência muito grande porque mexe não só com o afeto da gente mexe também com os valores que a gente tem que a gente trabalhô nisso a vida inteira, tanto eu como meu irmão*

L1 *quero perguntá como tu se sentiu em relação a isso*

L12 *ah... não tem palavras... né... então o que a gente pode fazê, é fazê o possível dentro do que a gente se propõe pra que as coisas não sejam duída... é claro que não se tem um poder pra isso né, eles continuam matando, continuam invadindo, continuam fazendo, mas (103.d) o que que a gente pode fazê, juntá os cacos e continuá vivendo*

Ao ser questionada sobre o ato de violência mais grave que poderia ser cometido contra sua família, a entrevistada afirma que o ASSASSINATO, como **exemplo típico**, já havia ocorrido (103.a). No segmento (103.b), há um processo metonímico em que o grupo “Sem Terra” é tomado metonimicamente como os AGENTES do assassinato.

Para a entrevistada, a morte via homicídio é mais grave uma vez que “mexe com o afeto e com os valores”, ou seja, a gradação da violência nesse caso está vinculada à repercussão do ASSASSINATO na vida dos familiares da VÍTIMA DIRETA. Nesse caso, adicionalmente há DANO EMOCIONAL em VÍTIMAS INDIRETAS, em consequência da morte da VÍTIMA DIRETA.

As VÍTIMAS INDIRETAS podem ter os DANOS amenizados “juntando os cacos e continuando vivendo”. Nesse caso, encontra-se a metáfora do *SELF COMO OBJETO FÍSICO*, que, ao sofrer um ato de violência é QUEBRADO, transformando-se em fragmentos, ou seja, CACOS. Esse cenário metafórico produz os seguintes acarretamentos para VIOLÊNCIA QUEBRA AS PESSOAS:

- *SELF* É UM OBJETO FRÁGIL
- UM OBJETO FRÁGIL PODE SER QUEBRADO
- UM OBJETO PODE VIRAR CACOS
- OS CACOS SÃO PARTES DO *SELF*
- VIOLÊNCIA É UMA ENTIDADE
- ENTIDADE PODE QUEBRAR OBJETOS
- O *SELF* PODE SER QUEBRADO POR UMA ENTIDADE

Por isso, para “continuar vivendo”, o *self* precisa ser reconstituído e “juntar os cacos” é amenizar os DANOS EMOCIONAIS causados pela VIOLÊNCIA.

ANÁLISE 104

L1 tu acha que os atos de violência podem ser perdoados?

L12 eu acho que sim, eles podem ser entendidos agora (104.a) a responsabilidade de quem pratica a violência não termina com o perdão do outro, cada um é responsável por aquilo que faz.

No segmento (104.a) encontra-se subentendida a METÁFORA DA CONTABILIDADE MORAL, em que o AGENTE do ato violento precisa “ser responsabilizado” seus DANOS, ou seja, a partir do domínio-fonte TRANSAÇÃO FINANCEIRA, é moral pagar as dívidas, conforme já análise (73). A entrevistada explica que há diferenças entre perdão e responsabilidade, pois o ato de perdoar um AGENTE de violência não significa que ele não tenha que colocar em equilíbrio sua CONTABILIDADE MORAL com a sociedade.

ANÁLISE 105

L1 o que que será que leva uma pessoa ou um grupo de pessoas a cometê um ato de violência?

L12 existem todas aquelas coisas de, do ser humano né [...] então (105.a) existe um instinto, o instinto tu não pode negá, o que que falta, se eu vejo aquela uva e eu tenho fome eu pego aquilo lá né, agora se eu aprendi que eu tenho uma certa regra pra respeitá, eu não posso me jogá em cima não vô tirá, então tudo tá dentro dum contexto educacional

Como uma das CAUSAS da violência, a entrevistada afirma que o ser humano possui “um instinto inegável”. Essa perspectiva do ser humano já foi analisada no segmento (84.e) em que há a metáfora do *SELF* MÚLTIPLO, fornecendo o modelo metonímico O HOMEM É UM ANIMAL, assim como ANIMAIS OBEDECEM A SEUS INSTINTOS.

ANÁLISE 106

L1 como é que tu vê o tratamento da violência pela mídia? Ela é fiel, ela é exagerada, ela é sensacionalista, ela ameniza a situação...

L12 (106.a) a violência é um prato cheio pra mídia e eles usam (106.b) eles se alimentam da violência e (106.c) acabam alimentando a violência também porque tu vê... deu uma enchente que é uma forma de violência também né, ou deu um assalto ou vão pro morro aquela coisa então, aquele herói

Em (106.a), infere-se um cenário metafórico em que VIOLÊNCIA É ALIMENTO e MÍDIA corresponde a uma metáfora ontológica de PERSONIFICAÇÃO, ao mesmo tempo em que é metonímica pois se refere aos jornalistas, pois, em (106.b), a entrevistada utiliza o pronome “eles” e não “ela” (possível anafórico para violência), subentendendo um sujeito que, embora não esteja explícito em seu discurso, pode ser inferido metonimicamente. A partir disso, podem ser levantados os seguintes acarretamentos:

- MÍDIA É UM SER ANIMADO
- UM SER ANIMADO SE ALIMENTA
- VIOLÊNCIA É COMIDA
- MÍDIA SE ALIMENTA DE VIOLÊNCIA

No mesmo campo semântico, no segmento (106.c) “*acabam alimentando a violência*”, há uma inversão da metáfora que se refere a alimento, pois, neste segmento, VIOLÊNCIA É UM SER ANIMADO, resultado de um processo metafórico do tipo ontológico por meio de PERSONIFICAÇÃO, em que os PRODUTORES DE NOTÍCIAS (sujeito elíptico no discurso) PRODUZEM ALIMENTO. Dessa forma, temos os seguintes acarretamentos:

- VIOLÊNCIA É UM SER ANIMADO
- UM SER ANIMADO SE ALIMENTA
- NOTÍCIA É ALIMENTO
- VIOLÊNCIA SE ALIMENTA DE NOTÍCIAS

ANÁLISE 107

L1 e tu cometeria algum outro ato de violência em alguma circunstância ã.: de tensão por exemplo ou... sei lá uma hipótese né no caso

L12 eu acho que ninguém tá livre, (107.a) ninguém tá livre de uma explosão, mas eu acho que a, a medida em que a gente constrói comportamentos e trabalha a nível de confiança de í pro outro lado isso é muito mais difícil de tu comete um ato de violência do que quem nunca pensô a respeito... porque (107.b) si acontece alguma coisa que eu poderia ser violenta a primeira coisa que eu faço é pensá e isso comigo mesma geralmente eu nunca bato de frente não que eu seja mole

L1 não não, não tem nada a ver uma coisa com a outra

L12 não, mas eu nunca bato de frente não acho construtivo

Subentende-se, a partir do discurso da entrevistada, que em (107.a) há o esquema metafórico da RAIVA. Dentre os estágios, já analisados em trechos acima, “*ninguém tá livre*

de uma explosão” corresponde ao ESTÁGIO IV – PERDA DE CONTROLE, em que a RAIVA É UM FLUIDO QUENTE NUM CONTAINER que, depois de aquecido, não consegue conter o fluido.

Em (107.b), a entrevistada expõe a TENTATIVA DE CONTROLE em que, diante da RAIVA, ela “pensa consigo mesma” e “não bate de frente” com a situação, ou seja, não corrobora na continuação dos atos violentos, ou seja, é, no cenário não prototípico da RAIVA, uma RESPOSTA CONTROLADA.

ANÁLISE 108

L1 então agora encerrando essa entrevista, vou te fazer a última pergunta, que é por último, pra fechá o ciclo de... o que que é violência, define violência

*L12 vou repetir de novo... (108.a) **violência é não permiti que as pessoas que estão em contato comigo tenham um desenvolvimento harmônico e uma busca de suas potencialidades**, é isso, isso que eu acho violência e isso, (108.b) **violência se repete no preconceito**, porque tu tem cabelo escuro e eu tenho cabelo claro atualmente né, eu vou achá que tu é mais feia que eu, te diminuí e evitá que tu possa junto comigo te realizá de alguma forma né, na (108.c) **ambição que as pessoas têm então passam por cima dos outros né e a violência ela se reflete no dia a dia de muitas formas**, principalmente pra quem trabalha em grupo nota né, (108.d) **é o descaso**, (108.f) **é a palavra mau dada** né, quando poderia sê uma palavra boa as vezes até não desenvolvi uma violência né... [...] não é só uma palavra polida, tem uma carga de desejo que a pessoa tenha um bom dia... e passa por muitas outras coisas né... então a (108.g) **violência vai até no não dar uma palavra**, (108.g) **até uma agressão, um tiro, um tapa, um soco né, um castigo né, uma má palavra...***

O segmento (108.a) corresponde à análise feita em (100.b) na qual VIOLÊNCIA, apresenta-se numa metáfora ontológica, do tipo PERSONIFICAÇÃO, em que a VIOLÊNCIA É UM SER QUE CERCEIA O DESENVOLVIMENTO DAS PESSOAS.

No segmento (108.c), observa-se o modelo metafórico VIOLÊNCIA É PASSAR POR CIMA DOS OUTROS, em que PASSAR POR CIMA é o domínio-fonte de uma metáfora baseada no esquema de imagem PARA CIMA-PARA BAIXO em que, para “subir” num nível hierárquico social, algumas pessoas precisam humilhar, trapacear, enganar, mentir ou desvalorizar outras, não fazendo isso de forma moralmente correta.

Nos segmentos (108.b), (108.d), (108.f) e (108), repetem-se os esquemas metonímicos do tipo EFEITO PELA CAUSA e CAUSA PELO EFEITO, em que atos de violência e CAUSAS de violência são tomados pela VIOLÊNCIA, gerando os seguintes modelos metonímicos, que produzem DANOS agrupados, nesse caso, de duas diferentes formas, como segue abaixo:

DANOS de NÍVEL EMOCIONAL (EFEITO PELA CAUSA)

VIOLÊNCIA É PRECONCEITO

VIOLÊNCIA É DESCASO

VIOLÊNCIA É PALAVRA MAU DADA

VIOLÊNCIA É A AUSÊNCIA DE CONVERSA

VIOLÊNCIA É UM CASTIGO (quando não implica FORÇA FÍSICA)

DANOS de NÍVEL FÍSICO e EMOCIONAL (CAUSA PELO EFEITO)

VIOLÊNCIA É AGRESSÃO

VIOLÊNCIA É UM TIRO

VIOLÊNCIA É UM TAPA

VIOLÊNCIA É UM SOCO

VIOLÊNCIA É UM CASTIGO (quando implica FORÇA FÍSICA)

ENTREVISTA 11 ([J,U,49,M,SC])

ANÁLISE 109

L1 J., seguinte, preciso que tu me diga quando tu pensa em violência o que que vem em primeiro lugar em sua mente

L2 eu acho que a violência em primeiro lugar é a (109.a) questão física né, é um ato contra a pessoa, é a primeira coisa é o que mais na verdade orienta nossas práticas aqui na polícia é a (109.b) agressão física, como ato de violência, nem vamos na violência além disso, que seria a (109.c) questão psicológica, os traumas que decorrem do ato propriamente da agressão né, mas essencialmente a agressão física mesmo né e que (109.d) em alguns casos vai além da agressão física vai inclusive à morte né, é a violência grave, violência na sua forma mais expressiva, que seria morte de corpo

Os fragmentos do trecho acima expõem, basicamente, a diferenciação dos atos de violência em relação ao NÍVEL da pessoa que sofreu dano, diferenciando-se, conforme outros trechos já analisados em DANO NO NÍVEL FÍSICO (109.a, 109.b e 109.d) e DANO NO NÍVEL EMOCIONAL (109.c).

ANÁLISE 110

L1 comparando violência com alguma coisa, se (110.a) tu pudesse completá essa frase pra mim: violência é como?

L2 (110.b) um ato de crueldade né, eu acho que é um... é um ato de extrema crueldade do ser humano, (110.c) acho que é onde ele potencializa a sua natureza o reflexo de maneira mais... ele externaliza digamos a sua... aquilo que tem em potência na sua natureza

Sobretudo nas análises (84) e (105), há uma relação metonímica entre SER HUMANO e ANIMAL, em que se apresenta a metáfora do *SELF* MÚLTIPLO, fornecendo o modelo metonímico O HOMEM É UM ANIMAL, assim como ANIMAIS OBEDECEM A SEUS INSTINTOS, ou seja, “à sua natureza”.

Ao comparar a VIOLÊNCIA com um “ato de extrema crueldade”, o discurso do entrevistado sugere que atos de violência acontecem entre, hipoteticamente, dois seres em que o AGENTE é um ser humano, mais forte, que implica num outro ser, a VÍTIMA, que não necessariamente é um ser humano, determinada FORÇA.

ANÁLISE 111

L1 *ã:* na sua comunidade, vamos pensar em Caxias do Sul, aliás qual é o teu bairro, onde é que tu mora?
 L2 eu moro no bairro Cinquentenário
 L1 Cinquentenário... quais são os tipos de violência mais comuns
 L2 tu diz lá no meu bairro?
 L1 [pode ser lá no Cinquentenário
 L2 ah eu acho que... tem também (111.a) **a questão da violência material** né, mas que não é o caso, acho que o conceito mesmo de violência ele tá [...] afirmando... muitas vezes são atos contidos né, (111.b) **tem a violência contra a pessoa e essa violência vai além da física é uma violência psicológica** mas também vai na questão material né, acho que muitas vezes um, se percebe que a ação do ser humano ela... ela vai muito além daquilo que é o comum né, digamos assim, alguém (111.c) **arrombá uma porta** né, mas arrombô uma porta e esse arrombamento simplesmente foi no sentido de trabalhá o cilindro da fechadura né mas isso, então ficaria numa estatística básica né, é uma ocorrência básica né, mas quando há uma, uma, um ato exacerbado né, de arrombamento, se diz ó, esse arrombamento ocorreu como violência na verdade, é a: (111.d) **a porta foi escancarada agressivamente**, então potencializô, então a primeira coisa que vem em se relacionando ao material é alguma coisa que foge do normal né, a violência se faz assim, quando a ocorrência chega por exemplo olha, esse ato, (111.e) **ele foi um ato violento então tu já imagina algo além do normal tanto pelos materiais quanto em relação às pessoas né...** (111.f) **e também num primeiro momento tu até imagina que possa ter ocorrido a morte né ó essa vítima foi atingida com violência.** [...]

Em (111.a) e (111.e), VIOLÊNCIA é caracterizada pelo entrevistado como MATERIAL, ou seja, o DANO FÍSICO DIRETO é direcionado a um bem material (casa, carro, objetos, etc.) que pertence a alguém. Porém, o OBJETO ou a COISA não sofre com o ato de violência, portanto, conceitualmente, não recebe o descritor semântico de PACIENTE-VÍTIMA, mas o de TEMA. O PACIENTE-VÍTIMA é o proprietário do bem, o qual pode sofrer DANO EMOCIONAL.

Em (111.b), o entrevistado caracteriza a diferenciação dos atos de violência em relação ao NÍVEL da pessoa que sofreu dano, diferenciando-se, conforme outros trechos já analisados em DANO NO NÍVEL FÍSICO e DANO NO NÍVEL EMOCIONAL.

A gradação de violência em (111.c) e (111.d), com relação a DANO MATERIAL variam conforme a MANEIRA em que, um “arrombamento simples”, em que a fechadura é modificada é menos grave do que “escancarar a porta”, empurrando-a com FORÇA FÍSICA ou quebrando-a.

O discurso desse trecho expõe a comunicação dos policiais em que o adjetivo “violento” tem um significado semântico específico, pois se relaciona a atos de violência com DANOS FÍSICOS e, conseqüentemente, EMOCIONAIS.

ANÁLISE 112

L2 *[é, pois é, porque ali, por incrível que pareça os bairros mais afetados não são os bairros onde sabidamente tem a criminalidade violenta né, são os bairros vizinhos*
 L2 [...] o Kayser ã:: *ele tem o bairrozinho mais humilde ali, né até eu não não qual é o nome ali né, mas digamos assim o (112.a) São Pelegrino tem uma porção perigosa que é ali na zona do cemitério e na vila do cemitério a gente sabe que tem muito criminoso ali dentro, inclusive onde que, defini o local onde que mais circula droga é lá dentro, lá dentro do cemitério, principalmente a cocaína ali, tem alguns bairros que se caracterizam por um tipo de droga né, mas ali dentro tem muito pouco crime, ali dentro né, o pessoal de certa forma meio que se protege né, mas (112.b) o bairro vizinho é o que é mais vitimado até porque, o criminoso ele tá chegando perto da base dele, então ele sabe que logo logo ele tá em segurança né então, todo aquele povo lá é vítima pela ação daqueles que moram ali dentro e claro, tem pessoas que tem ali dentro também, uma boa parcela que são pessoas de bem né, mas infelizmente tem uma boa parte também que é aquilo lá*

Em resposta à pergunta presente no trecho anterior: “na sua comunidade [...] quais são os tipos de violência mais comuns?”, o entrevistado toma metonimicamente, no segmento (111.a), o nome de um bairro de Caxias do Sul, no caso São Pelegrino, pelos AGENTES de violência que atuam nesse lugar, tornando-o, em alguns pontos, mais “perigoso”. Da mesma maneira, em (112.b), a metonímia do tipo TODO PELA PARTE (LOCAL PELOS MORADORES) caracteriza BAIRRO VITIMADO tomado em lugar de PESSOAS DO BAIRRO QUE SÃO VÍTIMAS.

ANÁLISE 113

L1 J., *numa escala de mais violento e menos violento assim, se tu pudesse dar um exemplo de cada, o que que pra ti seria um ato de violência mais violento e um menos violento?*
 L2 (113.a) acho que o menos violento seria um tapa né que provocaria ali uma, uma vermelhidão né, um pequeno vergão na pessoa, na vítima né, (113.b) e um ato de violência acho que até quando tu expõe, de extrema violência acho quando tu expõe alguma parte interna da pessoa, uma agressão muito forte como uma paulada por exemplo né, uma paulada, uma facada, até um tiro né dependendo da região né... eu te falo muito isso porque é o nosso dia a dia né

Por meio de **exemplos típicos**, o entrevistado, nos segmentos acima, caracteriza a gradação de VIOLÊNCIA por meio do DANO FÍSICO causado na VÍTIMA. Nesse caso, TAPA é menos violento do que uma “agressão muito forte”, tais como PAULADA, FACADA e TIRO, pois esses atos de violência causam DANOS mais graves às vítimas assim como podem gerar mais sequelas em NÍVEL FÍSICO.

ANÁLISE 114

L1 *qual o tipo de violência mais grave, que poderia ser cometido contra você ou contra a sua família?*
 L2 *eu acho que um (114.a) sequestro né, um sequestro com aquela intimidação permanente de morte né, e eventualmente até (114.b) uma agressão física violenta né, bem potencializada né, acho que isso seria gravíssimo*

Assim como na análise do fragmento (93.c), o entrevistado em (114.a) refere-se ao SEQUESTRO como um dos atos de violência mais graves que poderia ser cometido contra ele ou sua família. Dentre os elementos que compõem o SEQUESTRO, a AMEAÇA, ou seja,

os DANOS EMOCIONAIS causados nos familiares é o que torna esse ato de violência mais grave. Além disso, exemplifica a AGRESSÃO FÍSICA, como um **exemplo típico** também já analisado em outros segmentos, como um ato muito violento. Nesse caso, o que o torna mais grave relativiza-se por meio do DANO FÍSICO, que, como afirma o entrevistado, pode ser “bem potencializado” (114.b).

ANÁLISE 115

L1 você ou alguém próximo a você já foi vítima de um ato de violência?

*L2 não, não nesses conceitos que eu tenho de violência né, **(115.a) eventualmente a gente sofre violência psicológica né e internamente, no regime militar isso é muito típico**, é muito típico porque ã:: tu não consegue se desenvolvê integralmente, porque tu tem uma hierarquia bem estabelecida então desde o início eles são regulados né, tu muitas vez tu não consegue i além daquilo que tu tem capacidade pra fazê, então aí acho que nesse sentido tu sofre uma violência psicológica*

Ao ser questionado se já foi VÍTIMA de violência, o entrevistado afirma que, em decorrência de sua profissão, no segmento (115.a), já sofreu e sofre violência no NÍVEL EMOCIONAL, em função da hierarquia presente no regime militar, assim como no desenvolvimento das capacidades envolvidas na profissão de policial militar.

ANÁLISE 116

L1 o que que você considera, como é que tu caracterizaria um ato de violência

*L2 bom eu acho mais ou menos que eu até respondi isso aí um pouquinho na questão primeira ali né, eu acho que, eu caracterizo **(116.a) a violência mais centrado no ser humano né, me parece que quando alguém é machucado né, fisicamente ele sofreu um ato de violência e aí podemos graduá esse ato né de uma pequena violência até uma extrema violência e até a morte se for o caso***

O segmento (116.a) reitera a análise feita em (112), em que a gradação de VIOLÊNCIA depende da gravidade do DANO FÍSICO causado na VÍTIMA (ser humano).

ANÁLISE 117

L1 atos de violência podem ser perdoados?

L2 eu acho que se for pela natureza não, eu acho que o ser humano não tem capacidade de perdoar

L1 não tem

*L2 eu acho que ele não tem da natureza ou dele ele não tem porque o ser humano por si só ele é egoísta né ele é egoísta acho que o egoísmo é que prevalece nas ações dele, acho que ele não perdoaria né **(117.a) o ato de violência, ele até remoeria muito isso**. Eu acho que tem **(117.b) a moral e a ética religiosa né, essa forçaria um pouco o perdão**, mas daí é uma coisa construída pós-natureza né não é uma coisa da natureza, isso são aqueles receios, aqueles medos todos que a gente tem do além do pós-vida e eu acho que por aí a gente encontraria um caminho pra perdoá, mas daí seria uma coisa um pouco construída não seria natural acho*

Tal como a análise proposta no trecho (83), o entrevistado afirma no trecho acima que o ser humano é dividido em *selves*, por meio da metáfora do SELF MÚLTIPLO, em que há um *self* mais humano e outro mais animal ou instintivo. Nesse caso, o SELF INSTINTIVO, que ele chama, parafraseando, de “natural”, não possibilita que as pessoas perdoem um ato de violência, quando seriam até capazes de “remoer” isso.

O que é relevante nesses trechos refere-se à perspectiva do perdão a partir da METÁFORA DA CONTABILIDADE MORAL, em que PERDOAR É QUITAR. Nesse caso, o perdão provém de um modelo cognitivo cultural ligado à ética cristã que, quando aprendido, possibilita as pessoas perdoarem os AGENTES de atos de violência.

ANÁLISE 118

L1 pra você o que que leva um pessoa ou um grupo a cometer um ato de violência?

L2 (118.a) eu acho que é a falta de limites, a falta de limites que não foi estabelecida des do, des do princípio aí, não houve alguém que regulasse né, os comportamentos e ela se acha no direito de praticá violência né, alguém não limitô, acho que todos nós temos em potência (118.b) um pouco da questão da sobrevivência né, da postergação da espécie enfim né, então muitas vezes isso é tão forte no ser humano que pra ti podê garanti que isso aconteça tu acaba violentando alguém né, digamos assim lá no desespero de se salvá e aí tu mata alguém pra isso né, porque o teu (118.c) instinto de preservação ele vem à tona fortíssimo né e tu acaba praticando um ato de violência então todos nós temos isso dentro da gente mesmos mas eu acho que aí isso é estabelecido em todos ao longo da vida limites e alguns não tem esses limites não foram estabelecidos ao longo da vida e eles acabam praticando violência

Reiterando o comportamento do *SELF* instintivo analisado no trecho anterior, pode-se observar nos segmentos (118.b) e (118.c) que as ações provenientes dessa parte dos sujeitos é uma das CAUSAS da violência. Além disso, o segmento (118.a) refere as CAUSAS da violência à falta da aprendizagem dos limites, em que as pessoas, não sabendo quais são ou ultrapassando esses limites, cometem atos de violência, o que remete à metáfora analisada no trecho (8): DESRESPEITAR LIMITES É VIOLÊNCIA.

ANÁLISE 119

L1 eu ia te perguntá mais tarde se tu seria capaz de cometê um ato de violência

L2 eu até acho que seria capaz

L1 em circunstância que...

L2 [é:: eu até seria capaz, por exemplo né, enganando com aquela pergunta da família o que que eu sentiria, eu acho que seria... se eu tivesse ali no local presenciando digo não não ficaria isso guardado comigo e que depois eu me vingaria, mas (119.a) se eu tivesse no local em que eu fosse vítima ou que alguém muito próximo de mim fosse vítima, eu acho que eu espontaneamente reagiria e até na reação eu praticaria um ato de violência, (119.b) eu acho que eu não guardaria isso comigo pra fazer depois, mas no momento eu acho que eu faria

L1 bem ligado ao teu instinto então

L2 instinto, eu acho que é da própria natureza mesmo, não de vingança, alguma reação mesmo pra preservação né

No segmento (119.a), retoma-se a ideia de uso de violência como defesa, presente nas análises (65) e (90), em que o *SELF* instintivo reage a um ato de violência, caracterizando metonimicamente VIOLÊNCIA É UM RECURSO PARA SOBREVIVÊNCIA.

A partir do segmento (119.b), pode-se observar a presença do cenário prototípico de RAIVA, já analisado em diversos segmentos, em que haveria todos os estágios, desde o EFEITO OSTENSIVO até o ATO DE RETRIBUIÇÃO. Ressalta-se que o entrevistado diferencia ATO DE RETRIBUIÇÃO de VINGANÇA, em que VINGANÇA é um ato de

violência planejado e direcionado especificamente contra alguém, mediado pelo *SELF* racional, e não pelo *SELF* instintivo a que ele se refere.

ANÁLISE 120

L1 para aquele que sofre um ato de violência, quais são os efeitos que essas pessoas sofrem?

*L2 eu acho que a maioria das pessoas fica traumatizada, (120.a) **elas ficam traumatizadas e inclusive elas reproduzem depois a violência em função da violência que sofreram...** tem casos sérios que a gente acompanha e até internamente, dentro da corporação tem policiais que sofreram essa violência de reproduzir e ter aquilo presentemente no seu dia a dia, aquela violência sofrida, vai muito das pessoas porque é difícil esquecer né um ato de violência, é difícil esquecer*

No trecho acima, assim como a análise (76), tem-se no segmento (120.a) o modelo metonímico VIOLÊNCIA GERA VIOLÊNCIA, num ato contínuo de equilíbrio da CONTABILIDADE MORAL, em que se podem inferir aspectos do esquema de **equidade** que, embora gerem equilíbrio nos livros contábeis da moralidade, podem também gerar desacordos morais, a partir dos seguintes acarretamentos:

- VÍTIMAS SOFREM VIOLÊNCIA
- VÍTIMAS FICAM TRAUMATIZADAS
- VÍTIMAS TRAUMATIZADAS PODEM SE TORNAR VIOLENTAS.

ANÁLISE 121

L1 como é que os atos de violência podem ser punidos?

*L2 (121.a) eu acho que tem que ser com rigorismo né, acho que quem pratica um ato de violência tem que pagar por isso, mas não com violência. Eu acho que tem que ser oportunizado pra esse cidadão né, esse ser humano, um período de reflexão e aí eu acho que tem que ser um encarceramento né, porque quem pratica um ato de violência né, ele não praticou pela primeira vez né, ele não praticou necessariamente quando ele era pequeno, quando era criança ainda, (121.b) **ele foi fazendo isso gradativamente, foi criando aquele modelo de violência né na vida dele. Então eu acho que faltou ali os limites né**, alguém que cuidasse daquele ser humano ali que (121.c) **fosse mostrando as regras do jogo né, ó pra vivê em sociedade a gente tem que se comportar assim assim**, então se num determinado momento da vida isso não é mais possível porque se perderam as fases né eu acho que esse cidadão tem que ser retirado do convívio e ele tem que ir num processo reflexivo né, em relação àquele comportamento. (121.d) **Óbvio que se nós formos vê o modelo atual ele não ele realmente não regenera ninguém né, ele vai pelo contrário se especializar naquilo que ele já tava fazendo né**, mas acho que tem modelos diferentes [...]*

Com relação à punição dos AGENTES dos atos de violência, o segmento (121.a) retoma a perspectiva analisada nos trechos (73) e (104) em que, por meio da METÁFORA DA CONTABILIDADE MORAL, o AGENTE do ato violento precisa “pagar” seus DANOS, ou seja, a partir do domínio-fonte TRANSAÇÃO FINANCEIRA, é moral pagar as dívidas. Essa punição, ressalta o entrevistado, deve ser rigorosa, porém não deve ser violenta, uma vez que reproduziria o comportamento do apenado e tendo em vista o modelo metonímico já analisado VIOLÊNCIA GERA VIOLÊNCIA.

No fragmento (121.b), por sua vez, reincide-se a questão do ensinamento dos limites às pessoas, analisado em (118), em que se faz necessário, por meio do *SELF* racional, que

DESRESPEITAR LIMITES É VIOLÊNCIA (modelo metafórico). Para isso, o SISTEMA EDUCATIVO é tomado metonimicamente como JOGO, no segmento (121.c), uma vez que ambos apresentam regras de comportamento, de ação, de movimento, etc. Assim, podem-se inferir os seguintes acarretamentos:

- EDUCAÇÃO É UM JOGO
- JOGO POSSUI REGRAS
- EDUCAÇÃO APRESENTA AS REGRAS
- REGRAS SÃO LIMITES
- OS LIMITES DEVEM SER RESPEITADOS

A partir disso, no segmento (121.d), retoma-se a metáfora PRESÍDIO É UMA ESCOLA, em que os PRESOS SÃO ALUNOS, capazes de se especializarem em diferentes CRIMES, pois:

- ALUNOS APRENDEM CONTEÚDOS
- PRESOS APRENDEM CRIMES
- A FORMAÇÃO ESCOLAR POSSUI NÍVEIS
- OS CRIMES SÃO DIFERENCIADOS EM NÍVEIS
- OS PRESOS EM GRUPO APRENDEM CRIMES DE DIFERENTES NÍVEIS

ANÁLISE 122

L1 pra terminá J., e repetindo até de certa forma, pra ti assim, com as tuas palavras de modo simples defina violência

L2 (122.a) violência é uma machucadura física e psicológica no ser humano

O segmento (122.a) apresenta o modelo metonímico, do tipo EFEITO PELA CAUSA, em que VIOLÊNCIA É MACHUCAR, diferenciando-se, conforme outros trechos já analisados, em DANO NO NÍVEL FÍSICO e DANO NO NÍVEL EMOCIONAL.

ENTREVISTA 2 ([J,RU,50,F,SC])

ANÁLISE 123

L1[...] quando você pensa em violência, o que vem a sua mente em primeiro lugar?

L3 Várias formas, mas a primeira delas é a (123.a) injustiça social. A injustiça, ela me causa uma violência interna. Eu vejo pessoas passando necessidade ou maltratadas ou enfim, ninguém que fale por elas. Essa é a primeira noção de violência que me vem à mente. (123.b) Depois a violência propriamente dita, que ainda é fruto DESSa violência...

Tal como análise (64), os segmentos acima apresentam a definição de VIOLÊNCIA por meio de um modelo metonímico, do tipo CAUSA PELO EFEITO, em que INJUSTIÇA SOCIAL é uma CAUSAS da violência, gerando a metonímia VIOLÊNCIA É INJUSTIÇA SOCIAL.

No fragmento (123.a), observa-se que INJUSTIÇA SOCIAL causa uma “*violência interna*”, ou seja, para aqueles que veem outras pessoas “*passando necessidades*” ou sendo “*maltratadas*”, há um DANO DIRETO do NÍVEL EMOCIONAL.

ANÁLISE 124

L1 Uhum... Pensando assim numa comparação... (124.a) Violência é como UM, ou é como uma?

L3 Bem popuLAR? (124.b) Soco no estômago... (risos) é uma coisa MUItto forte. E eu acho que a violência a gente precisa estudar muito. Então como ser humano a gente tem que avançar muito pra falar sobre ela...

porque a violência ela tem... ela tá implícita em tantas coisas mínimas que a gente precisa estudar muito sobre

isso pra se dar conta do quão (124.c) a gente também ã:: sentindo a violência... do quão a gente com... é

violento sem se dar conta. Então, eu acho que a violência tá implícita em detalhes muito pequenos. A gente precisa... se o HOMem ainda precisa se estudar, se analisar MUItto pra fazer uma definição concreta do que é a violência.

No segmento (124.b), a expressão “soco no estômago” é um **exemplo típico** de AGRESSÃO FÍSICA.

Seguindo o discurso da entrevistada, infere-se que as expressões “sentir a violência”, “ser violento sem se dar conta” e “violência implícita”, presentes no segmentos (124.c), são manifestações da violência como INJUSTIÇA SOCIAL, que não se manifesta por meio de ações do nível FÍSICO, mas no nível EMOCIONAL e, por isso, sujeitas à percepção dos indivíduos envolvidos.

ANÁLISE 125

L1 ã:: (125.a) Na sua comunidade, quais os tipos ã:: de violência mais comuns.

L3 Bem... eu tenho uma vida ã:: urbana, mas o meu grupo social de:: de convívio maior eu... é... meus pais vivem no interior, na colônia e é lá que eu... que eu passo, digamos assim, a minha vida, afora minha atividade profissional é naquele meio que eu tenho a minha vida social. Então... enfim... (125.b) eu acho que tem vários tipos de violência lá... a própria discriminação que a pessoa ainda sofre ao ser taxado de colono.

Como indivíduo *rurbano*, a entrevistada preocupa-se com o contato social entre os que vivem no meio urbano com relação aos que vivem na zona rural, chamados de “colonos”. Em função das diferenças culturais, a entrevistada afirma, por meio de um **exemplo saliente**, no segmento (125.b), que VIOLÊNCIA É DISCRIMINAÇÃO SOCIAL.

ANÁLISE 126

L1 *Á:: em uma escala de mais violento e menos violento, eu gostaria que citasse assim um exemplo de algo que, pra ti, fosse algo bastante violento e algo que fosse um pouquinho menos violento.*

L3 *De muito violento e menos violento?*

L1 *[É algo que fosse muito...]*

L3 *[Eu vou falar de algo que me atingiu diretamente que foi (126.a) um assalto e:: então eu vou falar de uma experiência... meu marido é educador social. Ele trabalha com crianças, adolescentes, enfim ã:: de rua, ou em situação de risco e:: o assalto foi uma coisa muito violenta. Porque nós, analisando depois que o assalto aconteceu, cada uma daquelas pessoas pode ter sido uma pessoa que ele atendeu no trabalho dele ou quem sabe algum aluno que nessa escola a gente não atendeu porque ele não tinha recursos, porque eu trabalho numa escola particular, ou sabe-se lá eu... Então essa seria a primeira violência que eu vejo.*

L1 *Uhum...*

L3 *A segunda (126.b) violência é aquele que me ofende todos os dias, que é a injustiça... né*

L1 *[Uhum...]*

L3 *E eu vou te dar a terceira violência então que eu vejo assim numa esCaLa que:: de repente se eu não estivesse aqui, se eu estivesse em outro lugar, aquela fosse a primeira... que é (126.c) a falta de valorização do produto do povo da colônia. Né... essa é acho que é a violência... se eu [] não estivesse na cidade hoje, se eu estivesse na colônia, talvez essa fosse a primeira.*

Nos fragmentos acima, a entrevistada sugere a gradação de VIOLÊNCIA por meio de três **exemplos salientes**. Para ela, mais violento caracteriza-se por ASSALTO. A questão da *proximidade* é, para ela, pertinente para essa classificação uma vez que foi VÍTIMA, juntamente com o esposo e filho, desse tipo de ato de violência. Por isso, em seu discurso, o papel semântico que mais influenciou essa classificação depende de quem eram os AGENTES que, hipoteticamente, poderiam ter tido contato com um integrante da família (no caso, o esposo) antes do assalto.

Em (126.b), expõe-se como um ato de violência a INJUSTIÇA SOCIAL, presente nas análises (123) e (124), em que há uma agressão (ofensa) em nível EMOCIONAL. Em consequência disso, o fragmento (126.c) apresenta outro modelo metonímico FALTA DE VALORIZAÇÃO, em que a entrevistada expõe sua preocupação com o PRECONCEITO dos indivíduos da comunidade urbana com os indivíduos da comunidade rural, já presente em (125.b).

ANÁLISE 127

L1 *Qual o tipo de violência mais grave... acho que pra ti... poderia ser cometido contra você ou contra a sua família. Seria o assalto ainda?*

L3 *[Foi... foi é... foi porque ele, a gente teve que ter toda uma mudança de hábitos na nossa vida, né? Nós estávamos (127.a) na casa dos meus pais na colônia que jamais teve um portão, uma grade e hoje é tudo isso... então a impressão que se dá é que a gente passou a viVER num lugar onde tudo é livre, né? Em que... um lugar maraviLHOso, de uma natureza, de uma paisagem belíssima... (127.b) e a gente vive meio que encarcerado ali naquele espaço que é uma coisa que ainda eu sinto que causa... meu pai, só pra citar um exemplo, ele tem o hábito de toda noite sentar numa área que tem na frente da nossa casa e ficar observando as estrelas... ficar observando o céu... e ele fica horas. Ele assiste seu jornal na TV, lê o seu jornal, porque ele gosta de lê e depois [...] até a hora de deitar. E hoje, ele tem que fazer isso, através de uma grade.*

L1 *[Uhum...]*

L3 *(127.c) Além de ter limitado o espaço dele, ele faz isso através de uma grade e isso... quando eu estou nos finais de semana que eu percebo ele fazendo isso à noite me fere muito.*

L1 Então é:: eu queria te perguntar que sensação que tu tens agora com essa mudança de perspectiva, do olhar né... em que:: a:: há uma certa... que nem tu disseste, um encarceramento né... da tua vida. Qual é a sensação, qual é a primeira coisa que tu sente, assim?

*L3 (127.d) **Eu acho que foi me tirado um pouco daquilo que eu acreditava ter de liberdade ((perde a voz))***

L1 Uhum...

*L3 Desculpe... eu... (127.d) **eu sinto que aquela liberdade que eu tinha, ali, não aqui nessa vida urbana, mas lá ela foi cerceada também. Acho que aos poucos a gente vai perdendo algumas liberdades, assim...***

Nos segmentos acima, apresenta-se um modelo metonímico para SEGURANÇA, assim como já analisado em (60.c) e (88.c), em que: SE AS PESSOAS SE SENTEM SEGURAS EM SUAS CASAS, ELAS NÃO PRECISAM TER GRADES EM SUAS CASAS. Ao afirmar que, na zona rural, nunca houve necessidade de instalar-se “portão” e “grade”, a entrevistada afirma que houve um tempo em que “na colônia” existia SEGURANÇA. Porém, depois de sofrer atos de violência, instaura-se uma necessidade de proteção de atos violentos, tomada por meio do “encarceramento” das pessoas em suas próprias casas (127.b). Dessa forma, retoma-se a metonímia APRISIONAMENTO É PUNIÇÃO, em que, inferencialmente, supõe-se que a PRISÃO em que as VÍTIMAS POTENCIAIS estão seja a RESTRIÇÃO À LIBERDADE (127.d e 127.e) por meio de recursos de SEGURANÇA: vigiar-se constantemente, encerrar-se em suas casas, equipar a casa com alarmes, trancas, grades, etc., elementos igualmente constitutivos de uma PRISÃO. Essa PUNIÇÃO “fere” a entrevistada (127.c), pois ela se torna VÍTIMA contínua de DANOS EMOCIONAIS, seja pelo encarceramento, seja pelo MEDO de se tornar VÍTIMA de um ato de violência mais uma vez.

ANÁLISE 128

L1 Então ã:: voltando à ideia inicial de conceitualização né... O que você considera ser um ato de violência...

*L3 Eu acho que todos esses que eu te falei são atos de violência. Co... começa lá pelo (128.a) **princípio na tua forma de discriminá o atendimento, isso é um exemplo, claro...no atendimento às pessoas, ã:: (128.b) o asSAto o:: (128.c) o discrimiNÁ o que trabalha no campo como ridículo e tal, por falar em todas as coisas que não são tão boas ou interessantes, que são coisas de coLONO, enfim... acho que todos esses são atos de violência.***

Os segmentos acima apresentam a mesma análise do trecho (126).

ANÁLISE 129

L1 Uhum... Uhum ... Ah::... acho que pra responder a tua pergunta... eu tava pensando de novo... mas vamos ver se fecha com a tua ideia. Na sua opinião, o que leva uma pessoa ou grupo a cometer um ato de violência... É cíclico né?

*L3 [É... é cíclico... eu acho que:: a gente falou sobre várias questões aqui. Seria repeti-las... Eu acho que... De onde é que começa tudo isso, né? Eu acho que o meio em que a gente vive... ã:: as coisas a... (129.a) **as faltas de POSSIBILIDADES que muitos têm, e o excesso de possibilidades ((bate na mesa duas vezes)) que outros têm...***

Assim como em outros segmentos analisados, em (129.a), observa-se que VIOLÊNCIA metonimizada por uma de suas causas. O modelo metonímico que se infere é,

portanto, do tipo CAUSA PELO EFEITO, em que, assim como VIOLÊNCIA É INJUSTIÇA SOCIAL, VIOLÊNCIA É FALTA DE OPORTUNIDADES. Ou seja, com oportunidades, o homem tem meios para manter sua FORÇA MORAL, o que dá condições para combater o mal. Dessa forma, SER BOM É ESTAR EQUILIBRADO, ao mesmo tempo que SER MAL É ESTAR DESEQUILIBRADO, em que ALGUÉM QUE É MORALMENTE FRACO NÃO ENFRENTA O MAL E PODE COMETER MALDADES. Nesse sentido, OPORTUNIDADES FORNECEM EQUILÍBRIO assim como FALTA DE OPORTUNIDADES POSSIBILITAM O DESEQUILÍBRIO.

ANÁLISE 130

L1 Tu acha que o governo e a sociedade têm agido de forma a conter a violência? Coerente? ã:: correta? Tem feito alguma coisa pra isso?

*L3 [Formá novos... é... formá novos policiais... mas esse é um tipo de violência. AGora vamos partir pro outro lado... o que que a gente vai fazer contra o:: o traficante, né? (130.a) **Que que a gente vai fazer se ele sustenta boa PARte da sociedade por debaixo dos panos? E através dele também vem a vioLÊNcia!** (130.b) **O que que a gente vai fazer com as faMÍlias que estão desestrutuRADas e são as miLHAres e não conseguem dá um:: ã:: um suPORte para os seus e eles acabam se tornando vioLENTos ou invariavelmente depois de abrigados se alguém...** (130.c) **ninguém os ampara, eles vão se torná e vão partir pro mundo da violência...** [...]E:: outra pergunta, quantos desses milhares têm o CRÉdito da sociedade? Né... então... eu não, não, não sei, não vou... não culpo... nem... (130.d) **eu acho que a sociedade está doente, ponto! Eu acredito que a sociedade esteja doente... e essa é uma violência!***

No segmento (130.a), pode-se observar os questionamentos da entrevistada sobre a questão da violência e o tráfico de drogas. A partir disso, a entrevistada toma TRAFICANTE como um **exemplo saliente** para mostrar que, se não existem recursos legais ou governamentais para as famílias manterem-se, ou seja, se elas estão “desestruturadas” economicamente, muitas vezes têm no TRAFICANTE alguém que dá “suporte”, mesmo que, para isso, tenham um preço a pagarem, tornando-se possivelmente AGENTES de violência (129.b). Da mesma forma, pessoas que não encontram amparo em lugar algum (129.c) buscam na VIOLÊNCIA solução de seus problemas. Essa relação sugere que a DESESTRUTURA FAMILIAR É VIOLÊNCIA, modelo metonímico, em que uma das CAUSAS da violência é tomada no lugar dela.

Ao afirmar em (130.d) “*eu acho que a sociedade está doente, ponto! Eu acredito que a sociedade esteja doente... e essa é uma violência!*”, a entrevistada expõe, por meio do modelo metafórico SOCIEDADE ESTÁ DOENTE, que a sociedade não é saudável, ou seja, não contribui para o bem-estar de todos. Uma análise mais aprofundada fica aqui prejudicada uma vez que a entrevistadora não fez uma pergunta de verificação para esclarecer essa “doença da sociedade”, o que prejudica e afeta outras possíveis inferências.

ANÁLISE 131

L1 Já que tu disseste que não dá pra coibir, (131.a) como é que esses atos de violência podem ser punidos? [...]

L3 (131.b) Se a gente empilha todo mundo... não dá um trabalho, não dá uma orientação, não dá uma instrução, não faz nada? (131.c) Empilhar por empilhar não adianta nada... o que eles vão ficar mais violentos [...] piores ainda. Eu acho que tem sim... a gente precisa é uma grande conscientização da sociedade, da sociedade como um todo, da sua estrutura e de educação. Não acredito muito em outras coisas...

Os segmentos (131.c) e (131.d) expõem a questão do aspecto físico dos presídios brasileiros por meio de uma metáfora PRESÍDIOS EMPILHAM PESSOAS. Nesse modelo, o verbo “empilhar”, domínio-fonte, está por “agrupar grande quantidade”, domínio-alvo. Além disso, o domínio conceitual de “empilhar” liga-se a coisas, objetos, papéis e, ao se referir a seres humanos, denota a ausência de condições físicas das celas, a superlotação e o processo não-construtivo, “*Empilhar por empilhar não adianta nada...*” do ato punitivo.

ANÁLISE 132

L1 Quase encerrando... outra questão é:: (132.a) como é que tu vê o tratamento da violência pela mídia? É rádio, TV, jornal, revistas... É com exagero, é com sensacionalismo, acessibilidade aos fatos... como é que a mídia, na tua opinião, se comporta?

L3 Bem... é.. vamos partir de um... de uma... de um ponto. Acho que não podemos nos acostumar com isso. A gente não pode! Se a gente se acostumar com isso, a gente deixou de acreditar faz tempo né... é isso aí e deu. Eu acho que a gente não pode se acostumar com isso... MAS, mas... eu acredito que a gente:: é, exagera... exagera no TEMPO que tem em cima disso. (132.b) O jornal, se espremer, é capaz de sair sangue, né? Do mesmo jeito que uma revista, um telejornal, uma coisa... o, o:: tempo que se dá em cima de fatos de fatos de violência é muito maior do que ou de qualquer outro assunto. Então eu acho que se valoriza muito a violência... se ganha dinheiro... deve ser um mercado bem interessante.

No segmento (132.b), observa-se **modelo metafórico baseado em uma metonímia**, já analisado em (79.a) e (50.a), em que JORNAL é **metaforicamente** tomado como um OBJETO-PANO, que está encharcado de sangue. Adapta-se, nesse segmento, a metáfora OBJETO-ESPONJA, que ao ser “espremida”, dele ESCORRE SANGUE. Segue-se, a partir dessa metáfora, o esquema metafórico adaptado, em que JORNAL é tomado como OBJETO-ESPONJA:

- JORNAL É OBJETO-ESPONJA
- NOTÍCIAS SÃO LÍQUIDO ABSORVIDO PELA ESPONJA
- NOTÍCIAS SÃO SOBRE ATOS DE VIOLÊNCIA
- ATOS DE VIOLÊNCIA CAUSAM DANOS FÍSICOS
- DANOS FÍSICOS FAZEM AS PESSOAS SANGRAREM
- A ESPONJA ABSORVE SANGUE
- A ESPONJA PODE SER ESPREMIDA
- O SANGUE ESCORRE DA ESPONJA

ANÁLISE 133

L1 [...] como é que tu definiria violência pra alguém, pra mim, no caso né... explicando... violência é?

L3 (133.a) Violência é TOda atitude que fere o outro ser humano, que fere o ser humano nos mais diversos aspectos... no seu aspecto emocional, intelectual, físico, social. Violência:: pra mim, é ferir o outro... a outra pessoa.

Como já levantado diversas vezes, a pessoa pode ser dividida, basicamente, em três NÍVEIS: FÍSICO-MATERIAL, PSÍQUICO-EMOCIONAL e ESPIRITUAL-RELIGIOSO. No segmento acima, a entrevistada expõe que a violência causa “ferimento”, em que o verbo “ferir” é tomado metonimicamente como DANO, nesses níveis além de outras duas dimensões INTELECTUAL e SOCIAL. É possível afirmar que, num refinamento de análise, esses dois níveis possam ser elencados como composicionais do ser humano. Neste trabalho, porém, limitamo-nos a analisar tendo em vista os níveis já expostos.

A partir deste ponto, as análises passam a enfatizar apenas estruturas conceituais que não tenham emergido dos fragmentos discursivos analisados anteriormente. Nas análises de 134-153, relativas às entrevistas 14 a 20, não se tratam exaustivamente de estruturas conceituais já descritas e comentadas nos segmentos discursivos anteriores. Essas estruturas são aquelas, tais como: a influência da mídia sobre a violência; a não aplicação da lei na garantia dos direitos dos cidadãos; a menção a exemplos típicos ou salientes, como roubos, furtos, assaltos, assassinados; a questão da violência como um ato instintivo do ser humano ou fruto do meio; emoções associadas, como ódio, raiva, revolta, frustração, etc. Além disso, tendo em vista que as entrevistas relativas a indivíduos da zona urbana e a primeira entrevista da zona rural apresentaram suficientes análises para demonstrar a aplicação da TMCI e seus desdobramentos teóricos, em relação ao problema e às hipóteses desta dissertação, nas próximas análises destacam-se apenas os fragmentos que fornecem dados novos para o entendimento do modo de estruturação da categoria VIOLÊNCIA por sujeitos rurbanos e rurais. Em função disso, algumas entrevistas da zona rural não tiveram trechos analisados.

ENTREVISTA 14 ([R,RU,46, M,FI])**ANÁLISE 134**

L1 ã:: quando você pensa em violência...o que vem em na sua mente em primeiro lugar? Se a gente fala vamo fala em violência agora

L17 primeiro lugar (134.a) o risco que a gente core... no dia a dia

L1 [uhum...uhum

L17 né... (134.b) tu sai de casa e não sabe se ao mesmo tempo tu volta

L1 sim...é:: é

L17 [que:: em primeiro momento a gente se preocupa...ã:: (134.c) até quando saio de noite aqui já fico preocupado...então muitas coisas...em casa até no meio rural aí a gente se preocupa...[...]

Conforme a análise (14) e (47) modelo metonímico em que um dos possíveis sentimentos gerados pela violência, nesse caso INSEGURANÇA, é tomado para caracterizá-la, fornecendo a seguinte metonímia: VIOLÊNCIA É INSEGURANÇA.

ANÁLISE 135

*L1 aham...uhum...e:: se a gente pudesse compara a violência e disser assim violência é como... (135.a) **teria como completar essa frase violência é como?***

L17 olha pra mim violência é uma das piores coisas que que existe pra mim porque hoje a gente se preocupa com muita coisa... ã:: com doença claro que tem que se preocupar com tudo né

L1

[uhum

*L17 (135.b) **mas hoje a violência é uma das coisas que mais tá matando [...]***

Em (135.b), o sujeito refere-se à violência como um ORGANISMO que mata muitas pessoas. Nesse caso, assim como já analisado no trecho (10), a quantidade de VÍTIMAS envolvidas é que determina o grau da violência.

ANÁLISE 136

*L1 (136.a) **o que você considera ser um ato de violência?***

[...]

L17 pra mim é:: que existe vários tipos de violência

L1 uhum

L17 pra mim... posso citá alguns?

L1 claro

*L17 por exemplo...a partir que:: (136.b) **num assalto...as drogas...o trânsito por quando uma pessoa dirige e põe em perigo outras pessoas que tão dentro do carro...é um ato de violência a questão do estupro a questão da:: até dum próprio roubo...em que é feito hoje também...um ato de violência ã:: que ta acontecendo na:: ã:: na questão:: roubos de dinheiro, desvios, sonegação***

L1

[uhum

L17 que na...isso aí também non deixa de se uma violência porque quanto dinheiro é sonogado e quanto dinheiro é deixado de investi numa saúde pública... que todo mundo podia te direito a uma saúde pública, então tem gente esperando na fila quase morendo pra fazê uma cirurgia enquanto muitos robam esse dinheiro então

L1

[uhum

L17 isso aí também pra mim é uma violência

L1 uhum... com certeza... com certeza...a::

*L17 uma violência é eu i no ca:: ou eu não... (136.c) **vê uma senhora grÁvida uma senhora de iDAde sendo:: maltratAda ou ao mesmo tempo ã:: várias coisas né...por exemplo um atendimento dentro duma unidade básica de saúde dum hospital então assim por diante né***

L1 então falta de educação também

L17

[é:: também é uma violência

No trecho acima, observa-se a presença do modelo metonímico de **exemplos típicos**, tal como se apresenta em diversos trechos já analisados.

VIOLÊNCIA É ASSALTO

VIOLÊNCIA É DROGAS

VIOLÊNCIA É TRÂNSITO PERIGOSO

VIOLÊNCIA É ESTUPRO

VIOLÊNCIA É ROUBO

VIOLÊNCIA É DESVIO DE DINHEIRO

VIOLÊNCIA É SONEGAÇÃO DE IMPOSTOS

VIOLÊNCIA É MAUS-TRATOS

Dos **exemplos típicos** acima, é importante ressaltar a metonímia TRÂNSITO PERIGOSO, pois, nesse caso, o AGENTE da violência pode também ser VÍTIMA, pois suas ações, geralmente, não são intencionais, mas derivam de uma negligência no ato de dirigir ou no desrespeito às leis de trânsito.

Com relação aos exemplos SONEGAÇÃO DE IMPOSTOS, DESVIO DE DINHEIRO e MAUS-TRATOS, esses são atos de violência que causam DANO INDIRETO no entrevistado, pois, na sua perspectiva, o DANO é nele ocorre via INDIGNAÇÃO, afetando o NÍVEL EMOCIONAL, enquanto que o DANO DIRETO é causado nos **exemplos salientes** por ele relatado, em que as VÍTIMAS são pacientes do sistema de saúde governamental. Nesse sentido, pode-se inferir metonimicamente que INDIGNAÇÃO É VIOLÊNCIA.

ANÁLISE 137

L1 que que será que leva uma pessoa...ou um grupo né que às vezes...eles também são grupos o senhor disse falo... tem vários tipos de violência falou desde o roubo até a sonegação...ou falou da falta de respeito e do estupro

L17(137.a) [é:: o que leva...ba:: questão de[...]] pode se...ganância...poder...ã:: drogas ã::

L1

[o uso de drogas né?

L17 (137.b) o uso de drogas...o álcool

L1 as pessoas podem perde:: ã:: o peso da realidade por meio de produtos químicos digamos assim

L17

{sim

L1 Ou por... sentimentos

L17 quando se fala em educação é até um pouco relativo, porque na... tem pessoas que:: ton dentro tem uma classe...ã:: (137.c) estudaram em colégio particular e eles viram bandido e daí vai dizer non essa questão da educação porque...enton na realidade non dá pra dizer que é só... ma tem tem várias coisas

Nos segmentos acima, o sujeito caracteriza VIOLÊNCIA de acordo com o papel temático CAUSA. Nesse caso, o entrevistado sugere que, além de DROGAS e ÁLCOOL (137.b), elementos já analisados, GANÂNCIA e PODER (137.a) podem gerar VIOLÊNCIA. Essa perspectiva é esclarecida em (137.c), em que o entrevistado explica que educação não inibe a violência, pois ela pode ocorrer de diferentes formas.

ANÁLISE 138

L1 sim...sim ótimo...ã:: para aquele que sofre um ato de violência...quais são os efeitos que:: que esse ato de violência ã:: provoca...na tua mãe causou..medo né

L17 (138.a) medo é...psicológico né:: assusta fica com medo

L1 uhum

L17 (138.b) todo mundo que vê ã:: começa desconfia ã:: vira desconfiando de todo mundo

L1 uhum

L17 (138.c) ao mesmo tempo...tira a tranquilidade de qualquer ser humano

Conforme as análises (14), (24), (57) e (60), algumas emoções vinculadas aos atos de violência, tomadas metonimicamente pelo esquema, em que o MEDO (138.a) é algo que se

adquire ao sofrer um ato de violência. Além de MEDO, o entrevistado expõe o sentimento de INSEGURANÇA que se reflete em, parafraseando, “ficar desconfiado de todo mundo” (138.b). A INSEGURANÇA é metonimizada em (138.c) em que TRANQUILIDADE é tomada como um OBJETO que as pessoas possuem. Com a perda desse objeto, instaura-se na pessoa o sentimento de INSEGURANÇA. Por isso, pode-se inferir o seguinte modelo metonímico: INSEGURANÇA É TIRAR A TRANQUILIDADE DE ALGUÉM.

ANÁLISE 139

L17[...] sim... (139.a) a violência existe em tudo né... existe desde agora [...] no meio rural a gente vê muitas coisas...por exemplo a semana passada...algumas coisas que a violência se pode até dizer não são significativas mas também não deixa de se um problema... (139.b) a porque eu tenho uma estrada na divisa o cara um vizinho foi lá passo os grampo do trator...jogô pedra no meio só pra eu não passá...é uma violência... ou ele o:: ou:: uma me ligô que que ele tinha que fazê uma me liga a:: non o cara construiu uma casa largou a:: o esgoto dele den... em cima da minha fonte da água...é um tipo de violência também

Assim como já referido no segmento (82.a) e nas análises (14) e (47), tem-se em (139.a) o modelo metafórico INSEGURANÇA É UMA ENTIDADE ONIPRESENTE.

O segmento (139.b) apresenta o dois **exemplos salientes**, em que se infere a metonímia DESRESPEITO ÀS REGRAS SOCIAIS É VIOLÊNCIA.

ANÁLISE 140

L1 ã:: você já cometeu um ato de violência?

L17 depende...pois é...se começá coloca no papel pode ser que alguns até cometi...eu evito né mas...pode se mas não posso afirma que eu tenha mas... eu acho que talvez algumas coisas eu tenha causado que...eu non to do outro lado pra sabe como tu te sentiu [...] a violência hoje às vezes até com a gente a gente provoca então ao mesmo tempo se eu venho aqui e faço o contrário... (140.a) eu te atendo mal ou non dô bola pra ti...ao mesmo tempo eu acho que posso tá cometendo um ato de violência...tu vai saí daqui triste decepcionada comigo... e non deixa de sê uma violência?

L1 uhum...uhum

L17 que:: às vezes a gente causa certas coisas...bom (140.b) a gente não dá bola...tudo bem tu saiu daqui saiu daqui numa boa...até se despediu me deu tchau mas será que dentro de si como é que tu tá? (140.c) Tu non te sentiu triste pelo meu atendimento pela minha maneira...pela minha falta de consideração

L1 uhum uhum

L17 (140.d) senta na minha frente e eu nem do bola pra ti...como eu fiz no início agora ta tudo bem

Em (140.a), observa-se que o entrevistado refere-se a um ato de violência por meio de um **exemplo saliente**, ligado à sua função profissional, que se constitui no atendimento de pessoas da zona rural, como representante do sindicato dos trabalhadores agrícolas, na região de Caxias do Sul. Nesse caso, se seu atendimento não respeitar as regras sociais, apresentar atos grosseiros ou não for educado e solícito em seu modo de falar (140.d), “eu te atendo mal ou non dô bola pra ti”, por meio da falta de polidez, é possível, na opinião do sujeito, que se gerem DANOS no nível EMOCIONAL “tu vai saí daqui triste decepcionada comigo...” de quem está sendo atendido, VÍTIMA/PACIENTE dessa situação.

ANÁLISE 141

*L1 [...] com tuas palavras assim o que que é violência...define pra mim violência
[...]*

L17 (141.a) então se eu trato até um animal...um um de maneira ã:: que:: ele sofra

No segmento acima, observa-se que um ato de violência, na opinião do entrevistado, não precisa, necessariamente, só causar DANOS em VÍTIMAS HUMANAS. Para o entrevistado, causar danos FÍSICOS num animais, de maneira que “ele sofra”, também é um ato de violência, explicitado por meio de um **exemplo saliente**.

ENTREVISTA 20 ([C,RU,42,F,SC])**ANÁLISE 142**

L1 se tu pudesse completá essa frase pra mim: violência é como? E depois completaria, é como uma ideia, um sentimento, um conceito, o que tu quiser, violência é como? Uma comparação

L28 (142.a) violência eu acho que é a perda do sentimento pelo seu irmão, pelas outras pessoas né, perde um sentimento pelo ser humano

Em (142.a), VIOLÊNCIA é caracterizada como a “perda de um sentimento pelo seu irmão, pela pessoa, pelo ser humano”. Embora não tenha havido pergunta de verificação, pode-se inferir que a entrevistada ao falar de “perda de sentimento”, refere-se à metáfora do *SELF* MÚLTIPLO supostamente dal como a análise do segmento (83.a), em que o sujeito compara a VIOLÊNCIA à “morte da humanidade”, em que há um *self* mais humano e outro mais animal ou instintivo. Nesse caso, a partir do momento que as pessoas “perdem” o seu *self* humano, suas ações não tem mais “sentimento”, o que se pode relacionar ao lado instintivo tipicamente atribuído aos animais (um outro *self* que se mantém).

ANÁLISE 143

*L1 e você o alguém próximo da sua família já foi vítima de algum tipo de violência?
[...]*

L28 hum... agora não lembro, não consigo lembrá... ah sim [...] já teve o carro furtado, meu pai há muitos anos sofreu uma agressão, que eu me recordo, (143.a) minha irmã apanhô do marido... é uma violência assim que eu me recordo

L1 é:: com essa relação da tua irmã por exemplo, que pode acontecer com qualquer mulher na verdade né, como é que tu se sentiu em relação à tua irmã que é a vítima no caso? Ou com relação às mulheres se tu não quisé fala da tua irmã com relação às mulheres então que sofrem agressão do marido, como é que tu te sente?

L28 eu me sinto impotente porque ainda (143.b) nós estamos numa sociedade muito machista e tu ouve ainda e tu sabe que acontece muita violência contra mulher, mas ainda que ouve, que ouví a pouco tempo, porque a Lei Maria da Penha veio pra... tá ali mas que como é que eu posso dizer as mulher tão se aproveitando disso mesmo sabendo que a violência doméstica ela é:: eu me sinto impotente em relação a isso (143.c) porque envolve relação marido e mulher, envolve filhos e:: muitas vezes falta coragem pra pessoa denunciá e mesmo que tu diga faça isto é uma coisa muito, tu aconselha, mas é muito subjetiva, é da pessoa tomá uma atitude com relação a isso, que é a vida dela é familiar, acho bem complicado isso

Por meio de diversos **exemplos salientes**, como furto e agressão, a entrevistada afirma que as agressões de um marido contra a sua mulher são um ato de violência, tal como destacado em (143.a): “a minha irmã apanhou do marido”. Em (143.b), a entrevistada expõe

que a VIOLÊNCIA DOMÉSTICA ocorre a partir do modelo cognitivo-cultural paternalista e “machista” presente na maior parte da cultura brasileira. Nesse caso, a gradação da VIOLÊNCIA se dá à medida que afeta diversas pessoas e varia conforme o número de VÍTIMAS, sendo de dois tipos:

- a) VÍTIMA DIRETA de DANOS em níveis NÍVEIS FÍSICO e EMOCIONAL, mulher, tipicamente, mais indefesa;
- b) VÍTIMA INDIRETA de DANOS em nível EMOCIONAL, crianças, tipicamente, mais indefesas (143.c).

ANÁLISE 144

L1 pra ti o que que leva um grupo ou uma pessoa a cometer um ato de violência?

L28 tem duas situações né, no meu ver, (144.a) uma é o ser humano que deixô de ter valor, que às vezes eles não enxergam eles enxergam muito mais o ser, o ter e o ser, então as pessoas querem ter, para ter às vezes tu não consegue com... trabalhando, honestamente, mas tu qué ter e aí acabam, (144.b) vão pelo caminho mais curto né, então vão obter à força[...]

Nos fragmentos acima, a entrevistada expõe três diferentes CAUSAS para a VIOLÊNCIA. Em (144.a), o SER HUMANO é tomado no esquema-CONTAINER que possui dentro dele VALORES, inferindo-se, possivelmente, as características que tornam as pessoas seres humanos. Nesse caso, as pessoas se tornam violentas à medida que “perdem” esses valores, tal como levantado na análise (142).

Quando não conquistam ou conseguem o que desejam, as pessoas (144.b) “*vão pelo caminho mais curto né, então vão obter à força*”. A partir do esquema ORIGEM-PERCURSO-META, as pessoas cometem atos de violência quando seguem “*pelo caminho mais curto*”, ou seja, não “trilham” o CAMINHO dos estudos, do trabalho, do esforço que é mais “longo”. Metonimicamente, a partir disso, pode-se afirmar que VIOLÊNCIA É UM CAMINHO seguido por aqueles que não têm outra alternativa de PERCURSO ou não querer seguir por uma.

ENTREVISTA 12 ([D,R,75,F,FI])

ANÁLISE 145

L1 [...] Se eu perguntasse pra senhora assim... (145.a) quando é que você pensa em violência né que é o conceito disso que eu tô estudando, o que é que vem na sua mente em primeiro lugar?

L13 (145.b) Ai que tristeza meu deus do céu

L2 [tristeza

L1 Pode ser?

L13 POde

[...]

L1 (145.c) Se a senhora pudesse...ãh..dizer assim violÊncia é como...se pudesse comparÁ a violência...violência é como...poderia tê...tem uma uma ideia pra...pensá a violência é como um...sei lá um monstro...uma ideia que a senhora tenha a respeito disso

[...]

L13(145.d) eu pra mim é uma tristeza esse neGÓcio de mata por NAda das veis né

L1 [uhum e MENos violento?

L13 menas? é:: que teje mais

L2 [[...]

L13 mais segurança né na...na GEnte né

[...]

L1 (145.e) ãh...que emoções que a senhora acha que teria...na hora...no momento?

L13 [(145.f) ai meu Deus...tristeza

[...]

L1 uhum...entendi...ãh...pra aquele que...pra pessoa que sofre né, um ato de violência...vamo pensá nessa menina né, por exemplo, ou alguém que né que foi sequestrado ou que foi rouBAdo... (145.g) que tipos de efeitos que que a senhora pensa de repente que sensações essa pessoa tem...depois...que aconteceu isso com ela?

L13 é::

L1 que tipo de sensação... a gente pode pensar com a gente né, tipo ah, se eu tivesse sido roubado, se eu tivesse... sido prejudicado de alguma maneira né, se alguém tivesse batido em mim sei lá, que que eu sentiria depois

L13 (145.h) eu acho que tristeza né

L1 [é:: realmente...

L13 [(145.i) é a única...essas coisa ali né, tristeza

L1 uhum, OK, porque sabe porque eu penso? porque depois algumas pessoas ficam com medo né

L14 [(145.j) medo de saí na rua

L13 [(145.k) é:: também... dá medo

L1 [medo Ou raiva... né...dos outros por exemplo mas que que a... tristeza ela...ela reúne será esse medo e essa raiva, ou são coisas diferentes? medo e raiva

L13 (145.l) ela ajuda a reuni né...um pouco de raiva...a:: trisTEza... tudo isso né

[...]

L1 [...] com as tuas palavras assim de modo bem simples, o que que é violência..

L14 (145.m) ah, violência é uma tristeza gente é, porque olha que, o que a gente vê, é TRIsTe mesmo

Observa-se nos segmentos acima, que a entrevistada refere-se à VIOLÊNCIA por meio de uma emoção, diversas vezes no andamento de sua entrevista, mesmo quando é solicitado a ela para conceituar ou caracterizar um ato de violência. Pode-se inferir que a TRISTEZA é tomada metonimicamente como EFEITO PELO ATO, ou seja, uma das possíveis emoções geradas nas VÍTIMAS, sejam elas DIRETAS ou INDIRETAS de violência é, para o sujeito, o próprio conceito. Dessa forma, infere-se VIOLÊNCIA É TRISTEZA, como se observa em (145.b), (145.d), (145.f), (145.h), (145.i) e (145.l).

Em (145.d), respondendo à questão sobre comparação de VIOLÊNCIA, a entrevistada retoma o sentimento de “tristeza” associando-o a MORTES DAS VÍTIMAS. Em (145.k) a entrevistada também sugere o MEDO como uma reação de um ato de violência, mas essa resposta foi induzida pela participante da entrevista (L14). Em (145.l), a entrevistada refere-se também à RAIVA, porém retorna ao sentimento TRISTEZA para conceituar violência, apoiada pelo discurso da participante, no segmento (145.m).

ENTREVISTA 13 ([O,R,73,M,FI])

ANÁLISE 146

L1(148.a) se o senhor completasse a frase pra mim: violência é como... é como um ou é como uma...

L15 ã:: vo dizê o que aí

L1 [uma comparação

L15 (148.b) Ela é como... uma doença, é uma doENça... porque... veja bem que se você pegá a droga, depois que você entro na droga é uma doença. você... eu perdi um amigo esses dias também, por causa da droga e enton son coisas que os pais têm dinheiro e non resolve o dinheiro as vezes né... depois que entro minha filha non sai mais... enton falta o governo... ajudá mais e:: pra combatê a droga... nosso policiamento non trabalha de acordo... o:: deveria mudar basTANte isso aí, os próprios PAdre, as igreja, não só os católico mas como todas as religiões, tem umas que se destacam mais que a nossa religion... ã:: que... comBAte mais ajudam mais a:: DROga porque... o problema maior está na droga, hoje a droga... ta no MUNdo e non sei ondê que vai pará isso aí porque... a droga, eu acho que... se liberassem a droga terminaria com muita coisa, com muita violência, com muito mais... ficaria muito mais fácil... que se a droga não vale nada ninguém compra

L1 uhum, você falou em doença né?

L15 [é:: é uma doença

L1 Mas uma doença, como se fosse contagiosa ou é uma doença como uma infecção?

L15 (148.c) na verdade contagiosa porque ela contamina qualquer um se... eu convidar você... uhum... pra consumi droga, se você entrá você já... contagia

[...]

L1 (148.d) Na sua comunidade, quais os tipos de violência mais comuns?

L15 (148.e) ah, nós aqui, praticamente... só a droga... a distribuicon de droga que nós tomo bastante contaminados, nós temo muitas pessoas ali que trabalha com droga... diversos enton isso aí é uma coisa RUim, e já... tiveram diversos presos aí que foram... ficaram na cadeia meses e meses mas volta... tudo ao normal, volta tudo como era antes... **(148.g) a droga non para...** se você for vê em Forqueta, ou Rizzo, se vai... a Criúva, Criúva é um canto de Caxias do Sul atrás de Son Marcos... um ponto forte de droga de distribuição nas sextas – fera... os lugares pequeno, é onde... Forqueta, é o centro de Nova Prata, Veranópolis, Bento Gonçalves, Garibaldi, Carlos Barbosa, Farroupilha, Flores da Cunha,... **(148.g) eles se concentron aqui para recolhê a distribuicon da droga e depois aí vem... caron GRANde... depois vem... sexta depois das dez onze hora da noite é um inferno**

No discurso dos informantes da zona rural, verificou-se que as DROGAS são tomadas metonimicamente, com frequência, como **exemplos típicos** de VIOLÊNCIA. No segmento (148.b), essa questão é esclarecida à medida que VIOLÊNCIA é metaforizada como uma DOENÇA CONTAGIOSA, em função de “contaminar” (148.c) quem tem contato com ela, ou seja, quem a consome. No segmento (148.b), pode-se observar que esse cenário metafórico tem continuidade no discurso do sujeito quando afirma “*ah, nós aqui, praticamente... só a droga... a distribuicon de droga que nós tomo bastante contaminados*”, em que NÓS é

metonimizado por PESSOAS DA COMUNIDADE RURAL que, nesse caso, estão “contaminados” com as consequências sociais que o uso e a distribuição de drogas provocam.

Em (148.g), DROGA constitui-se como uma metáfora sobreposta a uma metonímia. O modelo metonímico está no sentido em que DROGA é tomado como TRÁFICO DE DROGAS assim como CONSUMO DE DROGAS. A partir disso, infere-se também o modelo metafórico DROGA É UM ORGANISMO, em que esse corpo anda, ou seja, trilha um caminho. Seguindo esse caminho e em seu ritmo, o organismo não para, ou seja, as drogas são consumidas e ilegalmente vendidas ininterruptamente, gerando o cenário metafórico referido pelo entrevistado em “*a droga não para*”.

Por último, pode-se afirmar a existência de um modelo cognitivo cultural do domínio religioso em que, INFERNO é tomado metonimicamente para expressar a situação incontrolável do consumo e tráfico de drogas na região em que o entrevistado mora e em determinado horário: “*eles se concentron aqui para recolhê a distribuição da droga e depois aí vem... caron GRANDE... depois vem... sexta depois das dez onze hora da noite é um inferno*”.

ANÁLISE 147

L1 *Quando a senhora pensa em violência, o que vem em primeiro lugar na sua mente?*

L18 (147.a) *Olha, é uma noção MUito triste, que eu acho que uma família que leva assim uma violência triste, séria, ou sendo atacada ou sendo drogada tudo é triste violência é a violência... não tem... não sei nem como me explicar mas é triste... estamos MUito mal*

Assim como se analisou nos trechos (8) e (23), a EMPATIA é uma das emoções altamente significativa nos discursos levantados. A partir disso, pode-se observar que, em (147.a), TRISTEZA é tomado metonimicamente por VIOLÊNCIA uma vez que se estrutura como uma das emoções que VÍTIMAS sentem ao sofrerem atos de atos de violência. Tal como num processo de contiguidade, aqueles que apenas observam atos de violência e suas VÍTIMAS podem também, por meio da EMPATIA, sofrer, conseqüentemente esses atos violentos, tornando-se VÍTIMAS INDIRETAS, tal como expresso em “estamos muito mal”.

ENTREVISTA 15 ([T,R,69,F,FC])

ANÁLISE 148

L1 (148.a) *se a gente tivesse que completar assim, uma frase: violência é como, a gente teria como comparar a violência com alguma coisa? violência é como...*

L18 [*ah... violência é crime o que eu vô dizê*

L1 *uhum, um crime, ótimo*

L18 (148.b) *crime... crime é:: sabotagem sei lá por que o pessoal fica... fora de si... isso que é o mal da paróquia*

No segmento (148.b), a entrevistada sugere **exemplos típicos** para VIOLÊNCIA, tais como CRIME e SABOTAGEM. Além disso, a expressão “*o pessoal fica... fora de si*” retoma a METÁFORA DO SELF ESSENCIAL em que A PESSOA É UMA ENTIDADE COM ESSÊNCIA, que num ato de violência, deixa de existir. Com relação à expressão “*mal da paróquia*”, pode-se inferir, mais uma vez, o modelo cognitivo cultural da religião, ligado às práticas cristãs em que, uma COMUNIDADE DE FIÉIS é tomada como PARÓQUIA que possui, em geral, pessoas boas no sentido de que são aquelas que vivem conforme os preceitos morais, que seguem as doutrinas religiosas e que praticam o bem. Quando um indivíduo, dessa comunidade, não cumpre esses preceitos, pela expressão, ele é tomado como MAL, opondo-se ao BEM que a estrutura cristã possibilita.

ANÁLISE 149

L1 *Em uma escala de mais violento e menos violento, o que que a senhora acha, me dá um exemplo de uma coisa que a senhora acha MUito violenta né... de um ato de violência assim muito agressivo e de um outro mais leve, menos violento... que que é mais violento e menos violento pra ti?*

L18 (152.a) **Olha, ofensa é violenta mas é MENos que outras coisa no caso e menos violenta o que eu poderia dizer... sei lá**

L1 *Não precisa ser aqui tá... é em todo o mundo*

L18 [*ah... ah... então tá... menos violência...*

L1 [*então a oFENsa a senhora disse que era a mais fraquinha, mais tranqüila assim... o que que seria mais... pior do que ofender alguém?*

L18 *robo*

L1 [*roubar*

L18 *robo... o robô pra mim e (152.b) **mentira, mentira também pra mim é:: muito sério... tu me fez uma mentira esqueça, porque pra mim tu não vale nada***

L1 *entendi...é mentira é complicado*

L18 *é complicado, é complicado... (152.c) **falsidade, falsidade também... é triste***

A partir de **exemplos típicos**, a entrevistada apresenta nos segmentos acima a gradação da VIOLÊNCIA conforme os DANOS de nível EMOCIONAL.

Primeiramente, em (152.a), toma-se OFENSA metonimicamente como um ato de violência e, em (152.b) e (152.c), CAUSAS da violência são tomadas, também metonimicamente, pela VIOLÊNCIA, podendo-se inferir:

VIOLÊNCIA É MENTIRA

VIOLÊNCIA É FALSIDADE

No segmento (152.c), observa-se presença da emoção TRISTEZA já analisada no trecho (145).

ANÁLISE 150

L1 E por que será que no interior, eu penso assim, não só aqui mas... Criúva né lá no [...] por exemplo também que eu sei de muitas histórias de drogadição assim... porque será que os jovens vão para esse lado? será que naquela falta do que fazer?

L18 Um pouco é falta diálogo em casa, eu acho que muitos pais dão graças a Deus que tejam lá... como é que chama os negócio de televisão... é:: videogame é:: essas porcarias e não dão diálogo e no colégio quando tu tá na escola, eu já to livre... um poco eu acho que é isso aí, falta de diálogo, um monte [...] (150.a) claro que depois só aprende o quê, violência, porque qualquer um aprende violência até Pica-Pau sempre ganha da gente o danado, porquê é violento...

No segmento (150.a), o entrevistado sugere que o uso de VIDEOGAME como entretenimento, assim como alguns programas televisivos infantis (metonimizadas por PICA-PAU, nome de um desenho infantil clássico na programação da televisão da rede aberta de canais brasileira) são CAUSAS da violência uma vez que apresentam temáticas ligadas a isso, como se observa em “até o Pica-Pau sempre ganha da gente o danado”. A falta de uma programação infantil mais bem planejada assim como a ausência dos pais e sua negligência na educação dos filhos, são preocupações ligadas à VIOLÊNCIA expostas no trecho acima.

ENTREVISTA 16 ([G,R,65,M, FI] e [O,R,74,M,FI])**ANÁLISE 151**

L1 quando você pensa em violência...o que que vem a primeira coisa na sua cabeça

L19 (151.a) a:: se o cara não se o cara enche o saco demais

L1 [uhum]

L19 (151.b) mas eu nunca... matei ninguém té agora

L1 não matou ninguém?

L19 não

L1 pelo menos isso não

L19 não

L1 mas a violência então pro senhor é mais ou menos isso...são coisas muito...mata alguém

L19 é mata [...] ou i pra cadeia tu pensa primero de matá pra depois i pra cadeia

O discurso do entrevistado (L19) nos trechos acima expõe, em (151.a) uma expressão consolidada para o comportamento da pessoa que incomoda, irrita, provoca alguém: “encher o saco”. Para a categorização de VIOLÊNCIA, porém, observa-se apenas um **exemplo típico** no discurso acima em que, para o entrevistado, pode-se inferir a metonímia VIOLÊNCIA É ASSASSINATO.

ANÁLISE 152

L1 [...]o que vocês acham que poderia ser feito pra diminuir a violência?...em Caxias por exemplo

L20 a paz

L1 transmiti a paz...pras pessoas?

L19 é...mas diminui comé que tu pode...non tem como

L20 tem que quere bem um co outro

L1 é?

L20 né?

L19 só pegá tudo pegá tudo

L1 [uhum

L19 cada vizinho que...cada vizinho que... (152.a) **como que tem um vizinho que é ladrão denuncia pega se leva embora tudo...limpá a cidade...fazê uma limpeza [...]** é a única coisa

L1 [sim

L19 non tem como

L1 [sim

L19 pegá, levá tudo embora os ladrão

L1 uhum...isso resolveria?

L19 longe...ma longe...bota numa ilha que non tenha como sai...um troço assim...bota tudo lá

No segmento (152.a), o entrevistado expõe, por meio da expressão “limpá a cidade... fazê uma limpeza”, a metáfora PUREZA MORAL em que, a partir da relação entre “puro” e “limpo”, mapeia-se a metáfora PUREZA É LIMPEZA e desta surge a metáfora derivada MORALIDADE É LIMPEZA, conforme apresentado no capítulo 1. Dessa forma, a presença de ladrões na cidade possibilita inferir a metáfora IMPUREZA É IMORALIDADE, assim como os seguintes acarretamentos:

- IMPUREZA É SUJEIRA
- LADRÕES SÃO MORALMENTE IMPUROS
- IMPUREZA É SUJEIRA
- A CIDADE ESTÁ SUJA
- A CIDADE PODE SER LIMPA RETIRANDO SUJEITOS MORALMENTE IMPUROS

ANÁLISE 153

L1 mas sob alguma circunstância vocês cometeriam?

L20 non

L1 tu é da paz né...que eu sei

L19 tem que pensa um poco só se

L1 é...tu se pudesse disse antes né se eu pudesse eu fazia justiça né

L19 sim... (153.a) **a se vem contra mim um ladrão non corro meto fogo**

L1 mete fogo?

L19 (153.b) **a ladron non tenho dó**

L1 sim

L19 se roba uma coisa minha...que nem esses dia[...] tinha uma arma pra vê... fogo... terminô co auto mas o bicho vai

Nos segmentos acima, verifica-se o modelo metonímico já analisado em outros trechos AUTO-DEFESA É VIOLÊNCIA em que, o entrevistado afirma que, para defender a sua

propriedade contra as ações de um ladrão, ele “não corre, mas mete fogo”. Nesse caso, CORRER é tomado metonimicamente no lugar de FUGIR e METER FOGO é tomado metonimicamente no lugar de ATIRAR. Isso só é possível pois a VÍTIMA, nesse caso o ladrão, não seria indefesa física ou emocionalmente, como se analisou em outros segmentos, mas, dentro da METÁFORA DA CONTABILIDADE MORAL, por ser FRACO MORALMENTE ao tentar roubar a propriedade alheia, o ladrão seria justamente punido pelo entrevistado, pois, como afirma o sujeito “*ladron non tenho dó*”.

3.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir das análises feitas neste capítulo, pode-se afirmar que a categoria VIOLÊNCIA é construída por meio de fenômenos variados, gerando grande complexidade semântica.

Ao longo da parte 3.1 já se realizaram vários comentários que oferecem generalizações situadas entre diversas análises. É importante salientar que, durante o processo analítico, foram utilizados elementos das questões teóricas presentes no capítulo 1, apresentando, portanto, generalizações que constituem grande parte da discussão dos resultados. Dessa forma, cada uma das 153 análises propostas já se constituem como uma discussão de resultados e, por isso, não são repetidas nesta parte. São aqui discutidos apenas os resultados em nível mais geral, tentando-se cobrir os aspectos mais relevantes e salientes do conjunto global das análises.

Para organização dessas estruturas, observam-se, a seguir, algumas análises recorrentes. Grande parte das análises baseia-se em **modelos metonímicos** do tipo **exemplos típicos**, normalmente se estruturam a partir do esquema EFEITO PELA CAUSA ou CAUSA PELO EFEITO que estão presentes nas seguintes análises:

- (1) e (124.b) – VIOLÊNCIA É AGRESSÃO;
- (3) – O RESULTADO DO ATO DE VIOLÊNCIA É VIOLÊNCIA;
- (4) – VIOLÊNCIA É ROUBO;
- (5) – FACE RÍSPIDA É VIOLÊNCIA e VIOLÊNCIA É TRANSGRESSÃO DE REGRAS DE CONVÍVIO SOCIAL;

- (8), (13.a), (13.b), (14.b), (47.b), (145), (147) e (152.c) – VIOLÊNCIA É TRISTEZA ou TRISTEZA É VIOLÊNCIA;
- (2), (16), (46) e (83.d) – VIOLÊNCIA É ATITUDES IMPENSADAS;
- (14), (22.f), (24), (57), (60), (62) e (138.a) – MEDO É VIOLÊNCIA;
- (23) e (139) – TRANSGRESSÃO DE REGRAS DE CONVÍVIO SOCIAL É VIOLÊNCIA;
- (31) – VIOLÊNCIA É MORTE;
- (35) e (38) – VIOLÊNCIA É AGREDIR;
- (47.c), (64.b), (65.a), (123), (124.c), (126) e (129) – VIOLÊNCIA É INJUSTIÇA SOCIAL;
- (64) – TERRORISMO;
- (21), (29), (37) (46), (51), (66), (70), (71), (75), (81), (82), (86), (89) e (90), (94) – VIOLÊNCIA É RAIVA¹⁹⁰;
- (95) – VIOLÊNCIA É DESESTRUTURAÇÃO FAMILIAR;
- (97) – VIOLÊNCIA É BRIGA DE JOGO DE FUTEBOL;
- (93) e (114) – SEQUESTRO;
- (118) e (121) – DESRESPEITAR LIMITES É VIOLÊNCIA;
- (60.c), (88.c) e (127) – SEGURANÇA;
- (14), (47), (134), (138.c) e (139.a) – VIOLÊNCIA É INSEGURANÇA;
- (136) – VIOLÊNCIA É TRÂNSITO PERIGOSO entre outros.

Além das metonímias, diferentes **modelos metafóricos** foram utilizados nas análises, tais como:

- (2) e (29.c) – VIOLÊNCIA É UMA GUERRA;
- (40.b), (40.c), (79.c) e (121.d) – PRESÍDIO É UMA ESCOLA;
- (41) – JUSTIÇA É UM OBJETO;
- (42.a) e (63) – PRESO É UM AFORTUNADO;
- (45.b) – BATER BOCA É AGRESSÃO;
- (50) – O JORNAL SANGRA;
- (74) – PRESÍDIO É UMA ESCOLA;
- (54) e (86.d) – VIOLÊNCIA TEM CORREÇÃO;
- (88) – A SOCIEDADE SE ESCONDE DA VIOLÊNCIA;

¹⁹⁰ Esta metonímia geralmente agrega-se ao estudo da RAIVA e o estudo de *SELF*.

- (98) – PESSOAS SÃO REFÊNS DA VIOLÊNCIA;
- (103) – VIOLÊNCIA QUEBRA AS PESSOAS;
- (106) – VIOLÊNCIA É ALIMENTO PARA A MÍDA e VIOLÊNCIA É UM SER ANIMADO;
- (130.d) – SOCIEDADE ESTÁ DOENTE;
- (131) – PRESÍDIOS EMPILHAM PESSOAS, (146) – VIOLÊNCIA É UMA DOENÇA;
- aqueles que compreendem o esquema ORIGEM-PERCURSO-META: (2) – COMPREENDER É ABSORVER; (5) – VIOLÊNCIA É OBSTÁCULO; (6), (7) e (144) – VIOLÊNCIA É UM CAMINHO.

Além dessas, uma das metáforas mais importante para análise de VIOLÊNCIA é CORPO É UM CONTAINER PARA AS EMOÇÕES, que serve de base para os estudos da RAIVA e do MEDO, emoções altamente pertinentes à categoria estudada. Essa metáfora está subjacente nas seguintes análises: (21.c) – em que IRA É UM FLUIDO QUENTE NUM CONTAINER; (37.b), (46.c), (48), (51) – em que RAIVA É UM FLUIDO QUENTE NUM CONTAINER; e ainda (71), (72), (75), (81.c), (89), (90) e (107).

Em menor número, podem-se observar também alguns casos de **metáforas baseadas em metonímias**, por meio das análises como (50.a), (79), (132); assim como modelos metonímicos estruturados por meio de **exemplo saliente** em (22), (24.b) e (125.b), tal como em VIOLÊNCIA É DISCRIMINAÇÃO SOCIAL.

Para realização de diversas análises, foi necessária a utilização dos **descritores semânticos** que auxiliam no estabelecimento de uma linguagem-comum para os modelos propostos. Observa-se que a relação entre DANO e VÍTIMA é recorrente, principalmente porque as vítimas dos atos de violência variam em (ANIMADOS e NÃO-ANIMADOS, INSTITUIÇÕES e PESSOAS, SERES HUMANOS e ANIMAIS, etc) vinculados ao tipo de DANO (MATERIAL, EMOCIONAL, ESPIRITUAL ou DIRETO e INDIRETO). Com essa relação simbiótica, observa-se que em muitas análises, esses descritores são utilizados comumente. Têm-se, portanto, modelos metonímicos e metafóricos que:

- envolvem DANO: (3) – por exemplo, VIOLÊNCIA É PICHANÇA, (49), (64.c), (67), (84), (93), (108), (109), (111), (113), (115), (122), (140), (141) e (152);
- envolvem VÍTIMA (tipo ou quantidade): (6) (criança, idoso, pessoas em desvantagem social ou pessoas indefesas), (8), (10), (12), (18), (19), (21.b), (22), (30.b), (47.f), (49), (70), (76), (84), (85), (87), (93), (102), (111), (115), (135), (140), (141), (143) e (147).

Outros descritores envolvidos são:

- AGENTE: (9), (11), (30.b) e (49);
- PROPÓSITO: (13.e), (65.c), (90) e (153) (como, por exemplo, justificando um ato de violência em VIOLÊNCIA É AUTODEFESA)
- CAUSA: (39), (40.a), (58.c), (61), (118), (129), (137), (144) e (150).
- INSTRUMENTO (utilização ou não, assim como tipo de instrumento): (6) (arma de fogo, arma branca ou a própria força física exercida pelo corpo do AGENTE), (44.a) e (55) – (na análise de ATO DE DEFESA NÃO É VIOLÊNCIA), (45.a) e (48.b) – (BOCA é um INSTRUMENTO de violência), (80) e (81).
- Diversos descritores semânticos: (3) – (em VIOLÊNCIA É PICHANÇA), (6) – (AGENTE é a ORIGEM, ATO DE VIOLÊNCIA é o PERCURSO, e VÍTIMA/PACIENTE é a META), (20), (58) e (49) – (no caso do ESTUPRO), (53), (75), (103), (151) – em ASSASSINATO – e (126) – em ASSALTO.

Por meio disso, é possível inferir que, primeiramente, quanto maior a formação escolar do indivíduo ou seu grau de reflexão sobre aspectos do mundo, da sociedade, da família, de sua vida, etc., mais modelos cognitivo-culturais podem ser levantados ou inferidos de seu modo de se expressar linguisticamente sobre esse domínio da experiência. Por isso, as hipóteses (1) e (2), propostas nesta dissertação, não se confirmam, tomado o modo de sua formulação, uma vez que o critério de pertencimento a determinada comunidade, considerada a amostra sob análise, não se sustenta como o que define possíveis diferenças de expressão de modelos cognitivos (metafóricos e metonímicos). É possível afirmar que esse critério foi, portanto, “atravessado” pelo da formação escolar e, levantando-se uma nova hipótese, pelo da profissão, que diferenciaram potencialmente os discursos dos sujeitos entrevistados, assim como, conseqüentemente, seus processos de categorização/conceptualização. Contudo, não se trata de uma questão fechada. Para verificar essa hipótese, faz-se necessária a ampliação da investigação, em estudos posteriores, com mais sujeitos, atentando para a discriminação de mais variáveis a serem levadas em consideração, reagrupando-se categorias de sujeitos e realizando-se uma análise que cruze tais variáveis.

Além disso, como se discute no capítulo 2, a definição do que sejam comunidades urbana e rural é ainda problemática. Por essa razão, houve a opção de tratar os sujeitos como tipicamente *urbanos*, *rurais* e *rurbanos*. Mesmo assim, sujeitos que tenham formação superior e que vivem em comunidades consideradas *rurais*, distinguem-se dos sujeitos tipicamente rurais, já que suas experiências, no período de sua formação escolar, sofrem grande influência

do convívio sociocultural com indivíduos e grupo de indivíduos da chamada *comunidade urbana*. De qualquer modo, para os limites de uma dissertação, que se restringe a uma amostra, oferecer novas perguntas e levantar novos problemas é tão relevante quanto oferecer algumas possíveis conclusões, mesmo que parciais, para elucidar o problema de investigação que orienta a condução da pesquisa.

De acordo com o objetivo específico (O1), essas análises visam à caracterização do modo de estruturação da categoria VIOLÊNCIA, a partir de pesquisa de caráter qualitativo, com a aplicação do instrumento *entrevista*. Dessa forma, a hipótese (3) é confirmada, pois a entrevista, sendo um evento de fala específico, possibilitou o levantamento de *corpus* suficientemente adequado às análises em LC. Em função disso, este estudo analítico demonstra, de acordo com as análises preliminares de Feltes (2007, 2010 no prelo), que a categoria VIOLÊNCIA caracteriza-se como tendo uma estrutura *fuzzy*, cujos limites não são nitidamente delimitados, e sua gradação é influenciada por diferentes fatores.

Dentre os modelos cognitivos investigados, é possível afirmar que há numa tendência em conceituar VIOLÊNCIA por meio de modelos metonímicos. Em diversas análises, observa-se, por exemplo, a presença de exemplos típicos, tais como AGRESSÃO, ASSALTO, ESTUPRO ou ASSASSINATO, que causam DANOS (DIRETOS ou INDIRETOS) no nível FÍSICO/MATERIAL e, conseqüentemente, no nível EMOCIONAL/MENTAL das VÍTIMAS. Porém, observou-se em alguns discursos, principalmente de indivíduos da zona urbana com Ensino Superior ou Médio, que os modelos metonímicos de exemplos típicos também são aqueles que causam DANO INDIRETO em nível EMOCIONAL, em uma VÍTIMA INDIRETA: o próprio entrevistado. Isto é, nesse caso, nas análises que propuseram VIOLÊNCIA como INJUSTIÇA SOCIAL, por exemplo, o entrevistado não sofre, diretamente, os DANOS causados pelos problemas provenientes de relações desequilibradas da sociedade, mas, por EMPATIA, constata esse tipo de ato de violência, causado em VÍTIMAS ESTEREOTÍPICAS, como o mendigo, o pedinte, o cidadão que vive em condições de miséria, etc.

Dos modelos metonímicos analisados, pode-se também destacar aqueles que se apresentam por meio de EFEITO PELA CAUSA ou CAUSA PELO EFEITO. Nesses casos, os sujeitos ora tomavam possíveis sentimentos e emoções gerados pela violência, tais como: MEDO, INSEGURANÇA, PAJOR – para caracterizá-la; ora elencavam manifestações, ou seja, tipos de atos violentos para categorizar o conceito, como por exemplo, em VIOLÊNCIA É QUEBRAR.

Já os modelos metafóricos recorrentes, por um lado confirmam, conforme Feltes (2007), a aplicação do modelo cognitivo que, popularmente, “divide a pessoa” em PLANO FÍSICO, MENTAL e ESPIRITUAL. Por outro lado, apresentam constantemente a METÁFORA DA CONTABILIDADE MORAL enraizada no discurso, uma vez que as questões da punição e do perdão são levantadas. Com relação aos atos de violência, invariavelmente, os entrevistados afirmaram que, aquele que pratica violência, ou seja, que assume o papel semântico de AGENTE, deve PAGAR, conforme os LIVROS CONTÁBEIS DA MORALIDADE, pelos seus erros. Metáforas relacionadas à CONTABILIDADE MORAL têm grande presença nas análises, possibilitando elucidar que esse sistema de moralidade está subjacente aos modelos culturais em que os entrevistados estão inseridos, tal como se apresenta nas análises (13.d), (13h), (15), (24.c), (26), (33), (34), (36), (37.c), (42.d), (54), (66.d), (71.a), (73), (75), (76), (86), (97.c), (104), (117), (120), (121), (129), (152) e (153).

A essa perspectiva, em muitos casos, vincula-se o modelo cognitivo-cultural da RELIGIÃO, sobretudo cristã, em que aspectos religiosos e doutrinários a respeito do perdão, causam incoerência no discurso, uma vez que DEUS TEM MORALIDADE SOBRE OS HOMENS, mas, ao mesmo tempo, REVANCHE e VINGANÇA, incompatíveis com os valores éticos-cristãos, são meios de equilibrar os problemas causados por atos imorais. Nesse sentido, o discurso dos entrevistados possibilita verificar que o ser humano, além de ser dividido em três níveis (FÍSICO, EMOCIONAL e ESPIRITUAL)¹⁹¹, também se caracteriza por diferentes *selves*, conforme a METÁFORA DO *SELF*. É relevante elucidar que alguns entrevistados atribuíram as CAUSAS dos atos de violência a um *SELF* mais instintivo, ou seja, o *SELF ANIMAL*. Nesses casos, o ser humano é considerado tanto como um ser racional, que possui humanidade, que contabiliza suas ações moralmente, que obedece a leis sociais ou religiosas diante do *SELF HUMANO*; quanto um ser irracional, que não possui humanidade, que não crê em normas e que não obedece a leis, mas apenas a seus instintos de sobrevivência, caracterizando um *SELF ANIMAL*. A existência desse *SELF ANIMAL* justifica, em muitos discursos, a metonímia AUTODEFESA É VIOLÊNCIA, em que atos de violência ocorrem em função de uma reação, normalmente inesperada e moralmente errada, de alguém que, inicialmente é VÍTIMA de violência ou vê alguém sendo VÍTIMA de violência. Nesses casos, sentimentos de revolta, de proteção e/ou de defesa provocam o

¹⁹¹ A utilização da Metáfora da Vida Interior assim como os múltiplos *selves* e a divisão do sujeito em diferentes planos, aparece diversas análises, sustentando as propostas: (6), (13.f), (20), (23), (45), (46.a), (49), (56), (84.e), (92), (105), (110), (117), (133), (142) e (148).

sujeito a passar de VÍTIMA, para AGENTE da violência já que se utiliza de um ato violento a fim de realizar JUSTIÇA MORAL.

Além disso, com relação às emoções, o cenário metafórico da RAIVA é reiterado no discurso de vários sujeitos, por meio do modelo metafórico CORPO É UM CONTAINER PARA AS EMOÇÕES, em que a RAIVA É UM FLUIDO QUENTE NUM CONTAINER. A partir disso, o cenário prototípico de RAIVA, a partir de seus estágios, foi amplamente abordado em algumas análises.

Quanto à gradação de VIOLÊNCIA, pode-se observar que dois papéis semânticos, VÍTIMA e DANO, foram mais relevantes. Nesses casos, quanto mais indefesa a VÍTIMA (criança, idoso, mulher, etc.) ou quanto maior o número de VÍTIMAS (atos de terrorismo, chacina, etc.), mais grave é considerado o ato de violência. No caso de DANO, a gradação se deve, geralmente, nos níveis FÍSICO e EMOCIONAL, em que mais graves são os atos de violência em que a VÍTIMA é morta ou em que a VÍTIMA apresenta sequelas EMOCIONAIS por toda a vida.

É importante salientar que as análises propostas não são definitivas, pois, conforme Gibbs (2010, no prelo), invariavelmente o analista está vinculado ao **princípio da indeterminância** analítica, pois o significado metafórico, e aqui podemos estender para o significado metonímico, dependem da interpretação de quem analisa assim como do processamento de informações, por meio de inferências mais relevantes, que o sujeito apresenta no momento da entrevista. Por isso, a interpretação dos modelos cognitivos está vinculada aos participantes, ao entendimento do objetivo do evento de fala, aos métodos utilizados para acessar o entendimento e ao material lingüístico disponível.

Não há, portanto, uma possibilidade empírica de se avaliar com exatidão o que as pessoas interpretam ou um ponto de vista neutro de análise, quando leem ou produzem uma metáfora ou metonímia, pois cada método está habilitado, de diferentes maneiras, a tocar em diferentes aspectos do processamento consciente e inconsciente que podem ocorrer quando as pessoas estão em contato com uma metáfora ou uma metonímia em um discurso contextualizado. Retomando o que foi afirmado no capítulo um, a interpretação metafórica não é, portanto, um processo completamente separado, mas sobreposto a outros por caminhos complexos, dependendo dos objetivos de comunicação, e dificuldades interpretativas que as pessoas enfrentam em face a uma linguagem metafórica, tais como: rápida compreensão na conversação ou na leitura, reconhecimento explícito de uma metáfora, interpretação reflexiva na conversação ou na leitura, resolução de problemas ou tomada de decisão, argumentação ou persuasão, memória, apreciação ou explicitação de julgamentos estéticos.

Estas análises pretendem, portanto, levantar aspectos importantes e relevantes da categorização de VIOLÊNCIA, propondo possíveis efeitos de prototipicidade da categoria, mas não uma garantia de que tal investigação dê conta de todos os elementos que a compõem.

CONCLUSÃO

Esta dissertação sustenta que a investigação da categoria VIOLÊNCIA, por meio de pesquisa empírica, assim como de quaisquer conceitos abstratos, à luz da LC, propicia a exploração de fenômenos linguísticos, cognitiva e culturalmente motivados. Pode-se afirmar que as análises propostas exploram extensamente o referencial teórico na tentativa de encontrar possíveis respostas ao problema norteador desta dissertação, qual seja: *como indivíduos urbanos, rurais e rurbanos, da região de Caxias do Sul, estruturam a categoria VIOLÊNCIA, a partir de modelos cognitivos*; assim como procuram verificar em que medida as hipóteses formuladas se sustentam. Para isso, esta dissertação tem como referencial teórico a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI) e seus desdobramentos teóricos, apresentados no capítulo um, que contribuíram efetivamente para a análise, orientada para o exame dos modelos cognitivo-culturais que estruturam tal categoria.

No capítulo 1, faz-se uma ampla revisão das questões teóricas relativas à Semântica Cognitiva. Sendo uma área relativamente nova, já que os primeiros estudos iniciaram-se na década de 70, esta dissertação investe intelectualmente num domínio científico que ainda está em construção, contribuindo com resultados para o desenvolvimento desse campo de estudos. Faz-se uma revisão teórica remetendo a textos desde os fundamentos da LC e da Semântica Cognitiva em especial, até as contribuições mais atuais, ligadas a estudos que atravessam diferentes áreas das Ciências Cognitivas.

Para tanto, no capítulo 1, discute-se inicialmente o novo paradigma da razão, assumido pela LC, em que a mente é *corporificada*, ou seja, os processos cognitivos e, conseqüentemente, os fenômenos linguísticos que com eles se inter-relacionam, são resultados das experiências dos seres humanos, desde aquelas de natureza corpórea até aquelas de natureza sociocultural. A partir do *realismo corpóreo*, há a defesa de que todos os seres humanos, sendo seres neurais, categorizam o mundo. A categorização é, nesse processo, o “coração” das investigações em LC. Ligados a isso, estão os conceitos abstratos, cuja categorização se apresenta como complexa, principalmente em função de estarem fortemente relacionados às experiências diretas ou indiretas dos sujeitos, cujo sentido é influenciado por fatores históricos; socioculturais, como os de natureza política, religiosa, econômica, entre outros; situacionais, ou seja, por propósitos ou intenções comunicativas em diferentes tipos de interação; assim como disposições emocionais circunstanciadas. O estudo da categorização de VIOLÊNCIA, nesse sentido, é um desafio ao pesquisador, uma vez que este deve atentar a esses fatores para analisar como indivíduos ou comunidades “fazem sentido” de suas

experiências e as manifestam linguisticamente em diferentes eventos de fala. A partir disso, são retomados processos intrínsecos à categorização tais como a prototipicidade, os conceitos *ad hoc* e, mais focalmente, os modelos cognitivos. A revisão da TMCI centra-se, sobretudo, nos modelos metafóricos, abordando A METÁFORA DA VIDA INTERIOR (*SELF*) e a METÁFORA DO SISTEMA MORAL, amplamente presentes nas análises, e nos modelos metonímicos, que se mostraram a principal fonte de conceptualização da VIOLÊNCIA, como casos do tipo exemplos típicos e exemplos salientes, e por meio de diferentes projeções e mapeamentos com efeitos de prototipicidade, como os do tipo PARTE PELO TODO, EFEITO PELA CAUSA, CAUSA PELO EFEITO. O capítulo 1 encerra-se com o estudo preliminar de VIOLÊNCIA, apresentado por Feltes (2007), em que se pontua a complexidade dessa categoria, assim como de outros conceitos abstratos, que possui uma estrutura complexa, superordenada e *fuzzy*, pois sofre, diretamente, influências de variáveis como sexo, idade, cultura, etc. As hipóteses levantadas por Feltes (2007) sobre a categoria VIOLÊNCIA e emoções relacionadas como MEDO e RAIVA, vinculadas à proposta de uso de descritores semânticos (FELTES, 2010), serviram como guias para as análises propostas no capítulo 3.

Para a constituição dessas análises, o *corpus* escolhido para esta dissertação estruturou-se por meio de dados oriundos de entrevistas. A caracterização e a avaliação deste instrumento em pesquisa qualitativa são o núcleo do capítulo dois. Este, se não chega a uma reflexão metodológica profunda, tem o mérito de destacar como objetivo a discussão de pontos teórico-filosóficos relevantes sobre esse tipo de evento de fala frente aos debates metodológicos em LC. Levantaram-se questões que têm sido objeto de discussões atuais em LC, tais como as que se observam em Gonzalez-Marquez, et al. (2006). Essa crítica aos métodos difundidos pela e na LC tornou-se imprescindível ao desenvolvimento deste trabalho e tem grande potencial para contribuir com pesquisas nesse domínio científico.

Dessa forma, este capítulo metodológico apresenta não só os aspectos relacionados aos métodos utilizados para a construção de um *corpus*, cujos dados pudessem fornecer material suficiente para a análise proposta, mas, fundamentalmente, uma avaliação da entrevista, como instrumento de pesquisa, à medida que se constitui como um evento de fala legítimo para determinadas investigações em LC, desde que levados em consideração os objetivos visados. Para isso, são utilizados exemplos do próprio *corpus* que caracterizam as técnicas utilizadas pelo entrevistador. Nesse sentido, ora são levantados aspectos positivos do processo investigativo, tal como foi conduzido pela entrevistadora, como a “pergunta de verificação”, que procura uma maior especificação nas respostas dos entrevistados; ora aspectos negativos, como as “perguntas de indução”, em que a entrevistadora influencia diretamente as respostas

do sujeito. Dessa forma, são descritas as entrevistas, vinte no total, e elencados os fatores intervenientes da aplicação desse instrumento, que avaliam o potencial e as limitações da entrevista, no sentido de prover dados para examinar a relação semântico-conceitual, como meio de inferir modelos cognitivo-culturais ou processos e estruturas relevantes, neste caso, da categoria VIOLÊNCIA. Em função do (O1), a primeira parte desse capítulo revisa aspectos teóricos das variáveis urbano e rural, na busca de uma classificação dos sujeitos da pesquisa. A última parte expõe a técnica de transcrição empregada em Análise da Conversação utilizada na conversão dos dados em áudio, obtidos nas entrevistas, para registro em texto. O exame dos aspectos relevantes dessa técnica permite verificar que a transcrição é um processo lento, demorado e laborioso, uma vez que emprega notações específicas para marcar determinados elementos linguísticos e paralinguísticos da fala dos sujeitos. Assim como a pesquisa de campo, a transcrição exige o desenvolvimento de competências específicas para a condução das diferentes etapas do processo investigativo. Este capítulo, portanto, contribui não só para o esclarecimento do método, do instrumento e das técnicas adotados nesta dissertação, mas também para estudos posteriores em LC que elejam a entrevista como instrumento de pesquisa.

No capítulo 2, a hipótese (3) é, portanto, confirmada, à medida que os discursos gerados pelas entrevistas forneceram dados altamente relevantes para a investigação da estruturação da categoria VIOLÊNCIA, os quais podem ainda ser explorados em novas pesquisas que focalizem aspectos mais específicos de determinadas manifestações linguísticas. Os dados revelam ser uma fonte de *insights* para novas hipóteses sobre a estruturação da categoria VIOLÊNCIA. A entrevista, como instrumento de pesquisa, mostrou-se válida para investigações dentro da LC. A ampla discussão metodológica, respondendo ao objetivo (O2), além de legitimar a entrevista como instrumento de pesquisa para este processo empírico, revisando questões pertinentes ao método, à metodologia, à instrumentalização de pesquisa, às técnicas aplicadas, etc., contribui, em alguma medida, para estudos posteriores da área que queiram investir em tal instrumento. O capítulo 2, nesse sentido, não se limitou a fazer uma revisão metodológica da pesquisa aplicada, mas desenvolveu um exame autocrítico quanto à condução desta investigação, o que se reflete em algumas análises, já que uma das preocupações desta dissertação é conduzir um processo analítico comprometido em obter resultados empiricamente adequados em LC.

Por meio do *corpus*, foi possível constituir o capítulo três que apresenta as análises dos fragmentos discursivos considerados relevantes para a consecução dos objetivos visados. A análise enfatiza a estruturação da categoria VIOLÊNCIA por meio de modelos metafóricos e

metonímicos, explorando o potencial da TMCI, tal como revisada no capítulo um. Este capítulo, em especial, além de ampliar os estudos preliminares da categoria VIOLÊNCIA, propostos por Feltes (2007, 2010 no prelo), contribui para o macroprojeto *Conceitos abstratos e valores culturais* (SEMACOG), vinculado ao projeto interinstitucional *Metáfora, empatia e a constante ameaça de violência urbana no Brasil*, extensão da pesquisa *Living with Uncertainty: Metaphor and the dynamics of empathy in discourse*, coordenado pela Profa. Dra. Lynne Cameron, da Open University, Milton Keynes (pelo *Project on Global Uncertainties: Security for All in a Changing World Programme*).

De acordo com a discussão na parte 3.2, verifica-se que as hipóteses (1) e (2) não se confirmam completamente, uma vez que, apesar de se observarem, na amostra de entrevistas, ricos mapeamentos metafóricos e metonímicos, com maior ocorrência de modelos metonímicos como fonte de efeitos de prototipicidade, estes não diferem entre os sujeitos em função do critério de pertencimento a dada comunidade – como sujeitos urbanos, rurais ou *rurbanos* – mas sim em função da formação escolar. Ou seja, entre outros fatores que constituíram a seleção da amostra (idade, sexo, grau de formação escolar e identificação da zona de pertencimento sociocultural), a formação escolar entre os indivíduos entrevistados é a que fornece mais evidências para a manifestação de e diferenciação entre modelos cognitivo-culturais. Entretanto, a verificação dessas hipóteses deve ainda merecer atenção em pesquisas posteriores com ampliação dessa amostra, empregando-se entrevistas ou outros instrumentos, conforme o compromisso da *evidência convergente* (LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Em pesquisas futuras, pode-se ainda utilizar o *corpus* constituído para esta dissertação, a fim de construir estruturas comparativas, por meio da elaboração de quadros, por exemplo, destacando e caracterizando, de forma mais minuciosa, pela aplicação de critérios quantitativos, os modelos metonímicos e metafóricos que estruturam a categoria VIOLÊNCIA, conforme os dados levantados nos discurso dos sujeitos.

Portanto, tendo em vista que esta dissertação é uma investigação exploratória, dentro dos limites de um mestrado, contemplaram-se os objetivos propostos. Não menos importante que atingir os objetivos propostos é a construção de competências ligadas ao desenvolvimento intelectual do pesquisador ao longo de todo o processo.

Estudos futuros podem (a) investir na ampliação do referencial teórico, revisando-se produções científicas mais atuais; (b) ampliar a amostra para a constituição de um *corpus* mais robusto; (c) aprimorar o instrumento de pesquisa; ou, ainda, (d) especificar outros critérios e variáveis para a seleção de sujeitos, a fim de verificar mais verticalmente, por exemplo, modelos cognitivo-culturais relacionados à religião professada, à profissão exercida,

às faixas etárias, etc. Essas novas perspectivas de estudo são possíveis desde que seja mantido um compromisso do pesquisador em formular análises compatíveis com o discurso, conforme explica Gibbs (2010), mesmo que o processo introspectivo não possa ser eliminado (FAUCONNIER, 1994).

Nesse sentido, estudos posteriores podem ainda abordar a categorização de VIOLÊNCIA por meio de outros métodos e técnicas, como pesquisas de natureza experimental ou etnográficas.

Dessa forma, como se demonstrou na discussão dos resultados, desenvolvida no capítulo três, estabelecer uma investigação em LC significa investir, conforme mostra Talmy (2000), no estudo do conteúdo conceptual e sua organização na linguagem, assim como na natureza do conteúdo e organização conceptual em geral, o que, pode-se afirmar, foi realizado nesta dissertação, enfatizando a inter-relação entre fatores linguísticos, cognitivos e socioculturais.

Esta dissertação, portanto, apresenta-se relevante para os estudos em LC, contribuindo, no mínimo, para o avanço das discussões metodológicas na área; avaliação do potencial descritivo-explanatório de seus modelos teóricos, por meio dos resultados alcançados nas análises; e levantamento de *corpus* para futuras análises. Ao mesmo tempo, este estudo ratifica as contribuições que pesquisas em LC podem trazer para a área de concentração do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade, em especial para a linha de pesquisa Língua, Cultura e Regionalidade a que está vinculado.

REFERÊNCIAS

- ALLWOOD, Jens; GÄRDENFORS, Peter (Eds.). **Cognitive semantics: meaning and cognition**. Amsterdam: John Benjaminins Publishing, [1998] 1999.
- ATKINSON, J. M.; HERITAGE J. (Eds.) (1984) **Structures of social action: studies in Conversation Analysis**. Cambridge: Cambridge University Press
- BARSALOU, Lawrence W. Ad Hoc Categories. **Memory & Cognition**, n. 11, 1983, p. 211-227.
- BARSALOU, Lawrence W. Flexibility, structure, and linguistic vagary in concepts: manifestations of a compositional system of perceptual symbols. In.: COLLINS, A. at al.(Eds.) **Theories of memory**. East Sussex: Lawrence Erlbaum Associates. 1993. p. 29-61.
- BARRIOS, S. A produção do espaço. In: BARRIOS, Sonia; SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia de. **A construção do espaço urbano**. São Paulo: Nobel, 1986
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. (Orgs.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BRITO, Fausto; FREITAS, Ana Paula G. de.; SOARES, Marcy R. Martins. **Os dilemas da dicotomia rural-urbano: alguma reflexões**. Disponível em: <www.cedeplar.ufmg.br/diamantina2004/textos/D04A099.PDF> Último acesso: 3 abr. 2009.
- CAMERON, Lynne. The affective discourse dynamics of metaphor clustering. **Ilha do Desterro: a Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies**. Metaphor in language and thought: contemporary perspectives. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. n.53. jul./dez. 2007. p. 41-62.
- CAMERON, Lynne. LOW, Graham. (Orgs.) **Researching and applying metaphor**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- CARNEIRO, M.J. **O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais**, 1998. Disponível em: <bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/carne.rtf> Último acesso: janeiro 2010.
- CASTILHO, Ataliba. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 29-51.
- CIENKI, Alan. Frames, Idealized Cognitive Models, and Domains. In: GAEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Eds.) **Cognitive linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007.
- DUHEM, Pierre. **La théorie physique: son objet, sa structure**. Paris: Chevalier & Rivière, Éditeurs, 1906. Bibliothèque de philosophie expérimentale. Disponível em: <<http://abu.cnam.fr/cgi-bin/go?theoriephys1>>. Acesso em: 10 nov. 2009.
- EDELMAN, Gerald. M. TONONI. Giulio. **A Universe of consciousness: how matter becomes imagination**. New York: Basic Books, 2000.

- FARIAS, Emilia Maria Peixoto. MARCUSCHI, Luis Antônio. A linguagem e os pensamentos metafóricos. In: MACEDO, Ana Cristina P.; BUSSONS, Aline Freitas. **Faces da metáfora**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006, p. 111-130.
- FARIAS, Emilia Maria Peixoto. FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. MACEDO, Ana Cristina Pelosi de Macedo. (Orgs.) **Cognição e lingüística: explorando territórios, mapeamentos e percursos**. Caxias do Sul: Educus; Edipucrs, Porto Alegre, 2008.
- FAUCONNIER, Gilles. **Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language**. New York: Cambridge University Press, 1994.
- FAUCONNIER, Gilles. Methods and generalizations. In: JANSSEN, Theo; REDEKER, Gisela. (Eds.). **Cognitive linguistics: foundations, scope, and methodology**. New York: Mouton de Gruyter, 1999. p. 95-127.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. **The way we think**. New York: Basic Books, 2002.
- FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. **A teoria dos modelos idealizados de George Lakoff: um projeto experiencialista para a semântica do conceito**. 1992. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992.
- FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. **Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. Conceptualização de terrorismo e violência: relações semântico-epistêmicas e papéis semânticos no quadro de uma semântica do entendimento. In: **Anais I Fórum Nacional sobre Representação Conceitual e Categorização: conceitualização de VIOLÊNCIA**. Universidade Federal do Ceará, 2010, no prelo.
- FILLMORE, C. J. The Case for Case. In: BACH, Emmon; HARMS, R.T. (Eds.) **Universals in linguistic theory**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968, p. 1-88.
- FODOR, Jerry A. **The elm and the expert: mentalese and its semantics**. Cambridge, Mass.: A Bradford Book; The MIT Press, 1984.
- FREYRE, Gilberto. Prefácio. In:____. **Sugestões para uma nova política no Brasil: a rurbanização**. Pref. Do General O. Cordeiro de Farias. Recife: Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Pernambuco, 1956. (Cadernos de Pernambuco, 4). Disponível em: http://bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/sugestoes_nova_politica.htm# Último acesso: janeiro 2010.
- FROEHLICH, J. M. Gilberto Freyre, a história ambiental e a rurbanização. **História, Ciências, Saúde — Manguinhos**, n.2, vol. VII, p. 281-301, jul.-out. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702000000300003#nota5 Último acesso: janeiro de 2010.
- GEERAERTS, Dirk. Methodology in cognitive linguistics. In: KRISTIANSEN, Gitte et al. (Eds.) **Cognitive linguistics: current applications and future perspectives**. New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 21-49

GEERAERTS, D. CUYCKENS, HUBERT. (Orgs.) **Cognitive linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007.

GIBBS, Raymond W. **Embodiment and cognitive science**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

GIBBS, Raymond W. The Dynamic Complexities of Metaphor Interpretation. DELTA: Revista de Estudos em Lingüística Aplicada, m. 26 (especial), 2010 (no prelo).

GIRARDI, Eduardo Paulon. **Proposição teórico-metodológica de uma cartografia geográfica crítica e sua aplicação no desenvolvimento do Atlas da Questão Agrária Brasileira**. Tese de Doutorado – UNESP, 2008. Disponível em: <<http://www4.fct.unesp.br/nera/atlas/>> Último acesso em: 1 mai. 2009.

GOODE, Willian J.; HATT, Paul K. [1952] **Métodos em pesquisa social**. São Paulo: Nacional, 1977.

GOFFMAN, Erving. Replies and responses. **Language in Society**, 5: 257-313, 1976.

GIERE, Ronald N. **Scientific perspectivism**. Chicago: The University of Chicago Press, 2006.

GONZALEZ-MARQUEZ, M.; MITTELBERG, I.; COULSON, S.; SPIVEY, M. J.(Eds.) **Methods in cognitive linguistics**. Amsterdam: John Benjamins Publ., 2006.

HAVE, Paul ten. Methodological Issues in Conversation Analysis. **Bulletin de Méthodologie Sociologique**, n. 27, jun, p. 23-51, 1986.

HYMES, D. H. **Foundations in sociolinguistics: an ethnographic approach**. Philadelphia University of Pennsylvania Press, 1974.

HUTCHINS, Edwin. **Cognition in the wild**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.

JOHNSON, Mark. **The body in the mind: the bodily basis of reason and imagination**. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

KAPLAN, Abraham. **A conduta na pesquisa: metodologia para as ciências do comportamento**. São Paulo: EPU/Edusp, 1975.

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphors of anger, pride, and love: a lexical approach to the study of concepts**. Amsterdam: Benjamins, 1986.

KÖVECSES, Zóltan. Happiness: a definitional effort. **Metaphor and symbolic activity**, n. 6, p. 29-46, 1991.

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor and emotion: language, culture, and body in human feeling**. New York: Cambridge University Press, 2000.

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor in culture: universality and variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

KÖVECSES, Z. Variation in Metaphor. **Ilha do Desterro: a Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies**. Metaphor in language and thought:

contemporary perspectives. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. n.53. jul./dez. 2007. p. 13-40.

LABOV, William. Field methods of the project on linguistic change and variation. **Working Papers in Sociolinguistics**, 81, p. 28-53. Austin, Texas, Southwest Educational Development Laboratory, 1981. [Reedição In: BAUGH, J.; SHERZER, J. (Eds.) *Language in use* Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1984. p. 43-70.]

LABOV, William. The study of language in its social context. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, Janet. (Eds.) **Sociolinguistics**. New York: Penguin Books 1972. p. 180-202.

LAKOFF, George. Linguistic gestalts. **Chicago Linguistics Society**, n.13, p. 236-87, 1977.

LAKOFF, George. A metáfora, as teorias populares e as possibilidades do diálogo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, n. 9, p. 49-68, 1985.

LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George. Cognitive semantics. In: ECO, U.; SANTAMBROGIO, M.; VIOLI, P. (eds.) **Meaning and mental representations**. Indianapolis: Indiana University Press, 1988. p. 119-154.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to Western thought. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More than cool reason**: a field guide to poetic metaphors. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of cognitive grammar**. Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987. v. 1. [Referido na edição mencionada por Lakoff: 1986].

LANGACKER, Ronald W. Assessing the cognitive linguistic enterprise. In: JANSSEN, Theo; REDEKER, Gisela. (Eds.) **Cognitive linguistics**: foundations, scope, and methodology. New York: Mouton de Gruyter, 1999. p. 13-59.

LEVINSON, Stephen C. **Pragmatics**. Cambridge University Press: Cambridge, 1983.

LIMA, Paula Lenz Costa. Metáfora e linguagem. In: FELTES, Heloísa P. de M. (Org.) **Produção de sentido**: estudos interdisciplinares. São Paulo: Annablume; Porto Alegre: Nova Prova; Caxias do Sul: Educs, 2003.

LIMA, P. L. C., FELTES, H. P. de M., MACEDO, A. C. P. de M. Cognição e Metáfora: a teoria da metáfora conceitual. In.: FARIAS, Emilia Maria Peixoto. FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. MACEDO, Ana Cristina Pelosi de Macedo. (Orgs.) **Cognição e Linguística**: explorando territórios, mapeamentos e percursos. Caxias do Sul: Educs; Edipucrs, Porto Alegre, 2008. p. 127-165.

LIMA, Silvana Maria Calixto de, FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. A construção de referentes no texto/discurso: um processo de múltiplas âncoras. In: **Texto/Discurso e Referenciação**. CAVALCANTE, Mônica Magalhães, LEITE, Ricardo Lopes, LIMA, Silvana Maria Calixto de. (Org.), 2011 (no prelo)

McCAULY, Robert N. The role of theories in a theory of concepts. In.: NEISSER, Ulric. **Concepts and conceptual development: ecological and intellectual factors in categorization**. New York: Cambridge University Press, 1987. p. 288-309.

MERVIS, Carolyn B.; ROSCH, Eleanor. Categorization of natural objects. **Psychology**, n. 32, p. 89-115, 1991.

MITTEBERG, I.; FARMER, T.; WAUGH, L. H. They actually said that? An introduction to working with usage data through discourse and corpus analysis. In: GONZALEZ-MARQUEZ, Monica et al. (Eds.) **Methods in cognitive Linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publ. Co. 2006. p. 19-52.

MORAES, Antonio C.R. Historicidade, consciência e construção do espaço: notas para um debate. In: BARRIOS, Sonia; SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia de. **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986.

PANTHER, Klaus-Uwe. THORNBURG, Linda L. Metonymy. In: GEERAERTS, D. CUYCKENS, HUBERT. (Orgs.) **Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007.

POZENATO, José Clemente; Seminário Processos Culturais : estudo da dinâmica cultural da região de colonização italiana :(1988 ago-nov. Caxias do Sul, RS). **Processos culturais na região de colonização italiana do Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 1990. 130 p.

PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. Lei n. 290, de 24 de setembro de 2007. Institui o Plano Diretor do Município de Caxias do Sul, e dá outras providências. Disponível em: http://www.caxias.rs.gov.br/novo_site/uploads/planejamento/plano_diretor_lei.pdf. Último acesso: 3 abr. 2009.

QUEK, F. et al. Multimodal human discourse: gesture and speech. **Transactions on Computer-Human Interaction (TOCHI)** v. 9, Issue 3, Sep. 2002, p. 171-193.

REIS, Douglas Sathler dos. **O rural e urbano no Brasil**. Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú- MG – Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/abep2006_777.pdf> Último acesso em: 30 abr. 2009.

REY, Fernando González. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção de informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

ROCHA, Moacir da Cruz. **Novos conceitos de urbano e rural: a uma nova idéia de ruralidade**. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/9227/1/novos-conceitos-de-urbano-e-rural/pagina1.html>> Último acesso em: 31 abr. 2009

ROHRER, Tim. Three dogmas of embodiment: Cognitive linguistics as a cognitive science. In: KRISTIENSEN, G. et al. **Cognitive linguistics: current applications and future perspectives**. New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 119-146.

ROSCH, Eleanor et al. Basic objects in natural categories. **Cognitive Psychology**, n. 8, p. 382-439, 1976.

ROSE, R. T.; QUEK, F.; SHI, Y. MacVisSTA: a system for multimodal analysis Source. **Proceedings of the 6th International Conference on Multimodal Interfaces**, State College, PA, USA, 2004.

SÄGE, Morgana Larissa; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; SILVESTRIN, Camila de Quadros. Entrevistas: questões metodológicas em linguística cognitiva. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 9, 2010, Palhoça, SC. RAUEN, Fábio José (Org.). **Anais do IX Encontro do CELSUL**. Palhoça, Ed. da Unisul, 2010. p. 1-16. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/09/artigos/Morgana%20Sage.pdf> Último acesso em: 01 nov. 2010.

SILVA, José Graziano da. **O novo rural brasileiro**. Disponível em: http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Valeria/Pdf/O_novo_rural_brasileiro.pdf Último acesso em: 1 mai. 2009.

SILVA, Augusto S. da. (Org.) **Linguagem, cultura e cognição: estudos de linguística cognitiva**. Coimbra: Almedina, 2004.

SILVEIRA, Jane Rita Caetano; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. **Pragmática e Cognição: a textualidade pela relevância**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

TALMY, Leonard. **Toward a Cognitive Semantics**. (Vol. II) Massachusetts: The MIT Press, 2000.

VEIGA, José Eli da. **Cidades imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

WAUGH, Linda R. et al. Multiple empirical approaches to a complex analysis of discourse. In: GONZALEZ-MARQUEZ, Monica et al. (Eds.) **Methods in cognitive Linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publ. Co. 2006. p. 120-148.

WOLFSON, Nessa. Speech events and natural speech: some implications for sociolinguistics methodology. **Language in Society**, 5: 189-209, 1976.

ANEXOS
ANEXO I

ANEXO II

Ficha de identificação e protocolo de questões com os objetivos a serem atingidos em cada questão.

<p>FICHA DE IDENTIFICAÇÃO</p> <p>COMUNIDADE URBANA () COMUNIDADE RURAL ()</p> <p>IDADE: _____ SEXO: FEMININO () MASCULINO ()</p> <p>ESCOLARIDADE:</p> <p>ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO ()</p> <p>ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO ()</p> <p>ENSINO MÉDIO INCOMPLETO ()</p> <p>ENSINO MÉDIO COMPLETO ()</p> <p>ENSINO SUPERIOR INCOMPLETO ()</p> <p>ENSINO SUPERIOR COMPLETO ()</p> <p>RELIGIÃO OU CRENÇA:</p> <p>_____</p>
<p>(1) Quando você pensa em “violência”, o que vem a sua mente em primeiro lugar? (Indivíduo/Prototipicidade)</p> <p>(2) Violência é como um...? (Modelos Metáforicos/Metonímicos)</p> <p>(3) Violência é como uma ...? (Modelos Metáforicos/Metonímicos)</p> <p>(4) Se você tivesse que comparar violência com outra coisa/ideia/conceito, com o que você compararia? (Modelos Metáforicos/Metonímicos e Influências Culturais)</p> <p>(5) Na sua comunidade, quais os tipos de violência mais comuns? (Modelos metonímicos. Experiência na comunidade)</p> <p>(6) Em uma escala de mais violento e menos violento, cite um exemplo de cada um. (Modelos Culturais Subjacentes)</p> <p>(7) Qual o tipo de violência mais grave que poderia ser cometido contra você ou sua família? (Modelos Culturais Subjacentes)</p> <p>(8) Você, ou alguém próximo a você, já foi vítima de algum tipo de violência? Qual? Como ocorreu? (Modos de expressão, experiência individual)</p> <p>(9) Que sensações você sentiu (ou sentiria, caso a pessoa nunca tenha sofrido um ato de violência) ao ser vítima de um ato violento? (Emoções)</p>

- (10) Se tivéssemos a seguinte situação: um ato de violência foi cometido contra alguém que você ama muito. Que emoções/sentimentos aparecem em sua mente com relação àquele que violentou alguém que você ama?
(Emoções)
- (11) O que você considera ser um ato de violência?
(Indivíduo/Conceptualização)
- (12) O que para você caracteriza um ato de violência?
(Indivíduo/Conceptualização)
- (13) Atos de violência podem ser perdoados? Quais?
(Modos de expressão, experiência individual, modelos culturais subjacentes)
- (14) Para você, o que leva uma pessoa ou grupo a cometer atos de violência? (= causa?)
(Indivíduo/Transindividual/Motivação)
- (15) Para aquele que sofre um ato de violência quais são os efeitos sobre ele/ela?
(Violência física, mental, moral, etc. Danos)
- (16) Você acha que governo/sociedade tem agido de modo a conter a violência? Por quê?
(Sociedade/Responsabilidade transindividual)
- (17) O que poderia ser feito para diminuir a violência em sua comunidade?
(Sociedade/Responsabilidade transindividual)
- (18) Como atos de violência podem ser punidos?
(Sociedade/Responsabilidade transindividual)
- (19) De quem é a responsabilidade sobre a segurança do cidadão?
(Sociedade/Responsabilidade transindividual)
- (20) Como você vê o tratamento da violência pela mídia (rádio, televisão, jornal, revista, etc)? (exagero, sensacionalismo, fidelidade aos fatos, amenização)
(Sociedade/ Imagens da violência)
- (21) Você já cometeu um ato de violência? Qual? Por quê?
(Experiência individual, modelos culturais subjacentes)
- (22) Você seria capaz de cometer um ato de violência? Em que circunstâncias? Por quais motivos?
(Experiência individual, modelos culturais subjacentes)
- (23) Com as suas palavras, de modo simples, defina violência.
(Indivíduo/Conceptualização)